

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

MIQUÉIAS MACHADO PONTES

**A CONTRIBUIÇÃO DE RUTH DORIS LEMOS PARA A EDUCAÇÃO
TEOLÓGICA NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL**

São Leopoldo

2020

MIQUÉIAS MACHADO PONTES

A CONTRIBUIÇÃO DE RUTH DORIS LEMOS PARA A EDUCAÇÃO
TEOLÓGICA NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL

Tese de Doutorado
para obtenção do grau de
Doutor em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em
Teologia
Área de concentração: Religião e
Educação

Orientador: Oneide Bobsin

São Leopoldo

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P814c Pontes, Miquéias Machado
A contribuição de Ruth Doris Lemos para a
educação teológica nas Assembléias de Deus no Brasil /
Miquéias Machado Pontes ; orientador Oneide Bobsin. –
São Leopoldo : EST/PPG, 2020.
221p. ; 31 cm

Tese (doutorado) – Faculdades EST. Programa de
Pós-Graduação. Doutorado em Teologia. São Leopoldo,
2020.

1. Pentecostalismo. 2. Assembleia de Deus. 3.
Educação teológica. 4. Teologia feminista. I. Bobsin,
Oneide, orientador. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

MIQUÉIAS MACHADO PONTES

A CONTRIBUIÇÃO DE RUTH DORIS LEMOS PARA A EDUCAÇÃO
TEOLÓGICA NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL

Tese de Doutorado
para obtenção do grau de
Doutor em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em
Teologia
Área de concentração: Religião e
Educação

Data de aprovação: 08 de abril de 2020

Prof. Dr. Oneide Bobsin (Presidente/Faculdades EST)

Participação por webconferência

Profa. Dra. Marcia Blasi (Faculdades EST)

Participação por webconferência

Prof. Dr. Celso Gabatz (Faculdades EST)

Participação por webconferência

Prof. Dr. Claiton Ivan Pommerening (Faculdade Refidim de Joinville/SC)

Participação por webconferência

Prof. Dr. Gedeon Freire de Alencar (Faculdade Teológica Batista de São Paulo)

Participação por webconferência

RESUMO

A história de Ruth Doris Lemos e sua atuação como protagonista precursora da educação teológica pentecostal assembleiana demonstra a condição das mulheres no âmbito pentecostal teológico, já que tantas outras mulheres assembleianas abriram caminho num papel subordinado, mas relevante. A atuação de Ruth Doris Lemos, assim como tantas outras mulheres assembleianas, de ontem e de hoje, demonstra o trabalho das mulheres invisibilizadas, mas no campo da educação teológica, onde se torna precursora e protagonista. O desenvolvimento da pesquisa prevê diferentes abordagens metodológicas. Para a fundamentação teórica e discussão da questão da educação teológica será realizada a pesquisa bibliográfica. No que diz respeito à trajetória de Ruth Doris Lemos, a pesquisa será realizada em duas frentes: pesquisa documental e entrevistas com familiares e estudantes. Para as entrevistas, optou-se pela metodologia da História Oral de Vida com os familiares e a História Oral Temática com os e as estudantes. Embora a Teologia Feminista tenha sido utilizada para questionar o patriarcalismo do pentecostalismo e outras religiões, não se pode projetar estes conceitos sobre Ruth Doris Lemos. Mesmo assim, Ruth Doris Lemos foi uma mulher pioneira na educação teológica pentecostal, demonstrando o protagonismo feminino da formação teológica pentecostal das Assembleias de Deus no Brasil.

Palavras-chave: Ruth Doris Lemos. Pentecostalismo. Assembleia de Deus. Educação Teológica. Teologia Feminista.

ABSTRACT

The story of Ruth Doris Lemos and her role as a precursor protagonist in the Assembly of God Pentecostal theological education demonstrates the condition of women in the Pentecostal theological context, since so many other Assembly of God women have opened the way in a subordinate but relevant role. The performance of Ruth Doris Lemos, as well as so many other women in the Assembly of God, from yesterday and today, demonstrates the work of women who are invisibilized, but are in the field of theological education, where she becomes a precursor and protagonist. The development of the research provides for different methodological approaches. Bibliographical research will be carried out for the theoretical foundation and discussion of the issue of theological education. With regard to the trajectory of Ruth Doris Lemos, the research will be carried out on two fronts: documentary research and interviews with family members and students. For the interviews, we opted for the methodology of Oral Life History with family members and the Thematic Oral History with students. Although Feminist Theology has been used to question the patriarchalism of Pentecostalism and other religions, these concepts cannot be projected onto Ruth Doris Lemos. Even so, Ruth Doris Lemos was a pioneer woman in Pentecostal theological education, demonstrating the feminine role of the Pentecostal theological formation of the Assemblies of God in Brazil.

Keywords: Ruth Doris Lemos. Pentecostalism. Assembly of God. Theological Education. Feminist Theology.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço à Deus. Em seguida à minha família, minha esposa, Josiane Barros de Oliveira Pontes, meu filho, Misael de Oliveira Pontes, e minha filha, Sophia de Oliveira Pontes.

Também agradeço a meu pai, Francisco Chagas de Oliveira Pontes e minha mãe, Rosalina Machado Pontes, que foram fundamentais tanto no incentivo quanto no financiamento e apoio da pesquisa.

Agradeço a toda família de Ruth Doris Lemos, seus filhos e filhas, genros e noras, pelas entrevistas e pelo material de suporte para a pesquisa e por, principalmente, apoiar e incentivarem a pesquisa sobre essa mulher, mãe, pastora e educadora Ruth Doris Lemos. Aos estudantes que concederam as entrevistas, muito obrigado.

A Evangelisches Missionswerk da Alemanha – EMW, pela bolsa e financiamento da pesquisa, sem a qual não teria concluído este trabalho. A Faculdades EST, por proporcionar a oportunidade de um sonho que parecia, tão, tão, tão distante... tornar-se realidade. E a FBN, pela oportunidade e confiança de atuar no âmbito acadêmico como colaborador desta Instituição.

Aos meus Orientadores, Professor Doutor André Sidnei Musskopf (desde o Mestrado/Doutorado), companheiro de longa caminhada nesta jornada da pesquisa, ao Professor Doutor Oneide Bobsin, companheiro nesta reta final da pesquisa e fundamental nessa caminhada, ao Professor Doutor Iuri Andréas Reblin, pela provocação, desde o início da pesquisa nas aulas do Mestrado, no Componente Seminário de Pesquisa, e na banca do Mestrado pela sugestão e indicação, e ao Núcleo de Pesquisa de Gênero (EST), fundamental neste processo de aprendizagem, coordenado pelo Professor André Sidnei Musskopf, Estamos Junt@s.

A todos os professores e a todas as professoras dos componentes acadêmicos do DINTER, em especial ao Professor Doutor Remí Klein, que nos deixou neste período, deixando saudades, nossos sentimentos e agradecimentos.

A minha Comunidade/Igreja, IEADAM – ÁREA 121, na qual sirvo há quinze anos no Ministério Pastoral, pelas ausências, mediante as viagens dos estágios nos quatro anos da pesquisa.

Não poderia esquecer dos “companheiros de luta”, Belmiro Júnior e Reyth Ribeiro, e todos e todas estudantes de nossa turma, nessa longa caminhada, de frios e pisadas, até a EST, foi muito bom estarmos juntos.

E por fim, a todas as mulheres pentecostais assembleianas, mulheres de Deus, de luta e resistência, nessa longa jornada e caminhada nestes 109 anos de existência.

Meu muito OBRIGADO!!!

A luta das Mulheres Pentecostais continua...

Estamos Junt@s!!!

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 A trilha teórica e metodológica.....	14
2 RELIGIOSIDADE EXPERIENCIAL E PENSAMENTO TEOLÓGICO: UM ROTEIRO PROBLEMATIZADOR.....	19
2.1 Uma pastoral exigente.....	20
2.2 Níveis da teologia: diferentes pratos.....	21
2.3 A teologia acadêmica e sua função educativa, social e eclesial.....	26
2.4 A profissão do teólogo, da teóloga e a vocação ministerial.....	28
2.5 O pentecostalismo e os saberes orais.....	31
2.6 Sinais de esperança e desesperanças para a Teologia Pentecostal.....	36
<i>2.6.1. Teologia em favor dos oprimidos.....</i>	<i>36</i>
<i>2.6.2. Objeções à educação teológica nas Assembleias de Deus.....</i>	<i>42</i>
2.6.2.1 Condicionamento social.....	44
2.6.2.2 Condicionamento político.....	45
2.6.2.3 Condicionamento econômico.....	45
2.6.2.4 Condicionamento religioso.....	45
2.7 O esquecimento de Ruth Doris Lemos na educação teológica das Assembleias de Deus no Brasil.....	48
<i>2.7.1 A experiência das mulheres como um critério de discernimento.....</i>	<i>49</i>
<i>2.7.2 Gênero e ministérios nas Assembleias de Deus no Brasil.....</i>	<i>51</i>
<i>2.7.3 Educação teológica para mulheres: um passo decisivo para a educação teológica pentecostal assembleiana.....</i>	<i>56</i>
3 O PAPEL DE RUTH DORIS LEMOS NA EDUCAÇÃO TEOLÓGICA PENTECOSTAL.....	61
3.1 IBAD: História, relatos e formação teológica pentecostal.....	63
3.1.2 <i>Formação: IBAD – Quem somos.....</i>	<i>67</i>
3.1.2.1 Missão, Visão e Valores – IBAD.....	69
3.1.2.2 Bacharelado em Teologia – FABAD.....	70
3.1.3 <i>Relatos de Estudantes: Histórias de vida.....</i>	<i>72</i>
3.2 O poder feminino no pentecostalismo e seu (não) exercício.....	77
3.2.1 <i>Histórias silenciadas pelo simples fato de ser mulher.....</i>	<i>79</i>
3.2.2 <i>As mulheres pentecostais também falam.....</i>	<i>81</i>
3.3 Um relato a partir da história de homens.....	82
3.3.1 <i>O Legado de Ruth Doris Lemos para a educação teológica pentecostal.....</i>	<i>86</i>

3.3.2	<i>As Cinco Primeiras décadas do IBAD</i>	88
3.3.2.1	<i>A Primeira Década</i>	88
3.3.2.2	<i>A Segunda Década</i>	88
3.3.2.3	<i>A Terceira Década</i>	90
3.3.2.4	<i>A Quarta Década</i>	91
3.3.2.5	<i>A Quinta Década</i>	91
3.4	Obras de Ruth Doris Lemos no IBAD	92
3.4.1	<i>Hermenêutica: Interpretando as Escrituras Sagradas</i>	92
3.4.2	<i>Evidência Cristã: Em defesa do Cristianismo</i>	93
3.4.3	<i>Missiologia: A missão da igreja em uma perspectiva cristã</i>	94
3.5	Relatos dos Familiares: Histórias de vida	96
3.5.1	<i>Familiar 4</i>	97
3.5.2	<i>Familiar 2 de Ruth Doris Lemos</i>	103
4	MULHERES E MINISTÉRIO: A EDUCAÇÃO COMO LUGAR DE EMPODERAMENTO	119
4.1	Educação teológica pentecostal, domesticação ou libertação?	121
4.1.1	<i>Mulheres pentecostais no processo de empoderamento</i>	122
4.1.2	<i>Mulheres fazem teologia: Mulheres que aprenderam e transformaram suas histórias</i>	123
4.1.3	<i>Relatos de Estudantes</i>	125
4.2	Pentecostalismo feminino: uma missão de coragem estratégica	126
4.2.1	<i>Retratos de Estudantes</i>	127
4.2.2	<i>Uma educação a partir da experiência com o Espírito Santo</i>	129
4.2.3	<i>As mulheres pentecostais tomam a palavra</i>	129
4.2.4	<i>Da experiência pentecostal para a educação teológica ministerial</i>	130
4.2.5	<i>Mulheres educando mulheres a partir dos olhares, escutas e experiências</i>	132
4.2.6	<i>Relatos dos Familiares</i>	136
4.2.6.1	<i>Familiar 1</i>	136
4.2.7	<i>Relatos dos Estudantes</i>	142
4.3	Religião, educação e poder	143
4.3.1	<i>Os direitos das mulheres na educação teológica pentecostal</i>	145
4.3.2	<i>A participação das mulheres na educação teológica pentecostal</i>	148
4.3.3	<i>Outros Relatos dos Familiares</i>	151
4.3.3.1	<i>Uma educação libertadora e não de “ecos”</i>	154
4.3.3.2	<i>Uma Teologia da Libertação das Mulheres Pentecostais</i>	154

4.3.3.4 A consciência da dignidade e responsabilidade de ser mulher pentecostal	155
5 EDUCAÇÃO TEOLÓGICA E IGUALDADE DE GÊNERO	161
5.1 Gênero e Educação Teológica, uma perspectiva para o futuro das igrejas pentecostais	162
5.1.1 <i>A emancipação da mulher pentecostal através da educação teológica</i>	162
5.1.2 <i>Mulheres leigas precursoras da Teologia Pentecostal</i>	168
5.1.3 <i>Políticas educacionais teológicas.....</i>	170
5.2 Tarefas da Educação Teológica Libertadora	174
5.2.1 <i>O ponto de partida existencial: a consciência da missão como um ato de coragem estratégica</i>	175
5.2.2 <i>Ruth Doris Lemos e uma Educação Teológica Prática: labor, trabalho e ação.....</i>	178
5.2.3 <i>Uma Educação Teológica Integradora</i>	184
5.3 Ruth Doris Lemos, a pastora americana que mudou a história da educação teológica pentecostal brasileira	186
5.3.1 <i>O despertar da consciência a partir da necessidade de uma missão</i>	188
5.3.2 <i>A reinvenção da Igreja Pentecostal e o sacerdócio das mulheres.....</i>	188
5.3.3 <i>Educação Teológica Pentecostal em busca da liberdade</i>	193
6 CONCLUSÃO	197
REFERÊNCIAS	201
ANEXO 1: QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTAS COM OS ESTUDANTES E COM AS ESTUDANTES DE RUTH DORIS LEMOS	209
ANEXO 2: QUESTIONÁRIO PARA ESTUDANTES DE RUTH DORIS LEMOS ...	215
ANEXO 3: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE BASEADO NAS DIRETRIZES CONTIDAS NA RESOLUÇÃO CNS Nº466/2012, MS.....	219

1 INTRODUÇÃO

A trajetória de Ruth Doris Lemos e sua contribuição na formação teológica das Assembleias de Deus no Brasil é imensurável. A investigação da vida e da obra dessa mulher teóloga, cuja contribuição foi de grande importância para a formação do Instituto Bíblico das Assembleias de Deus (IBAD¹), pretende contextualizar a educação teológica assembleiana no Brasil e na América Latina identificando qual o lugar das Assembleias de Deus (ADs²) e do Instituto Bíblico das ADs nesse contexto. Investigar a vida, a obra e o legado de Ruth Doris Lemos na educação teológicas das ADs a partir de sua atuação no IBAD é nosso objetivo; também pretendemos analisar a proposta de educação teológica construída por Ruth Doris Lemos no IBAD, que reflete sobre possíveis impactos das mulheres pentecostais na vida da Igreja. Serão colocadas em foco a vida e a articulação teórica e prática de Ruth Doris Lemos, considerando-se os aspectos que a colocam historicamente como uma das fundadoras da educação teológica do ramo pentecostal assembleiano brasileiro.

O problema central da tese³ se dá a partir da contribuição de Ruth Doris Lemos na educação teológica nas ADs, o que tem sido um tema controverso. Durante muito tempo prevaleceu uma postura anti-intelectualista que via a educação teológica como algo negativo, até mesmo considerado “pecado”. A vinda de Ruth Doris Lemos ao Brasil, juntamente com seu esposo, representou uma quebra de paradigma, uma vez que sua missão esteve voltada para essa questão. Nesse sentido, através da fundação do IBAD e de sua atuação nele, Ruth Doris Lemos teve um papel significativo nesse campo, inclusive abrindo mão de sua ordenação ao ministério pastoral feminino. Mesmo assim, sua trajetória é praticamente desconhecida tanto no contexto das ADs quanto da formação teológica pentecostal.

Diante desse quadro, a presente pesquisa quer responder, em primeiro lugar, à invisibilidade à qual foi relegada Ruth Doris Lemos, evidenciando a

¹ Instituto Bíblico das Assembleias de Deus.

² Como a Assembleia de Deus não é apenas uma Igreja, mas várias dentro de uma só no Brasil, por conta das diversidades eclesiológicas, é utilizado o nome Assembleias de Deus – ADs para a instituição pesquisada. Outros pesquisadores citados nesta tese sugerem que falemos em Assembleias de Deus, no plural.

³ Os destaques em negrito no decorrer do texto são por questão de estilo próprio da escrita, como frases e palavras chaves em destaque, como um esboço, para melhor percepção e leitura do texto, de forma mais didática.

importância de sua trajetória nas ADs no Brasil e na educação teológica dessa instituição. Em segundo lugar, pretende também responder de que forma ela contribuiu e qual o significado dessa contribuição. Pergunta-se, também, se sua trajetória teve, tem ou pode ter algum impacto na vida das mulheres assembleianas tanto enquanto participantes ativas da Igreja quanto no campo da educação teológica e na atuação ministerial feminina.

A história da participação das mulheres nas ADs no Brasil tem sido grandemente invisibilizada. Mesmo assim, elas tiveram um papel importante na história dessa Igreja. A trajetória de Ruth Doris Lemos é um dos muitos exemplos dessa realidade. Ela teve uma participação importante na educação teológica dos pastores e das pastoras dessa Igreja. Sua experiência de vida revela grandes lições e legados que não podem ser esquecidos, muito menos negligenciados. Dentro dessa perspectiva, reconstruir e apresentar sua trajetória bem como discutir a sua importância para a formação teológica e para a vida das mulheres na Igreja se tornam questões fundamentais.

A contribuição de Ruth Doris Lemos na educação teológica das ADs é importante para a memória histórica e para a avaliação da importância da educação teológica nessa Igreja. Ela evidencia a participação ativa das mulheres, nem sempre reconhecida pelas estruturas oficiais da Igreja. A relevância do trabalho de Ruth Doris Lemos está na sua contribuição para a própria autocompreensão da AD, uma Igreja que tinha uma mentalidade anti-intelectual com desincentivo à busca por uma educação teológica formal.⁴ Por isso, a importância de uma pesquisa que apresente com acuidade o trabalho desenvolvido por Ruth Doris Lemos na educação teológica das ADs no Brasil se constitui num importante elemento de *desconstrução* do papel histórico de uma mulher no meio de uma maioria hegemônica de homens, invisibilizada por meio de uma narrativa que se pauta pelo *esquecimento* de figuras como ela, bem como de reconstrução de sua contribuição para esse campo específico.

Considerando a falta de pesquisa no tema em estudo, optamos por uma pesquisa de campo com pessoas que foram influenciadas por Ruth Doris Lemos. O

⁴ SILVA, Altair Germano da. Os antecedentes históricos da educação teológica nas Assembleias de Deus no Brasil: de 1517 a 1979. **Vox Fatae**: Revista de Teologia da Faculdade FAIFA, Goiânia-Go, v. 5, n. 3, 2013. p. 2-3.

pioneirismo do tema se debate com pouca pesquisa e poucas publicações sobre o assunto. Por esta razão, optamos pela pesquisa documental e pelas entrevistas.

Em função disto, foi desenvolvido um estilo de escrita que tematiza o assunto a partir de outras referências teológicas não pentecostais, a fim de abrir teoricamente as questões internas do pentecostalismo. Assim, buscaram-se referências em outras tradições teológicas, mesmo sabendo da impossibilidade de fazer analogias.

Assim, parte-se de contextos teológicos mais amplos para voltar nossa análise para contextos pentecostais específicos. A pesquisa empírica disposta e comentada segue o vetor de um certo controle de outras contribuições de teólogos e teólogas de outras tradições com séculos de reflexão teológica acadêmica.

Para traduzir essa situação, da participação e da relevância das mulheres no âmbito pentecostal assembleiano, utiliza-se uma análise a partir das teologias de gênero, em específico, a Teologia Feminista, pois as questões de gênero não se reduzem às relações e aos papéis das mulheres, que é o que nos interessa na pesquisa sobre Ruth Doris Lemos, já que, quando se reavaliam o papel e o lugar das mulheres no âmbito pentecostal assembleiano, é preciso um conceito mais amplo e adequado que ultrapassa a simples diferença biológica entre homens e mulheres.

A teologia cristã aos poucos compreendeu a importância da reivindicação das mulheres, a partir do fundamento da igual dignidade do homem e da mulher, criados à imagem e à semelhança de Deus. Constatou também a violência e os abusos contra as mulheres e a discriminação em torno do tema da sexualidade, e se posicionou diante disso. Pode-se dizer que a maior parte do labor teológico consciente e maduro na América Latina leva em conta a contribuição das últimas categorias, pós e neofeministas. Traduzir teologicamente essa situação tornou-se a tarefa das teologias de gênero.⁵

Portanto, apesar de Ruth Doris Lemos ser uma protagonista precursora da educação teológica pentecostal, sua educação abriu caminho para tantas outras mulheres, ainda que num papel subordinado, mas possibilitando uma quebra de paradigmas, onde as mulheres não tinham vez nem voz.

⁵ RIBEIRO, Súsie. Da casa à praça. In: MURAD, Afonso; GOMES, Paulo Roberto; RIBEIRO, Súsie. **A casa da teologia:** introdução ecumênica à ciência da fé. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 199.

1.1 A trilha teórica e metodológica

O desenvolvimento da pesquisa prevê diferentes abordagens metodológicas. Para a fundamentação teórica e a discussão da questão da educação teológica será realizada pesquisa bibliográfica. No que diz respeito à trajetória de Ruth Doris Lemos, a pesquisa será realizada em duas frentes: pesquisa documental e entrevistas. Para a pesquisa documental será feita uma busca nas instituições em que Ruth Doris Lemos atuou, na tentativa de encontrar elementos biográficos e produções teóricas capazes de demonstrar mais amplamente sua contribuição à educação teológica nas ADs. Uma instituição fundamental que auxiliará neste processo de coleta será o IBAD, com documentos institucionais, fotos, vídeos e registros históricos, assim como registros familiares.

O resgate da história de Ruth Doris Lemos tem como objetivo reconhecer que sua contribuição na formação teológica foi muito mais do que aquilo que é narrado nos poucos registros encontrados. A falta de fontes sobre Ruth Doris Lemos carece de levantamentos de dados e, por isso, a realização de entrevistas acerca de sua vida, obra e contribuição à educação teológica das ADs se faz necessária. Para tanto, optou-se pela metodologia de História Oral.

A História Oral trouxe inúmeras contribuições fundamentais para o atual debate sobre o uso de entrevistas como fonte. Ela remete ao sentido do documento e da análise procedida a partir de textos construídos a partir dos depoimentos.⁶ Segundo José Meihy e Suzana Ribeiro, História Oral “é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com a definição de um grupo de pessoas a serem entrevistadas e o uso futuro dessas entrevistas”.⁷

A História Oral tem um papel fundamental na historiografia contemporânea. Ela exige novas abordagens para o estudo da História, não tanto apegada ao cientificismo e objetivismo, mas com o compromisso social de recontar a História, possibilitando a inclusão de alguns personagens que foram excluídos dela.⁸ Nesse

⁶ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Definindo História Oral e Memória. **Cadernos Ceru. Série 2**, São Paulo, n. 5, 1994, p.52.

⁷ MEIHY, José Carlos Sebe B.; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 17.

⁸ MUSSKOPF, André Sidnei. **Talar Rosa: Homossexuais e o Ministério na Igreja**. São Leopoldo: Oikos, 2005. p. 261; 269.

sentido, a utilização dessa metodologia permitirá revisitar a história e a trajetória de Ruth Doris Lemos a partir da memória de pessoas que conviveram com ela.

Dentro dessa perspectiva, a pesquisa tem por objetivo a obtenção de informações de entrevistados e entrevistadas a respeito de Ruth Doris Lemos e sua contribuição à educação teológica nas ADs. As entrevistas foram realizadas com dois grupos: a) **familiares**; e b) **estudantes** do IBAD que tiveram contato direto com Ruth Doris Lemos.

As entrevistas com familiares procuraram captar certos acontecimentos fundamentais da vida de Ruth Doris Lemos, dando liberdade total por parte do entrevistado ou da entrevistada, que poderia expressar suas opiniões e sentimentos,⁹ buscando-se, especificamente, informações que ajudassem a reconstruir a trajetória de Ruth Doris Lemos no campo da educação teológica, bem como perspectivas teóricas e práticas adotadas e desenvolvidas por ela. Para tanto, foi construído um roteiro básico que orientou as entrevistas.

Para o grupo de estudantes do IBAD, a entrevista foi padronizada e estruturada, com um roteiro previamente estabelecido “de acordo com um formulário elaborado. Nesse caso, o pesquisador não é livre para adaptar suas perguntas à determinada situação”.¹⁰ Foram entrevistados e entrevistadas estudantes que estudaram em períodos diferentes, durante a atuação de Ruth Doris Lemos no IBAD. O critério de seleção foi a proximidade e a convivência com Ruth Doris Lemos durante suas estadias de estudantes que andaram com os “pés no chão”, que viram e ouviram em suas andanças o labor teológico de Ruth Doris Lemos. A identificação dos estudantes e das estudantes foi realizada juntamente com o filho de Ruth Doris Lemos, Mark Lemos, atual diretor do IBAD, que conviveu e presenciou a vida acadêmica de sua mãe, inclusive não só como filho, mas também como estudante e logo após como diretor do IBAD.

As entrevistas tiveram um planejamento e uma preparação, com uma organização de roteiro ou formulário com as questões importantes. Todas as

⁹ MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 6.ed. 7.reimpr. São Paulo: Atlas, 2009. p. 199.

¹⁰ RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002. p. 114.

entrevistas, tanto as despadronizadas, do grupo de familiares, quanto as padronizadas, do grupo de estudantes, tiveram as seguintes diretrizes¹¹:

- Contato inicial;
- Formulação de perguntas;
- Registro de respostas;
- Término da entrevista;
- Requerimentos importantes: validade, relevância, especificidade e clareza, profundidade e extensão.
- Termo de consentimento livre e esclarecido.

O processo de narração de história de vida foi realizado em um ou dois encontros de acordo com as necessidades e a disponibilidade da pessoa entrevistada.

Com familiares, foi utilizada a metodologia de História Oral de Vida, que tem feições mais biográficas e obedece sempre à sequência dos acontecimentos da vida: infância, juventude e maturidade. Estas entrevistas foram divididas em momentos da vida que envolvem o âmbito da religião e da educação: pastoral, missionário e educativo. O que se pretende é saber como essas pessoas, em suas trajetórias de vida, perceberam a relação e a atuação de Ruth Doris Lemos.

Essas entrevistas foram realizadas e gravadas pessoalmente, e seguiram três dimensões: nos âmbitos **pastoral**, **missionário** e **educativo** da vida de Ruth Doris Lemos. Foram buscadas questões acerca de dificuldades, de conquistas, cooperações, limites, avanços no seio da igreja no que diz respeito à participação das mulheres, fatos que marcaram e quais as contribuições de Ruth Doris Lemos para a educação teológica pentecostal e para as Assembleias de Deus no Brasil. O que se pretendeu foi permitir aos familiares que narrassem livremente suas experiências com Ruth Doris Lemos, sem que houvesse qualquer tipo de preocupação com a questão de nomes, datas, ou mesmo com reflexões elaboradas, já que isso foi objeto de reflexão posterior. O que se buscou foi a memória acerca das experiências que com ela surgiram aos participantes.

Com estudantes, a metodologia utilizada foi a História Oral Temática, por ser um recurso mais objetivo, utilizando-se questionários. As entrevistas presenciais foram realizadas através de gravação em gravador de voz e, posteriormente,

¹¹ MARCONI; LAKATOS; 2009, p. 201-203.

transcritas. As entrevistas por correio eletrônico foram realizadas através de um contato inicial ao qual seguiu o envio de perguntas. As entrevistas seguiram um roteiro predeterminado, podendo ser acrescentadas ou subtraídas perguntas de acordo com a necessidade de esclarecimentos específicos com relação às informações dadas. A partir da coleta de registros orais, foi realizada a textualização legitimada, que tem como objetivo transformar a fonte em texto. As operações de transformação do texto são três: **transcrição**, **textualização** e **transcrição**.¹² Após a transcrição, o texto foi devolvido para as pessoas entrevistadas para que pudessem confrontar-se e reconhecer-se nele, legitimando o texto.

Portanto, a proposta da pesquisa é abordar a contribuição de Ruth Doris Lemos para a educação teológica pentecostal nas Assembleias de Deus no Brasil. Assim, traçaremos um mapa temático da tese, desdobrando as questões básicas da tese. Apresentamos neste primeiro momento a passagem da religiosidade experiencial para o pensamento teológico científico.

Num segundo momento será analisado o papel de Ruth Doris Lemos na educação teológica pentecostal. Reconta-se o início da história e da formação do IBAD e como o poder feminino se deu no movimento pentecostal e no seu (não) exercício. Então analisaremos o legado deixado por Ruth Doris Lemos na educação teológica pentecostal.

Logo em seguida, serão investigados a atuação das mulheres e o ministério, e de como a educação serve como lugar de empoderamento no âmbito teológico pentecostal. Afinal, a educação proposta por Ruth Doris Lemos era uma educação teológica domesticadora ou uma educação teológica libertadora? E como tal educação se dava a partir da experiência com o Espírito. Traçaremos uma inter-relação entre religião, educação e poder e o desvelamento do lugar das mulheres nas Assembleias de Deus no Brasil.

Por fim, investigaremos a educação teológica proposta por Ruth Doris Lemos, perguntando pela dimensão libertadora da educação teológica na perspectiva da igualdade de gênero. Nossa hipótese orienta-se por uma teologia que deseduca e desaprende para reaprender. Buscamos uma educação a partir das

¹² MEIHY; RIBEIRO; 2011, p. 112.

questões de gênero e nos perguntamos pela perspectiva para o futuro das igrejas pentecostais.

Portanto, nossa tese quer avaliar a contribuição de Ruth Doris Lemos para a educação teológica nas Assembleias de Deus no Brasil e o seu significado para a luta contínua das mulheres pentecostais.

2 RELIGIOSIDADE EXPERIENCIAL E PENSAMENTO TEOLÓGICO: UM ROTEIRO PROBLEMATIZADOR

A educação teológica nas Assembleias de Deus tem sido um tema controverso. Durante muito tempo prevaleceu uma postura anti-intelectualista que via a educação teológica como algo negativo. A vinda de Ruth Doris Lemos ao Brasil, juntamente com seu esposo, representou uma quebra de paradigma, uma vez que sua missão esteve voltada para essa questão. Nesse sentido, através da fundação do IBAD e de sua atuação naquela instituição, Ruth Doris Lemos teve um papel significativo nesse campo, mesmo sendo instada a abrir mão da sua ordenação ao ministério pastoral feminino. Mesmo assim, sua trajetória é praticamente desconhecida tanto no contexto das Assembleias de Deus quanto da formação teológica latino-americana.

Diante desse quadro, a presente pesquisa quer responder, em primeiro lugar, à invisibilidade à qual foi relegada Ruth Doris Lemos, evidenciando a importância de sua trajetória nas Assembleias de Deus no Brasil e na educação teológica dessa instituição. Em segundo lugar, pretende também responder de que forma ela contribuiu e o significado dessa compreensão. Pergunta-se, também, se sua trajetória teve, tem ou pode ter algum impacto na vida das mulheres assembleianas tanto enquanto participantes ativas da Igreja quanto no campo da educação teológica e na atuação ministerial.

Os sinais de esperança para a Teologia Pentecostal se dão a partir de alguns personagens que se destacaram, mesmo em meio a um contexto crítico à formação acadêmica. A complexidade do cenário religioso na América Latina e no Brasil tem desafiado a Teologia Pentecostal. Como pensar Deus a partir de uma teologia que a princípio parecia avessa à ciência e ao conhecimento, mas agora tem a necessidade de se desenvolver a partir deste novo cenário da pós-modernidade? É uma exigência que incomodou o pentecostalismo que precisava se readaptar a essas novas mudanças e exigências da pós-modernidade.

As transformações sociais do capitalismo industrial causaram um forte impacto nessas mudanças. Uma nova forma de viver e se socializar impactaram também o âmbito religioso. O neoliberalismo, que propõe a intervenção mínima do Estado na economia e que tem afinidade com a teologia da prosperidade,

influenciou muito essas mudanças que ocorreram no âmbito econômico e também no âmbito religioso, transformando em parte a religião em uma mercadoria. Diante dessas mudanças como pensar em uma Teologia Pentecostal que atendesse a essas novas exigências?¹³

Como o movimento pentecostal reagiu a essas mudanças? Como as Assembleias de Deus conseguiram readaptar-se a essas novas transformações sociais? Como preparar a liderança para esses novos desafios e transformações a partir de uma educação teológica que qualificasse a liderança, mas ao mesmo tempo mantivesse acesa a chama do espírito pentecostal?

Essas mudanças e transformações provocaram novas situações desafiadoras à educação teológica pastoral pentecostal. Exigiram um maior preparo intelectual e religioso como propõe o Apóstolo Pedro, estando sempre prontos para responder qual é a razão da esperança que há em vós: “[...] antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vosso coração, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir **razão da esperança**¹⁴ que há em vós” (1Pe 3:15).

Diante desses desafios, um casal de pastores decide inaugurar um Instituto Bíblico que atendesse a essas novas exigências; é justamente quando o surge o IBAD, uma escola de Teologia Pentecostal que visava atender a essas exigências do âmbito pastoral, propondo uma teologia a partir de suas próprias **experiências e necessidades**. Deveria ser uma pastoral exigente que não perdesse a essência do Espírito Santo, o “fogo pentecostal”¹⁵ e, ao mesmo tempo, qualificasse seus obreiros e obreiras no serviço ministerial e teológico.

2.1 Uma pastoral exigente

A educação teológica tem experimentado algumas metamorfoses no mundo inteiro. No âmbito latino-americano não tem sido diferente. O nível da teologia pastoral tem sido mais exigente, por se tratar de uma teologia de um nível superior, e não apenas de uma teologia da experiência, do êxtase e das vivências, bem enfática no campo pentecostal.

¹³ BARBOSA, Rafaela. **A industrialização da cultura religiosa**. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3440&secao=340>. Acesso em: 05 fev. 2020.

¹⁴ Grifo nosso.

¹⁵ Metáfora usada sobre o revestimento de poder do Espírito Santo.

No âmbito pentecostal, a realidade não tem sido distinta. O pentecostalismo tem galgado novos passos e trilhado novos caminhos que exigem uma formação teológica mínima. Em algumas denominações pentecostais, é exigida uma formação ínfima, básica em teologia para a atuação pastoral. De outro lado, a resistência ainda tem sido enorme, levando até mesmo à proibição de qualquer formação teológica, mesmo que ela se realize em institutos ou seminários, sem um rigor acadêmico.

O pentecostalismo, ou pentecostismo, é uma religião protestante, nascida do protestantismo, no começo deste século. Considera a crença no Espírito Santo como a crença maior, em torno da qual giram as outras crenças e as práticas religiosas. O nome vem de Pentecostes, festa religiosa dos judeus, dia em que o Espírito Santo desceu sobre os Apóstolos e começou o cristianismo. Por isso, o centro do pentecostalismo é o batismo no Espírito Santo, que não é um rito como o batismo com água, e sim, uma presença toda especial do Espírito Santo, que tem como sinal exterior proferir algumas palavras estranhas.¹⁶

O pentecostalismo é uma religião com pontos em comum com o catolicismo: Deus Pai, Jesus Cristo e o Espírito Santo. Diferencia-se nos sacramentos e no culto em relação à liturgia, bem diferente da missa. E, com as Igrejas Protestantes, a Bíblia é o fundamento das crenças, como pilar fundamental. Mas é uma religião singular, com suas particularidades.¹⁷

No campo da educação teológica das Assembleias de Deus algumas mudanças têm sido realizadas, ainda que isso tenha custado um alto preço, em relação a tais avanços. São ações e atitudes que nos trazem um sinal de esperança para a Teologia Pentecostal.

2.2 Níveis da teologia: diferentes pratos

Murad, Gomes e Ribeiro utilizam uma metáfora da casa, um lugar de convivência e de relação, e outras analogias para poderem ilustrar com uma linguagem mais simples e fluente as diferentes formas e níveis da teologia. Os

¹⁶ ROLIM, Francisco Cartaxo. **O que é pentecostalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 7.

¹⁷ ROLIM, 1987, p. 8.

autores e as autoras empregam elementos da cozinha para ilustrar esses níveis da teologia.¹⁸

O **primeiro prato** dessa cozinha teológica é um prato popular ou “sopa”, uma teologia comunitária, em que os ingredientes estão todos diluídos. É uma teologia simples, comunitária e popular segundo a qual “qualquer cristão pode fazer teologia popular, pois reflete sobre aquilo em que se acredita. Ao mesmo tempo em que é cozinheiro, também serve os outros e se nutre deste alimento”.¹⁹

É uma teologia simples diluída na evangelização da Igreja, buscando oferecer respostas sobre o agir de Deus em meio às lutas, às aflições e às esperanças da comunidade. É uma teologia popular própria da realidade cotidiana, uma teologia com os “pés no chão”.

Nas Assembleias de Deus no Brasil, o modelo inicial de preparo de obreiros se dava como uma formação de caráter devocional. Tal formação se dava “aproximadamente em um mês, uma formação em tempo integral com ênfase nos estudos de formação bíblica, espiritual e ministerial”.²⁰ Como afirma Pommerening, “[...] era o que havia de melhor na época para preparo de obreiros e foram imensamente difundidas e adotadas no Brasil inteiro”.²¹

As escolas Bíblicas eram adotadas na Suécia, antes mesmo de Lewi Pethrus inspirar Samuel Nyström a adotá-las no Brasil. Uma grande leva de missionários suecos que chegaram ao Brasil tiveram que estudar na Escola Bíblica de Pethrus, inclusive o próprio Samuel Nyström, em 1916. A escola fundada por Pethrus era fruto de sua compreensão do ensino teológico, pois sua experiência não foi boa no tempo que passou no Seminário Betel em Estocolmo; com preconceito, relata que este o deixou frívolo, foi um perigo para sua vida espiritual, as “matérias profanas”, os estudos teológicos, exegéticos e dogmáticos lhe tomavam tanto tempo, que perdeu a humildade, a saudade de Deus e a pureza e entregou-se a coisas mundanas e a brincadeiras com os colegas. A situação somente mudou quando surgiu um avivamento no seminário, mas logo ele saiu do seminário e foi dirigir uma igreja. Essa compreensão negativa do seminário teológico foi que acompanhou a vida de Pethrus e marcou profundamente também Samuel Nyström, que não teve uma formação teológica densa por conta disto e posteriormente se opôs à criação de Institutos Bíblicos no Brasil. A formação teológica de Nyström durou apenas alguns meses do ano de 1914,

¹⁸ MURAD; GOMES; RIBEIRO. Na cozinha. In: MURAD, Afonso; GOMES, Paulo Roberto; RIBEIRO, Súsie. **A casa da teologia**: introdução ecumênica à ciência da fé. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 140.

¹⁹ MURAD; GOMES; RIBEIRO; 2010, p.141.

²⁰ POMMERENING, Claiton Ivan. **Fábrica de pastores**: interfaces e divergências entre educação teológica e fé cristã comunitária na teologia pentecostal. Tese. 202 f. (Doutorado em Teologia) - Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2015. p. 30.

²¹ POMMERENING, 2015. p. 30.

quando estudou na escola bíblica de John Ongmann em Örebro, um importante líder pentecostal sueco. Mas ele era fluente em vários idiomas, era culto e conhecia as línguas bíblicas. Uma pessoa tão culta quanto ele poderia ter desejado o mesmo para os obreiros brasileiros, isto certamente é contraditório nele.²²

Tais evidências demonstravam a resistência à educação teológica nas Assembleias de Deus no Brasil, principalmente em seu início.

O **segundo prato** se faz a partir de uma teologia pastoral ou “arroz com feijão”, afirmam Murad, Gomes e Ribeiro, uma teologia mais elaborada que possa atender “as atividades da Igreja no seu interior ou na relação com o mundo, ou então uma disciplina da teologia”.²³

Trata-se de um saber teológico voltado para a ação refletida e consciente, com o objetivo de servir melhor à Igreja e à comunidade, cumprindo sua missão no mundo. É um espaço de formação para as lideranças cristãs em diálogo com o mundo e outros saberes, uma formação que seja capaz de promover uma relação profícua entre a fé cristã e as grandes questões da vida humana.²⁴

No âmbito teológico assembleiano, o **ethos pentecostal assembleiano** é pensado e forjado a partir de princípios éticos patriarcais e anti-intelectualistas. Conforme Pommerening, a influência de Samuel Nyström foi marcante nesta formação,

[...] que a sua opinião foi a que prevaleceu quanto a não consagrar mulheres ao pastorado e liderança de igrejas na 1ª convenção de pastores em 1930, contrariando o pensamento de Vingren, que apoiava tal ideia, sendo Frida Vingren, sua esposa, uma ardorosa pregadora, escritora e líder.²⁵

A institucionalização da igreja Assembleia de Deus no Brasil se dá pautada no **ethos sueco-nordestino**, afirma Gedeon Alencar²⁶. Ocorre a partir de uma visão sociológica que aponta o modelo coronelístico, com nuances políticas e econômicas imbricadas desde sua herança na implantação das capitâncias hereditárias, onde havia um grande chefe, com poderes absolutos e um exercício vitalício.

²² POMMERENING, 2015, p. 30-31.

²³ MURAD; GOMES; RIBEIRO; 2010, p. 143.

²⁴ MURAD; GOMES; RIBEIRO; 2010, p. 144.

²⁵ POMMERENING, 2015, p. 31.

²⁶ ALENCAR, Gedeon. **Assembleia de Deus**: origem, implantação e militância (1911-1946). São Paulo: Arte Editorial, 2010. p. 109.

Politicamente, numa época em que apenas os homens votavam e eram votados, a AD apenas seguiu o modelo de liderança masculina. Aliás, algo comum em todas as demais igrejas protestantes e católicas. E nisto, mais uma vez, o assembleianismo brasileiro se distanciou do pentecostalismo e do assembleianismo norte-americano. Lá, desde o início, as mulheres exerciam liderança. Aqui, nunca (apesar da tentativa de Frida Vingren, de acordo com o que dizem a respeito dela).²⁷

Essa liderança foi contra a criação de institutos bíblicos, ou cursos teológicos formais, que eram defendidos pelos missionários americanos. Mesmo com o apoio de Vingren e sua esposa, a formação teológica era vista como algo não necessário para o âmbito pastoral. Segundo Nyström, “as Escolas Bíblicas seriam suficientes”.²⁸ Haveria apenas uma educação teológica básica.

A primeira Escola Bíblica no Brasil, seguindo o modelo sueco, aconteceu em Belém (PA), de 04 de março a 04 de abril de 1922, e foi ministrada exclusivamente por Samuel Nyström. Nesta época já se percebeu que a influência de Gunnar Vingren na liderança das Assembleias de Deus no Brasil havia diminuído, sendo este lugar ocupado por Nyström. Vingren havia viajado para a Suécia, por motivos de enfermidade, permanecendo naquele país de maio de 1921 a agosto de 1922. Foi neste período que Nyström organizou a Escola Bíblica. Após esta primeira, muitas outras seguiram, não somente em Belém, mas em todo Brasil; Nyström foi um de seus principais professores durante os 30 anos em que trabalhou no Brasil. Entretanto, outros missionários e pastores também começaram a ser professores como Gunnar Vingren, Eurico Bergsten e Nels Nelson, que eram suecos; Nels Lawrence Olson e John Peter Kolenda, norte-americanos; João Kolenda Lemos e João de Oliveira, brasileiros.²⁹

Infelizmente a não participação das mulheres é evidente no início da educação teológica nas Assembleias de Deus no Brasil.

O **terceiro prato** é uma teologia acadêmica ou “feijoadá”, uma teologia elaborada e transmitida numa instituição de ensino. É uma teologia sistemática desenvolvida nos institutos, seminários e faculdades, uma teologia acadêmica com duas funções básicas: a formação de futuros pastores das comunidades e a preparação de novos profissionais que atuam no âmbito do ensino e da pesquisa.³⁰

A vocação e a profissão do teólogo e da teóloga são dois elementos fundamentais nesse processo de formação, principalmente no que se refere ao pentecostalismo e à educação teológica pentecostal, elementos que Ruth Doris Lemos tomava como primordiais na educação teológica.

²⁷ ALENCAR, 2010. p. 109.

²⁸ POMMERENING, 2015, p. 31.

²⁹ POMMERENING, 2015, p. 31-32.

³⁰ MURAD; GOMES; RIBEIRO; 2010, p. 144-146.

O método científico, exigência necessária no âmbito educacional teológico, é o conjunto de normas básicas que devem ser seguidas para a produção de conhecimentos com o rigor da ciência, um método que é utilizado para a pesquisa e a comprovação de um determinado conteúdo. “O uso de um método científico é próprio da teologia acadêmica”.³¹ Por isso, as articulações entre os níveis da teologia são de fundamental importância nesse processo de desenvolvimento na formação teológica.

Murad, Gomes e Ribeiro destacam alguns critérios fundamentais nesse desenvolvimento:³²

- Centralidade do objetivo comum: todos os níveis do fazer teológico têm o mesmo objetivo de servir ao Reino de Deus através do processo evangelizador da Igreja;
- Intercomunicação: não é bom para a missão da Igreja que cada nível permaneça isolado, como alimentos guardados sobre o fogão, forno ou na geladeira;
- Especificidade de cada nível teológico: aceita-se que cada nível tem sua própria linguagem, público alvo e método.

Deste modo, a formação teológica pentecostal das Assembleias de Deus tem buscado atingir esses níveis na sua prática educativa e formativa a partir do labor teológico e de algumas rupturas nessa caminhada acadêmica.

É importante lembrar que a educação teológica nas Assembleias de Deus, ainda hoje, tem uma certa resistência pelo desconhecido e um pré-conceito de décadas a respeito da educação teológica, como algo não necessário na prática e muito menos no labor pastoral.

A educação teológica trouxe muitos conflitos na implantação de estudos formais de teologia nessa Igreja. Seus principais opositores viam na educação teológica alguns “perigos intelectuais” de que isso seria “perigoso” para os obreiros ficarem somente no intelectualismo e perderem a “unção do Espírito Santo”.

Foi na Convenção Geral das Assembleias de Deus em 1943 que o tema sobre educação teológica passou a ser debatido com mais intensidade. Paulo Macalão nessa convenção nacional sugeriu a criação de uma escola bíblica noturna, em dias da semana sem cultos na igreja, para não

³¹ MURAD; GOMES; RIBEIRO; 2010, p. 146.

³² MURAD; GOMES; RIBEIRO; 2010, p. 144-147.

atrapalhar os obreiros em suas tarefas eclesiásticas. Lawrence Olson foi mais além, e propôs a criação de seminários e institutos bíblicos pelo país, mas foi rechaçado pelo próprio Macalão, pois para o líder de Madureira seria “perigoso” investir em educação formal, com possibilidades de o obreiro cristão ficar somente no intelectualismo. Essa opinião de Paulo Macalão seria sentida por Joanyr de Oliveira vinte anos mais tarde em Brasília, quando percebia que ao insistir na necessidade de institutos bíblicos era como “pregar no deserto”.³³

Pommerening afirma que as relações comerciais com os Estados Unidos, na década de 1940, estreitaram as relações comerciais com países latino-americanos, especialmente o Brasil, com o envio de recursos financeiros. Tais recursos beneficiaram as Assembleias de Deus que resultaram na criação da CPAD.³⁴ Tais iniciativas amenizaram a resistência aos missionários norte-americanos, possibilitando a criação do primeiro Instituto Bíblico no Brasil. Com isso, a influência sueca foi diminuindo, possibilitando o início da educação teológica nas Assembleias de Deus no Brasil.³⁵

2.3 A teologia acadêmica e sua função educativa, social e eclesial

A teologia acadêmica no âmbito pentecostal cumpre sua função educativa, social e eclesial. Na esfera educativa, permitiu que a liderança da Igreja tivesse um preparo mínimo teológico para a atuação pastoral. Na esfera social, possibilitou o diálogo e a abertura com os outros saberes, tornando a ação teológica mais pé no chão, com uma teologia mais concreta e real, voltada a questões políticas e sociais. Na esfera eclesial, qualificou a liderança para o labor pastoral. “[...] O nível acadêmico da teologia trouxe para a Igreja e para a sociedade grandes benefícios, em âmbito religioso, educativo e social”.³⁶

Porém, isso teve um início bem difícil, marcado de preconceito e rejeição, pela não aceitação do saber teológico no meio pentecostal. Tal saber, no meio pentecostal, era tido como pecado, proibido, profano. Somente com o passar do tempo é que tais preconceitos foram sendo quebrados, mostrando a dificuldade e a não aceitação do saber teológico no meio pentecostal assembleiano.

³³ SANTANA, Mário Sérgio. **A Assembleia de Deus e a educação teológica**: uma difícil aceitação (2ª parte). Disponível em: <<https://marioserghistoria.blogspot.com/2009/11/assembleia-de-deus-e-educacao-teologica.html>>. Acesso em: 23 ago. 2019.

³⁴ CASA PUBLICADORA DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS.

³⁵ POMMERENING, 2015, p. 33-34.

³⁶ MURAD; GOMES; RIBEIRO; 2010, p. 148.

No **âmbito religioso**, há um preparo teológico consistente, organizado com currículos profissionais que propõem uma formação teológica a partir de um método teológico-científico. É uma formação a partir da reflexão religiosa, porém crítica, a partir de um saber sistemático. É um saber teológico liberto da domesticidade funcional das igrejas e grupos religiosos, a partir de um pensamento livre, mas voltado para a realidade histórica.

No **âmbito educativo**, ocorre uma reflexão teológica livre e criativa, mas que não deixa de levar em conta a situação peculiar das igrejas, a partir de suas análises. É uma teologia não desconectada da História, mas ao mesmo tempo com os “pés no chão”, conectada com a realidade local. Quer ser uma educação teológica “a partir de cá”, na linguagem de Paulo Freire, que contemple nossas realidades, habilidades, experiências e vivências, uma educação teológica que valorize a experiência e saberes de seus aprendizes e ensinantes, e que atenda as exigências do estudo, sem perder o vigor e a exigência científica.

No **âmbito social**, busca-se uma educação teológica que dialogue com um mundo plural, uma educação teológica plural, aberta ao diálogo com os outros saberes e outros “sabores”.³⁷ É uma educação teológica consciente de sua abertura para uma realidade plural e uma sociedade marcada pela diversidade, um saber teológico com suas bases universais, na busca do bem comum, mas, ao mesmo tempo, um saber teológico singular, que contemple suas realidades, seus clamores, suas angústias e seus sofrimentos, com os “olhos nos céus”, mas, ao mesmo tempo, com os “pés no chão”.

A interdisciplinaridade e o diálogo com os outros saberes são condições elementares e necessárias para o desenvolvimento da teologia cristã. Como afirmam Murad, Gomes e Ribeiro, “além do critério de profissionalização, existem diferentes formas de abordagem, sistematização, apresentação e desenvolvimento da teologia cristã”.³⁸

No âmbito pentecostal, esse critério profissionalizante, sistemático e científico tem sido um desafio, pois a educação teológica pentecostal ainda sofre

³⁷ REBLIN, Iuri Andréas. **Outros cheiros, outros sabores...**: o pensamento teológico de Rubem Alves. São Leopoldo: Oikos, 2009.

³⁸ MURAD; GOMES; RIBEIRO; 2010, p. 150.

preconceitos pelos saberes “desconhecidos” e pelo “novo”, por não estar habituada a esse novo universo, o universo acadêmico.

Alguém disse certa vez que os cientistas ocidentais levaram cinco mil anos para subir as montanhas do conhecimento científico. Quando chegaram ao topo, encontraram os teólogos acampados, tomando café. Estes já haviam chegado antes e estavam familiarizados havia mais tempo com as questões que angustiam a alma humana. O povo oprimido que vive no vale, contudo, espera que teólogos e cientistas deem as mãos e não demorem outros cinco mil anos para descer. O tempo urge e as questões que afligem o espírito humano foram potencializadas pela modernidade.³⁹

Da mesma forma, os pentecostais precisam abrir-se ao diálogo com os outros saberes do mundo plural, assim como os teólogos pentecostais precisam descer das montanhas do conhecimento científico e voltar s suas comunidades, criando pontes que religuem a Igreja, a academia e a sociedade.

2.4 A profissão do teólogo, da teóloga e a vocação ministerial

Para que serve um curso de teologia, do ponto de vista **profissional**? Para que serve um curso de teologia, de um ponto de vista **vocacional**? Para que serve um curso de teologia, de um ponto de vista **pentecostal**? Para que serve um curso de teologia, de um ponto de vista **pentecostal feminino**? Quatro questões essenciais para refletir e repensar a educação teológica no âmbito pentecostal.

Como manter a qualidade acadêmica no âmbito pentecostal sem perder a essência do Espírito Santo? Como lidar com os conflitos e preconceitos na formação teológica no âmbito pentecostal? E como as mulheres, em específico Ruth Doris Lemos, conseguiram espaço na atuação acadêmica teológica pentecostal?

Murad, Gomes e Ribeiro afirmam que a formação acadêmica colabora efetivamente com a ação pastoral da Igreja local.⁴⁰ O IBAD é um exemplo claro desta afirmativa no âmbito pentecostal. A grande contribuição que essa agência educacional teológica pentecostal tem na história das Assembleias de Deus é imensurável.

Hoje o IBAD tem como **Missão, Visão e Valores** fundamentos que foram estabelecidos desde sua fundação, em uma educação teológica pentecostal

³⁹ ARAÚJO GOMES, Antônio Maspoli de (Org.). **Teologia: ciência e profissão**. São Paulo: Fonte Editorial, 2007. p. 105.

⁴⁰ MURAD; GOMES; RIBEIRO; 2010, p. 160.

profissional e vocacional, conforme está proposto em sua missão político-pedagógica:

O compromisso histórico-profissional na Faculdade FABAD, está estabelecido sob a missão de “Proporcionar aos alunos e à comunidade o legítimo direito de acessar ao saber científico, teológico e social por meio do ensino, da iniciação científica e da extensão”. Em consonância com o art. 80 da Lei nº 9.394, de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a missão da instituição, no que concerne à educação a distância, é propiciar a ampliação de diferentes modalidades educacionais no conjunto de seus cursos, como também contemplar diferentes possibilidades de organização do ensino, por meio de disciplinas, módulos ou eixos temáticos, segundo a estrutura curricular adotada, em conformidade com o projeto pedagógico de cada curso ofertado. A visão Institucional está configurada para “Contribuir para a sociedade como um centro de excelência na formação de profissionais por meio de ações acadêmicas, socioculturais, científicas e religiosas desenvolvidas com base nos princípios cristãos”.⁴¹

A proposta dessa educação teológica pentecostal é propor uma teologia liberta dos entraves conceituais, uma teologia que enfoque mais questões concretas, voltada a uma prática pastoral. Não se buscava uma teologia cristalizada, diferente do contexto social e pautada nos interesses de grupos dominantes do saber. De certa forma há uma analogia com a Teologia da Libertação, se consideramos a contextualidade da ação pastoral.⁴² Trata-se de uma teologia pensada e refletida a partir das necessidades e realidades vivenciadas, uma teologia do povo e para o povo.

Como quebrar paradigmas avessos à educação teológica? Como criar uma nova cultura, anteriormente contrária à educação teológica? Esse foi o desafio deste casal: Ruth Doris Lemos e seu esposo, João Kolenda Lemos.

Essa pastoral mais exigente realizar-se-á máxime em universo de sempre crescente rapidez de informação, saltando os escalões médios da burocracia de modo que tanto o pároco como o bispo não serão somente informados por seus círculos burocráticos mais íntimos, mas poderão receber a cada momento de qualquer fiel informações preciosas para a pastoral, possibilitadas pelo uso inteligente da informática. Além disso, deslocar-se-á para o campo da permanente reciclagem das pessoas com cursos e habilitações o peso que se atribuía à rotina institucional da pastoral. E os sistemas de reciclagem podem assumir as mais variadas formas. O futuro da pastoral e da teologia vai depender de sua capacidade

⁴¹ Disponível em: <<https://portal.fabad.edu.br/missao-visao-e-valores/>>. Acesso em: 13 maio 2019.

⁴² A busca da contextualização, comum entre Teologia Pentecostal e Teologia da Libertação, precisa ser bem delimitada, já que a práxis da libertação pressupõe uma análise crítica da realidade para além de uma conversão individual. WESTHELLE, Vitor. **Através do tempo e do espaço: reflexões de uma teologia luterana de alma latino-americana**. São Leopoldo, Faculdades EST, 2018, p.163-194.

de criar novas formas de interação de informações, de saber, de conhecimentos. A modo de exemplo, basta ver com que rapidez já mesmo no Brasil milhões de jovens manuseiam os computadores sem que tenham seguido alguma escolaridade formal. Como aprenderam? Assim se aprenderão muitos outros saberes no futuro, pelas vias mais diversas e informais. Abre-se este novo caminho para a teologia fora dos rituais institucionais.⁴³

Transformações da pós-modernidade precisam ser consideradas pela Teologia Pentecostal, especialmente no que diz respeito ao âmbito da educação teológica. Libanio e Murad afirmam que se cria uma verdadeira cultura virtual, pós-moderna que afeta não só a informação e a comunicação, mas também todo o conjunto da cultura.⁴⁴ São mudanças e transformações sociais que precisam ser consideradas pela teologia, que influenciam o modo de ser das pessoas. Deste modo, a educação teológica pentecostal inicia esse grande desafio, de formar obreiros e obreiras que possam atuar no âmbito eclesiológico com uma melhor qualificação e formação teológica, sem perder o “fogo do Espírito Santo”, marca registrada da Teologia Pentecostal assembleiana.

É necessário continuar sustentando uma Teologia Pentecostal assembleiana que valorize a emotividade, os dons carismáticos, o exorcismo e a cultura oral, uma Teologia Pentecostal que tem a experiência como fundamento para a religiosidade, afirma Pommerening.⁴⁵

Deste modo, a Teologia Pentecostal tem algumas consequências públicas a partir de seus princípios éticos e morais, baseados em seus valores doutrinários, que influenciarão na sua forma de fazer teologia, conforme descreve Majewski⁴⁶:

- Poder de Deus como poder para o serviço;
- Igreja em busca do bem comum;
- Santificação como conduta responsável no espaço público e a santificação social;

⁴³ LIBANIO, J. B.; MURAD, Afonso. **Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas**. 9.ed. São Paulo: Loyola, 2014. p. 31-32.

⁴⁴ LIBANIO; MURAD, 2014, p. 32.

⁴⁵ POMMERENING, Claiton Ivan. Educação teológica pentecostal em diálogo. In: ZWETSCH, Roberto E. **Lutero e a teologia pentecostal**. São Leopoldo: Sinodal, 2017. p. 58.

⁴⁶ MAJEWSKI, Rodrigo Gonçalves. Teologia pentecostal e espaço público. In: JACOBSEN, Eneida; SINNER, Rudolf von; ZWETSCH, Roberto (Orgs.). **Teologia pública: desafios éticos e teológicos**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012. p. 203-228.

- Escatologia como esperança e inspiração para uma ação realista e responsável;
- Guerra espiritual como humildade diante do inexplicável.

Estes são princípios que influenciaram e ainda influenciam a Teologia Pentecostal e sua forma de ser e de fazer teologia.

2.5 O pentecostalismo e os saberes orais

As objeções à educação teológica acadêmica nas ADs são bem evidentes no seu início e na sua chegada ao Brasil. Com uma postura de aversão ao ensino teológico no âmbito pentecostal, as ADs apresentaram uma resistência à educação teológica no seu início.

Os **saberes orais**, considerados como **saberes populares**, das ADs se dão por conta de suas raízes fundantes, um saber do povo, reconhecido de modo imperfeito, como um conhecimento vulgar, um conhecimento do senso comum.⁴⁷ É um saber com aversão ao intelectualismo, por conta de uma ênfase na experiência e nas manifestações do Espírito Santo.

Os saberes orais derivam do senso comum, são saberes considerados como uma inteligência natural, saberes imperfeitos e embrionários, afirma Maritain,⁴⁸ saberes que desempenham um papel importante na iniciação teológica, que auxiliarão a passar a um conhecimento superior e mais perfeito.

Essa postura de rejeição à educação teológica formal é bem evidente no pentecostalismo brasileiro. A aversão à educação se dava a uma justificativa de que a teologia provocaria o engessamento da livre ação do Espírito Santo ou a restrição do amplo destaque evidenciado à experiência religiosa.

Tal desconfiância se dá mediante a relação intrínseca com uma postura que enfatiza a racionalidade humana, em contraposição a um forte apelo ao misticismo e as emoções, afirma Gomes.⁴⁹

⁴⁷ MARITAIN, Jacques. **Elementos de filosofia I: introdução geral à filosofia**. 7.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1966. p. 84.

⁴⁸ MARITAIN, 1966, p. 87.

⁴⁹ GOMES, José Ozean. **Educação Teológica no Pentecostalismo Brasileiro: política eclesiástica da Assembleia de Deus brasileira com respeito à educação teológica formal (1943-1983)**. São Paulo: Fonte Editorial, 2013. p. 32.

O conflito resultante de uma relação entre a experiência mística e o papel da razão são bem evidentes neste processo teológico educacional no pentecostalismo brasileiro, mais especificamente nas ADs.

Antônio Gouvêa Mendonça afirma que

[...] todas as grandes religiões apresentam dupla face quanto à experiência do sagrado: uma doutrinária, dogmática, discursiva, racional e, portanto, gerida pelo corpo de especialistas; e outra que busca o sagrado de maneira intuitiva, direta, sem a mediação da doutrina e do dogma e, conseqüentemente, do corpo de especialistas.⁵⁰

Como mediar este conflito entre razão e emoção no âmbito educacional teológico pentecostal assembleiano? Como amenizar tais conflitos, mediante as raízes históricas do movimento pentecostal, avesso a educação teológica?

João Décio Passos assegura:

O cristianismo parece bifurcar em duas grandes vertentes, sendo que cada uma agrega, sob o mesmo paradigma, grupos antes distintos e antagônicos: os cristãos históricos, que se compreendem e se organizam numa referência hermenêutica racionalizada, e os cristãos pentecostais, fundados numa relação mítica com suas origens. Essa distinção possibilita formular uma tipologia dual de cristianismo: um tipo de cristianismo-*logos* e outro de cristianismo-*mithos*.⁵¹

Este conflito entre o “espírito” e a “letra” na história do pentecostalismo se dá mediante suas raízes anti-intelectuais nas origens do movimento pentecostal. É um movimento que quebra a tradição de um **cristianismo-logos**, com uma ênfase mais evidente em um **cristianismo-mithos**.

De acordo com Passos:

Datar e localizar com precisão o nascimento de um grupo religioso é uma tarefa que pode ser simples para a historiografia dos grupos mais recentes e, neste caso, não fica difícil responder à pergunta inicial. Tal resposta, no entanto, nunca será completa se não buscarmos um conhecimento mais profundo do grupo a partir de suas raízes mais remotas, daquilo que o constitui em suas bases fundamentais.⁵²

⁵⁰ MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **Protestantes, pentecostais e ecumênicos**: o campo religioso e seus personagens. In: Leonildo Silveira Campos (Org.). 2. ed. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008. p. 81.

⁵¹ PASSOS, João Décio. **Pentecostais**: origens e começo. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 19.

⁵² PASSOS, 2005, p. 16.

Portanto, a tônica do pentecostalismo nas primeiras décadas, em 1900, início do século XX, especialmente na América do Norte, se dá mediante um ardor missionário e um sentimento de urgência, evidências que reforçam e legitimam os discursos de objeção à educação teológica, vista como um obstáculo e impedimento do cumprimento dessa missão urgente que foi confiada à Igreja.⁵³ Conforme registro do *site* da CPAD, Daniel Berg e Gunnar Vingren, “chegaram a Belém do Pará em 1910 e iniciaram esta grande obra”:

Os participantes desse reavivamento foram cheios do Espírito Santo da mesma forma que os discípulos e os seguidores de Jesus durante a Festa Judaica do Pentecostes, no início da Igreja Primitiva, conforme está escrito em Atos 2. Assim, eles foram chamados de “pentecostais”. Exatamente como os crentes que estavam no Cenáculo, os precursores do avivamento do Século XX falaram em outras línguas que não as suas originais quando receberam o batismo no Espírito Santo. Outras manifestações sobrenaturais tais como profecia, interpretação de línguas, conversões e curas também aconteceram.⁵⁴

Essa tônica pentecostal missionária valorizava o ardor missionário, a partir de um saber constituído pela experiência, saber que não teve um programa de educação teológica formal que priorizasse tal formação intelectual de seus participantes. Tais razões justificam tal postura evidenciada na composição do movimento pentecostal, em sua estrutura e no contexto em que foi gerado.⁵⁵

Dois elementos são fundamentais para a compreensão do surgimento do fenômeno pentecostal:

Mendonça (2008, p. 133-135), ao falar do fenômeno pentecostal, propõe dois elementos fundamentais para compreensão do seu surgimento: **primeiro** é o estado geral de desesperança e desencanto que marca as igrejas norte-americanas no final do século XIX. O autor lembra que na história do cristianismo sempre houve negligência no cuidado para com os pobres, desvalidos e marginalizados, gera-se nas periferias das igrejas um movimento de recuperação do Espírito. O **segundo** elemento são as condições sociais dos atores que iniciaram o movimento pentecostal: negros, mulheres e estrangeiros. Essas eram pessoas vítimas do desajuste social da época.⁵⁶

Estes elementos bem evidentes descrevem e comprovam, de forma mais nítida e clara, as dificuldades da implantação da educação teológica no

⁵³ GOMES, 2013, p. 45.

⁵⁴ A ORIGEM DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL. Disponível em: <<http://www.editoracpad.com.br/assembleia/historia.php?i=2>>. Acesso em: 08 ago. 2019.

⁵⁵ GOMES, 2013, p. 45-46.

⁵⁶ GOMES, 2013, p. 46.

pentecostalismo brasileiro, mas especificamente nas ADs, já que o casal fundador da primeira instituição teológica formal tinha entre si dois desses condicionantes nesta composição: uma mulher; e além de mulher, estrangeira.

As origens da Teologia Pentecostal se dão mediante algumas fases introdutórias. **Primeiro**, o reconhecimento dos Estados Unidos como berço do pentecostalismo, a partir da experiência ocorrida em Topeka, Kansas, na escola de Charles Parham, considerada como o marco inicial do pentecostalismo moderno. **Segundo**, a partir do contexto norte-americano, onde se deu uma maior divulgação da experiência pentecostal. E **terceiro**, porque os passos iniciais da formação teológica do pentecostalismo se deram num ambiente americano. No entanto, tal história não se limitava somente ao contexto norte-americano.⁵⁷ No Brasil, por exemplo, precisamos dar destaque para o sueco e fundador Daniel Berg e a primeira mulher a receber o batismo no Espírito Santo, Celina Albuquerque.

Quando Daniel Berg e Gunnar Vingren chegaram a Belém do Pará, em 19 de novembro de 1910, ninguém poderia imaginar que aqueles dois jovens suecos estavam para iniciar um movimento que alteraria profundamente o perfil religioso e até social do Brasil por meio da pregação de Jesus Cristo como único e suficiente Salvador da Humanidade e a atualidade do Batismo no Espírito Santo e dos dons espirituais. As igrejas existentes na época – Batista de Belém do Pará, Presbiteriana, Anglicana e Metodista – ficaram bastante incomodadas com a nova doutrina dos missionários, principalmente por causa de alguns irmãos que se mostravam abertos ao ensino pentecostal. A irmã Celina de Albuquerque, na madrugada do dia 18 de junho de 1911, foi a primeira crente a receber o batismo no Espírito Santo, o que não demorou a ocorrer também com outros irmãos. O clima ficou tenso naquela comunidade, pois um número cada vez maior de membros curiosos visitava a residência de Berg e Vingren, onde realizavam reuniões de oração. Resultado: eles e mais dezenove irmãos acabaram sendo desligados da Igreja Batista. Convictos e resolvidos a se organizar, fundaram a Missão de Fé Apostólica em 18 de junho de 1911, que mais tarde, em 1918, ficou conhecida como Assembleia de Deus. Em poucas décadas, a Assembleia de Deus, a partir de Belém do Pará, onde nasceu, começou a penetrar em todas as vilas e cidades até alcançar os grandes centros urbanos como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Porto Alegre. Em virtude de seu fenomenal crescimento, os pentecostais começaram a fazer diferença no cenário religioso brasileiro. De repente, o clero católico despertou para uma possibilidade jamais imaginada: o Brasil poderia vir a tornar-se, no futuro, uma nação protestante.⁵⁸

Porém, a chegada de novos missionários norte-americanos e a implantação das primeiras instituições de ensino teológico pentecostal formal no Brasil não são

⁵⁷ GOMES, Ozean; REIS, Roberto dos. **Pentecostalismo**. Pindamonhangaba: IBAD, 2014. p. 168.

⁵⁸ A ORIGEM DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL. Disponível em: <<http://www.editoracpad.com.br/assembleia/historia.php?i=2>>. Acesso em: 08 ago. 2019.

tão harmoniosas. O primeiro grupo de americanos na tentativa de aprovação e da criação dos institutos bíblicos foram bem mais atuantes na confrontação de ideias, enquanto que o segundo grupo empreendeu esforços mais concretos, fundando instituições de educação teológica. O segundo grupo foi o responsável direto pela implantação do ensino teológico formal nas ADs.⁵⁹

As fases da educação teológica pentecostal nas Assembleias de Deus se dão em três momentos históricos: “num primeiro momento são as **escolas bíblicas**, que foram criadas em 1922; no segundo momento o início do **IBAD – Instituto Bíblico das Assembleias de Deus**, em 1958; e num terceiro com a **teologia acadêmica**, a partir de 1999”.⁶⁰

Gomes afirma que as famílias americanas deste segundo grupo de missionários que chegam ao Brasil a partir de 1950 somaram esforços aos daqueles já residentes do primeiro grupo de americanos, entre eles, o casal João Kolenda Lemos e Ruth Doris Lemos, os fundadores do IBAD.⁶¹

O primeiro casal referido, João Kolenda e Dóris Lemos, que residiram inicialmente no Rio de Janeiro e, embora desde sua chegada ao Brasil tivessem intenção de fundar um seminário teológico, não encontraram abertura na AD para tal projeto. Em razão disso, por um tempo, Kolenda e Dóris prestaram contribuições a CPAD. Segundo Araújo, (2007, p. 421), na editora, João Kolenda trabalhou nas primeiras revistas infantis da Escola Dominical; Kolenda foi também revisor da *Harpa Cristã* (hinário oficial da AD) e do jornal *Mensageiro da Paz*. Além do mais, durante algum tempo, ele substituiu Emílio Conde como responsável por todos os serviços de edição do jornal assembleiano.⁶²

Somente sete anos depois, João Kolenda Lemos e Ruth Doris Lemos conseguiram fundar o IBAD, contando com uma certa abertura por parte de alguns pastores brasileiros. O IBAD é o primeiro seminário teológico da Assembleia de Deus, fundado em Pindamonhangaba, interior de São Paulo, que passou a funcionar com aulas presenciais e em regime de internato, atraindo gradativamente, desde sua implantação, jovens de todo o Brasil para educação teológica pentecostal.⁶³

Como poderemos ver, o IBAD foi e é instituto bíblico com uma Teologia Pentecostal, consolidada e diversificada que se resume neste padrão quádruplo,

⁵⁹ GOMES, 2013, p. 120.

⁶⁰ POMMERENING, 2017, p. 64. Grifo nosso.

⁶¹ GOMES, 2013, p. 121.

⁶² GOMES, 2013, p. 121.

⁶³ POMMERENING, 2015, p. 42-51.

mais completo em sua tradição originária: “**Jesus Cristo salva, batiza no Espírito Santo, cura as enfermidades, opera maravilhas e em breve haverá de buscar os santos**”.⁶⁴ É um padrão proposto em comum pela Teologia Pentecostal, diante dessa diversidade, marca que evidencia a importância e a participação dos leigos, com uma teologia da experiência, uma teologia popular. Este padrão se consolidou e se solidificou como base de sua declaração de fé atual: “**Jesus salva, cura, batiza com o Espírito Santo e em breve voltará**”.⁶⁵

Portanto, apesar das dificuldades da implantação da educação teológica nas ADs, a importância do estudo da Teologia Pentecostal é reconhecidamente um requisito básico e elementar ao ofício pastoral. Embora, todas as dificuldades e objeções à educação teológica nas ADs, tal denominação reconhece a importância da participação dos leigos em tal desenvolvimento e crescimento da igreja.

2.6 Sinais de esperança e desesperanças para a Teologia Pentecostal

As dificuldades do ensino da teologia no âmbito pentecostal são inúmeras. Destacam-se apenas três mais intensas a partir de nossas experiências e vivências no âmbito acadêmico pentecostal: a **pobreza**; o **medo pelo desconhecido**; e o **preconceito a partir das más experiências de uma minoria**.

O que fazer e como enfrentar essas dificuldades? São questões em que Ruth Doris Lemos nos deixou um grande legado a partir de sua atuação no IBAD. Ruth Doris Lemos enfrentou todos esses problemas ao iniciar o ensino da teologia no âmbito pentecostal, em específico nas Assembleias de Deus. Mas nada disso a fez desviar o foco de sua missão.

2.6.1. Teologia em favor dos oprimidos

Trata-se de uma teologia que nasce a partir dos saberes do povo, a partir da experiência, uma teologia dos saberes orais e práticos. Essa teologia nasce às

⁶⁴ CONDE, Emílio. **História das Assembleias de Deus no Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2011. p. 8.

⁶⁵ SILVA, Esequias Soares da (Org.). **Declaração de Fé das Assembleias de Deus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017. p. 3.

margens dos espaços geradores dos lugares de aprender.⁶⁶ É uma teologia da experiência que contribui não só para a contemplação de Deus, a partir de suas próprias impressões, mas uma teologia que produz transformação social, de pessoas marginalizadas, oprimidas e exploradas, que a partir dessa contemplação e dessa experiência mudam de vida em todos os sentidos: espiritual, social, político e às vezes até econômicos.

Percebe-se que é uma teologia que assume uma metodologia interpretativa e contextual, uma “teologia da praça”.⁶⁷ “A América Latina, depois de séculos de histórias, já tem condições de traduzir a mensagem cristã através de uma teologia própria”.⁶⁸ É uma teologia em favor dos oprimidos em vários sentidos, econômico, social e religioso. “Hoje, a lição que a teologia europeia recebe dos teólogos latino-americanos é precisamente que a fé em Deus leva ao combate pela libertação e à defesa dos oprimidos”.⁶⁹

A novidade dessa experiência histórica, de uma teologia que surge em favor dos oprimidos sem perder sua essência crítica, entretanto, com uma ênfase muito mais mítica e religiosa, mediante um chamado divino, de um sonho e uma visão dada por Deus aos missionários João Kolenda Lemos e Ruth Doris Lemos, é que surge em 15 de outubro de 1958, data do nascimento do IBAD, com o objetivo de proporcionar aos jovens vocacionados a oportunidade de se preparem para melhor servir ao Senhor na sua obra. Antes de 1959, o que havia era a Teologia da Revolução de protestantes como Rubem Alves, Richard Shaull e outros, precursores da Teologia da Libertação. A defesa dos oprimidos na produção teológica pentecostal se dá num outro nível, o de chegar ao mundo dos pobres dando-lhes sentido, mas não se assemelha à Teologia da Libertação com a análise de classe,

⁶⁶ EGGERT, Edla. Qual a contribuição e os desafios da educação popular para a transformação social? In: TORRES, Fernando et al. **Teologia da Libertação e Educação Popular a caminho**. São Leopoldo: CEBI, [s.d.]. p. 95-96.

⁶⁷ Segundo Atos dos Apóstolos, 19,21-40, o evangelho anunciado por Paulo e seus companheiros provoca um motim na praça pública em Éfeso. O debate público é denominado de ekklesia – Igreja.

⁶⁸ RIBEIRO, Súsie. Da casa à praça. In: MURAD, Afonso; GOMES, Paulo Roberto; RIBEIRO, Súsie. **A casa da teologia: introdução ecumênica à ciência da fé**. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 191.

⁶⁹ “[...] Hoy em día, la lección que la teologia europea recibe de los teólogos latino-americanos es precisamente que la fe en Dios es que la lleva al combate por la liberación y la defensa de los oprimidos” (tradução nossa). GEFFRÉ, C. La teologia europea en el ocaso del eurocentrismo. **Selecciones de Teologia**, v. 28, n. 128, 1993. p. 288.

numa perspectiva mais política e social, diferente da perspectiva pentecostal, com uma perspectiva muito mais mítica e religiosa.

As fontes da Teologia Pentecostal se dão nos movimentos pentecostais da Suécia e dos Estados Unidos. No entanto, seu nascedouro é muito mais abrangente e complexo, afirma Pommerening.⁷⁰

Com respeito à salvação por meio da **justificação pela fé**, somos **luteranos**. Na forma do **batismo pelas águas**, somos **batistas**. Com respeito à **santificação**, somos **metodistas**. Em **evangelismo** agressivo, como o **Exército da Salvação**. Porém, com respeito ao **batismo no Espírito Santo**, somos **pentecostais!**⁷¹

Diante dessas questões, como manter a função crítica da teologia sem perder a essência vocacional do chamado missionário? A Teologia Pentecostal assume esse desafio: juntar a cientificidade crítica da teologia com a vocação pastoral pentecostal.

A crise da modernidade causa uma ruptura entre essas formas de pensamento pentecostal, mítico-religiosa para teológico-científica. São rupturas resultantes das transformações na sociedade moderna, que, além de se secularizar, se moderniza a partir de um pensamento mais crítico racional, bem mais humanista. Tais rupturas provocam crises e transformações no âmbito teológico pentecostal.

A filosofia, junto com as demais ciências, principalmente a sociologia, como interpretação do mundo, começa a dar lugar a um pensamento mais revolucionário que leve à sua transformação. A tarefa crítica da teologia, da filosofia e das demais ciências, afirma Marcondes, só pode ser exercida através de um pensamento que inclua uma análise sociológica, política, histórica e econômica da realidade.⁷²

Com a invasão da modernidade técnica no mundo, a importância da Teologia Pentecostal ganha um âmbito político e social. É uma teologia em favor dos pobres e dos oprimidos, uma teologia plural e interdependente das teologias latino-americanas.

⁷⁰ POMMERENING, 2017, p. 74.

⁷¹ BARRAT, Thomas Ball, apud OLIVEIRA, José de. *Breve história do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p.70.

⁷² MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. 13. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010. p. 240.

Tais características, decorrentes da revolução industrial, causaram uma série de mudanças no âmbito social, político, econômico e religioso. A estrutura social se modificara ocasionando mudanças nas relações entre os indivíduos a partir de suas realidades distintas. Tais conflitos, resultantes dessa nova configuração de relações trabalhistas, influenciados pelo capitalismo emergente, foram o ponto principal da nova organização do novo mundo.

O pensamento racional e o método cartesiano pavimentaram o caminho para os eventos que foram vistos como o ponto inicial da era moderna: a revolução industrial. A sociedade europeia passava por uma série de mudanças motivadas por grandes conflitos bélicos e ideológicos. As guerras napoleônicas estimularam a corrida armamentista, o que elevou a exigência por uma produção de bens materiais em maior escala. Os processos de cercamento, em que as terras de uso comunal passaram a ser privatizadas, empurraram os camponeses para os grandes centros urbanos. A ligação direta com a terra e o trabalho rural, pelo qual o camponês produzia seu sustento, foi cortada. As populações agrárias acumularam-se nas cidades e passaram a ter de vender sua força de trabalho nas grandes fábricas que se erguiam. Nesse ponto, vemos que toda a estrutura social que havia existido até então se modificara. As relações entre indivíduos tornaram-se diferentes na medida em que sua realidade tornava-se distinta. Costumes que antes se justificavam em mundo agrário e rural foram esquecidos ou se modificaram no meio urbano. Novos conflitos surgiram diante de uma nova configuração de relações trabalhistas e influenciados pelo capitalismo emergente, que foi o ponto principal da nova organização do mundo.⁷³

O “mundo novo” trouxe inúmeras influências ao mundo pentecostal, causando um impacto nessa nova forma de fazer teologia, partindo da experiência.

Libanio e Murad afirmam:

As suspeitas e as insatisfações em relação à teologia não se originam unicamente de fora, mas de suas próprias hostes. Os teólogos mostravam-se insatisfeitos com o tipo de teologia que predominava antes do Concílio Vaticano II, e ainda hoje se sentem perplexos.⁷⁴

Qual o lugar de ensino da teologia no âmbito pentecostal? Libanio e Murad alegam que os seminários teológicos significaram um relevante avanço na formação do clero, porém, depois transformaram-se em relativa prisão para a teologia, por reduzi-la somente à formação do ministro para o sistema eclesiástico, concentrando-

⁷³ RODRIGUES, Lucas de Oliveira. "O que é Modernidade?". **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/o-que-modernidade.htm>>. Acesso em: 21 set. 2019.

⁷⁴ LIBANIO; MURAD, 2014, p. 45.

se os estudos com a vida e a atividade clericais, ocasionando assim no mais profundo olvido, esquecimento.⁷⁵

Nota-se na teologia pentecostal assembleiana elementos presentes nos movimentos pietistas com a rigorosa ascese. Ou ainda, nos quacres, com a ênfase sobre movimentos corporais; nos metodistas (John Wesley) com a ênfase nas emoções e na santidade; em Charles Finney e Dwight L. Moody com a ênfase avivamentalista; em William H. Durhan, pregador dos movimentos de santidade e da segunda bênção; e nos batistas de onde procede grande parte dos dogmas. Amos Yong afirma que o método teológico pentecostal consegue ter sua vertente na teologia protestante tradicional em relação à autoridade das Escrituras, e na teologia liberal quanto à experiência que funciona para moldar o entendimento teológico.⁷⁶

A Teologia Pentecostal assembleiana consegue manter a posição tradicional protestante em relação à autoridade das Escrituras, mas, ao mesmo tempo, moldar o entendimento teológico com um aspecto teológico liberal, a experiência.

A Teologia Pentecostal de Ruth Doris Lemos buscava fazer uma teologia de saída dos campos universitários para uma teologia **do povo, a partir do povo, para o povo**. Uma teologia fora dos “muros”, não mais uma teologia de “ecos”. Uma Teologia Pentecostal assembleiana. Uma teologia que fosse acessível aos irmãos e irmãs pentecostais, que na maioria das vezes tinham chamado vocacional, mas não tinham condições para financiar seus estudos, muito menos de viajar para outros estados ou para outros países para estudar teologia.

Em uma das entrevistas com um membro da família, este mencionava, com a voz trêmula e muita emoção, o sacrifício que Ruth Doris Lemos e seu esposo João Kolenda Lemos tinham em patrocinar o Instituto Bíblico, pela falta de recursos e o baixo poder aquisitivo de seus estudantes, mas com uma grande chama pentecostal e vocacional para a obra missionária pastoral.⁷⁷

Libanio e Murad elencam algumas dificuldades que o estudante de teologia enfrenta no ensino de teologia. No âmbito pentecostal não é diferente, mas com algumas singularidades. As dificuldades de estudar teologia e ensinar teologia no âmbito pentecostal se dão por inúmeras razões. O perfil dos estudantes pentecostais é bem singular, principalmente no início da educação teológica na década de 50: jovens vocacionados; movidos pela chama do Espírito Santo; e

⁷⁵ LIBANIO; MURAD, 2014, p. 45-46.

⁷⁶ POMMERENING, 2017, p. 75.

⁷⁷ Familiar 1, Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 03 de dezembro de 2019.

cheios do ardor missionário pentecostal. Porém, são as mesmas dificuldades dos estudantes de teologia de uma forma geral. Destaco algumas dificuldades:

- a) Não se dava como uma “exigência” incontestável para a ordenação, apesar de que a educação teológica era vista pela grande maioria como “pecado”;
- b) A carga moderna da subjetividade. Vinha de compromissos pastorais e sociais. Exigia uma teologia que lhe respondesse à existência;
- c) Um perfil plural. Alguns tradicionais não só no corpo, mas sobretudo no espírito querem conservar a religiosidade tradicional por insegurança e medo da criticidade moderna. Outros conservam com toda pureza o corte religioso tradicional que querem cultivar no seminário e na vida presbiteral. Outros ainda, vindo de meios populares pobres, pretendem com ganas sair definitivamente dessa situação e encontrar um *status* reconhecido na sociedade;
- d) Jovens de hoje. A teologia faz parte do quadro de oportunidades a ser testado;
- e) Horizontes amplos. Aprenderam da modernidade a importância da razão, do estudo, da seriedade científica. Sensíveis aos problemas do momento atual, procuram na teologia respostas para si e para seus coetâneos. O estudo da teologia faz parte integrante de sua pastoral presente e de seu ministério futuro;
- f) Encaram a teologia na perspectiva social. Envolvidos na problemática social, esperam da teologia luz para sua atuação pastoral;
- g) Teologia com feição espiritualista. Dessimpatizam com todo tipo de teologia crítica a modo da teologia moderna europeia ou da Teologia da Libertação latino-americana;
- h) Teologia sem saber bem o que querem, ou “sem querer querendo”. Impregnados pela pós-modernidade. Sentem dificuldade com qualquer compromisso vinculante, seja existencial, seja intelectual;
- i) Estudantes leigos e leigas. Trazem outras expectativas e exigências. Teologia não faz parte de nenhuma exigência institucional. Aproximam-se dela por motivação pessoal, convicção, exigência interior. Aprofundamento da fé diante dos questionamentos da modernidade e da pós-modernidade, aprimoramento espiritual, exigências maiores da pastoral, consciência necessitada de explicar a responsabilidade se ser Igreja;
- j) Teologia como um futuro profissional. Aqueles que veem nela um futuro profissional, independentemente das exigências existenciais e da postura fundamental da fé.⁷⁸

⁷⁸ LIBANIO; MURAD, 2014, p. 47-49.

Deste modo, a teologia, assim como todas as ciências, com efeito, escapa às consequências do seu ponto de vista reflexivo, que lhe impõe assumir certa distância em relação à vida, distância que é indispensável para compreender a própria vida. Porém, apesar da distância necessária da ciência em relação à vida, a ciência jamais provoca, uma ruptura total com a vida ou com a relação sobre a vida.

Talvez, esta tenha sido a grande contribuição do movimento pentecostal, no âmbito dos menos favorecidos, de incluir e dar cidadania aqueles que estavam à margem da igreja, da sociedade e do mundo. De incluir e resgatar essas pessoas marginalizadas e desprezadas, dando a elas uma ressignificação e um novo sentido de vida. Uma vida digna, uma oportunidade de “*ser*” alguém, constituir uma família, oferecer um emprego digno e ressocializar não só no âmbito religioso, mas reintegrando-as à sociedade.

2.6.2. Objeções à educação teológica nas Assembleias de Deus

Como ensinar e fazer teologia no âmbito pentecostal, especificamente nas Assembleias de Deus? Qual o interesse dos pentecostais pela prática teológica? Por que a educação teológica é tão rejeitada no início pentecostal assembleiano? Quais as possibilidades concretas em sua reformulação no âmbito pentecostal assembleiano? São questões que fizeram parte deste longo caminho até aqui.

Libanio afirma:

[...] De fato o nosso espírito “teológico” ao deparar-se com seu objeto de reflexão carrega séculos de preconceitos, cujo desconhecimento desfigura o produto teológico. A teologia necessita, por isso, sofrer verdadeiro processo psicanalítico, para esconjurar uma série enorme de falácias, de erros sistemáticos, de confusões de níveis de leitura, de mistura semântica. Cabe, então, uma atitude de clarividência, de vigilância epistemológica.⁷⁹

Esse cuidado epistemológico foi uma das maiores vigilâncias de João Kolenda e Ruth Doris Lemos, no início do IBAD, apesar das objeções a uma educação teológica pentecostal.

A primeira tese apresentada por Libanio, no texto citado, explica de forma excelente a proposta de uma educação teológica pentecostal. “Há e deve haver uma

⁷⁹ LIBANIO, João Batista. **Teologia no Brasil: Reflexões crítico-metodológicas**. Perspectiva Teológica, São Leopoldo, v. 9, n.17, p.27-79, jan./jun., 1977, p.28.

distinção entre o ‘**lugar de fazer**’ e o ‘**lugar de ensinar**’ Teologia, ainda que ambos os lugares estejam intimamente relacionados”.⁸⁰

Libanio afirma que a teologia é um discurso teórico sobre a experiência de fé da comunidade eclesial, o **fazer teologia**, enquanto que sua tarefa é o aprendizado de construir este discurso sob a orientação de professores, o **ensinar teologia**.

Ruth Doris Lemos e seu esposo João Kolenda Lemos foram fundamentais na elaboração dessa Teologia Pentecostal assembleiana, a partir de um discurso teórico sobre a experiência de fé da comunidade eclesial, algo bem evidente e particular do movimento pentecostal. Ambos construíram, junto com alguns professores e professoras do IBAD, um aprendizado não só sob o aspecto teórico, mas principalmente prático, de suas vivências e experiências, proporcionando uma unidade real, objetiva e concreta do fazer e ensinar teologia.

O lugar de ensino define-se por sua dupla função de permissão e interdição. É o lugar de confronto com a tradição. Isso se dá a partir de uma contínua luta de compreensão com o passado, provocado por perguntas do presente. Especificamente, é comprometer o futuro do fazer teologia, gerando uma íntima relação entre esses dois lugares em que a educação teológica visa a capacitação do e da estudante a ser teólogo e ser teóloga. É uma educação teológica a partir de sua própria região, no meio dos problemas de sua Igreja local e de suas tradições religiosas. Portanto, uma teologia local, que responda aos problemas do seu momento e aos desafios do seu contexto.

Por isso o ensinar está também profundamente vinculado ao fazer Teologia. O lugar do ensino possibilita o conhecimento da maquinaria própria do processo produtivo teológico. Doutro lado, interdita a produção de uma Teologia sempre nova, resposta aos problemas pastorais do momento.⁸¹

Deste modo, é preciso pensar uma educação teológica que esteja contextualizada com os dilemas e problemas de sua realidade, de uma educação contextualizada com seus dilemas e problemas, onde ela esteja inserida, proporcionando e produzindo respostas, soluções, e não ecos. “Temos uma teologia ensinada, determinada pelos condicionamentos sócio-político-econômico-religiosos

⁸⁰ LIBANIO, 1989, p. 28 [grifo meu].

⁸¹ LIBANIO, 1989, p. 33.

da “classe clerical”.⁸² Libanio afirma que há alguns condicionamentos no ensino da teologia no Brasil, e no meio pentecostal não é diferente. Libanio aponta quatro condicionamentos que influenciam na educação teológica brasileira.

2.6.2.1 Condicionamento social

Condicionamento social é o padrão de comportamento de um indivíduo que foi modelado ou influenciado através do seu contexto, ambiente ou grupo social, família, educação, cultura e etc., ou seja, influências e condicionamentos que modelam o modo de ser de cada indivíduo. No âmbito educacional teológico, tais condicionamentos sociais influenciam na forma humana de ver, pensar e agir.

É um condicionamento que influencia no modo de ser das pessoas, por meio de uma subordinação da vontade humana a algum determinismo social, moral ou ideológico, por meio de um amplo conjunto de condicionantes e circunstâncias que compõem a consciência moral dos indivíduos através de um condicionamento cultural.

O condicionamento social da classe clerical manifesta-se ainda na escassa presença do "mundo" na problemática teológica. Sua condição clerical isola-a de atividades da maneira de viver dos problemas, que afetam diretamente os leigos. E mesmo quando assume os seus problemas, fá-lo a partir de sua ótica clerical, sem não leves deturpações.⁸³

Na educação teológica pentecostal das ADs não é diferente. O condicionamento social da classe clerical manifesta-se na problemática teológica. “Em suas origens, a AD brasileira privilegiava o apocaliticismo e uma radical separação em relação aos ‘de fora’ em razão de sua rígida condenação a tudo o que viesse do ‘mundo’”.⁸⁴

Qual o papel do teólogo e da teóloga pentecostal diante da sociedade? Não é somente compreender a natureza da verdade bíblica, mas estar conectado com as questões da atualidade. É pensar uma teologia não só envolvida com as questões internas, que são indispensáveis e funcionais, mas também com questões externas, ou seja, que estejam relacionadas com seu contexto sociocultural.⁸⁵

⁸² LIBANIO, 1989, p. 43.

⁸³ LIBANIO, 1989, p. 43-44.

⁸⁴ MAJEWSKI, 2012, p. 203.

⁸⁵ MAJEWSKI, 2012, p. 204-205.

2.6.2.2 Condicionamento político

Algumas formações teológicas eximem-se desta responsabilidade, interessando-se especialmente pela política próxima a seu universo de interesses, o que Libanio chama de uma formação de consciência apolítica.⁸⁶

A Teologia Pentecostal se destaca em algumas questões no âmbito teológico-político, ressaltando alguns aspectos, como:

- Igreja em busca do bem comum;
- Santificação como conduta responsável no espaço público e a santificação social;
- Escatologia como esperança e inspiração para uma ação realista e responsável.⁸⁷

2.6.2.3 Condicionamento econômico

No âmbito pentecostal, a educação teológica é limitada a pessoas de baixa renda, que muitas vezes não estão limitadas à questão religiosa. O fator econômico é condicionante à participação dos pentecostais no âmbito da educação teológica, limitando-os a seminários teológicos, que muitas vezes não têm uma qualificação acadêmica, produzindo uma teologia superficial.

O condicionamento econômico é um dos fatores predominantes na exclusão e marginalização dos pentecostais na participação de uma educação teológica.

2.6.2.4 Condicionamento religioso

No âmbito religioso, os interesses em volta do universo cultural religioso pentecostal são bem evidentes, manifestando-se em sua forma de fazer, pensar, executar e ensinar essa teologia. É preciso uma maior sensibilidade à gravidade e à imprescindibilidade dos problemas da sociedade moderna. São conseqüências de tal lugar onde a teologia é produzida, afirma Libanio.⁸⁸

O espaço religioso prevalecente choca-se facilmente com os problemas e interesses oriundos de uma sociedade conflitiva, marcada sobretudo pela

⁸⁶ LIBANIO, 1989, p. 44.

⁸⁷ MAJEWSKI, 2012, p. 212-222.

⁸⁸ LIBANIO, 1989, p. 46.

fundamental realidade do trabalho. Não deixa de ser sintomático como o universo do trabalho, com tudo que ele significa, é o grande ausente da Teologia. E vivemos uma sociedade onde os grandes problemas sócio-político-econômicos de qualquer modo que seja se encontram em conexão com o trabalho, sua divisão, sua remuneração, seu significado, etc... Um ambiente por demais marcado pela classe clerical, cujo centro de interesse se fecha, muitas vezes, em volta do universo cultural religioso, dificilmente poderá ser sensível à gravidade e imprescindibilidade dos problemas da sociedade moderna no tangente ao mundo do trabalho e outros aspectos.⁸⁹

O lugar onde essa teologia é produzida e pensada influencia sua forma de ser, de pensar e de fazer teologia. Libanio apresenta três características principais decorrentes do lugar onde essa teologia é ensinada:

- **Lugar seminarístico:** Caracteriza-se tal Teologia por sua intenção funcional e pragmática. Está voltada para a ação pastoral do estudante de Teologia, procurando dar-lhe já elementos sobretudo de ordem dogmático-sistemática e canônico-moral.⁹⁰

Funcional e pragmático no âmbito pastoral do estudante e da estudante é questão relevante na educação teológica pentecostal, como uma das principais prioridades. É um ensino de teologia sobretudo de ordem dogmático-sistemática, canônico-moral.

- **Lugar clerical:** Faz parte tal Teologia do universo institucional eclesiástico. Aí dentro exerce a função de legitimadora. Por isso, torna-se marcada pelo caráter dogmático, ortodoxo e intra-sistêmico. Sua preocupação volta-se para o rigor da verdade e não o vigor da vida. Isto a coloca numa situação de contínua auto- e hétero-censura. A função intra-sistêmica do teólogo pesa-lhe como uma responsabilidade de maior compromisso com a fidelidade doutrinal que com a criatividade e com o esforço novo em busca de novas respostas.⁹¹

Nesta perspectiva, o aspecto crítico e histórico da teologia cede lugar ao sistemático e dogmático. Uma preocupação maior ao rigor da verdade e não ao vigor da vida. Uma teologia com os “olhos nos céus”, mas sem os “pés no chão”; distante do mundo e da realidade onde está inserida. Uma teologia, que muitas vezes não atende ao clamor da sociedade em que está plantada.

- **Lugar acadêmico:** O aspecto acadêmico da Teologia fê-la mais orientada à problemática trazida pelos desafios dos intelectuais e não pelos do povo. Se alguns problemas além do mundo clerical tinham chance de perturbar a tranquilidade teológica, só poderiam ser aqueles

⁸⁹ LIBANIO, 1989, p. 45.

⁹⁰ LIBANIO, 1989, p. 46-47.

⁹¹ LIBANIO, 1989, p. 47-48.

que os teólogos encontravam nos seus contatos com a literatura culta da época. Em geral, restringiam-se às questões de ordem filosófica. Era, de fato, dos arrabaldes da Filosofia que se levantavam as vozes mais ouvidas pelos teólogos. Elas refletiam as interrogações de pequena elite pensante centro-europeia. Assim a Teologia acadêmica praticamente se reduzia a respondê-las. E nós, nos subúrbios da Teologia, repetíamos-las religiosamente, como se fossem os nossos grandes questionamentos.⁹²

São teologias de “ecos”, meras repetições, que não atendem aos desafios do povo, mas, sim, dos intelectuais, na maioria das vezes, distantes do mundo real e concreto. É uma teologia mais filosófico-metafísica, distante do mundo verdadeiro e palpável. São teologias que não respondem aos clamores da Igreja, muito menos da sociedade, teologias distantes dos problemas e das realidades do mundo autêntico e sensível.

Percebe-se que é uma teologia na qual o povo estava ausente, distante da realidade da vida e do meio social onde se fazia presente. Criava-se a sensação de que a teologia era um lugar soberano, onde nada a influência, nem problemas sociais, nem problemas políticos e muito menos questões reais fazem muita diferença. Produzia-se uma teologia que não influenciava muito em sua realidade e em seu mundo, uma teologia sem consciência crítica, sem uma relação com o contexto sócio-político onde se ensina, conforme afirma Libanio:

Na Teologia acadêmica o grande ausente era o povo. As comunidades eclesiais concretas na sua pequena problemática de fé, surgida da vida real que levavam, não conseguiam chegar com sua voz até a soleira das Instituições Teológicas. Com isso, a seleção de problemas, de estilo, de modo de tratar os temas, se fazia em função do próprio mundo acadêmico e não visava à vida do povo, em cujo meio os estudantes deveriam preparar-se para trabalhar. Uma teologia acadêmica faz-se pouco sensível ao lugar social em que se ensina. Cria-se a sensação de estar-se num lugar soberano, onde os problemas sociais, as opções de cunho sócio-político nada influenciam. Com isso não se favorece criação de uma consciência crítica, seja em relação à leitura intra-teológica da Tradição, seja em relação ao contexto sócio-político em que se ensina a Teologia.⁹³

É preciso fazer uma teologia que supere o lugar teológico europeu e se situe no âmbito latino-americano, uma teologia “nossa”, a partir de “cá”, de nossas realidades e problemas. Buscamos uma teologia própria latino-americana, que atenda suas reais necessidades.

⁹² LIBANIO, 1989, p. 48-49.

⁹³ LIBANIO, 1989, p. 49.

Para isso, criaram-se três modelos de compromissos com uma teologia com uma práxis libertadora:⁹⁴

O primeiro compromisso é **epistêmico**. Quer uma teologia que revalide seus métodos de conhecimento. Produz uma teologia a partir do conhecimento ou do saber como um tipo de experiência.

O segundo compromisso se dá na tentativa de **alternância** entre uma **prática libertadora** com uma **prática teórica**. É uma **práxis teológica**, uma teologia que se faz a partir de uma troca de experiências e de saberes, que se autocompletem, como uma troca de figurinhas para ambas completarem seus “álbuns de conhecimento”.

E o terceiro compromisso parte de um modo radical, de se viver junto ao povo assumindo uma **práxis de libertação**. É uma prática que resulta em uma boa teoria, mas uma teoria que não caia no vazio por não se concretizar. Nesta perspectiva, o lugar de ensino deverá ser continuamente enriquecido pela contínua produção própria de teologia, e não teologia de meras repetições, ecos.

2.7 O esquecimento de Ruth Doris Lemos na educação teológica das Assembleias de Deus no Brasil

Como fazer uma Teologia Pentecostal a “partir de cá”, do contexto latino-americano, brasileiro e pentecostal? Uma teologia que contemple as realidades e os problemas do contexto pentecostal brasileiro. É essa teologia que Ruth Doris Lemos e seu esposo, João Kolenda Lemos, propõem fazer, uma teologia pentecostal das Assembleias de Deus no Brasil.

Apesar de sua labuta, produção e legado, Ruth Doris Lemos tem sido esquecida no âmbito teológico pentecostal. Somente em 2016, a partir do início desse trabalho, propus-me a fazer uma pesquisa acadêmica que demonstrasse o valor e a contribuição de Ruth Doris Lemos para o âmbito teológico pentecostal.

Por que depois de tanto tempo? Pelo simples fato de ser mulher? Ou porque, além de ser mulher, era estrangeira? O preconceito em relação à participação da mulher na Igreja, no âmbito pentecostal das Assembleias de Deus, ainda é muito grande.

⁹⁴ LIBANIO, 1989, p. 72-74.

2.7.1 A experiência das mulheres como um critério de discernimento

A história de Ruth Doris Lemos retrata a condição da mulher no âmbito pentecostal. Era uma mulher, estrangeira, esquecida, ignorada que, mesmo apesar desses problemas, não se intimidou diante dessa realidade pentecostal machista.

Estamos diante de uma história de superação desses condicionamentos que permitiram forjar uma nova realidade no âmbito teológico pastoral assembleiano. Conforme Wanda Deifelt, o conceito de **experiência** é um elemento chave dentro da teoria e da prática feminista porque reconhece o papel dos eventos de vida e o envolvimento pessoal das mulheres nas formulações teóricas, a partir de suas experiências, de cunho histórico, político ou teológico.⁹⁵

A experiência de Ruth Doris Lemos começa com a particularidade de suas experiências de ser mulher, questionando as formulações neutras e universais, androcêntricas pentecostais. Seu exemplo representa, ainda que inconscientemente, o questionamento de formulações neutras e universais impostas como gerais.

A história de Ruth Doris Lemos questiona e confronta, ainda que indiretamente, que a única experiência a ser tomada como norma seja a do homem branco cristão, pois é da essência do próprio movimento pentecostal, uma história a partir da realidade de pessoas negras e pobres. É uma experiência de fé que reivindica, ainda que inconscientemente, o direito dos pobres e marginalizados pela sociedade.

[...] É o caso clássico do emprego da palavra *homem* para designar todos os seres humanos. Assim, o feminismo, e em particular a teologia feminista, tenta incluir outras experiências que tomem em conta questões de sexo, raça, classe e religião, apresentando uma gama de novas interpretações. Em vez de ser universal, o feminismo tenta ser plural.⁹⁶

A Teologia Feminista propõe uma mudança de paradigmas, em que uma perspectiva teológica do ser humano masculino não seja a única norma para representar Deus e o ministério eclesialístico.

É uma teologia que reivindica os papéis sociais masculinos e ao mesmo tempo propõe uma redefinição dos papéis femininos. A hermenêutica feminista

⁹⁵ DEIFELT, Wanda. Temas e metodologias da teologia feminista. In: SOTER (Org.) **Gênero e teologia: interpelações e perspectivas**. São Paulo: Paulinas; Loyola; SOTER, 2003. p. 175.

⁹⁶ DEIFELT, 2003, p. 175.

correlaciona as experiências das mulheres com os outros saberes além da Bíblia, saberes que trazem um novo olhar, uma nova visão de mundo, uma nova forma de ser mulher.⁹⁷

A experiência de Ruth Doris Lemos, como das mulheres pentecostais assembleianas, demonstra que todo ponto de vista parte de sua particularidade, de suas percepções e experiências, das vivências e experimentações que cada um e cada uma tem de sua existência. “A teologia feminista tem como ponto de partida as experiências das mulheres. Como tal, ela tenta evitar generalizações e insiste em que a particularidade seja reconhecida”.⁹⁸

Deifelt propõe uma metodologia com um caráter contínuo do processo de análise, discernimento e estabelecimento de novas propostas para se pensar e fazer teologia, a partir de uma nova perspectiva e de uma nova experiência, uma Teologia Feminista a partir de suas próprias impressões, em três passos:

O primeiro passo é a **tomada de consciência** do caráter não-normativo das mulheres em relação ao corpo literário tradicional. O segundo passo é a **descoberta de que as mulheres estão presentes nessa literatura**, com temas e perspectivas próprias. Essa literatura, porém, encontra-se soterrada sob uma pilha de entulhos androcêntricos e patriarcais e precisa ser resgatada. O terceiro passo é a **reivindicação** não só de que as experiências das mulheres e os escritos sobre mulheres sejam reconhecidos, mas também que o modo como tradicionalmente se avaliam escritos seja mudado, propondo, assim, **novos temas e abordagens**.⁹⁹

A Teologia Feminista tem a **consciência de exclusão**, com o reconhecimento da marginalização da mulher na História e na literatura; uma teologia de uma **tradição de “nós mesmas”**, que reconhece as mulheres como participantes da História, da cultura, da sociedade e da Igreja; e uma teologia que **reconheça as tradições alternativas**, na tentativa de formular novas propostas que sejam aceitáveis sob o ponto de vista feminista.

Ruth Doris Lemos e João Kolenda Lemos iniciam uma nova fase do ensino teológico pentecostal, até então marcado por estudos bíblico-devocionais, mas a partir de agora de forma mais organizada e sistematizada.¹⁰⁰

⁹⁷ DEIFELT, 2003, p. 176-177.

⁹⁸ DEIFELT, 2003, p. 178.

⁹⁹ DEIFELT, 2003, p. 178. Grifo nosso.

¹⁰⁰ POMMERENING, 2017, p. 70.

A história do movimento pentecostal havia excluído totalmente a participação feminina. A história de Ruth Doris Lemos vem exatamente reescrever e incluir a participação das mulheres na educação teológica pentecostal. Essa história reivindica a participação das mulheres, ainda que restrita e delimitada, no âmbito pentecostal, principalmente no âmbito educacional.

A história de Ruth Doris Lemos demonstra a emancipação da mulher pentecostal, embora num contexto patriarcal que impõe muitas limitações à participação efetiva delas. “A emancipação da mulher faz parte dos direitos humanos, exigidos no processo da modernidade como questão de justiça e equidade”.¹⁰¹. Assim, Ruth Doris Lemos abre perspectivas um tanto distantes das características expostas acima quando citamos Wanda Deifelt.

Através da educação teológica, Ruth Doris Lemos rompe preconceitos e provoca rupturas no mundo acadêmico teológico pentecostal promovendo a emancipação da mulher pentecostal através da educação. Desta forma, foi uma mulher ousada que desconstruiu, mais pela prática do que pela teoria, padrões imutáveis, a partir da atribuição de papéis à mulher segundo mentalidades e regras sexistas, patriarcalistas e autoritárias.¹⁰²

2.7.2 Gênero e ministérios nas Assembleias de Deus no Brasil

Discutir gênero e educação teológica pentecostal, a partir de uma história de vida, em específico de Ruth Doris Lemos, é um grande desafio. Trazer gênero como categoria de análise, segundo a perspectiva das mulheres, é romper com as invisibilidades, em específico, no âmbito educacional teológico. Paixão afirma que tal discussão propõe o rompimento da invisibilidade das mulheres e com exclusões não confessadas.¹⁰³

Gênero é uma questão fundamental para entender a situação das mulheres nas Assembleias de Deus hoje. “Não existe um acordo definitivo sobre o conceito ‘gênero’. A sua utilização é recente, e o feminismo foi o movimento que abriu espaço

¹⁰¹ DOMEZI, Maria Cecília. **Mulheres do concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2016. p. 23.

¹⁰² DOMEZI, 2016, p. 32.

¹⁰³ PAIXÃO, Márcia Eliane Leindcker da Paixão. Narrativas de vida: Mulheres que aprendem e transformam suas histórias. In: MUSSKOPF, André; BLASI, Marcia. (Orgs.). **Ainda feminismo e gênero: histórias, gênero e sexualidade, sexismo, violência e políticas públicas, religião e teologia**. São Leopoldo: CEBl, 2014. p. 23.

para utilizar o conceito e desenvolver estudos, reflexões e teorias dos sistemas de gênero”.¹⁰⁴

Para mudar situações marcadas pela injustiça, é necessário compreender as contradições e os antagonismos que marcam tais relações sociais, afirma Paixão.¹⁰⁵ Portanto, “[...] o conceito de gênero não é só um instrumento de análise, mas também um ‘instrumento de autoconstrução feminina e de tentativa de construção de relações sociais mais fundadas na justiça e na igualdade, a partir do respeito à diferença’”.¹⁰⁶

Em sua vida acadêmica, Ruth Doris Lemos viveu situações relacionadas ao gênero com o intuito de mostrar como as relações entre homens e mulheres funcionam no âmbito pentecostal, como afirma Paixão, “para manter a ‘ordem social’ e vislumbrar mudanças significativas”.¹⁰⁷

A construção social dos atributos dados a mulheres e homens, em determinada cultura ou contexto, não é ditada somente pela biologia. Ser homem e ser mulher não é só uma questão de sexo, mas consiste em uma elaborada teia de informações que vamos recebendo desde antes de nosso nascimento, que nos informa sobre quais as atitudes esperadas da parte de mulheres e homens. Estes valores são reproduzidos através da educação que recebemos na família, na escola, na igreja e através dos meios de comunicação.¹⁰⁸

A performatividade de gênero propõe mudanças de comportamentos de lugar para lugar e de época para época, descreve Deifelt: “as relações de gênero descrevem as construções sociais e culturais na constituição do mundo e dos sujeitos de modo a justificar, estipular e naturalizar estruturas sociais como corpo, sexo e diferenças entre homens e mulheres”.¹⁰⁹

O enunciado performativo de gênero, proposto por Judith Butler, descrito por Deifelt, pretende afirmar que o gênero é constituído como uma sequência de atos

¹⁰⁴ PAIXÃO, 2014, p. 23.

¹⁰⁵ PAIXÃO, 2014, p. 23.

¹⁰⁶ GEBARA, Ivone. **Rompendo o Silêncio**: uma fenomenologia feminista do mal. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2000, apud PAIXÃO, 2014, p. 23.

¹⁰⁷ PAIXÃO, 2014, p. 23.

¹⁰⁸ DEIFELT, Wanda. Do paraíso ao inferno: gênero, simbolismo e poder. In: BLASI, Marcia [et al.]. **Mulheres fazem teologia**: rede de mulheres e justiça de gênero da América Latina e Caribe – FLM. Rio de Janeiro: Metanoia, 2018. p. 20.

¹⁰⁹ DEIFELT, 2018, p. 20-21.

cuja coerência é estabelecida no interior de uma rígida estrutura reguladora, que lhe garante uma continuidade.¹¹⁰

Deste modo, o acesso à educação, em específico teológica, mas não somente ela, teve um importante papel no avanço das mulheres pentecostais, já que ela é vista como uma ameaça ao poder patriarcal que possibilita um despertar da consciência das mulheres pentecostais. “A desconstrução de estereótipos de gênero não se dá somente pela racionalidade, mas também pelo nível subjetivo e simbólico”.¹¹¹

Em uma das entrevistas com um familiar de Ruth Doris Lemos, ele afirmava que ela tinha consciência desse nível subjetivo e simbólico, fazendo questão de sentar no púlpito e ministrar a palavra, expor sermões, no lugar de seu marido, João Kolenda, exatamente para confrontar tais ideologias.¹¹² Contudo, é necessário destacar que este lugar próximo ao púlpito é uma concessão por ser, talvez, esposa do pastor Kolenda, guardando, desta forma, as ambiguidades nos processo de libertação.

O feminismo teológico tem uma grande importância na transformação das culturas, na medida em que desobriga as mulheres de obedecerem à ordem estabelecida de certas crenças religiosas patriarcais. Tenta empoderá-las de outra forma, a partir da proposta de outros significados e interpretações de sua tradição. O mundo religioso patriarcal mantém hierarquias e privilegia o poder de decisão masculino, sobretudo sobre os corpos e as mentes femininas. Consola e controla. Alivia e sobrecarrega. Ama e odeia. O problema não está em sublinhar a instituição religiosa como instituição que apenas busca o bem. Mas o que seria o bem para as mulheres? O feminismo nos convida a observar de novo a vida, a observar como os princípios e as crenças religiosas se aplicam à diversidade de indivíduos.¹¹³

Deste modo, a Teologia Feminista nos convida a perceber, a partir do senso crítico, um despertar da consciência do pesadelo de muitos séculos, inclusive no âmbito pentecostal. Pois, obediência e liberdade, no âmbito ministerial e teológico assembleiano, parecem palavras opostas e até contraditórias.

Mas as imposições sociais e familiares feitas não partiam de “dentro”. Eram de fora, gritadas, declaradas, obrigadas, negociadas, impostas a ferro e fogo. As mulheres percebiam que aquilo não era obediência, era

¹¹⁰ DEIFELT, 2018, p. 20.

¹¹¹ DEIFELT, 2018, p. 23.

¹¹² Familiar 2. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 11 de julho de 2019.

¹¹³ GEBARA, Ivone. **Mulheres, religião e poder: ensaios feministas**. São Paulo: Terceira Via, 2017. p. 12.

desobediência a elas mesmas, à sua voz interior, aos gemidos de seus corpos, às doçuras de seus sonhos. Estava na hora de obedecer! E estava na hora de desobedecer!¹¹⁴

Tal despertar da consciência crítica se dá a partir de uma experiência de que algo não está funcionando como deveria, afirma Gebara. Tal despertar da consciência das mulheres pentecostais assembleianas, em específico de Ruth Doris Lemos, demonstra um passo qualitativo na história das Assembleias de Deus a partir do qual se descobre de forma mais crítica nossa capacidade de afirmar a liberdade de muitos jeitos e formas, em específico neste caso, a partir da educação teológica.¹¹⁵

Percebe-se, no âmbito ministerial pentecostal assembleiano, que muitas mulheres ainda não despertaram essa consciência. Contudo, reconhece-se que algumas delas entraram nessa luta. Ruth Doris Lemos seria uma dessas mulheres que “foram capazes de abrir caminhos para pensar e repensar a própria vida muitas vezes através das teorias masculinas nas quais estavam ausentes”.¹¹⁶

Foi uma luta que custou não só um preço social, mas que trouxe abalos psíquicos, emocionais e religiosos. Porém, nem por isso Ruth Doris Lemos desistiu dessa luta. Por isso, pesquisar sobre a contribuição desta mulher para a educação teológica pentecostal é partilhar da dor dos processos de libertação de ontem, com uma tomada de consciência de hoje e incertezas do amanhã.

Nem sempre esse sofrimento inerente a qualquer processo libertário é contado. Não se fala do preço pago ou do preço que continua sendo pago por aquelas cuja vida nem sempre foi interessante para a história patriarcal. Por essa razão vale lembrar tudo isso, tocar pela palavra e pela memória algumas dolorosas histórias, como um passo reflexivo inicial. Trata-se quase de uma condição prévia para que possamos entrar com respeito e com cuidado nas muitas lutas atuais pela dignidade das mulheres e da humanidade.¹¹⁷

O sonho de mudar a Teologia Pentecostal e de reconstruir uma Igreja plural ainda está vivo e continua recomeçando constantemente. A história da Teologia Pentecostal assembleiana tem muitos avanços e recuos quando se trata da participação feminina.

¹¹⁴ GEBARA, 2017, p. 16.

¹¹⁵ GEBARA, 2017, p. 16.

¹¹⁶ GEBARA, 2017, p. 17.

¹¹⁷ GEBARA, 2017, p. 18.

A luta da Igreja contra as mulheres não é de hoje. A resistência cultural e teológica a mudanças das coisas julgadas de “direito divino” é extremamente arraigada em nossa razão, nas nossas emoções, nos nossos hábitos e instituições, afirma Gebara.¹¹⁸

Que pena que as mulheres pentecostais quase não falam nas teologias masculinas pentecostais. Uma das maiores evidências é essa atual pesquisa: um teólogo, homem, falando sobre uma mulher e sua contribuição para a educação teológica pentecostal.

As mulheres quase não falam, nas teologias masculinas. Delas se fala e para elas se dá ordens e tarefas. Quem sabe o futuro nos guarda surpresa? A teologia feminista abriu espaços para a recuperação da religião das mulheres e da história religiosa das mulheres, da Bíblia das mulheres, do sagrado das mulheres em meio à hegemonia do poder religioso patriarcal nas instituições religiosas. A continuação desse processo, cheio de altos e baixos, é um desafio para todas nós hoje e amanhã.¹¹⁹

Quem sabe amanhã as mulheres pentecostais escrevam suas próprias histórias a partir de suas próprias experiências.

Até onde vai o limite dos poderes femininos no pentecostalismo e seu exercício? Qual o lugar das mulheres na Teologia Pentecostal? Até onde vai o limite dessa participação feminina efetiva nas igrejas pentecostais?

São questões para as quais não se tem uma resposta conclusiva. Embora a participação das mulheres nos micropoderes da religião seja evidente e enfática, nos macropoderes em questões decisivas nas instituições sociais e religiosas ainda é muito limitado.¹²⁰

Nossas funções, papéis sociais, educação e até os nossos sonhos pareciam ordenados por um sistema dominado pela hierarquia masculina. A partir daí assistimos a presença entre nós de uma degeneração da nossa biologia sexuada binariamente através do que se convenceu chamar “sexismo”, isto é, a dominação de um sexo sobre o outro.¹²¹

É uma tomada de consciência, que Ruth Doris Lemos praticava, de que as mulheres podem, devem e sabem fazer teologia, uma Teologia Pentecostal, a qual

¹¹⁸ GEBARA, 2017, p. 116.

¹¹⁹ GEBARA, 2017, p. 125.

¹²⁰ GEBARA, 2017, p. 163-164.

¹²¹ GEBARA, Ivone. **Filosofia feminista**: uma brevíssima introdução. São Paulo: Terceira Via, 2017. p. 63.

rompe com as tradições impostas e desafia as leis pré-estabelecidas pelo domínio patriarcal. “Portanto, conhecer os instrumentais de gênero e ter espaços de aprendizagens são elementos estratégicos de igualdade política e social que as mulheres *ainda* precisam aprender, conhecer e ressignificar”.¹²²

Ruth Doris Lemos propõe um caminhar por si mesma, tentando libertar-se das “correntes que a prendem”, impossibilitando de fazer uma Teologia Pentecostal a partir de uma perspectiva feminista. “[...] Por isso, trazer a hermenêutica feminista para o debate das exclusões e dominações é alavancar formas de igualdade política e social entre homens e as mulheres no campo específico da academia”.¹²³

Ainda há um longo caminho a percorrer para que homens e mulheres possam viver em total harmonia na Teologia Pentecostal, sem discriminação e preconceitos, transformando suas realidades e comunidades. Caminhos difíceis de percorrer, mas necessários para manter viva a esperança.

2.7.3 Educação teológica para mulheres: um passo decisivo para a educação teológica pentecostal assembleiana

Ruth Doris Lemos é uma mulher educando mulheres com uma Teologia Pentecostal. Ela mostra que é possível a participação feminina na educação teológica pentecostal. Ela rompe com grandes paradigmas dando um passo decisivo neste longo processo de mudanças e, ao mesmo tempo, mostrando que não precisa perder sua identidade, suas crenças e seus valores pentecostais ao estudar teologia.

Se é verdade que uma das grandes tarefas do movimento feminista nos diferentes países foi o de formar uma nova cultura marcada pela igualdade política e social dos gêneros, pela formação de mulheres capazes de decidir e influir sobre o rumo de suas vidas e de seus países, é bom lembrar que houve uma história de mulheres educadoras antes dessa geração crítica de hoje. E essa história anterior foi marcada pelo modelo feminino cristão reproduzido e ensinado também pelas mulheres.¹²⁴

Essa nova cultura teológica no âmbito pentecostal rompe muitos paradigmas. “O que parece incontestável é que o feminismo abriu as portas para

¹²² PAIXÃO, 2014, p. 24.

¹²³ PAIXÃO, 2014, p. 26.

¹²⁴ GEBARA, 2017, p.125-126.

uma nova educação de mulheres por mulheres fugindo dos modelos tradicionais”.¹²⁵ Assim, uma mulher, estrangeira, educando futuros pastores e pastoras, na maioria homens, em uma tradição pentecostal, é um sinal de contradição num universo pentecostal masculino.

Ruth Doris Lemos consegue romper barreiras, até então intransponíveis. O tempo presente tem mostrado efeitos dessas resistências. Algumas convenções estaduais já consagram mulheres ao ministério pastoral nas Assembleias de Deus. O caso mais emblemático seria a criação de uma nova Convenção Nacional das Assembleias de Deus, a CADB¹²⁶, com uma das justificativas, a ordenação feminina ao ministério pastoral. São questões que Ruth Doris Lemos defendia em sua educação teológica, mas infelizmente não pode viver até que seu sonho se tornasse realidade.

Uma educação que ensina a ler e escrever teologicamente e que proporciona uma “visão além do alcance”, uma visão crítica, que proporcione uma consciência de si mesmo, é um passo importante, significativo, mesmo cheio de ambiguidades.

A história de Ruth Doris Lemos é bem parecida com a história de muitas mulheres assembleianas, marcada de um sentimento de não pertença, de ser estrangeira, de inadequação na própria igreja. Ela não se conformou ao buscar na formação teológica o papel que lhe foi negado com o pastorado.

Ruth Doris Lemos reconhece a educação teológica como um papel fundamental no reconhecimento dos direitos das mulheres. Trata-se de aprender a ler e a escrever, também teologicamente, como passo decisivo rumo ao reconhecimento e à valoração do ser humano, de ser mulher, uma mulher pentecostal.¹²⁷

É uma educação teológica com uma pedagogia inovadora que possibilitava a participação feminina, em um ambiente onde a mulher não tinha espaço, nem vez. Era uma teologia não só com os “olhos nos céus”, mas uma teologia participativa da vida concreta. **Uma Teologia Pentecostal de inclusão das mulheres.** “As

¹²⁵ GEBARA, 2017, p.131.

¹²⁶ CONVENÇÃO DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL, criada em 2017.

¹²⁷ DEIFELT, Wanda. Educação teológica para mulheres: um passo decisivo rumo à cidadania eclesial. In: SOTER (Org.) **Gênero e teologia**: interpelações e perspectivas. São Paulo: Paulinas; Loyola; SOTER, 2003. p. 266.

mulheres, assim como outros grupos historicamente excluídos, assumem atualmente um novo papel na educação teológica”.¹²⁸ No âmbito pentecostal, Ruth Doris Lemos é uma das pioneiras que inicia esse processo de inclusão através da educação.

Deifelt afirma que a prática pedagógica de Jesus era uma prática acolhedora que gerava transformações, não só no âmbito religioso, mas social, político e econômico. Desta forma, a educação que propõe uma nova percepção de si mesma, de sua realidade e de seu papel no mundo dá um passo significativo na emancipação das mulheres e dos homens estudantes. Era a educação que Ruth Doris Lemos proporcionava, não supérflua, mas transformadora, pois saber e poder andam de mãos dadas.¹²⁹

Através da educação teológica, Ruth Doris Lemos proporcionou cidadania para as mulheres pentecostais, especialmente no espaço eclesiástico. Não proporcionou só uma educação libertadora, mas também uma educação que concedeu às mulheres pentecostais cidadania, direitos e deveres religiosos, civis e políticos¹³⁰ em níveis bastante diferenciados, não obstante os limites da sociedade patriarcal.

A educação teológica concretizada por Ruth Doris Lemos oferecia às mulheres pentecostais assembleianas acesso à educação como uma dimensão cidadã, a qual

[...] rompe com o determinismo biológico que reduzia as mulheres a meras reprodutoras, seres inferiores, incapacitadas de qualquer pensamento autônomo. [...] por serem privadas de educação, as mulheres são fadadas à infantilidade. Refuta a ideia de que as mulheres são por natureza menos capazes. Questionando os argumentos do filósofo Rousseau, discorda que, por natureza, o homem pertença ao mundo exterior (o mundo público, da cultura) e a mulher ao mundo interior (doméstico, da reprodução).¹³¹

A educação desenvolve a autonomia do indivíduo, proporcionando uma superação dessa dicotomia entre mundo público e mundo privado, um mundo exclusivo aos homens e um mundo exclusivo para as mulheres. Conforme Gálatas 3.28: “Destarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus”.

¹²⁸ DEIFELT, 2003, p. 267. [nota de rodapé].

¹²⁹ DEIFELT, 2003, p. 268.

¹³⁰ DEIFELT, 2003, p. 269.

¹³¹ DEIFELT, 2003, p. 272.

Até o século XIX, a educação era privilégio somente do sexo masculino e das elites. [...] Educação para meninas era considerada um desperdício. A mulher estava fadada a ser dona-de-casa e mãe de família, tarefas para as quais não precisava de educação. [...] a educação era o acesso das mulheres à cidadania. Por natureza, nenhum ser humano sabe mais do que o outro. O que existe é o maior ou menor acesso à educação.¹³²

A educação teológica e a consciência de gênero ainda são um desafio para o movimento pentecostal. Ruth Doris Lemos propõe uma educação teológica para a vida que lide com os propósitos reais, uma educação que desperte a consciência das mulheres.

A história de Ruth Doris Lemos é uma história que rompe com a dominação masculina no âmbito teológico pentecostal e eclesial. Não só transforma e eleva a consciência das mulheres pentecostais, mas a realidade da educação teológica pentecostal. Ruth Doris Lemos é uma mulher, estrangeira que lutou por uma educação teológica pentecostal brasileira. O impacto de sua atuação docente possibilitou a emancipação de mulheres pentecostais e um novo perfil inclusivo na educação teológica pentecostal transformadora.¹³³

Uma educação teológica que utiliza a análise das relações de gênero valoriza os conhecimentos que vêm do **cotidiano**, da **realidade da vida**, dando oportunidade de **sistematizar as experiências de opressão e libertação feitas na prática**.¹³⁴

A educação teológica pentecostal deve muito a Ruth Doris Lemos, que ocasionou a passagem da religiosidade experiencial para o pensamento teológico científico sem desconsiderar as experiências espirituais, como já afirmamos algumas vezes acima.

Como já aventamos na introdução deste trabalho, a fase embrionária das análises da formação teológica acadêmica no meio pentecostal brasileiro exige a busca de referências teológicas em tradições católicas e protestantes, sem o intuito de retroprojetar ao período de atuação de Ruth Doris Lemos tais conceitos, os quais nos permitem abrir o debate sem um caráter comparativo. Assim, este capítulo tentou ser um roteiro de temas a serem analisados nos próximos capítulos.

¹³² DEIFELT, 2003, p. 273.

¹³³ STEIN, Susana Albornoz. **Por uma educação libertadora**. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 82-94.

¹³⁴ DEIFELT, 2003, p. 278. [grifo nosso].

3 O PAPEL DE RUTH DORIS LEMOS NA EDUCAÇÃO TEOLÓGICA PENTECOSTAL

Qual o papel de Ruth Doris Lemos na educação teológica pentecostal? O que é o IBAD? Qual a contribuição do IBAD na educação teológica pentecostal? Qual o legado de Ruth Doris Lemos para a Teologia Pentecostal assembleiana?

Para iniciar tais análises, partimos do âmbito geral para o âmbito particular, começando com os **aspectos globais do pentecostalismo latino-americano**.

Alguns fatores, como a falta de documentação, sobre o pentecostalismo na América Latina, como descreve Rolim, dificultam a pesquisa sobre este tema, principalmente no âmbito da educação teológica. “O crescimento pentecostal não foi nem é fenômeno particularizado a este ou àquele país. É fenômeno generalizado às nações da América Latina”.¹³⁵ Mas não só. A obra clássica do pentecostal Hellenweger – *The Pentecostals*¹³⁶ – mostra a expansão do pentecostalismo na África do Sul, na Europa, além de na América do Norte e no Brasil. A referida obra não traz considerações sobre a Ásia. Mas voltemos para a avaliação de Rolim.

Essa expansão pentecostal que, embora mais expressiva em alguns países e menos em outros, responde, sem dúvida, pelo crescimento dos evangélicos na área latino-americana, encontra-se de fato associada a várias **ocorrências histórico-políticas**, a partir dos anos 60. Tais ocorrências abrangem **elementos** tanto **internos** a cada país como **externos**. Os primeiros, chamados **endógenos**, são **culturais, econômicos e políticos com particularidades de cada país**. Os segundos, **exógenos**, são da esfera **transcontinental**. São fatos inegáveis que nos inclinam a pensar na **relação entre expansão pentecostal e a política de dominação norte-americana**.¹³⁷

Tais ocorrências histórico-políticas, que se dão a partir da década de 60, trazem alguns elementos, internos e externos, que influenciam na expansão pentecostal latino-americana. Primeiro há os **fatores exógenos**, que se dão na esfera transcontinental e, em segundo, os **fatores endógenos**, que são as questões culturais, econômicas e políticas, principalmente no Brasil, naquela década em que

¹³⁵ ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostalismo**: Brasil e América Latina. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 131.

¹³⁶ HOLLENWEGER, Walter. **The Pentecostals**. Minneapolis, Minnesota: Augsburg Publishing House, 1972. Só no final da redação tivemos acesso ao texto de Hollenweger que fala sobre a História, a doutrina e a expansão do pentecostalismo no mundo.

¹³⁷ ROLIM, 1994, p. 132. Grifo nosso.

principalmente as questões econômicas atraíram o resto do mundo, principalmente nas regiões norte e nordeste com o auge do ciclo da borracha.

Na **relação entre expansão pentecostal e a política de dominação norte-americana**, conforme Rolim relata, é que se nota a presença de Ruth Doris Lemos, norte americana, com uma paixão missionária. Porém, tal relação de expansão pentecostal é bem evidente na política de dominação norte-americana, como descreve Alencar: **“Ruth Doris Lemos: a pastora americana que virou auxiliar”**.¹³⁸

O pentecostalismo no Brasil tem alguns **traços gerais**. O pentecostalismo que veio para o Brasil é um movimento de pobres, com uma religiosidade devocional e com condicionantes sociais.

Sem dúvida, é esclarecedor da conduta social e religiosa do pentecostalismo no Brasil saber que ele é herança de um tipo de religião norte-americana, dissociada de qualquer compromisso sócio-político. Batismo no Espírito Santo, crença no poder de Deus, crença e esperança no milênio, cultos espontâneos e cheios de emoção, formavam um conjunto fechado e sem abertura para o social, já no início do pentecostalismo brasileiro.¹³⁹

A Assembleia de Deus traz uma grande contribuição no âmbito social e religioso brasileiro, afirma Rolim. “Ultrapassar essas barreiras sociais e religiosas a um tempo não deixava de ser penoso para os devotos pobres. Pesava sobre eles uma dupla opressão: a religiosa e a de caráter econômico-social”.¹⁴⁰ Exatamente com essa contribuição é que Ruth Doris Lemos surge como relevante, apesar de não ser feminista, mas uma mulher pioneira na educação teológica pentecostal que contribuiu no rompimento dessas barreiras sociais e religiosas.

Deste modo, o **pentecostalismo e Ruth Doris Lemos trouxeram, sim, grandes transformações através da educação teológica**. Essa educação trouxe consequências, ainda que não imediatas, como esta pesquisa para o doutorado - na área de concentração religião e educação, do projeto de Doutorado Interinstitucional (DINTER¹⁴¹) da Faculdades EST, com o título: “A contribuição de Ruth Doris Lemos

¹³⁸ ALENCAR, Gedeon Freire de. Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus 1911-2011. **Novos Diálogos**, Rio de Janeiro, 2013. p. 187.

¹³⁹ ROLIM, 1994, p. 33.

¹⁴⁰ ROLIM, 1994, p. 33.

¹⁴¹ O Doutorado Interinstitucional (DINTER) é regulamentado pela Portaria nº 75, de 08/06/2015, publicada no DOU em 09/06/2015, da CAPES. Seguindo esta regulamentação, o Programa de Pós-Graduação da EST, em parceria com a Faculdade Boas Novas de Ciências Teológicas, Sociais e Biotecnológicas (FBNCTSB), em Manaus/AM, submeteu uma proposta de DINTER, a

(1925-2008) para a educação teológica nas Assembleias de Deus no Brasil” - , que retrata a importância de uma mulher na educação teológica pentecostal e tantos outros projetos que se deram no decorrer dos anos no âmbito educacional teológico pentecostal. São consequências sociais, políticas e religiosas, de sua presença missionária no mundo dos pobres e excluídos, em especial no mundo das mulheres pentecostais. Grande parte de seus 83 anos de vida ela dedicou ao magistério em teologia, conforme relata López:

Estamos então diante de um novo momento na história do movimento pentecostal. Os estudos de caso descritos e avaliados neste livro são sinais claros de que dentro do povo pentecostal há um processo de conscientização sobre a responsabilidade social e política dos crentes. Afirmamos que, de fato, existe um despertar da consciência social na própria base das comunidades pentecostais, fato que procuramos ilustrar e explicar nos três capítulos que moldam este livro.¹⁴²

Portanto, Ruth Doris Lemos teve um papel importantíssimo na educação teológica pentecostal, despertando a consciência de homens e mulheres para a atuação missionária no âmbito latino-americano, mais específico, no Brasil.

3.1 IBAD: História, relatos e formação teológica pentecostal

A prática educacional é de fundamental importância para uma instituição que projeta para si a perpetuidade de seus ideais e práticas. A Assembleia de Deus junto com a Congregação Cristã do Brasil, representantes do Pentecostalismo clássico,

qual foi aprovada pela Comissão de Consultores da Área de Filosofia-Teologia da CAPES, comunicada através do Portal Sucupira, na data de 16/12/2015, tendo sua implementação iniciada em março de 2016. Os projetos de pesquisa dos/as discentes deverão ser desenvolvidos na área de Concentração **Religião e Educação**. A **Linha de Pesquisa** é “Fenômeno Religioso e Práxis Educativa na América Latina”, sendo que “nesta linha realizam-se pesquisas sobre a relação entre o fenômeno religioso e a educação em suas múltiplas formas e interfaces, compreendendo a análise das políticas, processos e práticas educativas, num enfoque interdisciplinar, na perspectiva da Teologia e da Educação com atenção para a práxis educativa das denominações religiosas, das instituições escolares e dos movimentos sociais na América Latina” (ementa). **Doutorado Interinstitucional (DINTER) – Faculdades EST**. Disponível em: <<http://www.est.edu.br/pos-graduacao/dinter/>>. Acesso em: 06 fev. 2020.

¹⁴² “Estamos entonces frente a un nuevo momento en la historia del movimiento pentecostal. Los estudios de caso que se describen y evalúan en este libro son señales claras de que en el interior del pueblo pentecostal se viene dando un proceso de ton de conciencia sobre la responsabilidad social y política de los creyentes. Afirmamos que, efectivamente, hay un despertar de la conciencia social en la base misma de las comunidades pentecostales, hecho que buscamos ilustrar y explicar en los tres capítulos que dan forma al presente libro”. LÓPEZ, Darío. **Pentecostalismo y transformación social**. Mas allá de los estereotipos, las críticas se enfrentan con los hechos. Buenos Aires: Kairós, 2000. p. 7. (Tradução nossa).

afirma Gomes e Reis, são as únicas no ramo do Pentecostalismo Moderno a fazer incursões no terreno educacional.¹⁴³

A história do IBAD e da educação teológica pentecostal iniciam muito antes da consolidação e da chegada de Ruth Doris Lemos e João Kolenda ao Brasil, desenvolvendo-se em três fases distintas.

A **primeira fase, do Ensino Informal, os Periódicos**. Era um ensino que focava, nas palavras de Emílio Conde: “A conquista das almas para Deus absorvia todos os momentos e determinava todas as ações”.¹⁴⁴

Nos primeiros anos de sua existência no Brasil, a Assembleia de Deus não teve como prioridade básica o ensino teológico formal, concentrou todos os seus recursos na evangelização e propagação da nova doutrina, afinal de contas, no processo gestativo o importante é a sobrevivência, a certeza plena da existência num novo contexto, os demais atos, fundamentalmente aqueles que dizem respeito à permanência, são oriundos do processo paulatino de crescimento.¹⁴⁵

A **segunda fase, do Ensino Não Formal, as Escolas Bíblicas**. Que tinham por objetivo, do ponto de vista didático e teológico, formar obreiros que colaborassem com os missionários na propagação do evangelho e do pentecostalismo. “As *Escolas Bíblicas*, que nada mais eram do que verdadeiros *Seminários não Regulares*, constituíram-se parte inerente à organização da Assembleia de Deus, aliadas indispensáveis no ensino teológico incipiente”.¹⁴⁶

A **terceira fase, do Ensino Formal, os Seminários e Institutos Bíblicos**. Ruth Doris Lemos e João Kolenda representam a **terceira fase** do desenvolvimento do ensino teológico, da educação teológica, nas Assembleias de Deus. Era uma educação teológica marcada pelo desenvolvimento substancial proporcionado pelo IBAD, no que tange à educação teológica pentecostal. Configurou-se como uma prática teológico-educacional promovida por sua maior representante, a Assembleia de Deus. Mesmo com toda a resistência e preconceito que a educação teológica teve, eles conseguiram continuar.

¹⁴³ GOMES, Ozean; REIS, Roberto dos. **Pentecostalismo**. Pindamonhangaba: IBAD, 2014. p. 127.

¹⁴⁴ CONDE, Emílio. **História das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 1960. p. 9.

¹⁴⁵ GOMES; REIS; 2014, p. 122.

¹⁴⁶ GOMES; REIS; 2014, p. 124. grifo do autor.

O ensino teológico formal só foi instituído definitivamente em 15 de outubro de 1958, quando o casal de missionários, João Kolenda Lemos (1922-2012) e Ruth Doris Lemos (1925-2009) fundaram, na cidade de Pindamonhangaba, interior de São Paulo, o *Instituto Bíblico das Assembleias de Deus (IBAD)*, onde foram formados importantes expositores do pensamento teológico da denominação do país. A instituição, inicialmente, encontrou muita resistência por parte da liderança da própria denominação, pois temiam que os estudantes dessem prioridade ao academicismo teológico em detrimento da ação do Espírito Santo.¹⁴⁷

Desde então, a Assembleia de Deus não é mais a mesma. De uma igreja de simples ajuntamento de crentes na orla de Belém, em 1911, hoje é a maior denominação pentecostal do Brasil. No seu início alimentava resistências aos estudos acadêmicos¹⁴⁸, hoje é uma igreja com várias Faculdades de Ensino Superior com o curso de Teologia reconhecido pelo MEC, construindo uma identidade acadêmica e comunitária sólida. O **anti-intelectualismo**,¹⁴⁹ forte marca no início do movimento, tem cedido lugar a um despertar da consciência acadêmico-científica, inserindo a Assembleia de Deus entre as denominações produtoras de conhecimento.¹⁵⁰

3.1.1 História: Raízes e formação teológica pentecostal do IBAD

O IBAD é uma instituição cristã de ensino teológico fundada em 15 de outubro de 1958 pelo casal de missionários João Kolenda Lemos e Ruth Doris Lemos com um sonho e uma visão dada por Deus. É uma instituição com o objetivo de preparar e qualificar a liderança da Igreja com uma formação teológica. Os missionários fundadores chegaram ao Brasil, vindo dos Estados Unidos da América, trazendo o sonho da construção de uma escola teológica que servisse e atendesse as necessidades e realidades do povo brasileiro. A cidade escolhida como sede foi

¹⁴⁷ GOMES; REIS; 2014, p. 125. grifo do autor.

¹⁴⁸ LOBOS, Daniel. **Problemas y Desafios que Presenta el Educando Pentecostal al Plan de Estudios Teológicos de Nivel Universitario**. In: CHIQUETE, Daniel; ORELLANA, Luis. **Voces del Pentecostalismo Latinoamericano**. ASETT - América Latina: Concepción/Chile, 2003. O estudante de teologia pentecostal, como de tantas outras confissões, apresenta inicialmente dificuldades no estudo do texto bíblico. Tanto a letra quanto as estruturas machistas são sacralizadas, a-históricas.

¹⁴⁹ O uso do termo anti-intelectualismo não se refere a uma relação assimétrica entre tradição oral e tradição escrita. Mesmo a tradição escrita, acadêmica ou letrada guarda fortes traços das tradições orais. BRITO, Ênio da Costa. **Tradições Religiosas entre oralidade e o conhecimento do letramento**. Compêndio de Ciência da Religião. São Paulo: Paulus; Paulinas, 2013. p. 485-498. “O anti-intelectualismo”, diz o sociólogo cristão, “é uma disposição em não levar em conta a importância da verdade e a vida da mente [...] Vivendo em uma cultura sensual e em uma democracia emotiva”, diz ele, “os evangélicos da última geração têm simultaneamente revigorado seus corpos e embotado suas mentes. O resultado? Muitos sofrem de uma forma moderna do que os antigos estoicos chamavam de ‘hedonismo mental’ – possuem corpos saudáveis e mentes obtusas”. NASCIMENTO, Valmir. **O cristão e a universidade**. Rio de Janeiro: CPAD, 2016. p. 36.

¹⁵⁰ GOMES; REIS; 2014, p. 126-127.

Pindamonhangaba, primeiro pela sua localização, e segundo pelo clima favorável a receber jovens de todo o Brasil e do exterior.¹⁵¹

O histórico da FABAD, hoje Faculdade, não mais Instituto Bíblico, registra que no primeiro ano letivo, o IBAD funcionou em uma casa alugada, inicialmente com oito estudantes. Desde então, foi progressivamente crescendo e tornando-se uma referência no ensino teológico pentecostal. Durante essas cinco décadas, o IBAD alcançou muitas conquistas como: aquisição da sede própria; construção dos alojamentos masculinos e femininos, já que inicialmente o curso era no modelo de internato, hoje não mais; salas de aulas; e um prédio residencial para os estudantes solteiros e os estudantes casados.¹⁵²

Em um vídeo institucional, no canal oficial do IBAD no *Youtube*, com o nome IBADTV, com o título **IBAD Teologia**, lançado em 31 de outubro de 2008, por coincidência, no dia em que se comemora a data da Reforma Protestante, é possível perceber a proposta do curso criado e fundado pelos missionários João Kolenda e Ruth Doris Lemos:

Tradição e qualidade. Cinco décadas no ensino teológico, a primeira instituição de ensino teológico a ser reconhecida pela CGADB. Formação voltada para o exercício do ministério cristão. Cursos reconhecidos pelas principais convenções eclesiais. Mais de quatro mil obreiros formados atuando no Brasil e exterior. Ensinar a palavra de Deus, nossa maior missão.¹⁵³

No decorrer desses 61 anos, o IBAD conta com milhares de estudantes formados como pastores, missionários, escritores, editores, conferencistas, entre outros. São homens e mulheres que atuam em todos os estados do Brasil e em mais de trinta países.¹⁵⁴

¹⁵¹ HISTÓRICO – FACULDADE FABAD – PINDAMONHANGABA. Disponível em: <<https://portal.fabad.edu.br/historico/>>. Acesso em: 13 maio 2019.

¹⁵² HISTÓRICO – FACULDADE FABAD – PINDAMONHANGABA. Disponível em: <<https://portal.fabad.edu.br/historico/>>. Acesso em: 13 maio 2019.

¹⁵³ IBADTV. (31 de Outubro de 2008). IBAD TEOLOGIA. Fonte: IBADTV: <<https://www.youtube.com/watch?v=hUr55q3DBwg>>. Acesso em: 13 maio 2019. Grifo meu.

¹⁵⁴ HISTÓRICO – FACULDADE FABAD – PINDAMONHANGABA. Disponível em: <<https://portal.fabad.edu.br/historico/>>. Acesso 13 maio 2019.

3.1.2 Formação: IBAD – Quem somos

A fundação do IBAD foi em 1958, “com o objetivo de proporcionar aos jovens vocacionados a oportunidade de se preparem para melhor servir o Senhor”.¹⁵⁵ Em 2006, mediante solicitações e procura, levando em conta as necessidades educacionais das igrejas evangélicas pentecostais, o IBAD lançou o Curso de Teologia a Distância, no formato de duas fases: **nível Médio e Avançado**, oferecendo aos pentecostais assembleianos um curso teológico com um parâmetro pentecostal das Assembleias de Deus, rompendo barreiras, pois, para muitos pentecostais assembleianos, era pecado estudar teologia.¹⁵⁶

Conforme descreve o portal da FABAD:

A partir da sua vocação experienciada, bem como as demandas de um mercado cada vez mais exigente, o IBAD desenvolveu com grande intensidade a vontade de criação de um curso de graduação, bacharelado, em Teologia, pois tem a consciência e convicção de que, pelo sucesso e prestígio das atividades desenvolvidas, reúne condições para criar um curso de graduação diferenciado que atenda, e em muitos pontos ultrapasse, os mais exigentes critérios de qualificação dos novos instrumentos de avaliação do ensino superior.

Depois de um longo período de implementação, alcançando quase meia década, acontece o pedido de credenciamento do curso de teologia. O pioneiro na educação teológica pentecostal.

Em setembro de 2012, o IBAD protocolou o pedido de Credenciamento da Faculdade, vinculado aos cursos de graduação: Teologia (Bacharelado) e Processos Gerenciais (Tecnólogo). No primeiro semestre de 2013, recebeu a comissão de avaliadores do MEC/INEP composta pelos Professores Doutores: Amarildo Luiz Trevisan, Francisco Arnoldo Nunes de Miranda e Henrique Tomé da Costa Mata, para avaliação in loco da Instituição contemplando 3 Dimensões [Organização Institucional – Corpo Social – Instalações Físicas] e obteve Conceito 4. Em seguida, no primeiro semestre de 2014, recebeu a comissão de avaliadores do MEC/INEP para avaliar os cursos e obteve o Conceito 4 para o curso de Teologia (Bacharelado) e Conceito 3 para o curso de Processo Gerenciais (Tecnólogo). A Faculdade FABAD foi credenciada pela Portaria MEC nº 358 de 05 de maio de 2016, publicada no Diário Oficial da União - DOU nº 86 de 06/05/2016 – Seção 1 – pág. 24 e seus cursos de graduação: Teologia (Bacharelado) e Processos Gerenciais (Tecnólogo) foram autorizados pela Portaria MEC nº 196 de 16

¹⁵⁵ GOMES; REIS; 2014, p.7.

¹⁵⁶ HISTÓRICO – FACULDADE FABAD – PINDAMONHANGABA. Disponível em: <<https://portal.fabad.edu.br/historico/>>. Acesso 13 maio 2019.

de maio de 2016, publicada no Diário Oficial da União - DOU nº 93 de 17/05/2016 – Seção 1 – págs. 11 e 12, respectivamente.¹⁵⁷

Logo em seguida foram implantados os cursos de pós-graduação, dando uma nova dimensão à proposta inicial pensada pelos seus fundadores e fundadoras. Isto representava uma nova proposta, de não perder as características iniciais pensadas por João Kolenda e Ruth Doris Lemos, isto é, uma formação teológica pentecostal assembleiana.

Junto com os cursos de pós-graduação houve a implantação da modalidade EAD, Educação à Distância, do curso de Teologia Bacharelado, vinculado ao credenciamento de tal modalidade. Isto dava ao IBAD uma nova dimensão e uma nova estrutura, a FABAD, tornando-o uma Faculdade reconhecida pelo MEC, o Ministério da Educação, concretizando o sonho e a história de luta e de coragem dos dois pioneiros da educação teológica pentecostal, João Kolenda e Ruth Doris Lemos.

Os cursos de pós-graduação *lato sensu* foram implantados, a partir do 1º semestre de 2017, com o início das turmas de Educação Cristã, Gestão Estratégica de Pessoas, Medicina Esportiva e atualmente a FABAD conta com a oferta dos cursos em Educação Inclusiva, Aconselhamento Pastoral, Comunicação Empresarial, Marketing Empresarial, Gestão de Negócios, Controladoria e Liderança Pastoral. A FABAD, encontra-se no processo de Credenciamento na Modalidade EAD sob os seguintes protocolos: 201702595 de 23/03/2017 - Credenciamento EAD e 201702645 de 24/03/2017 - Autorização EAD do curso de Teologia (Bacharelado) Vinculada a Credenciamento.¹⁵⁸

Linha do Tempo	
1958	Fundação do IBAD
2006	Teologia IBAD EAD, cursos Médio e Avançado
2012	Protocolo de Credenciamento – FABAD
2013	Avaliação Institucional
2014	Avaliação dos Cursos
2016	Credenciamento da FABAD
2017	Implantação da Pós-Graduação
2017	Protocolo do Credenciamento da FABAD EAD

¹⁵⁷ HISTÓRICO – FACULDADE FABAD – PINDAMONHANGABA. Disponível em: <<https://portal.fabad.edu.br/historico/>>. Acesso 13 maio 2019.

¹⁵⁸ HISTÓRICO – FACULDADE FABAD – PINDAMONHANGABA. Disponível em: <<https://portal.fabad.edu.br/historico/>>. Acesso 13 maio 2019.

A estrutura inicial foi composta por: campus; alojamentos; salas de aulas, biblioteca, refeitório, *staff*, estúdio de gravação, quadra poliesportiva e o **Ministério: Mulher Cristã**, legado deixado por Ruth Doris Lemos.¹⁵⁹

A estrutura da FABAD hoje está baseada na proposta original, alvitada por Ruth Doris Lemos e João Kolenda: “[...] **fiel à sua missão**, [...] **atendendo às necessidades educacionais da igreja** para aqueles que desejam um **maior conhecimento e preparo da Palavra de Deus**. Um projeto fruto de experiência, **tradição e qualidade** no ensino da Palavra de Deus”.¹⁶⁰ Dava-se uma ênfase na edificação espiritual e na formação ministerial, pautada no texto de Paulo a Timóteo: “Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade”.¹⁶¹

3.1.2.1 Missão, Visão e Valores – IBAD

O compromisso histórico-profissional da Faculdade FABAD, está estabelecido sob a missão de “Proporcionar aos alunos e à comunidade o legítimo direito de acesso ao saber científico, teológico e social por meio do ensino, da iniciação científica e da extensão”. Em consonância com o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a missão da Instituição, no que concerne à educação a distância, é propiciar a ampliação de diferentes modalidades educacionais no conjunto de seus cursos, como também contemplar diferentes possibilidades de organização do ensino, por meio de disciplinas, módulos ou eixos temáticos, segundo a estrutura curricular adotada, em conformidade com o projeto pedagógico de cada curso ofertado. A Visão institucional está configurada para “Contribuir para a sociedade como um centro de excelência na formação de profissionais por meio de ações acadêmicas, socioculturais, científicas e religiosas desenvolvidas com base nos princípios cristãos”. A Faculdade FABAD promove seus valores de forma que possibilitem o desenvolvimento e a manutenção dos seguintes pilares educacionais:

- Seriedade e rigor acadêmico, científico, teológico e ético;
- Compromisso institucional, social e cultural que tenha relevância e significado para a comunidade;
- Diálogo aberto entre a instituição, os alunos e a comunidade;

¹⁵⁹ IBADTV. (7 de Agosto de 2013). **Campus do IBAD**. Fonte: IBADTV: <<https://www.youtube.com/watch?v=WFwKmRj5wF8&t=2s>>. Acesso em: 19 maio 2019.

¹⁶⁰ GOMES; REIS; 2014, p. 9. Grifo meu.

¹⁶¹ 2 Tm 2.15.

- Comprometimento com ações de responsabilidade corporativa.¹⁶²

O curso Bacharelado em Teologia tem uma estrutura e uma formação pautadas nos valores e parâmetros teológicos pentecostais assembleianos, moderados a partir do credo doutrinário pentecostal assembleiano, conforme descrito na proposta do curso, Bacharelado em Teologia – FABAD:

3.1.2.2 Bacharelado em Teologia – FABAD

Sobre o curso

O Curso de Bacharelado em Teologia, da Faculdade FABAD, tem por objetivo principal, desenvolver a educação teológica para promover a formação do homem integral em seus aspectos biológico, psicológico, social, moral, ético e espiritual, visando ao seu desenvolvimento, de tal modo a levá-lo à reflexão e ao amadurecimento, bem como atividades de fim teológico, social, cultural e político em prol da comunidade.¹⁶³

Perfil do egresso

Os teólogos formados pela Faculdade FABAD deverão adquirir competência para prestar serviços no campo teológico e social, para o desenvolvimento de atividades e funções de liderança comunitária, eclesial, missionária ou secular e de assistência social, ambiental e psicológica.¹⁶⁴

Conteúdos curriculares do Curso de Teologia

Os conteúdos curriculares do curso Graduação em Teologia (Bacharelado) da Faculdade FABAD estão devidamente regulamentados de acordo com o Art. 7º da Resolução nº 04 de 16 de setembro de 2016 que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais e organizados em Eixos Temáticos.¹⁶⁵

Componentes Curriculares
Pentateuco e Livros Históricos
Meio ambiente e saúde
Português Instrumental
Etno-Geografia Bíblica
Atos e as Origens do Cristianismo
Teologia Sistemática: Deus, o Ser Humano e o Mundo

¹⁶² MISSÃO, VISÃO E VALORES. FACULDADE FABAD – PINDAMONHANGABA. Disponível em: <<https://portal.fabad.edu.br/missao-visao-e-valores/#>>. Acesso em: 13 maio 2019.

¹⁶³ BACHARELADO EM TEOLOGIA. FACULDADE FABAD – PINDAMONHANGABA. Disponível em: <<https://portal.fabad.edu.br/graduacao/bacharelado-em-teologia/>>. Acesso em: 13 maio 2019.

¹⁶⁴ BACHARELADO EM TEOLOGIA. FACULDADE FABAD – PINDAMONHANGABA. Disponível em: <<https://portal.fabad.edu.br/graduacao/bacharelado-em-teologia/>>. Acesso em: 13 maio 2019.

¹⁶⁵ BACHARELADO EM TEOLOGIA. FACULDADE FABAD – PINDAMONHANGABA. Disponível em: <<https://portal.fabad.edu.br/graduacao/bacharelado-em-teologia/>>. Acesso em: 13 maio 2019.

Filosofia da Religião
Religião e Mídia
Psicologia e Aconselhamento Pastoral
Grego Bíblico Instrumental
Teologia Sistemática: Cristo e a Salvação
Teologia Contemporânea
Protestantismo no Brasil
Sociologia da Religião
Livros Poéticos e Proféticos
Ética, Cidadania e Práxis Cristã
Seminários Temáticos de Educação Ambiental e Educação das Relações Étnico-Raciais e Para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena
Metodologia da Pesquisa Científica em Teologia
Epístolas Gerais
Epístolas Paulinas
História do Cristianismo Antigo
Teologia Bíblica (Antigo e Novo Testamento)
Hermenêutica
Teologia da Missão
Hebraico Bíblico Instrumental
Apocalipse
História do Cristianismo Medieval
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC I)
Eletiva I
Homilética
Teologia e Práticas Pastorais
História da Teologia
Ecumenismo / Diálogo Inter-religioso
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC II) ¹⁶⁶

Quadro síntese do Curso de Teologia FABAD¹⁶⁷

Descrição	Carga Horária Parcial	Carga Horária total
Disciplinas Obrigatórias e Optativas	2580	2980
Atividades Complementares	200	
Estágio Supervisionado	200	

¹⁶⁶ BACHARELADO EM TEOLOGIA. FACULDADE FABAD – PINDAMONHANGABA. Disponível em: <https://portal.fabad.edu.br/graduacao/bacharelado-em-teologia/>. Acesso em: 13 maio 2019.

¹⁶⁷ BACHARELADO EM TEOLOGIA. FACULDADE FABAD – PINDAMONHANGABA. Disponível em: <https://portal.fabad.edu.br/graduacao/bacharelado-em-teologia/>. Acesso em: 13 maio 2019.

Portanto, o IBAD, desde seu início, propõe uma **formação teológica voltada** mais especificamente ao **âmbito missionário**, marca enfática de Ruth Doris Lemos, um legado que ainda hoje permanece vivo na memória da família, dos estudantes e das estudantes dessa instituição, evidenciadas nas entrevistas coletadas.

3.1.3 Relatos de Estudantes:¹⁶⁸ *Histórias de vida*¹⁶⁹

Em uma das entrevistas com as estudantes, **irmã Celina**,¹⁷⁰ que estudou no IBAD nos anos de 2009-2011, secretária de turma de Ruth Doris Lemos, uma das

¹⁶⁸ As entrevistas que seguem foram elaboradas a partir de conversas com os protagonistas destas histórias e registradas no Projeto de Pesquisa, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa das Faculdades EST (protocolo n. 11/2018) seguindo as normas da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa para pesquisas envolvendo seres humanos. A utilização das informações concedidas nas entrevistas foi autorizada por meio de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A construção de cada uma das narrativas que seguem foi realizada através do processo de duas frentes: pesquisa documental e entrevistas. Para a pesquisa documental, foi feita uma busca nas instituições em que Ruth Doris Lemos atuou. Tentou-se encontrar elementos biográficos e produções teóricas capazes de demonstrar mais amplamente sua contribuição à educação teológica nas ADs: o IBAD. Para as entrevistas, optou-se pela Metodologia de História Oral: as entrevistas foram feitas com dois grupos: a) familiares, composto pelas duas filhas e seus esposos e um filho e sua esposa; b) estudantes do IBAD que tiveram contato direto com Ruth Doris Lemos, composto por um grupo de dez estudantes. As entrevistas com familiares procuraram captar certos acontecimentos fundamentais da vida de Ruth Doris Lemos, dando liberdade total por parte do entrevistado ou da entrevistada, que puderam expressar suas opiniões e sentimentos, buscando-se, especificamente, informações que ajudassem a reconstruir a trajetória de Ruth Doris Lemos no campo da educação teológica, bem como perspectivas teóricas e práticas adotadas e desenvolvidas por ela. Para tanto, foi construído um roteiro básico que orientou a entrevista. Para o grupo de estudantes do IBAD, a entrevista foi padronizada e estruturada por um roteiro previamente estabelecido “de acordo com um formulário elaborado. Nesse caso, o pesquisador não é livre para adaptar suas perguntas à determinada situação”. Sobre a metodologia veja: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Definindo História Oral e Memória. **Cadernos Ceru. Série 2**, São Paulo, n. 5, p.52-60, 1994; MEIHY, José Carlos Sebe B.; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral**: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

¹⁶⁹ Nomes, datas e lugares, em alguns casos, foram alterados para impedir a identificação das estudantes e dos estudantes.

¹⁷⁰ Homenagem à primeira mulher **batizada no Espírito Santo** na Assembleia de Deus em Belém (PA). O **batismo no Espírito Santo**, segundo a doutrina pentecostal, “[...] é um revestimento de poder do alto: E eis que sobre vós envio a promessa de meu Pai; ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestido de poder” (Lc 24.49)”. É também, uma promessa divina aos salvos: “e também do meu Espírito derramarei sobre os meus servos e minhas servas, naqueles dias” (At 2.18). Trata-se de uma experiência espiritual que ocorre após ou junto à regeneração, sendo acompanhada da evidência física inicial do falar em outras línguas: “E todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem” (At 2.4). SILVA, Esequias Soares da. (Org.). **Declaração de Fé das Assembleias de Deus**. Rio de Janeiro, CPAD, 2017, p. 165. Tecnicamente chamada de **Glossolalia**: de um composto grego que significa “falar em línguas” (*laleo*, “falar”, e *glossa*, “língua”). A glossolalia, capacidade sobrenatural de falar numa língua até então desconhecida do falante, é registrada pela primeira vez na Bíblia no Dia de Pentecostes (At 2). Posteriormente, o apóstolo Paulo se referiu à glossolalia como dom especial do Espírito, concedido a alguns cristãos, devendo ser praticado para a edificação da Igreja. Durante toda a história da Igreja tem

estudantes escolhidas por Ruth Doris Lemos para auxiliar nas atividades em sala de aula, descreve:

Missionária Ruth Doris Lemos era genial: Professora, fundadora do Instituto, Pastora com credencial americana, Missionária, Oradora, contudo para mim, sua habilidade musical era um fenômeno. Ninguém tocava um piano como ela. Os hinos da Harpa Cristã dos devocionais da Capela tocados por ela, com certeza ecoam na memória de todos os ibadianos que a ouviram. Tive o prazer de reger na Capela sob sua direção. Sempre queria ensaiar uma noite antes na Capela com o aluno que regeria no dia seguinte, primorosa. Seu xodó era o CORAL DO IBAD. Sinto que no coral, ela se sentia plena. Tinha prazer em ensaiar, dividir vozes, organizar. Muitas vezes o Coral era convidado para cantar em igrejas no Vale do Paraíba, ela amava isso.¹⁷¹

Irmã Celina relata que Ruth Doris Lemos sempre procurava encorajar os estudantes ao que concernia à **Missiologia**, o que ela tinha, segundo Irmã Celina, como seu xodó. Sua “**chama pentecostal**” e **ardor missionário** são evidenciados em todas as entrevistas, histórias e relatos de Ruth Doris Lemos.

A relação de Ruth Doris Lemos e seu esposo, João Kolenda, com a liderança do IBAD e da Igreja Assembleia de Deus, apesar de no início ser conturbada, pela rejeição e o preconceito à educação teológica, foi estabilizada após a confiança conquistada por Ruth Doris Lemos e João Kolenda junto à Igreja local, nacional e internacional. Nas palavras da Irmã Celina: “O casal Kolenda era muito respeitado por lá”,¹⁷² em referência à relação de Ruth Doris Lemos e João Kolenda com a liderança da Igreja.

Para a **Irmã Doris**, como a maioria a chamava, as mulheres sempre eram vistas na frente, no âmbito da participação das mulheres na Igreja, descreve Irmã Celina. Ela relembra seu título americano de Pastora, quando chegou ao Brasil, apesar de aqui no Brasil, só ser reconhecida como Missionária. Questões complexas, relatavam os estudantes e as estudantes.

A contribuição de Ruth Doris Lemos no âmbito educacional é significativa, afirma Irmã Celina:¹⁷³

havido constantes debates sobre a verdadeira glossolalia: ou cessou no final da era apostólica, ou continua sendo dom legítimo que deve ser praticado em nossos dias. GRENZ, Stanley J.; GURETZKI, David; NORDLING, Cherith Fee. **Dicionário de Teologia**. Edição de bolso. São Paulo: Vida, 2001, p.62.

¹⁷¹ Irmã Celina. Estudante de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 18 de julho de 2019.

¹⁷² Irmã Celina. Estudante de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 18 de julho de 2019.

¹⁷³ Irmã Celina. Estudante de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 18 de julho de 2019.

Imensurável. Tecnicamente, vanguarda. Construir uma escola de ensino teológico nos anos 50, com uma sociedade fechada e com muitos tabus não foi fácil. A história conta quais foram suas dificuldades. A partir do IBAD saíram os maiores líderes de igrejas das AD's do Brasil, muitos nomes conhecidos podem ser citados. Muitas missionárias, muitos professores, muitos cristãos. Já está escrito, o Instituto Bíblico das Assembleias de Deus foi o maior e mais relevante ambiente teológico do Brasil em todo o tempo de sua existência. Isto pode ser comprovado com a coleta de depoimentos que foram deixados em seu velório. Os outros vieram a partir dele.

O fato de ter tido uma professora mulher, teve um incomensurável impacto, relata Irmã Celina. Foi uma mulher que “decidiu transformar o mundo através da educação”.¹⁷⁴

Outro estudante que compartilhou seus relatos é o **Irmão Dubu**.¹⁷⁵ Professor e obreiro das Assembleias de Deus, estudou no IBAD nos anos de 2008-2010.

Ela era uma professora bem ao estilo tradicional. Suas aulas compunham-se em grande medida de exposições em forma de monólogo, utilizando-se de muitas anotações antigas pessoais e xerox igualmente velhas nas quais se encontravam seus manuscritos de aulas sobre o conteúdo. Ao entrar em sala de aula, todos os alunos ficavam de pé para recebê-la, e só sentávamos quando ela, com as mãos, dava sinal para que o fizéssemos. Devido a sua idade avançada, ela ministrava as aulas toda parte do tempo sentada. Como sua voz já estava um pouco fraca, ela falava relativamente baixo, e nós alunos precisávamos fazer um silêncio adicional para poder ouvi-la. Ela sempre era muito solícita em responder as dúvidas e questões dos alunos em sala de aula.¹⁷⁶

Irmão Dubu descreve Ruth Doris Lemos como uma **professora tradicional**, com uma **metodologia expositiva**, mas uma professora com um “**testemunho visível da ação de Deus através da vida dela**”.¹⁷⁷

Um dos grandes diferenciais de Ruth Doris Lemos, evidenciado em todas as entrevistas, tanto dos familiares quanto dos estudantes, era seu **comprometimento com o Reino dos céus**, com a marca da **experiência como ênfase pentecostal**. Em um **testemunho**, uma das evidências do **êxtase pentecostal**, Irmão Dubu relata que em um desses momentos de **convivência** teve uma **experiência** marcante no convívio com Ruth Doris Lemos:

Me lembro de várias. Mas me deterei em uma delas. Logo quando cheguei ao IBAD, recebi a notícia de que meu irmão mais novo, com apenas 7 anos

¹⁷⁴ Irmã Celina. Estudante de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 18 de julho de 2019.

¹⁷⁵ Homenagem ao primeiro homem batizado no Espírito Santo na Assembleia de Deus em Belém (PA), o Evangelista Manoel Francisco Dubu, carinhosamente chamado de “Irmão Dubu”.

¹⁷⁶ Irmão Dubu. Estudante de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 03 de outubro de 2019.

¹⁷⁷ Irmão Dubu. Estudante de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 03 de outubro de 2019.

na época, estava com câncer (Leucemia). Fiquei extremamente abatido e pensei em voltar para casa, abandonar o seminário e ir ajudar nos cuidados dele na minha terra natal. Foi que, ao conversar e contar a Miss. Dóris sobre a, ela me disse: “Não se preocupe meu filho, descanse seu coração. Deus está no controle. Não vá embora, continue aqui. Antes que você conclua seu curso seu irmão estará curado”. Ouvei aquelas palavras um pouco atônito e interpretei-as no primeiro momento mais como uma palavra de afago momentâneo. Acabei ficando no IBAD, e meu irmão esteve se tratando por 3 anos (o mesmo tempo de duração do meu curso teológico no seminário) na quimioterapia, com muitas vezes com baixas que quase o faziam perder a vida. Aproximadamente 3 anos depois dessa palavra da Miss. Dóris, duas semanas antes da minha formatura em 2010, meu irmão foi declarado curado pelo médico oncologista que o acompanhava. Tive a oportunidade de contar esse testemunho na capela do seminário o que trouxe grande comoção a todos. A Miss. Dóris já não estava mais conosco, mas certamente esse episódio me fez compreender ainda mais como ela era uma mulher de Deus.¹⁷⁸

Sua **participação efetiva**, não só no **âmbito educacional teológico**, mas também na **igreja**, evidenciam sua simpatia e autoridade conquistadas, não imposta entre os estudantes e as estudantes. Sua relação com os estudantes era bem próxima, especificamente com os membros do coral, uma de suas paixões, relata o Irmão Dubu.¹⁷⁹

No âmbito da participação das mulheres na igreja, é interessante a informação que o Irmão Dubu traz:

A Miss. Dóris foi uma das principais estimuladoras do ministério feminino que conheci. Não apenas por aquilo que ela dizia, mas também, principalmente, por aquilo que era e representava a todas as estudantes femininas do seminário. Sua trajetória inspirava a nós homens o reconhecimento da importância e singularidade do ministério feminino na Igreja, e acredito que para as mulheres apontava um modelo, o qual elas mesmas poderiam seguir e encontrar exemplo. Muito embora não me lembre de ouvir defesas específicas dela sobre o ministério feminino, recordo sim dela estimulando as jovens estudantes a buscarem conhecimento, a serem pregadoras, a ocuparem postos de liderança e a se disponibilizarem radicalmente ao serviço no Reino de Deus. Percebia-se que ela acreditava no ministério feminino, mas que, por causa da realidade brasileira, ela preferiu de alguma forma retrair-se para não criar “escândalos” nem provocar “discussões” a esse respeito, podendo desempenhar nas margens sua vocação e chamado de treinamento de obreiros e obreiras para a obra do Senhor no Brasil.¹⁸⁰

Uma trajetória de uma mulher que “**inspirava a nós homens**”, para as mulheres, Ruth Doris Lemos era um “**modelo do qual elas mesmas poderiam seguir e encontra exemplo**”, afirma o Irmão Dubu, muito embora, relata o Irmão

¹⁷⁸ Irmão Dubu. Estudante de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 03 de outubro de 2019.

¹⁷⁹ Irmão Dubu. Estudante de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 03 de outubro de 2019.

¹⁸⁰ Irmão Dubu. Estudante de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 03 de outubro de 2019.

Dubu, não se lembre de ouvir Ruth Doris Lemos falar defesas específicas sobre o ministério feminino. Isso demonstra suas raízes pentecostais assembleianas, submissão e respeito à autoridade.¹⁸¹

Ruth Doris Lemos era vista pelos estudantes como **inspiração e modelo**, associada à sua qualificação acadêmica e esmero por sua piedade espiritual pentecostal. O Irmão Dubu relata que sentia falta de um maior diálogo das **bibliografias latino-americanas** em suas aulas, utilizando-se exclusivamente de referências norte-americanas, de um certo **caráter fundamentalista**.¹⁸²

Ruth Doris Lemos deixou um legado evidenciado por seus estudantes:

[...] uma mestra feminina pioneira em nossa denominação, ela certamente foi responsável de formar um grande número de lideranças cristãs, [...] de modo que acredito não ser capaz de pensarmos toda uma geração de nossa Igreja sem considerarmos os frutos legados pela Miss. Dóris àqueles que direta ou indiretamente foram influenciados por ela.¹⁸³

Ruth Doris Lemos “[...] era uma mulher de Deus. Como qualquer outra pessoa, com limitações e falhas. Mas certamente alguém que exerceu um impacto singular e transformador na minha vida”.¹⁸⁴

Irmão Dubu descreve que sua trajetória pessoal o fez reconsiderar o modo como pensava o ministério feminino, chegando ao ponto de considerá-lo não apenas como bíblico, mas principalmente necessário para a Igreja na atualidade. Foi uma mulher que estimulou outras mulheres a buscarem e desenvolverem seus ministérios e lideranças femininas dentro de suas respectivas igrejas locais e além. “Sua biografia fala hoje tão forte quanto no passado, e acredito que as futuras gerações precisam conhecer o legado que essa **pastora, ensinadora, mãe e mulher de Deus** têm para transmitir”.¹⁸⁵

¹⁸¹ Irmão Dubu. Estudante de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 03 de outubro de 2019.

¹⁸² Irmão Dubu. Estudante de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 03 de outubro de 2019.

¹⁸³ Irmão Dubu. Estudante de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 03 de outubro de 2019.

¹⁸⁴ Irmão Dubu. Estudante de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 03 de outubro de 2019.

¹⁸⁵ Irmão Dubu. Estudante de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 03 de outubro de 2019. Grifo meu.

3.2 O poder feminino no pentecostalismo e seu (não) exercício

Em um dos eventos de participação nessa caminhada do Doutorado tivemos o prazer e privilégio de conhecer uma das maiores expoentes da Teologia Feminista, Ivone Gebara.

Ao ouvir e ler suas obras, duas em especial, lançadas em um desses eventos, “Filosofia Feministas, uma brevíssima introdução”¹⁸⁶ e “Mulheres, Religião e Poder, ensaios feministas”,¹⁸⁷ pudemos ver o poder feminino no pentecostalismo.

Enxergamos Ruth Doris Lemos como **protagonista precursora da educação teológica pentecostal**, já que tantas outras mulheres assembleianas abriram caminho num **papel subordinado**, porém **relevante**. Era uma mulher pentecostal assembleiana como tantas outras que fez o trabalho das **mulheres invisibilizadas**, como Ruth Doris Lemos, pelo simples fato de **ser mulher**.

Gebara relata sobre as vivências femininas em torno da religião, afirmando que “essas vivências nos mostram mudanças que já enunciam um presente e um futuro próximo diferente na prática religiosa de um bom número de mulheres”.¹⁸⁸

Ruth Doris Lemos, talvez, pode não ter colhido os frutos das sementes plantadas, ainda que subordinada e silenciosamente, porém, suas experiências e vivências, assim como de outras mulheres pentecostais assembleianas, influenciaram e ainda influenciam o exercício das mulheres no âmbito pentecostal assembleiano.

[...] a questão do poder da religião aparece como fundamental para repensarmos o lugar feminino em sua participação efetiva. Estamos sendo convidadas a perceber como as mulheres participam dos micropoderes da religião, muito embora sejam os macropoderes que apareçam como decisivos nas instituições sociais e particularmente nas instituições da religião.¹⁸⁹

Que tipo de poder tem a religião sobre as mulheres? Ou mais precisamente, como se exerce o poder da religião sobre as mulheres? São questões com que Ruth Doris Lemos conviveu, de mulheres invisibilizadas pelo simples fato de ser mulher.

¹⁸⁶ GEBARA, Ivone. **Filosofia feminista**: uma brevíssima introdução. São Paulo: Terceira Via, 2017a. p. 61.

¹⁸⁷ GEBARA, Ivone. **Mulheres, religião e poder**: ensaios feministas. São Paulo: Terceira Via, 2017b. p. 163.

¹⁸⁸ GEBARA, 2017b, p. 163.

¹⁸⁹ GEBARA, 2017b, p. 164.

Ruth Doris Lemos é a continuidade do trabalho invisível de tantas mulheres, porém, no campo da educação teológica, ela se tornou **precursora** e **protagonista**.

Gebara afirma o **poder** como **capacidade** inscrita em todos os corpos vivos e de maneira particular e diferenciada nos corpos humanos. Capacidade de buscar formas e caminhos para sobreviver. Ruth Doris Lemos é um exemplo de capacidade e de poder de influir nos rumos e nas decisões históricas, ainda que de forma invisibilizada.

Há poderes da religião que lançam desafios à nossa prática e à nossa reflexão teológica, afirma Gebara:

Não há respostas absolutas, mas posturas diferentes seguindo opções diferentes e a incrível diversidade da criatividade humana. Nós, mulheres feministas, acreditamos que é possível provocar mudanças sempre a favor da inclusão de pessoas na linha da afirmação de um bem comum atualizado, sempre mais abrangente, embora particularizado. Nós acreditamos na necessidade da inclusão das mulheres na diversidade de poderes da religião, tanto em nível simbólico quanto no nível do exercício público da autoridade religiosa. E é por isso que fizemos e estamos fazendo teologia feminista; é também por isso que sentimos a resistência dos poderes religiosos estabelecidos às nossas reflexões.¹⁹⁰

As mulheres pentecostais assembleianas precisam falar em seu próprio nome. Precisam registrar suas vivências e suas experiências, contando suas próprias histórias para que não sejam eternamente estórias. Precisam compartilhar suas espiritualidades tornando-as materialidades.

Gebara propõe um caminho para mudar essas histórias: transgressão, desobediência e uma nova ordem.¹⁹¹ Para os pentecostais, estes são termos que assustam e que são vistos como “pecado”. É possível transgredir, desobedecer e criar uma nova ordem sem cometer pecado? Ruth Doris Lemos provou que sim.

Creio que sim. A partir dos sonhos, buscas e dificuldades das mulheres cristãs refletidas nos diferentes capítulos desse livro podemos dizer que muitos processos de libertação pessoal e social se caracterizaram em parte por comportamentos de transgressão e desobediência a uma ordem política e religiosa dominante. Os comportamentos das mulheres, considerados por alguns como nefastos à ordem social religiosa, tornaram-se sinais da afirmação da justiça para muitas mulheres. Transgredir e desobedecer ordens injustas são ações de fortalecimento e respeito à vida. Esta foi a história de muitas pessoas que ousaram acreditar que homens e mulheres são mais importantes que a lei do sábado ou que as prescrições culturais de

¹⁹⁰ GEBARA, 2017b, p. 175.

¹⁹¹ GEBARA, 2017b, p. 190.

muitos tipos. De uma maneira sintética vale elencar algumas transgressões, objetos de nossos sonhos, que incluem em seu bojo muitas outras.¹⁹²

Portanto, Ruth Doris Lemos, transgredindo e desobedecendo ordens injustas que silenciaram e ainda silenciam a história de muitas mulheres pentecostais. tem um importante papel na educação teológica pentecostal, despertando a consciência dos estudantes e das estudantes de teologia pentecostal.

3.2.1 Histórias silenciadas pelo simples fato de ser mulher

As mediações feministas liberaram em muitas mulheres a busca por um sentido de reivindicação da justiça dentro da mobilidade da vida, conforme descreve Gebara:

[...] Ela deixa de ser um ideal ou uma finalidade para a sociedade, e especialmente um ideal formulado pelos homens. Passa a misturar-se com as necessidades das mulheres como sujeitos históricos e dos grupos marginalizados. A justiça toca igualmente a nossa subjetividade e libera o desejo de autorrealização, de cuidado de si, de afirmação das muitas expressões da nossa identidade. Cria espaços para formas de organização que combatem o ocultamento da violência contra as mulheres, e tentam refazer a vida das vítimas empoderando-se para enfrentar os estigmas sociais, o medo e a vergonha que muitas desenvolvem nas difíceis situações.¹⁹³

O despertar da consciência feminina da opressão, é o papel de Ruth Doris Lemos na educação teológica pentecostal. Parafraseando o personagem **Chaves**,¹⁹⁴ é uma educação teológica pentecostal que desperta a consciência dos estudantes e das estudantes, “sem querer querendo”.

¹⁹² GEBARA, 2017b, p. 190-191.

¹⁹³ GEBARA, 2017a, p. 61.

¹⁹⁴ “*El Chavo del Ocho* é uma *comédia de situação* que aborda as interações de um grupo de pessoas que moram em uma vila. O protagonista, Chaves, é um garoto órfão de oito anos que muitas vezes enfrenta problemas com adultos, incluindo Seu Madruga, Dona Florinda e Dona Clotilde devido a mal-entendidos, distrações ou travessuras. Ele também convive com seus amigos Quico e Chiquinha, que são da mesma faixa etária. Muitas vezes, Chaves é encontrado em um barril de madeira. Segundo o próprio personagem, é apenas um esconderijo, na verdade ele mora na casa de número 8. Praticamente, a trama se desenrola nesta vila, que tem como proprietário Seu Barriga, e os moradores Seu Madruga, Dona Neves e Chiquinha (na casa 72), Dona Clotilde, apelidada de Bruxa do 71 por sua aparência e o número de sua residência, na casa 14 vivem Dona Florinda e seu filho Quico. Glória e sua sobrinha Paty permanecem um período na casa 24, e posteriormente, Jaiminho. Dona Edwiges (apelidada de Louca da Escadaria devido à sua casa se situar no alto de uma escada) também morou lá”. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/El_Chavo_del_Ocho>. Acesso em: 09 fev. 2020.

Talvez Ruth Doris Lemos tinha o sonho de mudar a teologia pentecostal e de reconstruir uma Igreja plural.

As feministas não apenas desfizeram as antigas fronteiras entre o público e o privado na sociedade civil, mas também nas igrejas, incluindo nas agendas pastorais questões relativas à justiça, ao bem-estar das mulheres e a uma nova leitura da Bíblia. Introduziram igualmente uma nova concepção do “poder” como “poderes”, que vai lentamente modificando e talvez até enfraquecendo a força do centralismo hierárquico masculino. É nesse sentido que se pode dizer que as teologias feministas na América Latina não fogem do objetivo político que se atribui a todas as teologias.¹⁹⁵

Pretendia uma Igreja mais justa, que cumpra o objetivo da lei, ser um só em Cristo, que busque o bem comum de mulheres e homens, em busca de um Reino onde todos e todas sejam iguais: “Desse modo não existe diferença entre judeus e não-judeus, entre escravos e pessoas livres, entre homens e mulheres: todos vocês são um só por estarem unidos com Cristo Jesus” (Gálatas 3.28).

Apesar da maioria das igrejas pentecostais pautadas com uma doutrina fundamentalista em relação à participação das mulheres na Igreja, sob princípios de subordinação, enfatizando com veemência como um mandato divino, atribuindo às mulheres papéis como professoras de crianças, mãe educadora, cuidado da limpeza do templo, reforçando seu papel de serva do homem, existem igrejas pentecostais, excepcionalmente, com diferente visão teológica em relação à participação das mulheres na igreja.

A questão da mulher na Igreja Pentecostal precisa de um trabalho de conscientização, que parta de suas próprias inquietações. “Um trabalho de conscientização da mulher pentecostal deve ser feito dentro das próprias congregações, com pessoas da própria denominação, de modo a se propor um trabalho *de e com* a mulher pentecostal, e não um trabalho *para* a mulher na igreja pentecostal”.¹⁹⁶

¹⁹⁵ GEBARA, 2017b, p. 93.

¹⁹⁶ SÁNCHEZ, Ana Ligia; PONCE, Osmundo. A Mulher na Igreja Pentecostal: uma abordagem inicial à prática religiosa. In: GUTIÉRREZ, Benjamim F.; CAMPOS, Leonildo Silveira. **Na força do espírito: um desafio às igrejas históricas**. São Paulo: Associação Evangélica Literária Pendão Real, São Bernardo do Campo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1996. p. 202-203.

3.2.2 As mulheres pentecostais também falam

As mulheres pentecostais também falam.

As mulheres, apesar de serem um dos setores sociais excluídos e marginalizados de várias maneiras até muito recentemente, quase sempre encontravam maneiras alternativas de canalizar e expressar criativamente seu enorme potencial humano.¹⁹⁷

López afirma que a história do movimento pentecostal demonstra a participação e o compromisso das mulheres, sua capacidade de trabalho, sua entrega e disposição no âmbito eclesial. Porém, “quase silenciosa e anonimamente, a presença de mulheres tem sido vital para o movimento pentecostal se espalhar em diversos contextos sociais e culturais”.¹⁹⁸

A história de Ruth Doris Lemos demonstra a capacidade das mulheres, assim como a dos homens, no âmbito educacional teológico. Como descreve Gebara:¹⁹⁹ uma nova cultura marcada pela igualdade política e social dos gêneros, pela formação de mulheres capazes de decidir e influir sobre o rumo de suas vidas e de seus relatos. Mulheres educadoras; mulheres educando mulheres e homens. “Só o futuro poderá nos mostrar as consequências dessa nova forma informal de educação das mulheres pelas mulheres, particularmente no que se refere à tradição cristã”.²⁰⁰

O rosto feminino do pentecostalismo brasileiro tem trazido mudanças significativas nas representações e relações de gênero entre os pentecostais, afirma Mello. Embora a doutrina pentecostal enfatize valores associados à subjetividade feminina, o pentecostalismo tem combatido a identidade masculina predominante na sociedade brasileira.²⁰¹

Sem dúvida, Ruth Doris Lemos faz parte dessa reconstrução de identidade, possibilitando uma maior participação das mulheres pentecostais na esfera pública e

¹⁹⁷ “Las mujeres, a pesar de ser uno de los sectores sociales excluidos y marginados de múltiples maneras hasta hace muy poco tiempo, casi siempre encontraron caminos alternativos para canalizar y expresar creativamente su enorme potencial humano”. LÓPEZ, 2000, p. 33. Tradução nossa.

¹⁹⁸ LÓPEZ, 2000, p. 33.

¹⁹⁹ GEBARA, 2017b, p.1125-126.

²⁰⁰ GEBARA, 2017b, p.133.

²⁰¹ MELLO, Izabel Cristina Veiga. **Uma leitura de gênero a partir das relações de poder no pentecostalismo brasileiro**. São Leopoldo: Faculdades EST/Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, 2010. p. 58.

educacional. Mello afirma que “as trajetórias de algumas das mais expressivas lideranças pentecostais revelam a importância de vínculos domésticos e o papel decisivo dos homens no processo de ascensão das mulheres nas hierarquias religiosas”.²⁰²

As mulheres pentecostais e os “novos” espaços de poder servem para preservar a dependência feminina em relação aos homens. Ruth Doris Lemos é um exemplo de como tais instituições tentam controlar e formatar a vida das mulheres condicionando-as em espaços controlados e supervisionados, com uma certa supervisão masculina.²⁰³

Articulações com a prática é o que o poder feminino precisa no âmbito pentecostal. O não exercício dessa teologia em nada contribui na transformação de sua realidade.

Ruth Doris Lemos exercia um poder feminino no âmbito pentecostal, mas de forma silenciosa. Não reduzindo sua teologia ao âmbito político apenas, mas deslocando-a em uma experiência concreta e transformadora. Fazia uma teologia pentecostal prática, concreta, pragmática, transformadora, porém, silenciosa.

Sua teologia se revelava em sua face teórico-crítica da prática da caridade libertadora, ao mesmo tempo lúcida e contemplativa. Podemos denominá-la de Teologia Pentecostal Prática.

3.3 Um relato a partir da história de homens

Porque não se produziu uma biografia de Ruth Doris Lemos? O relato de Ruth Doris Lemos é contado a partir da história de seu esposo. É um relato que precisa ser recontado a partir de si mesmo, de si própria, para deixar de ser estória e tornar-se História.

A biografia do Pastor João Kolenda Lemos, produzida pela IBADTV, na direção do filho Mark Lemos, traz inúmeros exemplos do importante papel de Ruth Doris Lemos na educação teológica pentecostal.

Apesar de ser um vídeo da biografia do Pastor Kolenda, ele traz alguns depoimentos e informações, inclusive da própria Ruth Doris Lemos,

²⁰² MELLO, 2010, p. 60.

²⁰³ MELLO, 2010, p. 61-62.

importantíssimos para demonstrar o papel dessa mulher, pentecostal e assembleiana. Mas por que um documentário somente sobre João Kolenda e não sobre Ruth Doris Lemos em um vídeo institucional?

O vídeo inicia apresentando as marcas e mudanças, rastros imperceptíveis, que sinalizam um caminho para as gerações futuras através da vida desse casal. Como a pesquisa é sobre Ruth Doris Lemos, não será enfocada, apesar de suma importância, a contribuição de João Kolenda Lemos para a educação teológica pentecostal, tema para futuras pesquisas.

Formado em teologia no Central Bible Institute Springfield, Missouri, Estados Unidos, João Kolenda Lemos inicia sua caminhada na educação teológica pentecostal. “No Brasil as instituições não recebiam pentecostais, e a Assembleia de Deus não queria nem pensar, nem falar em Instituto Bíblico. Então, Deus abriu a porta para fazer um curso de teologia nos Estados Unidos da América, onde me formei em teologia”.²⁰⁴

João Kolenda tinha uma vida de estudo e trabalho árduo, com um chamado vocacional para oferecer no Brasil a mesma formação teológica que ele recebeu. “Por que não tem uma escola como essa no Brasil? Por que os brasileiros não podem estudar num Instituto Bíblico?”, perguntava João Kolenda.²⁰⁵

Uma vida de oração, batismo no Espírito Santo e o chamado para tal missão no Brasil é o que movia a vida de João Kolenda. Em uma experiência vivida no Seminário nos Estados Unidos, ele relata: “Uma voz, em português, falou: Foi por isso que o mandei pra cá. Volte para o Brasil para abrir um Instituto Bíblico desses”. Era o Espírito Santo, afirmava Kolenda. Em 1950 casou-se com Ruth Doris Lemos. Ruth Doris Lemos era de origem humilde e tinha uma forte vocação missionária.²⁰⁶

²⁰⁴ IBADTV. (2013). **Biografia Pr. João Kolenda Lemos**. Disponível em: IBADTV: <https://www.youtube.com/watch?v=Ru5F-b7PxBQ&list=PLZwL7eqQYXBm8yPUjx0_FVr_wRRvSNpCN&index=3>. Acesso em: 26 dez. 2017.

²⁰⁵ IBADTV. (2013). **Biografia Pr. João Kolenda Lemos**. Disponível em: IBADTV: <https://www.youtube.com/watch?v=Ru5F-b7PxBQ&list=PLZwL7eqQYXBm8yPUjx0_FVr_wRRvSNpCN&index=3>. Acesso em: 26 dez. 2017.

²⁰⁶ IBADTV. (2013). **Biografia Pr. João Kolenda Lemos**. Disponível em: IBADTV: <https://www.youtube.com/watch?v=Ru5F-b7PxBQ&list=PLZwL7eqQYXBm8yPUjx0_FVr_wRRvSNpCN&index=3>. Acesso em: 26 dez. 2017.

Me converti com 11 anos de idade pra descer às águas na Igreja Batista com 12 anos de idade. Fiquei na Igreja Batista até 16 anos de idade e transferir-me para Igreja Assembleia de Deus. Fui para o Instituto Bíblico com 18 anos de idade. Fui estudar lá, estudei em outras escolas, fazer outros cursos, mas a coisa mais importante é que depois que eu terminei o Estudo Bíblico fui direto para o ministério. Tenho estado no ministério desde aquele dia, e eu agradeço a Deus pelo companheiro que me deu.²⁰⁷

Ao relatar sobre o primeiro encontro com Doris, como ele carinhosamente a chamava, o Pastor Kolenda diz: “Curioso pra conhecer, quem é essa Doris? Obreira de Deus, uma Pastora”.²⁰⁸

Eu tinha um propósito no meu coração, que somente poderia casar com alguém, ou se casar, realmente não estava pensando muito em casar. Tava trabalhando muito na Igreja, trabalhos evangelísticos, viajando com meus dois irmãos que eram evangelistas naquele tempo, mas se casar, teria que ser com alguém que tinha o mesmo interesse profundo na obra do Senhor.²⁰⁹

Ao conversar com um amigo sobre Doris, Kolenda descobriu que “tinha uma moça que é muito boa, mas ela não quer saber de namoro, como é o nome dela? Doris”, dizia o amigo.²¹⁰

Doris é uma segunda Pastora em uma igreja. [...] onde fui convidado para pregar. Entrei pelo lado da igreja e tinha uma moça tocando piano de costas para a porta, era a Doris. Olhei para ela, parei! Sabe o que foi que Deus disse? Essa vai ser sua esposa. A nossa vida de casado tem sido uma vida, não de sonho, mas de realidades, muito felizes. Uma esposa que não tem adjetivo no vocabulário português pra falar, descrever na parte ministerial. Uma esposa, uma obreira, uma missionária, uma missionária!, tem muito missionário, mas ela é missionária!!!²¹¹

²⁰⁷ IBADTV. (2013). **Biografia Pr. João Kolenda Lemos**. Disponível em: IBADTV: <https://www.youtube.com/watch?v=Ru5F-b7PxBQ&list=PLZwL7eqQYXBm8yPUjx0_FVr_wRRvSNpCN&index=3>. Acesso em: 26 dez. 2017.

²⁰⁸ IBADTV. (2013). **Biografia Pr. João Kolenda Lemos**. Disponível em: IBADTV: <https://www.youtube.com/watch?v=Ru5F-b7PxBQ&list=PLZwL7eqQYXBm8yPUjx0_FVr_wRRvSNpCN&index=3>. Acesso em: 26 dez. 2017.

²⁰⁹ IBADTV. (2013). **Biografia Pr. João Kolenda Lemos**. Disponível em: IBADTV: <https://www.youtube.com/watch?v=Ru5F-b7PxBQ&list=PLZwL7eqQYXBm8yPUjx0_FVr_wRRvSNpCN&index=3>. Acesso em: 26 dez. 2017.

²¹⁰ IBADTV. (2013). **Biografia Pr. João Kolenda Lemos**. Disponível em: IBADTV: <https://www.youtube.com/watch?v=Ru5F-b7PxBQ&list=PLZwL7eqQYXBm8yPUjx0_FVr_wRRvSNpCN&index=3>. Acesso em: 26 dez. 2017.

²¹¹ IBADTV. (2013). **Biografia Pr. João Kolenda Lemos**. Disponível em: IBADTV: <https://www.youtube.com/watch?v=Ru5F-b7PxBQ&list=PLZwL7eqQYXBm8yPUjx0_FVr_wRRvSNpCN&index=3>. Acesso em: 26 dez. 2017.

Ruth Doris Lemos reconhece a rejeição e a discriminação das mulheres no meio pentecostal brasileiro, mas ainda assim não abriu mão de sua missão.

E o João Kolenda tem encorajado sempre a desempenhar meu ministério. Muito porque, num país, no Brasil quando chegamos aqui, mais que 50 anos passados, não foi muito fácil. As mulheres tinham muitos lugares no ministério, mas quando o irmão João era convidado para pregar nas igrejas, muitas vezes ele me colocou lá também para pregar junto com ele. Uma surpresa para os pastores, e outros que estavam presentes.²¹²

Era um casal dedicado à causa da educação teológica pentecostal no Brasil. Com a visão educacional de João Kolenda, mas o zelo missionário de Ruth Doris Lemos, nasceu o IBAD, um celeiro de missionários e missionárias pentecostais.

Nos relatos de alguns estudantes no vídeo em homenagem ao Pastor João Kolenda, é notória a ênfase na pessoa de Ruth Doris Lemos. “Um casal com carisma, dedicação à obra e ao ensino”; “espelhos”; “faziam a obra com dinamismo e amor”; “um pai e mãe eclesiásticos”, é como os estudantes viam João Kolenda e Ruth Doris Lemos.²¹³

Irmãos, é maravilhoso ter uma família em que todos servem ao Senhor. Nós só pedimos uma coisa do Senhor, que eles venham viver para Jesus, que eles vieram ser crentes por toda a sua vida. Eu quero que meus filhos eternamente, eu dizia para eles, não importa que tipo de profissão que você escolha, até pode ser coletor de lixo numa cidade, dirigir caminhão disto, mas que serve Jesus, que vice para Jesus e que nós podemos estar juntos, como uma família lá no céu.²¹⁴

Foi uma história, como descreve João Kolenda, de “oposições e lutas que nos mantêm de pé”.²¹⁵ Ruth Doris Lemos é um exemplo de história de muitas mulheres silenciadas e excluídas pelo simples fato de ser mulher. É uma história que

²¹² IBADTV. (2013). **Biografia Pr. João Kolenda Lemos**. Disponível em: IBADTV: <https://www.youtube.com/watch?v=Ru5F-b7PxBQ&list=PLZwL7eqQYXBm8yPUjx0_FVr_wRRvSNpCN&index=3>. Acesso em: 26 dez. 2017.

²¹³ IBADTV. (2013). **Biografia Pr. João Kolenda Lemos**. Disponível em: IBADTV: <https://www.youtube.com/watch?v=Ru5F-b7PxBQ&list=PLZwL7eqQYXBm8yPUjx0_FVr_wRRvSNpCN&index=3>. Acesso em: 26 dez. 2017.

²¹⁴ IBADTV. (2013). **Biografia Pr. João Kolenda Lemos**. Disponível em: IBADTV: <https://www.youtube.com/watch?v=Ru5F-b7PxBQ&list=PLZwL7eqQYXBm8yPUjx0_FVr_wRRvSNpCN&index=3>. Acesso em: 26 dez. 2017.

²¹⁵ IBADTV. (2013). **Biografia Pr. João Kolenda Lemos**. Disponível em: IBADTV: <https://www.youtube.com/watch?v=Ru5F-b7PxBQ&list=PLZwL7eqQYXBm8yPUjx0_FVr_wRRvSNpCN&index=3>. Acesso em: 26 dez. 2017.

precisa ser escrita e considerada para se perceber o valor e a relevância do poder feminino no pentecostalismo assembleiano.

3.3.1 O Legado de Ruth Doris Lemos para a educação teológica pentecostal

Ruth Doris Lemos é uma importante personagem e teve um importante papel na configuração do Pentecostalismo Moderno e na Educação Teológica Pentecostal. A Educação Teológica Pentecostal deve muito a Ruth Doris Lemos. Seu legado no âmbito educacional teológico é extenso e diversificado. Suas obras e ações foram elementares no desenvolvimento substancial nessa área, especificamente, no âmbito pentecostal a prática teológica educacional promovida por sua representante maior, a Assembleia de Deus, “[...] para destacar a contribuição específica da Assembleia de Deus no processo de resgate de gente *desvalida, pobre e semianalfabeta* na construção de uma nova forma de participação, sentido e envolvimento no ‘Reino de Deus’”.²¹⁶

As Relações de Gênero, ou mais especificamente como as ADs lidam com o ministério feminino, é algo que teve – e continua tendo – muitas nuances. Incentivado nas primeiras décadas e restringido após 1930, atualmente a grande maioria das ADs ainda proíbe, porém algumas oficializaram o ministério estamental/pastoral de esposas de pastores-presidentes.²¹⁷

Apesar da contribuição de Ruth Doris Lemos em relação à participação e à ação das mulheres nas Assembleias de Deus no Brasil, seu legado ainda é pouco conhecido. Como descreve Gedeon Alencar, “relações de gênero: ganha a missão, perde a vida”. Ruth Doris Lemos foi mulher-símbolo da primazia feminina no pentecostalismo, sempre posta como a invisível esposa do fundador. “[...] *Dom de pregar e ensinar?* Esse tipo de ‘dom’, ainda hoje não é aceito como sendo uma função feminina, pois *esse dom é masculino*”.²¹⁸

Gedeon Alencar descreve Ruth Doris Lemos como a “pastora americana que virou auxiliar”.

²¹⁶ GOMES, Ozean; REIS, Roberto dos. **Pentecostalismo**. Pindamonhangaba: IBAD, 2014. p. 117.

²¹⁷ ALENCAR, 2013, p. 38.

²¹⁸ ALENCAR, 2013, p.121.

Doris são muitas. A pastora Doris é apenas um símbolo do que aconteceu – e ainda acontece – com milhares de mulheres assembleianas. Antes e depois dela, existiram e existem ainda milhares de mulheres oprimidas e renegadas à função inferior do que exerceram e foram, e são, capazes. Pastora Doris Lemos teve o reconhecimento de seu marido, filhos e de diversas gerações de alunos do IBAD. Teve em vida e continua tendo ainda hoje, mas as milhares de assembleianas ao longo deste centenário continuam anônimas, inclusive, por não terem maridos, filhos e/ou alunos para resgatarem suas histórias.²¹⁹

Gedeon Alencar faz uma dura crítica das relações de gênero nas Assembleias de Deus, do que ele chama de: **a) Missão Oficial:** limitada ao Círculo de Oração; **b) Missão Oficiosa:** o profetismo feminino e o ministério masculino; e **c) Missão Oficiaisca:** a “primeira dama” do Ministério.²²⁰

Porém, olhando do lado positivo, seria essa nova geração pastoral assembleiana, de universitários, modernos e progressistas, como descreve Alencar,²²¹ fruto do legado de Ruth Doris Lemos? Uma geração que talvez, sem a participação de Ruth Doris Lemos no âmbito educacional teológico pentecostal, jamais teríamos alcançado tal grau de educação.

O legado de Ruth Doris Lemos para a educação teológica pentecostal é inegável. Sua educação teológica teceu a participação das mulheres a partir das suas experiências e vivências próprias. Elaborou uma teologia a partir de suas vivências e experiências no labor teológico, como é comum entre os pastores e missionários assembleianos. Adaptamos palavras de André Musskopf sobre a inclusão das mulheres na teologia numa perspectiva teológica pentecostal, isto é, uma teologia pentecostal tecida, costurada, confeccionada a partir do exercício da resignificação da participação feminina na educação teológica pentecostal, onde uma mulher confeccionou tal labor teológico.²²²

²¹⁹ ALENCAR, 2013, p.190.

²²⁰ ALENCAR, 2013, p.233-240.

²²¹ ALENCAR, Gedeon Freire de. Nova Geração Pastoral Assembleiana: universitários, modernos e progressistas? In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). **Pentecostalismo em diálogo**. São Paulo: Fonte, 2014. p. 115-130.

²²² MUSSKOPF, André Sidnei. **Talar Rosa: Homossexuais e o Ministério na Igreja**. São Leopoldo: Oikos, 2005. p.186.

3.3.2 As Cinco Primeiras décadas do IBAD

Em uma série de vídeos produzidos pelo próprio IBAD, em comemoração aos 50 anos de sua existência, alguns relatos são extremamente importantes para conhecer o legado de Ruth Doris Lemos para a educação teológica pentecostal.

3.3.2.1 A Primeira Década

No primeiro vídeo da série, a primeira estudante a ser entrevistada é uma mulher, negra e teóloga, Zenaide Ramos, ex-aluna, da primeira turma de 1959: “anos difíceis para os alunos e professores, [...] mas o Senhor deu vitória e tem sustentado até hoje”.²²³ Fato importante a ser registrado.

Alguns estudantes fazem questão de dizer que suas vidas foram divididas em antes e depois do IBAD, “o lugar mais importante em que Deus me colocou”. Uma outra estudante, Belmira B. dos Santos, gaúcha da turma de 1966, diz: “[...] até as mulheres trazem uma marca de lá muito grande, cada uma que sai de lá tem um hábito da Doris ao pregar, ou apertar um lencinho, ou um gesto qualquer, mas isso fica pra sempre”. Nas palavras do Pastor Elienai Cabral,²²⁴ da turma de 1968, “Minha vida, meu ministério não seria o mesmo sem o IBAD”.²²⁵

Belmira B. dos Santos faz questão de lembrar o papel e a participação das mulheres: “nós trabalhávamos com massa de concreto, peneirando pedra, fazendo buraco, capinando, casos, funções e trabalhos que eram permitidos somente aos homens”.²²⁶

3.3.2.2 A Segunda Década

A segunda década é marcada por um grande crescimento com a chegada de estudantes vindos de várias partes do país e do exterior. Esse crescimento gerou desafios, como, por exemplo, de maiores instalações. Um dado importante,

²²³ IBADTV. (2008). **IBAD – Primeira Década**. Disponível em: IBADTV: <<https://www.youtube.com/watch?v=kOGz2BDGmlo>>. Acesso em: 26 dez. 2017.

²²⁴ Pastor, conferencista, teólogo, membro da Casa de Letras Emílio Conde, comentarista de Lições Bíblicas da CPAD e membro do Conselho Administrativo da CPAD.

²²⁵ IBADTV. (2008). **IBAD – Primeira Década**. Disponível em: IBADTV: <<https://www.youtube.com/watch?v=kOGz2BDGmlo>>. Acesso em: 26 dez. 2017.

²²⁶ IBADTV. (2008). **IBAD – Primeira Década**. Disponível em: IBADTV: <<https://www.youtube.com/watch?v=kOGz2BDGmlo>>. Acesso em: 26 dez. 2017.

mencionado neste segundo vídeo, é que até então o instituto não recebia apoio de nenhuma convenção estadual e muito menos da Convenção Nacional das Assembleias de Deus, exatamente pela rejeição e pelo anti-intelectualismo que a Assembleia de Deus tinha em relação à Educação Teológica.²²⁷

Foi uma década marcada pela perda de uma professora e missionária, participante desde a fundação em 1972, Elsie Strahl, trabalhava no Turlock Journal que existe até hoje, deixando um legado e um sentimento de tristeza e perda para a escola. Ela foi uma das fundadoras da Instituição. Registro interessante que ressalta a participação das mulheres na educação teológica pentecostal ibadiana.²²⁸

Em janeiro de 1973, na cidade de Natal-RN, houve o reconhecimento do Instituto Bíblico das Assembleias de Deus, na Convenção Geral das Assembleias de Deus, CGADB, depois de 15 anos de funcionamento, como o primeiro Instituto Bíblico Teológico das Assembleias de Deus no Brasil. Era a mesma convenção que duas décadas antes havia resolvido, na mesma cidade, que nunca apoiaria o Instituto Bíblico. Em janeiro de 1974, foi instalada a primeira extensão do IBAD em Itaperuna-RJ, para atender centenas de pastores e obreiros daquela região.²²⁹

Novos professores e professoras foram requisitados para atender a esses novos estudantes. Irmã Doris e os grupos musicais realizavam trabalhos evangelísticos, “formando obreiros para a seara do Mestre”.²³⁰

Alguns estudantes trazem depoimentos marcantes dessa segunda década: Geremias do Couto,²³¹ ex-aluno de 1971 e tantos outros e outras estudantes que

²²⁷ IBADTV. (6 de novembro de 2008). **IBAD – Segunda Década**. Disponível em: IBADTV: <https://www.youtube.com/watch?v=zYjkYk_FJr0>. Acesso em: 26 dez. 2017.

²²⁸ IBADTV. (6 de novembro de 2008). **IBAD – Segunda Década**. Disponível em: IBADTV: <https://www.youtube.com/watch?v=zYjkYk_FJr0>. Acesso em: 26 dez. 2017.

²²⁹ IBADTV. (6 de novembro de 2008). **IBAD – Segunda Década**. Disponível em: IBADTV: <https://www.youtube.com/watch?v=zYjkYk_FJr0>. Acesso em: 26 dez. 2017.

²³⁰ IBADTV. (6 de novembro de 2008). **IBAD – Segunda Década**. Disponível em: IBADTV: <https://www.youtube.com/watch?v=zYjkYk_FJr0>. Acesso em: 26 dez. 2017.

²³¹ Pastor, escritor, jornalista, conferencista, ex-aluno do Instituto Bíblico das Assembleias de Deus em Pindamonhangaba, SP. Foi evangelista associado à Cruzada Boas Novas, presidida pelo Rev. Bernhard Johnson, segundo vice-presidente da UMADER – União de Mocidade das Assembleias de Deus do Estado do Rio de Janeiro, fez parte da equipe de redatores dos periódicos da CPAD e de seu Departamento de Escola Dominical, foi também missionário entre o povo de língua portuguesa, nos Estados Unidos da América do Norte (EUA), onde ajudou a plantar novas igrejas e dirigiu o Instituto Bíblico Canaã, a primeira instituição do gênero em língua portuguesa no país. De volta ao Brasil, assumiu a chefia do Setor de Jornalismo da editora assembleiana, na qual exerceu, posteriormente, o cargo de Diretor de Publicações, sendo professor do Instituto Bíblico Pentecostal, professor da EPOE, segundo vice-presidente da Assembleia de Deus em Cordovil, RJ, e presidente da Associação Teológica Serrana. Fundou ainda a Assembleia de Deus – Centro

compartilham suas vivências e experiências através da educação teológica pentecostal. Porém, um dado interessante registrado no próprio documentário é que algumas estudantes se pronunciam como aluno, no masculino, exemplo de Myreia, “ex-aluno de 1971”, mas outras fazem questão de ressaltar ex-aluna, no feminino, exemplo de Rita de Cassia A. Moraes, “ex-aluna de 1977”, herança de Ruth Doris Lemos?²³²

Outros estudantes que deram depoimento, como Edno Fonseca, ex-aluno de 1969, inicia sua fala fazendo questão de destacar suas origens e sua identidade: “Líder estudantil pós-revolução, de uma família envolvida na política e judiciária, mas escolhi o sacerdócio. Fui cheio de ideias, mas precisando de alguém que me trabalhasse. O irmão Kolenda me trabalhou. Aquilo ali tem a mão de Deus”. Hidekazu Takayama,²³³ pastor assembleiano bem conhecido no cenário nacional, não só no âmbito eclesialístico como também no âmbito político, ex-aluno de 1970, destaca: “foi uma experiência que não dá pra explicar. Não há experiência mais marcante e maravilhosa do que passar esse tempo no IBAD”. Samuel Câmara, casado com uma das filhas de Ruth Doris Lemos, Rebeqa Câmara, ex-aluno de 1974, iniciou o seminário aos 16 anos de idade. “Três anos estudando e mais dois anos trabalhando e ensinando lá. Foi um redirecionamento na minha vida”. Como encerra o próprio vídeo: “Ensinar a palavra de Deus, nossa maior missão”.²³⁴

3.3.2.3 A Terceira Década

A terceira década do IBAD foi um período de grandes viagens dos fundadores e ampliações de novos prédios, a inauguração da Biblioteca O. S. Boyer,

Missionário Cristão, em Teresópolis, RJ, da qual é presidente de honra. Comentarista da revista Lições Bíblicas para a Escola Dominical, publicada pela CPAD, membro da Casa de Letras Emílio Conde, editor pela CPAD da Bíblia de Estudo *Pentecostal*, autor de verbete do Dicionário do Movimento Pentecostal e Coordenador Nacional do projeto Minha Esperança, realizado no Brasil pela Associação Evangélica Billy Graham em parceria com as igrejas evangélicas. Disponível em: <<http://geremiasdocouto.blogspot.com/>>. Acesso em: 22 fev. 2020.

²³² IBADTV. (6 de novembro de 2008). **IBAD – Segunda Década**. Disponível em: IBADTV: <https://www.youtube.com/watch?v=zYjkYk_FJr0.>. Acesso em: 26 dez. 2017.

²³³ Empresário, Professor, Pastor e Deputado Federal com 4 mandatos: 2003-2007; 2007-2011; 2011-2015; 2015-2019. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/deputados/74385/biografia>>. Acesso em: 22 fev. 2020.

²³⁴ IBADTV. (6 de novembro de 2008). **IBAD – Segunda Década**. Disponível em: IBADTV: <https://www.youtube.com/watch?v=zYjkYk_FJr0.>. Acesso em: 26 dez. 2017.

a produção de um vídeo com inúmeros depoimentos de estudantes. Foi uma década de crescimento, com mais de 200 estudantes.²³⁵

Um depoimento que merece destaque é do Pastor Cláudio Rogério, ex-aluno da década de 1980: “Um lugar onde o Senhor me lapidou e trabalhou na minha vida”. Uma década em que inúmeras estudantes mulheres deram depoimentos ao documentário do IBAD.²³⁶

3.3.2.4 A Quarta Década

A quarta década do IBAD está marcada por grandes mudanças, influenciadas pelas crises políticas, econômicas e pela abertura de inúmeros cursos teológicos pelo Brasil. Mark Lemos e Elba Lemos assumem a direção do IBAD e conseguem o apoio das igrejas americanas, que foram fundamentais para a conclusão da construção da estrutura do IBAD. Em dezembro de 1999 o *campus* do IBAD foi inaugurado. Um detalhe importante, no final do documentário, é de uma estudante que enfatiza a influência de Ruth Doris Lemos, a partir das aulas de Missões, para o Campo Missionário, uma das marcas e ênfase de Ruth Doris Lemos, diz ela.²³⁷

3.3.2.5 A Quinta Década

A quinta década, último vídeo da série comemorativa dos 50 anos do IBAD, é chamada de “década de ouro”, pelo progresso nas áreas teológicas, administrativas e estrutural. Ocorreu a ampliação do acervo da biblioteca O. S. Boyer com mais 10.000 exemplares. 30 apartamentos foram construídos para alunos casados em dezembro de 2001, chamado de Barcum Family. Em 2003 é inaugurado um transmissor de TV, canal 56 para a TV Boas Novas. Em 2004 ocorre o lançamento do Ministério Mulher Cristã, pela Missionária Elba Lemos. Em dezembro de 2005 é criado o Estúdio IBAD para a formação e treinamento dos estudantes em mídia cristã. Em 2006 ocorre o lançamento do Curso Teologia à Distância – IBAD. E o documentário termina com um depoimento de um estudante

²³⁵ IBADTV. (6 de novembro de 2008). **IBAD – Segunda Década**. Disponível em: IBADTV: <https://www.youtube.com/watch?v=zYjkYk_FJr0>. Acesso em: 26 dez. 2017.

²³⁶ IBADTV. (6 de novembro de 2008). **IBAD – Segunda Década**. Disponível em: IBADTV: <https://www.youtube.com/watch?v=zYjkYk_FJr0>. Acesso em: 26 dez. 2017.

²³⁷ IBADTV. (6 de novembro de 2008). **IBAD – Segunda Década**. Disponível em: IBADTV: <https://www.youtube.com/watch?v=zYjkYk_FJr0>. Acesso em: 26 dez. 2017.

dizendo: “O que mais me marcou no IBAD foram as experiências com Deus”, marca da Teologia Pentecostal Assembleiana.²³⁸

3.4 Obras de Ruth Doris Lemos no IBAD

Os livros de Ruth Doris Lemos fazem parte do Curso Médio de Teologia do IBAD. Foi um curso em EAD que buscou atender as necessidades educacionais da Igreja. O projeto é denominado Curso de Teologia a Distância, apresentado em 24 livros que oferecem aos estudantes a oportunidade de obter uma base sólida para o serviço cristão. A proposta inicial do IBAD era a qualificação de obreiros e obreiras para o serviço ministerial, pastoral e missionário.

Os autores e autoras dessa coleção são professores e professoras e ex-alunos e ex-alunas do IBAD, homens e mulheres ativos no ministério teológico, que promovem a visão dessa Instituição, afirma Mark Jonathan Lemos, atual Diretor do IBAD.²³⁹

3.4.1 *Hermenêutica: Interpretando as Escrituras Sagradas*

Neste livro Ruth Doris Lemos apresenta um estudo da Hermenêutica, a arte de interpretar e explicar textos, como parte da teologia exegética que ensina as regras de interpretação da Escrituras e a maneira de aplicá-las de forma correta.

Na apresentação do livro, Mark Lemos faz um comentário da pessoa de Ruth Doris Lemos:

Este livro foi escrito pela Missionária Ruth Doris Lemos de saudosa memória. A mesma juntamente com seu esposo, Pr. João Kolenda Lemos foram os fundadores do IBAD. Formou-se em Teologia pelo Great Lakes Bible Institute nos E.U.A. A missionária Doris Lemos dedicou a sua vida ao ensino teológico do Brasil, sendo Hermenêutica uma de suas paixões.²⁴⁰

Hermenêutica era uma das paixões de Ruth Doris Lemos na educação teológica. As obras do Curso a Distância seguiam um padrão institucional, divididas em 4 unidades, cada uma com 5 capítulos, no final de cada unidade uma Questão

²³⁸ IBADTV. (14 de outubro de 2010). **IBAD – Quinta Década**. Disponível em: IBADTV: <<https://www.youtube.com/watch?v=9bpG7y5fMtQ&t=1s.>>. Acesso em: 26 dez. 2017.

²³⁹ LEMOS, Ruth Doris. **Hermenêutica: interpretando as Escrituras Sagradas**. Pindamonhangaba: IBAD, 2010b. p. 8.

²⁴⁰ LEMOS, 2010b, p. 8. Grifo nosso.

para Reflexão e no final do livro um Questionário para Revisão para uma Avaliação no formato de uma Prova.

A **Unidade I** trata sobre os **Fundamentos da Hermenêutica**, abordando o valor e a necessidade da Hermenêutica Bíblica; a Interpretação das Escrituras pelos judeus; a Interpretação das Escrituras no Novo Testamento; A Hermenêutica Bíblica na História da Igreja – Da Patrística à Reforma; e termina com a Hermenêutica Bíblica na História da Igreja – Da Pós-Reforma aos dias atuais.

Na **Unidade II**, Ruth Doris Lemos aborda **A Hermenêutica e os estilos literários da Bíblia**, iniciando com as Questões Hermenêuticas da Lei do Antigo Testamento; a Hermenêutica das Narrativas do Antigo Testamento; a Hermenêutica da Literatura Poética e dos Profetas; interpretando os evangelhos; e conclui com a Hermenêutica das Epístolas.

Na **Unidade III**, Ruth Doris Lemos apresenta as **regras na interpretação Bíblica**, descrevendo a responsabilidade do Intérprete das Escrituras; Fatores determinantes sobre a Interpretação Bíblica; a primeira e a segunda regra formal da Hermenêutica e sua aplicação; a terceira e a quarta regra formal da Hermenêutica e sua aplicação; e conclui com a quinta regra formal e sua aplicação.

Na **Unidade IV**, Ruth Doris Lemos aborda a **Linguagem Bíblica e as figuras de retórica**, iniciando com as importantes observações sobre a Linguagem Bíblica; os símbolos e as tipologias na Bíblia Sagrada; o uso de Provérbios e Parábolas na Bíblia e as figuras de Retórica na Linguagem Bíblica.

É uma obra que visa a importância da hermenêutica para a compreensão dos textos bíblicos, mostrando o desafio de interpretar as Escrituras corretamente diante do abismo temporal, geográfico, cultural, linguístico e literário, questões que Ruth Doris Lemos desempenhava muito bem.²⁴¹

3.4.2 Evidência Cristã: Em defesa do Cristianismo

A segunda obra de Ruth Doris Lemos, também como parte do Curso a Distância oferecido pelo IBAD, propõe o estudo racional e sistemático de evidências e provas da integridade, autoridade e autenticidade da religião Cristã, apresentando

²⁴¹ LEMOS, 2010b, p.153.

comparativos de religiões não cristãs e novos grupos pseudocristãos, com o objetivo de corrigir equívocos e esclarecer dúvidas a respeito do verdadeiro Cristianismo.²⁴²

A **Unidade I** aborda a **necessidade da evidência cristã**, apresentando a importância de evidências cristãs nos primeiros séculos da Igreja; conceitos de termos teológicos; as reflexões sobre a verdade e a fé; o desafio do Liberalismo Teológico; e a evidência cristã no pós-modernismo.

Na **Unidade II**, Ruth Doris Lemos trata da **Bíblia, o livro-guia do Cristianismo**, apresentando as razões para a defesa das Sagradas Escrituras; a autoridade bíblica apontando as provas externas e provas internas; e profecias, respostas do Cristianismo aos críticos da Bíblia.

Na **Unidade III**, Ruth Doris Lemos aborda **os fundamentos teológicos da fé cristã**, apresentando temas como: a existência de Deus; o criacionismo Bíblico; a realidade do pecado e da salvação; a divindade de Jesus e a vida eterna.

Na **Unidade IV**, trata das **evidências históricas da fé cristã**, onde são abordados temas como: a interação de Deus na História; as profecias cumpridas na História; a contribuição histórica do Cristianismo; a historicidade de Cristo; e a singularidade da experiência cristã, este último, uma das principais marcas e selos da teologia pentecostal.

3.4.3 Missiologia: A missão da igreja em uma perspectiva cristã

Esta última obra tem um valor especial, por se tratar de um dos principais temas e legados de Ruth Doris Lemos: **Missão**. Na introdução Ruth Doris Lemos afirma que “a razão de ser e existir da Igreja, além de glorificar a Deus, é levar a Palavra do Senhor a todo o mundo”.²⁴³ Era um componente curricular com que Ruth Doris Lemos se identificava e o vivenciava no seu dia a dia.

Na **Unidade I**, Ruth Doris Lemos trata de **uma perspectiva histórica de missões**, iniciando com a Bíblia, um manual de missões; o aprendizado em missões através da Bíblia; Missões no século I até o século XX.

²⁴² LEMOS, Ruth Doris. **Evidência Cristã**: em defesa do Cristianismo. Pindamonhangaba: IBAD, 2010a. p. 13.

²⁴³ LEMOS, Ruth Doris. **Missiologia**: a missão da igreja em uma perspectiva cristã. Pindamonhangaba: IBAD, 2009. p. 13.

Na **Unidade II**, Ruth Doris Lemos apresenta uma **perspectiva de missões**, a chamada do missionário; qualidades e qualificações do missionário; o preparo, deveres e trabalhos do missionário; conclui com os grandes nomes de missões e seus trabalhos.

Na **Unidade III, uma perspectiva sociológica e cultural de missões**, iniciando com os povos do mundo, com tabelas e estatísticas; idiomas e culturas; povos isolados e não alcançados; os indígenas no Brasil; e estratégias para alcançar os povos indígenas.

Na **Unidade IV, uma perspectiva estratégica**, Ruth Doris Lemos apresenta o quadro religioso do mundo; e alguns desafios missionários: Islamismo; Hinduísmo; Budismo; e os fatores e problemas a enfrentar em missões nos tempos atuais.

Mas este livro tem uma questão que merece destaque. No quinto capítulo da Unidade I, Missões no século XX, Ruth Doris Lemos aborda os **principais fatores que influenciaram a obra missionária**. Destaco dois, que fazem jus ao papel de Ruth Doris Lemos na educação teológica pentecostal:

O Pentecostalismo ganha força, se fortalece e passa a ser o grande diferencial para o avanço missionário no mundo. As mulheres ganham espaço importante para missões; deixam de ser apenas mulheres dos missionários e passam a ser missionárias de fato. A força delas na obra é notória e é vista até os dias de hoje.²⁴⁴

O **pentecostalismo** e as **mulheres**, são ênfases defendidas por Ruth Doris Lemos como principais fatores que influenciavam a obra missionária. Ruth Doris Lemos destaca que as mulheres ganham espaços importantes e deixaram de ser apenas mulheres dos missionários e passaram a ser missionárias, no feminino, de fato. Ruth Doris Lemos evidencia a força das mulheres na obra missionária. São questões de extrema relevância no âmbito pentecostal brasileiro.

Outra questão que merece destaque é **o cuidado educacional e o preparo cultural no preparo missionário**. Ruth Doris Lemos e seu esposo tinham um cuidado especial em relação ao âmbito missionário.

A obra revela porque Ruth Doris Lemos abriu mão de renunciar ao ministério pastoral feminino para virar auxiliar submissa. Ruth Doris Lemos acreditava que

²⁴⁴ LEMOS, 2009, p. 55. Grifo meu.

como missionária não poderia deixar de **manter o vínculo com a Igreja mantenedora**. Devia ser **submissa ao ministério**. Em suas palavras: “Já ocorreram casos de missionários irem para o campo, começarem um trabalho e depois se desvincularem da igreja de origem e abrirem trabalho próprio na localidade. **Isso é um erro grave que não deve ser cometido por nenhum obreiro**”.²⁴⁵

Ruth Doris Lemos acreditava que o missionário e a missionária não poderiam deixar de manter o vínculo com a igreja mantenedora. Em inúmeras entrevistas, é enfatizada a dificuldade financeira que Ruth Doris Lemos e seu esposo enfrentaram para iniciar e manter o IBAD.

Outro ponto que merece destaque é sobre **os deveres e o trabalho do missionário**; Ruth Doris Lemos descreve a **elaboração de projetos**, em vários âmbitos, mas destaco o **educacional**, um dos maiores legados de Ruth Doris Lemos. Além da educação teológica, Ruth Doris Lemos e seu esposo faziam aulas de alfabetização e de inglês, como ferramenta de evangelismo²⁴⁶. Em umas das entrevistas, sua filha Rebeka Câmara, destaca a dedicação e o esforço da mãe em aulas complementares de inglês, fora do IBAD, para completar o orçamento.

Ruth Doris Lemos, apesar de defender e incentivar a participação das mulheres, é um símbolo de muitas mulheres pentecostais assembleianas, oprimidas e relegadas à função inferior do que exerceram e foram e são capazes, ser mulher. “Lembramos, também, que nenhum desses homens teria realizado a obra missionária se não fosse o apoio de suas esposas”.²⁴⁷

3.5 Relatos dos Familiares:²⁴⁸ Histórias de vida²⁴⁹

Os relatos dos familiares descrevem muito bem qual o papel de Ruth Doris Lemos na Educação Teológica Pentecostal Assembleiana. São relatos de pessoas que conviveram mais próximas e na intimidade, informações que não estão contidas em nenhum manual ou registros da história oficial

²⁴⁵ LEMOS, 2009, p. 93.

²⁴⁶ LEMOS, 2009, p. 96-97.

²⁴⁷ LEMOS, 2009, p. 104.

²⁴⁸ Nos Relatos dos Familiares foi adotado o seguinte procedimento de identificação: Familiar 1, Familiar 2, Familiar 3 e assim sucessivamente, para preservar a identidade, mantendo os nomes em sigilo.

²⁴⁹ Nomes, datas e lugares, em alguns casos, foram alterados para impedir a identificação dos familiares e das familiares.

3.5.1 Familiar 4

A entrevista com o Familiar 4 cabe muito bem quando se fala em educação teológica pentecostal, pela sua formação e atuação no âmbito eclesiástico.

O Familiar 4 inicia a entrevista com a forma habitual que costumavam chamar a Ruth Doris Lemos, a “irmã Doris”. Descreve-a como uma mulher extremamente forte, com uma personalidade forte e um vigor físico como poucos, “acordava nas madrugadas sempre, e o seu dia acabava bem tarde da noite”.²⁵⁰

Ela conseguia combinar uma variedade de funções e conseguiu agregar tudo isso, e separar isso numa agenda que era dividida entre trabalhos em casa, com os filhos, entre atividades de escrever, entre atividades de música, entre leituras devocionais, que ela sempre cultivava, e era uma mulher que achava tempo para tudo, era uma mulher que, ao mesmo tempo, estava buscando sempre ler, sempre tá lendo coisa nova, diferente, revistas, jornais, artigos e sempre estava fazendo coisa nova. Se sentava com ela, e sempre você aprendia alguma coisa, porque ela sempre tinha algo de novo, por incrível que pareça, apesar de já ser, podendo já ser uma senhora idosa; isso era já na sua juventude, quando eu a conheci, mas também era já realidade na sua velhice, ela sempre trazia um livro novo, tá dizendo isso, isso, isso, olha... situações, as vezes, que eu nunca nem tinha ouvido falar, situações, às vezes de escatologia, de teologia bíblica, depois da igreja, de missões. Então, ela era apaixonada por missões.²⁵¹

O Familiar 4 enfatiza, assim como todos os entrevistados e todas as entrevistadas, sua ênfase em Missões. Em suas aulas “ela sempre trazia dados sobre países, se mantinha sempre atualizada e, ao mesmo tempo, não esquecia as suas bases, nunca esqueceu as suas bases”. Foi uma mulher que não perdeu sua essência pentecostal assembleiana mesmo em meio ao rigor e à exigência científica acadêmica.

Convivia com ela e pude ver a sua intimidade, a irmã Doris acordava às 6 horas, todos os dias, ou antes disso, ela ia para o cantinho do sofá, assentava e ali era o seu momento de iniciar o dia, devocional. Ela lia a sua Bíblia, ela orava, ela estava ali em comunhão com Deus, em oração. Então, uma mulher muito piedosa, assim dizendo. E também eu me lembro muito... é muito clara na minha mente, ela andando pelos corredores da sua casa, tinha um grande corredor, e eu me lembro que, às vezes, eu ia para o banheiro, ela tava andando para lá e para cá decorando a Bíblia de novo, ela pegou essa prática na sua infância, decorava capítulos inteiros, salmos inteiros e porções das Escrituras, longas. Eu me lembro que uma vez ela, já com seus 77, 78 anos, ela: “Cláudio, quando eu era jovem, tinha decorado

²⁵⁰ Familiar 4. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 21 de fevereiro de 2019.

²⁵¹ Familiar 4. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 21 de fevereiro de 2019.

todo o Salmo, não sei quanto já, agora tô já redecorando todos". Todo dia, toda semana, ela tava preocupada em decorar de novo a Bíblia Sagrada.²⁵²

Foi uma mulher que, mesmo em meio à cientificidade acadêmica, não esqueceu suas bases. Mantinha seu devocional, sua leitura bíblica, sua oração e comunhão com Deus, nas palavras do Familiar 4, “uma mulher piedosa”.

O Familiar 4 enfatiza algo que ele admirava da “irmã Doris”, uma espiritualidade muito grande. Seu primeiro contato com a irmã Doris foi como estudante e discípulo, afirma ele, não como genro. Conheceu Ruth Doris Lemos na vida pública e na vida privada, como estudante e como parte da família, no âmbito profissional e no âmbito particular.

O Familiar 4, assim como a maioria dos estudantes, tinha João Kolenda e Ruth Doris Lemos como modelos de inspiração, exemplos de vida a seguir. Ruth Doris Lemos veio de um lar extremamente puritano, um puritanismo americano, de uma família 100% piedosa, afirma, uma mulher que vem do interior de Chicago estudar teologia.

O trabalho a definia, afirma o Familiar 4. Inúmeras vezes enfatiza sua espiritualidade, seu domínio teológico bíblico e o fato de ser uma mulher trabalhadora, alguém viciada em trabalho:

O que caracteriza a irmã Doris é uma espiritualidade, uma vontade de estudar a Bíblia, de saber os assuntos teológicos, mas também de trabalhar, trabalho definia ela. Eu tinha discussões e mais discussões com ela porque eu achava que o pastor e o líder deveria se jubilar e parar, ela falou se eu nunca vi na Bíblia Sagrada que a pessoa quando fica velho tem que parar de produzir, de trabalhar para o reino, não se trabalha enquanto tiver fôlego de vida vamos trabalhar. E ela trabalhava, entendeu?! carga horária sempre cheia e sempre tentando produzir. Ela era uma *workaholic*, ela era, né, alguém viciado em trabalho, se pudesse falar de um dos defeitos dela, talvez fosse esse aí, ela queria que o seu dia rendesse 80 horas, e não 24. Então, ela parava toda a escala que ela tinha, então, ela fazia isso aí, eu acho que isso teve influência dos seus pais, trabalho de fazenda, de tudo e rústica. Então ela saiu dali foi estudar numa escola em Chicago, cidade, né, na área Metropolitana, bem para cima da cidade de Chicago, na região ali, e essa escola hoje está fechada, mas ela foi anexada pelo Centro Bible College que é a escola, era a escola teológica do CBC.²⁵³

Foi uma mulher que tinha vocação para o ensino, tinha chamado, afirma o Familiar 4. Uma mulher autônoma no âmbito ministerial, descreve, “que não

²⁵² Familiar 4. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 21 de fevereiro de 2019.

²⁵³ Familiar 4. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 21 de fevereiro de 2019.

dependia do marido João Kolenda para ter e ser aquilo que ela era”.²⁵⁴ Ambos se completavam:

E quando ela veio para o Brasil, ela tinha uma, vamos falar da sua vida do Brasil, a irmã Doris tinha vocação, tinha chamado. Então, não dependia do marido João Kolenda para ter e ser aquilo que ela era. Entendeu?! Eles se completavam, cada um tem o seu ministério autônomo, andaram juntos somando, mas cada um era cada um, independentes. E, logicamente, quando veio para o Brasil, ela veio para uma realidade muito diferente, onde as mulheres não tinham espaço nenhum ministerial, ela teve que renunciar, resignar a sua, isso não foi problema nenhum pra ela, sentar lá embaixo do púlpito. Pra ela, nunca foi problema.²⁵⁵

Foi uma mulher que não mediu esforços nem se intimidou diante da realidade e dificuldades enfrentadas. Ela “fazia de tudo. Esse era o lema dela. Ela não perdia a oportunidade.”²⁵⁶

Como esposa, ao ser indagada sobre sua posição no IBAD, afirma o Familiar 4, sabia respeitar o espaço do marido, “ela respeitava o seu espaço, do marido, e retirava-se porque ele era o diretor, ela fazia, às vezes, de volta, mas ela mantinha controle naquilo que ela entendia que tinha que manter controle. Sempre foi assim, pela força da sua personalidade, do seu jeito”.²⁵⁷

Além de teóloga, Ruth Doris Lemos tinha uma formação em Jornalismo. Ajudava a lecionar em algumas disciplinas da área, além da formação e atuação na área da música. Mas sua principal missão era na área teológica, na formação de obreiros e obreiras para servir no campo missionário e pastoral.

Trabalhou na CPAD junto com Orlando Spencer Boyer, John Peter Kolenda com comentários, na escola bíblica dominical, na parte da literatura, na produção de programas, ajudou também na produção do programa Assembleia de Deus no Brasil junto com o missionário Lawrence Olson. No mesmo programa tinha um coral que, na rádio, cantava ao vivo.

Seu esposo cuidava da estrutura física, e Ruth Doris Lemos da estrutura teológica organizacional do IBAD, afirma o Familiar 4:

[...] enquanto que a irmã Doris tomava conta do outro lado, do lado mais bíblico-teológico e acadêmico da instituição e do material bibliográfico que

²⁵⁴ Familiar 4. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 21 de fevereiro de 2019.

²⁵⁵ Familiar 4. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 21 de fevereiro de 2019.

²⁵⁶ Familiar 4. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 21 de fevereiro de 2019.

²⁵⁷ Familiar 4. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 21 de fevereiro de 2019.

deveria ser trabalhado, fazendo um papel aí, de coordenadora teológica, né. É lógico que, como eles tinham que fundar e tinha estrutura física e não possuía, tinha muito trabalho pro irmão Kolenda fazer do outro lado, enquanto sobrava, e os dois trabalhavam muito. E, por isso, acho que se combinavam muito, porque os dois eram viciados em trabalho, 24 horas. Tanto ela como ele, e cada um, logicamente, naquele que entendia ser a função deles e o papel deles na formação teológica.²⁵⁸

Como esposa, Familiar 4 afirma que Ruth Doris Lemos entendia seu papel de “submissa”, mas ao mesmo tempo Ruth Doris Lemos tinha uma personalidade muito forte, “era meio General de Guerra”. Em alguns espaços João Kolenda estava à frente, em outros ela estava à frente, assegura.

O Familiar 4 afirma que era comum missionários estrangeiros serem recebidos com uma certa desconfiança no meio pentecostal assembleiano,

[...] o pessoal tinha os americanos como sendo desviados, até pela mentalidade dos suecos, os suecos, eles eram pessoas que não estudavam, né, não valorizavam a educação teológica, eles tinham a ideia de que os nicolaítas de Apocalipse eram aquele grupo que se dedicavam a estudar, e eram os americanos.²⁵⁹

A questão da educação, de uma forma geral, era bem rejeitada no âmbito pentecostal, era vista como algo que poderia desviar da doutrina e da conduta da fé pentecostal assembleiana. “Era comum o pastor brasileiro falar para os seus filhos de que a escola iria desviá-lo, tem que tirar da escola, enquanto que dos americanos vinham para estudar”.²⁶⁰

Tudo isso Ruth Doris Lemos teve de enfrentar ao iniciar o projeto de formação teológica nas Assembleias de Deus. O Familiar 4 enfatiza que no início da fundação do IBAD, a Convenção Geral ameaçou discipliná-los pelo projeto proposto, de implantar uma Escola de Formação Teológica no âmbito assembleiano pentecostal. Houve muita resistência para aceitação da educação teológica nas Assembleias de Deus no Brasil.

[...] por que a Convenção era dirigida por suecos ou por pastores com a mentalidade dos suecos, uma mentalidade de que a educação teológica é errada e que mensagem que esboço e mensagens bíblicas não deve ser estudada com antecedência, tem que abrir na hora e o Espírito é que vai mostrar e revelar aquilo que você quer ensinar e pregar. Então, foi complicada a inserção do ensino teológico no Brasil da própria teologia no

²⁵⁸ Familiar 4. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 21 de fevereiro de 2019.

²⁵⁹ Familiar 4. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 21 de fevereiro de 2019.

²⁶⁰ Familiar 4. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 21 de fevereiro de 2019.

seio da Assembleia de Deus, exatamente por essa mentalidade na igreja brasileira.²⁶¹

Ruth Doris Lemos rompeu preconceitos, derrubou muros e construiu pontes que abriram caminhos para a educação teológica pentecostal nas Assembleias de Deus no Brasil. Foi uma mulher que não se intimidou diante das dificuldades e dos desafios propostos no início da educação teológica assembleiana.

O Familiar 4 descreve João Kolenda como a “força e o braço do IBAD” e Ruth Doris Lemos como o “cérebro e o coração do IBAD”, por isso se completavam, um supria a necessidade do outro.

Uma das marcas bem enfatizadas em todas as entrevistas é a ênfase missionária de Ruth Doris Lemos. Era uma mulher zelosa, que conseguia passar muito desse zelo, dessa visão missionária para seus estudantes:

Então, ela conseguia passar muito desse zelo, dessa visão missionária para os alunos. Então, o indivíduo vai para lá, mesmo quando não era missionário, ele sempre chorava por missões e sempre você ficava meio frustrado porque ela conseguia colocar dentro de você e de que uma responsabilidade pelas almas e pelas pessoas, e isso você pode ver pelos números musicais dela, dos hinos que ela cantava.²⁶²

A irmã Doris era uma mulher que desafiava as pessoas quando se tratava da questão missionária. Ela, sendo mulher, era um referencial, afirma o Familiar 4, um modelo que rompia com paradigmas em relação ao papel e à participação das mulheres no âmbito pentecostal.

Sua importância para a educação teológica pentecostal é imensurável, afirma o Familiar 4. Foi uma mulher que rompeu limites e quebrou barreiras que ainda tentam se impor no âmbito teológico pentecostal em relação às mulheres e a sua participação nas igrejas.

[...] na verdade, ela achava extremamente importante de que básico essencial que você preparasse, né, tem que a pessoa se preparasse para o ministério, você teria condições de desenvolver e de ter um ministério, muito, mas muito mais profícuo e abençoador, e muito mais amplo. Então, ela sempre valorizou muito o trabalho, o estudo em si, tem que estudar, conforme já dissemos antes, irmã Doris com 80, 70 e poucos anos tava lá vendo os novos livros de teologia de um cara assim, de outro, e me lembro quando, às vezes, conversei com ela tava com a situação aí teológica, um livro novo que saiu nos Estados Unidos e a gente discutiu até um pouco,

²⁶¹ Familiar 4. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 21 de fevereiro de 2019.

²⁶² Familiar 4. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 21 de fevereiro de 2019.

conversou até um pouco, sobre o tema nele, cristológico e tal, então, você vê uma pessoa já que se poderia pensar passado, mas que valoriza tanto na sua própria vida, né, seu próprio. Então, eu acho que isso ela conseguia passar, essa precisão, essa vontade de estudar a Bíblia, e de interpretar corretamente. A irmã Doris, acima de querer ler, estudar, não, ela tinha que ter uma interpretação literal gramática histórica do texto. Esse era o básico dela, né, os textos serem tomados no seu sentido literal gramático histórico, do tempo do contexto onde foram escritos. Então, se pudesse lembrar alguma coisa dela, lembraria isso aí, porque era o que ela sempre pregava, que ela sempre ensinava, precisão na interpretação do texto, do estudo e da exegese do texto bíblico. Então, você vê, idosa já, estudando, se vê como era a valorização que ela tinha, necessidade que se tinha de se ter essa situação aí, né?²⁶³

Foi uma mulher vista como um referencial por todos e todas que conviveram com ela, excepcionalmente no âmbito acadêmico teológico, uma mulher que multiplicou a relevância da formação teológica para a Igreja Pentecostal Assembleiana e tantas outras. Onde a educação era vista como inimiga, ela fez dela uma aliada.

Eu acho que a contribuição dela pela educação teológica é porque o IBAD, ele se tornou o referencial multiplicador pelo Brasil afora, eu acho que aí que está o pulo do gato deles, não pulo do gato, é que está o mérito da vida dela, então, ela se multiplicou. Então, você conseguiu levar para praticamente todos os estados aquele modelo. Então, aonde numa igreja em que não se estudava a Bíblia, que não se estudava teologia, que não se abria espaço para nada disso, começou a ter pessoas que começaram a estudar tipo Ibadan aqui, né, que era uma cópia mais ou menos do que seria... isso não se reproduziu só aqui no Amazonas, essa reprodução foi para o Belém do Pará, Mato Grosso, foi para o centro, sul, leste, para o Paraná, Rio Grande do Sul, em todos os lugares se reproduziu algo parecido com aquilo. Após se quebrar aquele mito, aquele do pecado de se estudar teologia, se viu que se tinha, então... quando o pessoal dizia vamos fazer, vamos estudar, necessário, vamos então, vamos buscar o modelo então o único modelo existente era aquele ali, então ele começou a se tornar um modelo para ela porque era a única referência que se tinha Brasil afora, então ele se deu, se tornou de maneira não oficial, mas ele tem várias filiais. Era como se fosse oficial, a pessoa ia lá pegava o currículo, pegava ele, pegava tudo, é assim, então é assim que se estabelece, então começou a ter modelos espalhados pelo Brasil afora, eu acho que essa é uma grande contribuição dentro do seio da Assembleia de Deus²⁶⁴

Foi uma referência, conforme o Familiar 4. “Alguém que somou muito e viveu a plenitude do que podia viver, em todos os níveis, como mulher, como mãe, como esposa, com música e como professora de teologia que era. [...] Ela era uma mulher completa”.²⁶⁵

²⁶³ Familiar 4. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 21 de fevereiro de 2019.

²⁶⁴ Familiar 4. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 21 de fevereiro de 2019.

²⁶⁵ Familiar 4. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 21 de fevereiro de 2019.

3.5.2 Familiar 2 de Ruth Doris Lemos

O Familiar 2 inicia a entrevista enfatizando três elementos primordiais que descrevem Ruth Doris Lemos e seu modo de ver quem era essa pessoa: **missionária, pastora e mulher**. São elementos primordiais que descrevem a contribuição de Ruth Doris Lemos para a educação teológica pentecostal nas Assembleias de Deus no Brasil.

Ruth Doris Lemos foi uma mulher que abdicou do título pastoral para ter uma oportunidade de ministrar, afirma o Familiar 2:

Bem, a missionária pastora Ruth Doris Lemos foi uma mulher que viveu muito antes do seu tempo, né, ela foi uma pessoa que quando chegou ao Brasil em 1950, ela já era credenciada com pastora, ordenada pela igreja americana, mas ela abdicou do título para poder ter uma oportunidade de ministrar e isso, por muito interessante, porque ela era uma pessoa que atuava, ainda como solteira, ela ajudou e os dois irmãos, o André e o Paulo, a fundarem três das quatro igrejas da região central da Califórnia, pequenas, pobres, né, e, depois, em 1948, ela foi chamada pela igreja de Del Rey para ser a pastora de jovens e também ser a pastora de música da igreja e foi nesse momento que ela conheceu o pastor Kolenda, o futuro esposo dela. Uma das características que eu vejo da minha mãe, a missionária Doris, é que era uma mulher de fé, que ela queria que Deus podia fazer todas as coisas.²⁶⁶

Mulher de fé, afirma. Mesmo em meio às dificuldades, em relação ao pré-conceito à educação teológica nas Assembleias de Deus no Brasil, ela não recuou. “Ela era uma mulher que mesmo nas dificuldades financeiras mais terríveis que o IBAD passava, na década de 60 e 70, ela não esmorecia.”²⁶⁷ A falta de recursos financeiros e patrocinadores foi uma das principais dificuldades enfrentadas no início deste desafio, assegura o Familiar 2.

O Familiar 2 descreve um dado interessante:

[...] na verdade os alunos conheciam a irmã Doris da porta da casa dela para fora, nós conhecíamos ela da porta para dentro. Então, havia muitas situações que nós como filhos, né, enxergávamos coisas que ficávamos assim um pouco, não tristes, mas, é... meio desorientados, né. Porque ela era uma pessoa que tinha assim, essa visão de fé e, ao mesmo tempo, a gente enxergava os pés de barro dela, como mãe, e como esposa dentro de casa.²⁶⁸

²⁶⁶ Familiar 2. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 11 de julho de 2019.

²⁶⁷ Familiar 2. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 11 de julho de 2019.

²⁶⁸ Familiar 2. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 11 de julho de 2019.

São impressões que poucos, apenas aqueles que conviveram na intimidade com Ruth Doris Lemos, podem compartilhar, neste caso os familiares. O Familiar 2 enfatiza a ordenação ministerial de Ruth Doris Lemos concedida nos Estados Unidos no ano de 1950 ou 1951, não tem certeza absoluta, quando Ruth Doris Lemos era ainda solteira, e não em 1957, pois em seu certificado consta o ano de 1957. Porém, este certificado é o segundo certificado agora com o nome de casada, já que Ruth Doris Lemos foi ordenada ao ministério pastoral ainda solteira.

Bem, eu acho em primeiro a Assembleia de Deus, né, na década de 50, quando ela chegou aqui em 51, parece ou 1950, a Assembleia de Deus brasileira como até hoje é uma igreja muito machista, muito sem dar oportunidade para mulher, né, tanto que a irmã Doris havia sido já ordenada e tem uma cópia da ordenação dela com data de 57, que até o Gedeon Alencar publicou na tese dele, e até o Gedeon falou comigo, mas o que foi isso né, ela foi ordenada em 57, não, o fato é que quando ela veio para o Brasil, ela veio com o certificado de ordenação de nome de solteira, aí quando ela voltou e 56 aonde eu nasci, entendeu, aí ela foi e pediu já o certificado novo com o nome de casada, que é esse de 57. Mas, enfim, ela chegou no Brasil e ela viu que, né, não adiantava ela ficar mostrando credencial. Porque a igreja brasileira era dominada pelos suecos, era uma igreja muito tradicional, suecos não se davam muito bem para os americanos, né, tanto que existe alguns episódios interessantes que foram mediados pelo meu tio JP Kolenda, um momento de muita tensão entre os suecos e os americanos, né, e a missão americana falou com o JP Kolenda, olha, nós temos três opções ou a gente dá um jeito de trabalhar com os suecos em harmonia ou a gente funda um trabalho independente nosso, entre os americanos, ou a gente retira todos os missionários do Brasil.²⁶⁹

A ordenação ministerial de mulheres não é bem recebida pela Assembleia de Deus no Brasil, uma igreja machista, afirma o Familiar 2. Apesar de apresentar seu certificado de ordenação pastoral, Ruth Doris Lemos não é aceita, nem recebida como pastora na Assembleia de Deus no Brasil, uma igreja preconceituosa quanto à questão do Ministério Pastoral Feminino, enfatiza o Familiar 2. Apesar de toda a cooperação, Ruth Doris Lemos é recebida apenas como Missionária, o cargo máximo que uma mulher poderia ocupar no âmbito ministerial pentecostal assembleiano. “Enfim, então, era uma Igreja que, além do fato de ser muito machista, era uma Igreja que tinha muito preconceito contra o ministério feminino”.²⁷⁰

Esse é o contexto que Ruth Doris Lemos enfrenta ao chegar ao Brasil, com o desafio de implantar a Educação Teológica no âmbito Pentecostal Assembleiano:

²⁶⁹ Familiar 2. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 11 de julho de 2019.

²⁷⁰ Familiar 2. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 11 de julho de 2019.

uma Igreja cheia de preconceitos em relação às mulheres em funções ministeriais, afirma o Familiar 2. Ruth Doris Lemos é uma quebra de paradigmas nestes preconceitos em relação à inclusão das mulheres em funções e práticas ministeriais e operacionais eclesialmente falando.

Bom, quando chegou no Brasil, né, naquela época algumas igrejas não permitiam nem que a mulher subisse no púlpito para fazer limpeza, tinha que ter um diácono do sexo masculino pra subir no púlpito. As irmãs podiam limpar a parte de baixo da igreja, mas o púlpito era tão santo, né, que tinha que ter um diácono do sexo masculino pra poder limpar o púlpito. Nem para limpar e nem podia. Então, se imagine durante um culto, né, então... o que que aconteceu?! Papai, papai, ele tinha assim, uma sacada tremenda, meu pai era uma pessoa fantástica, ele pegou, e ele contava esse testemunho, né, dos surdos e mudos, né, daí ele falava: irmãos, vocês gostariam de ver eu cantar um hino na língua dos surdos e mudos? Aí todo mundo: amém, glória a Deus! Pastor, posso? Pastor: pode. Então quero chamar minha esposa aqui para no púlpito pra tocar o acordeão enquanto eu faço gestos e ela canta a música. (risos) E ali começou a se quebrar esse paradigma, né, esse preconceito. E a irmã Doris começou, né, a acompanhar o meu pai em todos os cultos, tocando acordeão, cantando Rude Cruz, Se Erigiu.²⁷¹

Ruth Doris Lemos chega ao Brasil em uma época em que as mulheres eram marginalizadas em funções ministeriais no âmbito pentecostal, bem como em outras igrejas²⁷². As mulheres não podiam nem subir no púlpito, muito menos participar da liturgia do culto ou em funções ministeriais, afirma o Familiar 2. De forma silenciosa, Ruth Doris Lemos foi rompendo essas barreiras sem “fazer barulho”, de forma calada.

O protagonismo das mulheres na história do movimento pentecostal é evidente, porém, não divulgado, ou às vezes, nem registrado, silenciado. Valéria Cristina Vilhena evidencia isso em sua pesquisa de doutorado: **“Um olhar de Gênero sobre a Trajetória de Vida de Frida Maria Strandberg (1891-1940)”**.²⁷³ Valéria demonstra que apesar de protagonistas na história do movimento pentecostal, as mulheres, assim como Ruth Doris Lemos e Frida Maria Strandberg, são esquecidas, ou silenciadas pela negligência masculina.

²⁷¹ Familiar 2. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 11 de julho de 2019.

²⁷² Entre tantas outras mulheres que lutaram e enfrentaram e enfrentam a resistência em relação à participação das mulheres nas igrejas: Elsa Tamez (presbiteriana); Ivone Gebara, Maricel Mena López e Maria Clara Bingemmer (católicas); Ivone R. Reimer e Wanda Deifelt (luteranas); Nancy Cardoso Pereira e Tânia Mara Vieira Sampaio (metodistas); conforme descreve Súsie Ribeiro, 2010, p. 202.

²⁷³ VILHENA, Valéria Cristina. **Um olhar de Gênero sobre a Trajetória de Vida de Frida Maria Strandberg (1891-1940)**. Tese (Doutorado em Educação, Artes e História Cultural) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.

Frida Maria Strandberg não é conhecida nem mesma como ela própria, ou seja, nem mesmo pelo seu próprio nome de solteira, por sua identidade, pois ser reconhecida pelo seu próprio nome, afirma Valéria Cristina, implica **reconhecimento social**, mas sempre vista ou lembrada como a “**esposa do fundador**”, Frida Vingren.²⁷⁴ Sua trajetória de vida, como de muitas outras mulheres, no âmbito pentecostal, tem sido apagada, ou muitas das vezes ocultada, por uma classe dominante do saber teológico pentecostal.

Ruth Doris Lemos foi uma das primeiras mulheres que ministrou nos púlpitos assembleianos brasileiros.²⁷⁵ Ela não é vista, nem sequer citada como protagonista de sua própria história, muito menos da história das mulheres pentecostais. Na trama entre poder e gênero, o processo político é marcado pelo trabalho oculto das mulheres, diante da visão machista em que se legitima a superioridade masculina. Ela foi uma mulher que abriu mão da credencial pastoral feminina, mas não de sua funcionalidade pastoral. Uma história de avanços e retrocessos.

Então, isso foi assim, eu creio, que foi o precursor do ministério feminino na igreja e, aos poucos, as igrejas que não tinham tanto preconceito, né, aí o papai quando ia cantar dizia: eu queria que a minha esposa desse uma palavra de saudação. Sempre trazendo ela junto dele, e, conseqüentemente, a mamãe foi uma das primeiras mulheres brasileiras, quer dizer, missionárias, aqui no Brasil, que tiveram oportunidade de ministrar no púlpito, de forma tranquila, sem nenhum tipo de preconceito. Então, quanto à questão da Assembleia de Deus no Brasil, a atuação dela, eu lembro muito disso, né, e ela foi a pessoa que não se importou com o título ou com a credencial, mas sim o ministério pastoral, né, eu acho que tem uma diferença muito grande que Gedeon aponta isso no livro dele, que é uma diferença entre você exigir credencial, e você exercer o ministério pastoral, né, porque tem muita gente que tem credencial, e exerce o ministério pastoral, tem muita gente que exerce o ministério pastoral e não tem credencial. Então, eu acho que isso é muito interessante ressaltar da parte da irmã Doris. Quanto à questão do Instituto bíblico, eles vieram para

²⁷⁴ VILHENA, 2016, p. 46.

²⁷⁵ Vilhena faz uma crítica, que, assim como Frida, outras mulheres, inclusive Ruth Doris Lemos, tiveram suas trajetórias de vida apagadas no pentecostalismo brasileiro e, conseqüentemente, perderam sua apresentação como protagonistas da história. “Frida, uma das principais personagens da história do movimento pentecostal brasileiro, foi reduzida a simples “esposa” de Gunnar Vingren. Num contexto em que as mulheres: “[...] faziam parte de um time de profissionais com seus maridos, ou corriam os riscos de serem mal vistas pelos pesquisadores locais, em sua maioria homens” (CÔRREA, 1985, p. 10), Frida e outras mulheres tiveram suas trajetórias apagadas no pentecostalismo brasileiro e, conseqüentemente, perderam suas apresentações como protagonistas da História. É bom recordar que a História geralmente se escreve e se conta a partir dos vencedores, e não dos vencidos, como refletem Benjamim e De Decca, “No máximo, os vencidos aparecem como auxiliares” (VILHENA, 2016, p. 47).

o Brasil já com esse desejo em 50, quando chegaram aqui. Só que havia muita resistência.²⁷⁶

O Familiar 2 afirma que o IBAD, apesar de toda resistência à educação teológica no âmbito pentecostal, é um exemplo de que a educação transforma a mentalidade e a estrutura de poder através de uma mudança de mentalidade anti-intelectual. “O papai chegou no Brasil com a mamãe assim, com o objetivo já de imediato, vamos fundar um seminário. Os jovens brasileiros precisam ter essa oportunidade de se preparar para o ministério”.²⁷⁷

O Familiar 2 afirma que Ruth Doris Lemos foi uma das molas mestras no início e na fundamentação da educação teológica nas Assembleias de Deus através do IBAD, uma instituição com o intuito de formar e preparar obreiros e obreiras para o ministério pastoral.

[...] quando voltaram para o Brasil em 1957, eles já voltaram desvencilhados de qualquer tipo de atividade da Casa Publicadora, e eles falaram, olha, agora nós vamos partir para o IBAD, e eu creio que a minha mãe foi uma das molas mestras que apoiou o meu pai, que meu pai era uma pessoa anticonfronto, ele era uma pessoa que, ele busca negociar a situação, procurar sair uma saída amena, tal, e a mamãe era muito mais, sabe, firme nas suas concepções.²⁷⁸

Ruth Doris Lemos foi fundamental no início da educação teológica pentecostal assembleiana, descreve o Familiar 2, pois foi quem providenciou a produção do material didático, a produção do conteúdo que deu início ao IBAD, uma mulher além do seu tempo, afirma.

[...] a irmã Doris teve uma atuação fundamental na produção do material didático, né, não havia muitos professores, os professores que havia eram voluntários, autodidatas, às vezes, não tinham material didático adequado, e a irmã Doris foi uma das peças fundamentais para produzir conteúdo e as ementas e tudo que deu início ao IBAD.²⁷⁹

Na segunda parte da entrevista, o Familiar 2 inicia falando sobre a infância, a adolescência, a juventude e a família de Ruth Doris Lemos. O Familiar 2 destaca seu nascimento, em 1925, no meio de uma família próspera de tradição na agricultura americana. Foi uma mulher com nove irmãos, sendo uma das mais

²⁷⁶ Familiar 2. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 11 de julho de 2019.

²⁷⁷ Familiar 2. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 11 de julho de 2019.

²⁷⁸ Familiar 2. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 11 de julho de 2019.

²⁷⁹ Familiar 2. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 11 de julho de 2019.

velhas, de uma personalidade bem incisiva, mediante o ambiente e a criação que recebeu. Pertencia à Igreja Batista, onde desde cedo já atuava no âmbito musical, uma pianista de mão cheia, afirma o Familiar 2, “uma exímia pianista”, “[...] minha mãe era a melhor pianista da família, aos 13 para 14 anos”.²⁸⁰

Ainda na juventude houve uma mudança que iria influenciar o futuro de Ruth Doris Lemos, “a filiação à Assembleia de Deus, e se tornaram pentecostais”, afirma o Familiar 2:

Da Batista. E daí foi quando eles, naquele, inverno seguinte, foram introduzidos ao trabalho pentecostal, e se filiaram na Assembleia de Deus e se tornaram pentecostais. Então essa foi basicamente a criação da irmã Doris, ela, durante a Segunda Guerra Mundial, né, ela continuou seus estudos, e em 46, ou melhor, em 43, quando ela já tinha 18 anos de idade, ela foi para o Instituto Bíblico Great Lakes Bible Institute.²⁸¹

Após três anos no Seminário Teológico, Ruth Doris Lemos volta para o seio familiar, para a Califórnia, onde seu avô se tornou bem-sucedido no ramo de granjeiro de ovos, explorador e proprietário de granja. Após sua formação teológica, Ruth Doris Lemos inicia um emprego num jornal diário, Turlock Daily Journal, onde era responsável pela coluna de culinária. Nessa coluna ela tinha que produzir uma receita todos os dias no jornal. Uma das exigências do jornal era que a receita deveria ser testada antes de publicar, o que condicionou Ruth Doris Lemos a desenvolver sua habilidade culinária. “[...] E foi aí que a irmã Doris se tornou uma exímia cozinheira”. São retratos da infância, adolescência e juventude de Ruth Doris Lemos.²⁸²

Como Ruth Doris Lemos era uma mulher apaixonada por missões, sempre com essa visão, e sentia alguma coisa ligada a missões, afirma o Familiar 2, “e daí ela conheceu o meu pai”, o Pastor João Kolenda. Era uma mulher que tinha o “fogo pentecostal” por missões, afirma o Familiar 2.²⁸³

Ao conhecer o Pastor João Kolenda, Ruth Doris Lemos casou-se em 1950 e um ano depois veio para o Brasil para atender ao chamado missionário. Um dos principais objetivos dessa vinda ao Brasil era a abertura de um Seminário Teológico Pentecostal Assembleiano. Tal propósito, da abertura de um Seminário Pentecostal

²⁸⁰ Familiar 2. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 11 de julho de 2019.

²⁸¹ Familiar 2. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 11 de julho de 2019.

²⁸² Familiar 2. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 11 de julho de 2019.

²⁸³ Familiar 2. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 11 de julho de 2019.

Assembleiano, foi revelado em “uma visão que Deus havia dado ao meu pai, quando ele estava estudando lá em Springfield”.²⁸⁴

A junção de Ruth Doris Lemos, de uma formação teológica batista, com João Kolenda, de uma formação teológica pentecostal, resultou na abertura do IBAD – Instituto Bíblico das Assembleias de Deus no Brasil, sempre com o intuito primordial que ardia no coração do casal: a chama pentecostal missionária.

E daí eles se casaram, vieram para o Brasil, mas o objetivo era esse, só que as portas estavam fechadas. Daí eles falaram: “Olha, vamos trabalhar em alguma área da Igreja aqui, até que a gente consiga desenvolver um trabalho, e esperar que Deus abra porta”. Então, basicamente isso foi a vinda deles para o Brasil.²⁸⁵

O principal objetivo eram missões. Tanto que o Familiar 2 enfatiza que Ruth Doris Lemos dava uma atenção maior ao IBAD do que à família em alguns momentos. Ruth Doris Lemos dividia a atenção que ela precisava dar, afirma o Familiar 2.²⁸⁶

E ela tinha esse sentimento muito matriarcal e paternalista para com os alunos, crendo que, quando os pais, os pastores deixavam os filhos aqui, ela devia assumir o papel de mãe deles também [...] ela ficava sempre com esse sentido protetor sobre eles. [...] então ela teve uma presença espiritual de certa forma marcante na vida dos filhos, mas ela foi uma mulher que foi muito mais dedicada ao ministério do que à família.²⁸⁷

A irmã Doris, como era costumeiramente chamada, foi uma mulher fundamental na abertura ao ministério feminino nas Assembleias de Deus no Brasil, afirma o Familiar 2. Enfatiza que essa foi, talvez, uma das principais contribuições de Ruth Doris Lemos ao âmbito teológico pentecostal assembleiano.

Olha, a irmã Doris, ela, como eu te disse, ela foi uma das pessoas que deu abertura para o ministério feminino na Igreja, eu acho que isso foi uma das principais contribuições que ela fez, já na década de 60, quando muitas mulheres não tinham oportunidade, ela tinha. E isso é interessante ressaltar porque o pastor Paulo Macalão era o único pastor da Madureira que levava a irmã Zélia pro púlpito e sentava do lado dela. E quando o papai, que era muito amigo do pastor Macalão, ia lá, ele fazia questão que a mamãe sentasse do lado da irmã Zélia no púlpito e ministrasse. Então, isso aí começou a quebrar alguns paradigmas, porque, na época, Madureira fazia parte da CGADB, mas ninguém ia mexer com Paulo Macalão, porque ele já era uma instituição por si próprio. Então, a atuação dela, eu acho que foi

²⁸⁴ Familiar 2. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 11 de julho de 2019.

²⁸⁵ Familiar 2. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 11 de julho de 2019.

²⁸⁶ Familiar 2. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 11 de julho de 2019.

²⁸⁷ Familiar 2. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 11 de julho de 2019.

uma das principais, foi a abertura que ela começou a dar para as mulheres terem mais oportunidades na Igreja.²⁸⁸

Ruth Doris Lemos era como uma carta coringa no IBAD, afirma o Familiar 2, uma mulher atuante em várias atividades e funções:

Olha, mamãe, ela era um coringa aqui no IBAD: ela dava aula, ela gerenciava a cozinha do IBAD, ela era conselheira dos alunos, sabe, ela preparava o material didático dos professores que não tinham condição de preparar... Então, ela era uma pessoa que tinha uma atuação múltipla, como disse assim em *off*, ela era um pouquinho procrastinadora, sempre deixa a coisa pra depois um pouco, mas sempre cumprindo os prazos, sempre chegando na última hora tava resolvida a situação.²⁸⁹

Apesar de não ter uma formação acadêmica formal, descreve o Familiar 2, Ruth Doris Lemos sabia muito bem desempenhar sua função acadêmica teológica. Pois na década de 60, afirma o Familiar 2, não havia muita exigência no âmbito acadêmico, tanto que Ruth Doris Lemos lecionava aulas de inglês em Taubaté para complementar a renda familiar e acadêmica.

Ruth Doris Lemos via a participação das mulheres como algo positivo e fundamental no processo e no desenvolvimento da Igreja. Ela advogava em favor do ministério feminino no âmbito pentecostal, afirma o Familiar 2. De forma silenciosa, lutou em favor da participação das mulheres no âmbito das relações de poder, espaços e funções das mulheres nas igrejas.

Enfrentou a resistência da participação feminina no âmbito pentecostal assembleiano, não impondo sua inclusão, mas lutando por espaços através do exemplo.

A mamãe sempre foi uma pessoa que advogou essa questão, porque Paulo mesmo diz, não há grego ou judeu, não há homem ou mulher... Eu acho que a mamãe era bem assim, ela advogava mesmo que o ministério feminino deveria existir. [...] Então, a mamãe foi uma ferrenha defensora e advogada do ministério feminino na Igreja. Ela cria que não somente a mulher deveria ter espaço para poder dar estudos, dar aula na Escola Dominical, trabalhar com crianças, mas que a mulher também estaria apta, mediante uma chamada específica, para liderar uma igreja mesmo, para pastorear. Então, como ela pastoreou. Então, ela por experiência própria ela tinha essa visão, e de certa forma, muito velada, ela passava isso na sala de aula, porque você imagina uma sala de aula com 40 alunos, aí metade são homens, metade são mulheres, e daí muitos deles de igrejas muito, muito, muito reservadas, muito tradicionais... irmã Doris começava a falar assim: "Não, mulher tem que pregar". Aí na sala de aula começava:

²⁸⁸ Familiar 2. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 11 de julho de 2019.

²⁸⁹ Familiar 2. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 11 de julho de 2019.

“Não, mas a mulher tem que ter seu lugar na Igreja”... E aí começava aquela discussão. Então ela sempre foi muito cuidadosa na sala de aula, de não impor, mas ela ensinava por exemplo. Então, ou seja, ela pregava na capela toda semana, um dia pela manhã. E as mensagens mais apreciadas pelos alunos eram as mensagens dela. Então, na sala de aula, ela se preparava muito bem. Era uma professora assim de excelência. O que acontece... Poxa, uma mulher ensinando teologia para futuros pastores. Então, a mamãe sempre tinha essa visão de que não era por uma imposição que o ministério feminino ia acontecer, mas, sim, pelo exemplo que ela estava dando aqui na escola.²⁹⁰

Uma teologia prática através do exemplo, era a forma com que Ruth Doris Lemos lutava pela inclusão feminina no âmbito pentecostal assembleiano. Não era por imposição que o ministério feminino iria acontecer, mas, sim, pelo exemplo, pela prática.

Era uma professora assim de excelência. O que acontece... Poxa, uma mulher ensinando teologia para futuros pastores. Então, a mamãe sempre tinha essa visão de que não era por uma imposição que o ministério feminino ia acontecer, mas, sim, pelo exemplo que ela estava dando aqui na escola.²⁹¹

Pastor Kolenda apoiava o ministério feminino e a participação das mulheres, afirma o Familiar 2. Seu esposo foi um grande aliado nessa missão de quebra de paradigmas e mentalidade em relação a participação e inclusão das mulheres no ministério.

Eles não defendiam o ministério feminino nas convenções pela resistência à educação teológica no âmbito pentecostal assembleiano, afirma o Familiar 2. Como o IBAD tinha muitos opositores no âmbito convencional, eles tinham um cuidado com tudo o que transparecesse contrário à aceitação da educação teológica no âmbito pentecostal assembleiano, inclusive o ministério feminino.²⁹²

Paciência e oração foram as “armas” que Ruth Doris Lemos e João Kolenda utilizaram para inclusão e aceitação da educação teológica nas Assembleias de Deus no Brasil, abrindo mão de algumas preferências para que o projeto educacional pentecostal fosse implantando e consolidado.

Então, para você ter uma ideia, é assim, são coisas que eles evitavam qualquer tipo de confronto, qualquer tipo de embate... já sabendo. E que isso seria uma questão de tempo. Creio que é uma questão de tempo. Hoje

²⁹⁰ Familiar 2. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 11 de julho de 2019.

²⁹¹ Familiar 2. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 11 de julho de 2019.

²⁹² Familiar 2. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 11 de julho de 2019.

já a CADB está ordenando mulheres, Madureira ordena mulheres, a CGADB aceita o ministério feminino, mulheres que pregam, que ministram nos cultos e tudo mais. Então, mas eu acho que o embrião disso começou na década de 50, que às vezes as pessoas remetem a Frida Vingren, mas a Frida era muito assim combativa, ela queria talvez impor o fato do ministério feminino, e a mamãe foi uma pessoa que mais serviu por exemplo de levar isso à frente.²⁹³

Ruth Doris Lemos e João Kolenda tinham consciência da necessidade de uma formação teológica para a liderança da igreja. Ruth Doris Lemos defendia a educação teológica como requisito básico para a atuação ministerial:

Então ela cria muito na necessidade do obreiro, da obreira ter um preparo e não somente depender da ação do Espírito. Logicamente a ação do Espírito é fundamental em qualquer área da nossa vida, do ministério e tudo o mais... Mas se você não tiver o conhecimento pra acoplar à ação do Espírito você fica às vezes vulnerável e eu acho que o conhecimento é muito importante e era muito importante para ela. Ela via a necessidade... Se a pessoa fosse pro campo missionário, ela tinha que ter um preparo para chegar ao campo missionário e poder pregar e ensinar as pessoas. Se a pessoa fosse escrever, ela tinha que ter um conhecimento pra poder escrever. Se a pessoa fosse dar aula, ela tinha que ter um conhecimento. Então, ela cria piamente que todas as áreas da Igreja, sem nenhuma restrição, a pessoa deveria ter uma preparação teológica para poder atuar. E isso a gente vê, hoje infelizmente ainda existem alguns bolsões de resistência quanto a isso, que não se precisa estudar teologia. Mas em todas as áreas do saber e profissionais ninguém pode atuar se não tiver pelo menos um mínimo de conhecimento. E por que que na área da Igreja tem que ser diferente?²⁹⁴

Apesar de uma infância muito dura, quando perderam tudo, antes da guerra, Ruth Doris Lemos tinha um grande compromisso com a educação desde sua infância. Suas raízes batistas lhe fizeram dar uma importância na formação e no preparo teológicos ministerial, afirma o Familiar 2.²⁹⁵

A contribuição de Ruth Doris Lemos para a educação teológica pentecostal é evidenciada na história do IBAD. Através de comprometimento e zelo, Ruth Doris Lemos fez do IBAD um embrião que gerou filhos e filhas na história da educação teológica pentecostal assembleiana, assegura o Familiar 2:

Eu acho que essa contribuição ela está intrinsecamente ligada às entranhas do IBAD, porque o IBAD foi a instituição pioneira no meio pentecostal brasileiro. Então acho que em 61 ou 62 surgiu o IPP, lá no Rio de Janeiro, mas não era uma escola interna, então eu acho que a contribuição para a educação pentecostal foi justamente esse zelo que ela teve em produzir as ementas, produzir textos, sempre sendo zelosa para que houvesse uma

²⁹³ Familiar 2. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 11 de julho de 2019.

²⁹⁴ Familiar 2. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 11 de julho de 2019.

²⁹⁵ Familiar 2. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 11 de julho de 2019.

doutrina que não fosse assim meio espúria e tudo mais. E eu creio que você vê o testemunho dos alunos das primeiras gerações e aqueles logicamente que levaram a sério, porque você sabe que no ministério tem muita gente que não leva as coisas a sério, então acaba se desviando para outros caminhos.

Assim como Frida Maria Strandberg foi esquecida e escondida da história do movimento pentecostal, Ruth Doris Lemos teve sua história esquecida do movimento pentecostal e da educação teológica assembleiana. Com bases nesses estudos, este trabalho tem a perspectiva de contribuir para uma releitura da trajetória de vida de Ruth Doris Lemos em prol da igualdade de gênero no âmbito teológico pentecostal. É a narrativa da história de uma mulher que abriu o caminho para essa grande rodovia onde transitam milhares e milhares de pessoas do saber teológico pentecostal, afirma Mark Lemos:

Mas a gente vê que ela sempre teve esse zelo de produzir um material coerente, um material didático bom, e eu acho que a grande contribuição dela bem como do pastor Kolenda foi colocar esse embrião na Assembleia de Deus, que hoje proliferou-se, algumas de formas anômalas, como escolinhas de fundo de quintal, mas hoje existe uma consciência de que você precisa estudar a Palavra de Deus. Você precisa se preparar. Então eu acho que essa foi a grande contribuição dela, no meio pentecostal onde não se cria na necessidade, o pessoal fala “A letra mata, mas o Espírito vivifica” e tudo o mais, e ela e o pastor Kolenda são as pessoas que Deus usa pra, vamos dizer, começar a abrir esse caminho, essa picada que hoje é uma grande rodovia em que transitam milhares e milhares de pessoas se aprofundando no saber teológico pentecostal.²⁹⁶

Ruth Doris Lemos tinha consciência de que precisava abrir mão de algumas funções para abrir o caminho para que a educação teológica fosse aceita nas Assembleias de Deus, relata o Familiar 2.

Ruth Doris Lemos tinha consciência disso, ela tinha essa visão, reconhecia que estava diante de um contexto de animosidade contra qualquer tipo de educação e lutou contra as resistências e os preconceitos em relação à educação teológica pentecostal:

Eu acho que ela tinha consciência disso. Tanto que quando ela foi ordenada pastor ou pastora, ela nem conhecia meu pai. Então a formação dela como pastora, como crente, foi que é a coisa mais normal do mundo a mulher ser ordenada ao ministério, pregar, ter função na Igreja, enfim. Então, eu acho que ela tinha essa visão, mas como eu te disse, quando ela chega ao Brasil e vê a dificuldade eu acho que uma das coisas que talvez, vamos dizer, não vou dizer que colocou freios, mas ajudou-a a enxergar mais objetivamente

²⁹⁶ Familiar 2. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 11 de julho de 2019.

isso, porque quando chegaram em 51 aqui havia a animosidade contra qualquer tipo de educação sistemática formal, além da resistência contra os missionários americanos. Então eles estavam lutando contra duas frentes. A única coisa que ajudava muito o papai era que ele era brasileiro, já era conhecido, era sobrinho do J.P. Kolenda. Então a gente notava durante toda a vida, sempre havia um tratamento diferenciado para com o papai pelos pastores brasileiros, por ele ser brasileiro, entendeu? Mas nem por isso a mamãe usou essa cunha que poderia ser colocada na porta pra poder tentar abrir um caminho. Mas eu creio piamente que ela acreditava no ministério feminino, mas de forma voluntária ela abdica disso e aproveita as oportunidades esporádicas que são dadas e aos poucos ela vai achando um espaço dela dentro da Igreja.²⁹⁷

Ruth Doris Lemos acreditava no ministério feminino e na participação da mulher, mas abdicou mão disso para romper preconceitos e ocupar espaços silenciosamente. Ruth Doris Lemos ocupou espaços que nunca as mulheres pensavam em ocupar, mesmo de forma silenciosa e submissa.

A resistência à educação teológica nas Assembleias de Deus era bem intensa, sendo proibido estudar teologia. Mesmo sem apoio e muito menos financiamento, Ruth Doris Lemos e João Kolenda conseguiram romper preconceitos, até conseguirem o reconhecimento e a criação do primeiro conselho de educação teológica das Assembleias de Deus na Convenção Geral:

É uma coisa irônica, né? Eu acho que foi na Convenção de Natal de 1951, uma das convenções de Natal, foi passado em plenário a Resolução que a Assembleia de Deus jamais teria um Centro de Formação Teológica, ou Instituto Bíblico, tal... Uma proibição... [...] Daí o que aconteceu, na Convenção de Natal na década de 70 o IBAD já estava a todo o vapor, já tinha 12 anos de funcionamento. E Deus foi muito bondoso, porque... [Entrevistador: Mas, desculpe, antes disso não tinha apoio?] Não, apoio financeiro da denominação nunca teve. E éramos combatidos, tanto que numa das convenções em Santo André, na década de 60, foi proposta a exclusão do meu pai, por ter contrariado aquela norma passada já de começar um seminário, e daí naquela época isso também tem que se olhar nessas atas, que são guardadas a 7 chaves, mas o papai relata que quando se colocou isso em plenário, daí o pastor Alcebiades ele falou assim, ele tomou a palavra e falou assim: “Se vão excluir o pastor Kolenda, porque ele tá querendo dar oportunidade aos nossos jovens de ter uma educação teológica formal, então eu quero ser o segundo na lista de excluídos com ele” [Entrevistador: Então ele já teve um apoio de peso] Aí o Túlio Barcos foi o terceiro. O pastor José Antônio de Carvalho, de Itaperuna, o pai do pastor Eliel de Carvalho, da Cruzada das Boas Novas, ele ficou em pé e falou assim: “Olha irmãos, eu acho estranha essa proposta, porque os nossos missionários suecos quando os filhos completam 18 anos mandam pras faculdades, os institutos bíblicos da Suécia, e os nossos filhos não têm direito a isso? Aí eu quero ser o quarto a ser excluído”. Aí, nisso, eu não sei quem presidia a mesa, falou assim; “Irmãos, como esse assunto vai ser controvertido, vamos botar uma comissão pra discutir e depois a gente pega o relatório da comissão”. E até hoje não apareceu o relatório da comissão.

²⁹⁷ Familiar 2. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 11 de julho de 2019.

Então, voltando a essa questão da Convenção, em Natal já na década de 70, se não me engano foi em 71 ou 72, eu acho que foi em 71, o Instituto já estava funcionando, havia uma Mesa Diretora favorável à educação teológica, e daí nessa Convenção o Instituto foi reconhecido e foi criado o primeiro Conselho de Educação Teológica da CGADB, e o papai foi chamado para presidir esse Conselho.²⁹⁸

Apesar de que estudar teologia podia ser visto como “fruto proibido” no meio pentecostal assembleiano, Ruth Doris Lemos e João Kolenda não se intimidaram e lutaram pela conscientização e por essa queda de braço, derrubando muros e construindo pontes que pudessem encurtar tal distância entre a Igreja, a academia e a sociedade.

“Teologia era pecado”. Por isso tal resistência à educação teológica pentecostal. “Aí, quando os pastores começaram a ver que os frutos que estavam saindo daqui eram frutos bons, eu acho que teve, foi assim, um momento de divisor d’águas pra ser aprovado o IBAD na Convenção de Natal”.²⁹⁹

O IBAD foi reconhecido, mas não financiado, muito menos patrocinado, afirma o Familiar 2. A educação teológica foi reconhecida na Convenção Geral, mas não tinha nenhum incentivo ou patrocínio da direção da Igreja.

Apoiado no sentido de reconhecido, mas não apoio financeiro. Tanto que você sabe que a Assembleia de Deus no Brasil pelo sistema de ministério ninguém compartilha verbas com ninguém. Todo mundo compartilha verbas só com o que é seu. Então, não havia esse investimento. Abro aspas aqui pra dizer que Deus usou muitos irmãos que conheceram meu pai em estudos bíblicos, que eram fazendeiros prósperos, por exemplo, tinha um fazendeiro aqui no Sul de Minas, o irmão José Dias, um homem muito simples, um dos maiores produtores de batatas do Estado de Minas Gerais, então quando ele ia com o caminhão carregado entregar batatas em São Paulo, ele sempre parava aqui e deixava 5 ou 6 sacos de batatas, o irmão Miro, do Paraná, plantava arroz, quando as carretas dele iam entregar arroz no Rio de Janeiro, deixava 6, 7 sacas de arroz no IBAD. Então, o IBAD foi sustentado muitas vezes por pessoas, irmãos brasileiros, anônimos, que enxergavam o valor e se sentiam compelidos a cooperar.³⁰⁰

Foi uma luta e uma resistência de fé através de anônimos, irmãos e irmãs que cooperavam para manter a educação teológica no âmbito pentecostal assembleiano, descreve o Familiar 2.

Já que fazer teologia era pecado, Ruth Doris Lemos e João Kolenda enfrentaram inúmeras dificuldades para a implantação e a criação de um Instituto

²⁹⁸ Familiar 2. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 11 de julho de 2019.

²⁹⁹ Familiar 2. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 11 de julho de 2019.

³⁰⁰ Familiar 2. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 11 de julho de 2019.

Bíblico Teológico Pentecostal. Mesmo assim, não se intimidaram e lutaram pela criação e a manutenção do Instituto Bíblico Teológico Pentecostal Assembleiano.

Ruth Doris Lemos é uma mulher que marcou a história da educação teológica pentecostal das Assembleias de Deus no Brasil não só com suas publicações, mas principalmente com sua vida, com suas impressões deixadas na vida e nas histórias de inúmeros estudantes do IBAD.

Eu acho que ele foi bem assim abrangente, eu diria apenas que a irmã Doris, ela marcou história. Eu acho que a grande marca dela não está tanto em publicações, apesar de ela ter deixado várias publicações, mas a grande marca dela está na vida das pessoas. [...] E eu creio que essa era uma visão da irmã Doris, isso claramente, porque ela se enxergava como um multiplicador, ou seja, se ela tivesse 10 alunos e ela conseguisse influenciar 100% para o ministério, missões, ou seja, ela sabia que aqueles 10 iam multiplicar, aqueles 10 iam multiplicar em 50, 60, 70 ou 100. Ela cria no efeito multiplicador. Tanto que ela gastava muito tempo aconselhando alunos, falando com eles, sabe, ajudando eles, alunos às vezes vinham lá do Nordeste, não tinham um cobertor, passando frio, e ela tirava uma coberta lá da nossa casa e dava pra ele, sabe, e isso cria uma gratidão pro aluno que olhava pra ela como uma mentora, e aí ela conseguia começar a influenciar esse aluno, ou essa aluna, e hoje a gente vê isso, pessoas que estão no mundo todo, hoje eu acho que existem ex-alunos nossos em 32 ou 33 nações do globo.³⁰¹

Uma mulher de visão do Reino de Deus abriu mão de si mesma para alcançar os outros, através da educação, afirma o Familiar 2. Sim, essa mulher lutou e conquistou espaços nunca alcançados pelas mulheres no âmbito pentecostal assembleiano, ainda que de forma silenciosa, uma mulher surpreendente. Essa mulher ora estava ativa e ocupada, mas também sabia o momento de ficar em silêncio, como descreve Lucas na visita de Jesus a Marta e Maria, já que os mestres da Lei não aceitavam mulheres como discípulas, mas a atitude de Jesus é diferente:

Indo eles de caminho, entrou Jesus num povoado. E certa mulher, chamada Marta, hospedou-o na sua casa. 39 Tinha ela uma irmã, chamada Maria, e esta quedava-se assentada aos pés do Senhor a ouvir-lhe os ensinamentos. 40 Marta agitava-se de um lado para outro, ocupada em muitos serviços. Então, se aproximou de Jesus e disse: Senhor, não te importas que minha irmã tenha deixado que eu fique a servir sozinha? Ordena-lhe, pois, que venha ajudar-me. 41 Respondeu-lhe o Senhor: Marta! Marta! Andas inquieta e te preocupas com muitas coisas. 42 Entretanto, pouco é necessário ou mesmo uma só coisa; Maria, pois, escolheu a boa parte, e esta não lhe será tirada.³⁰²

³⁰¹ Familiar 2. Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 11 de julho de 2019.

³⁰² Lc 10.38-42.

Como vimos, seu silêncio falou mais alto na vida de seus estudantes e de suas estudantes, bem como de seus familiares. Foi um silêncio eloquente, ora como Marta, ora como Maria.

Concluimos, pois, este capítulo lembrando a diversidade de papéis desempenhados por Ruth Doris Lemos: a) família; b) mulher/esposa; c) pastora; d) missionária; e) professora; e) musicista.³⁰³

³⁰³ Em razão do atraso de entrevistas e o não retorno de algumas, não conseguimos seguir a sequência acima, também recomendada pela Banca de Defesa.

4 MULHERES E MINISTÉRIO: A EDUCAÇÃO COMO LUGAR DE EMPODERAMENTO

Mulheres, ministério e educação teológica é o tripé que propõe um sinal de esperança para a Teologia Pentecostal. São três áreas que merecem um olhar mais apurado e que promovem um diálogo em perspectiva libertadora.

Mulheres e ministérios são duas áreas que ainda possuem muita resistência no âmbito pentecostal. Ruth Doris Lemos vem justamente romper essa barreira através da educação teológica em perspectiva libertadora, mesmo abrindo mão, contra a sua própria vontade, do exercício do ministério pastoral.

A educação é um lugar de empoderamento onde as mulheres assumem um papel de protagonistas, deixando de ser anuladas e esquecidas, tornando-se sujeitos e não mais objetos.

Libanio e Murad afirmam que a teologia em sua concepção, formulação, enfoque e horizonte de reflexão manteve-se distante dos movimentos culturais, filosóficos, dos fatores sociopolíticos e econômicos da vida em sociedade, presa em seus manuais escolares distante da vida real. A teologia em diálogo com a modernidade se volta mais para a questão da experiência, constituindo-se num movimento de profunda transformação em seu interior.³⁰⁴

Desta forma, caracteriza-se por uma evolução interna que se exprime no deslocamento da transcendência para a encarnação, da infinitude para a finitude, da vida interna de Deus para o agir de Deus na História. Assim, ocorre um desenvolvimento que rompe com a esfera da transcendência, de um movimento que vinha de cima para baixo, invertendo-se no que Libanio e Murad chamam de viragem encarnatória, antropocêntrica, porém, sem deixar de ser teologia, que já não entende poder falar de Deus a não ser a partir da humanidade de Jesus, que implica a experiência humana. Ou seja, não é mais uma teologia presa a um discurso sobre Deus, mas uma teologia antropocêntrica, encarnada, uma teologia “a partir de cá”.³⁰⁵

Essa é uma das inéditas tarefas à teologia, configurada na modernidade ou na pós-modernidade, uma teologia da esperança, do futuro, a partir do presente e de

³⁰⁴ LIBANIO, João Batista; MURAD, Afonso. **Introdução à teologia**: perfil, enfoques, tarefas. 9.ed. São Paulo: Loyola, 2014. p. 145.

³⁰⁵ LIBANIO; MURAD, 2014, p. 146.

suas necessidades. Não é uma teologia da “coisa em si”, mas uma teologia que dê e busque “sentido”, que ajude as pessoas e a sociedade a superar o presente vazio e efêmero, redescobrimo, através da sabedoria do passado, sinais de esperança para o futuro a partir das transformações do presente.³⁰⁶

Em uma das teses essenciais de Marx contra Feuerbach, ele afirma: “Os filósofos simplesmente têm interpretado de maneiras diversas o mundo. Trata-se, agora, de transformá-lo” – Tese XI.³⁰⁷ “Não vivemos a época das elaborações teóricas abstratas, mas sua verificação pela práxis. O ser humano é e vale por sua práxis e não por suas ideias”.³⁰⁸ De certa forma, tal empreendimento pode ser facilitado pela dimensão experiencial da fé comum no pentecostalismo, especialmente no meio da maioria pobre.

Portanto, a partir de sua tomada de consciência, a educação teológica situou as mulheres de modo crítico e consciente frente a sua própria atividade teológica. A teologia desvendou os equívocos e explicou o duplo movimento da teologia à práxis e da práxis à teologia, tornando a práxis o critério de verdade.³⁰⁹

Articulações com a prática é o que o poder feminino precisa no âmbito pentecostal. O não exercício dessa teologia em nada contribui na transformação de sua realidade. Relembro que sobre isto já falamos em outro capítulo anterior quando tematizamos a Teologia Feminista.

Ruth Doris Lemos exercia um poder feminino no âmbito pentecostal, mas de forma silenciosa, não reduzindo sua teologia ao âmbito politicamente correto apenas, mas deslocando-a em uma experiência concreta e transformadora. Firmava-se numa teologia pentecostal prática concreta, pragmática, transformadora. Assim, sua reflexão teológica revela uma face teórico-crítica, de caridade libertadora. Era uma reflexão prática e contemplativa, ao mesmo tempo, movida pelo silêncio. Enfim, elaborou uma teologia pentecostal de resistência feminina num mundo masculino predominante. Era um silêncio eloquente.

³⁰⁶ LIBANIO; MURAD, 2014, p. 148.

³⁰⁷ LIBANIO; MURAD, 2014, p. 153.

³⁰⁸ LIBANIO; MURAD, 2014, p. 153.

³⁰⁹ BOFF, Clodovis. **Teologia e prática**: teologia do político e suas mediações. 3.ed. Petrópolis: Vozes: 1993. p. 335-353.

4.1 Educação teológica pentecostal, domesticação ou libertação?

As mulheres pentecostais precisam de autonomia no âmbito educacional teológico. Bandini afirma que as mulheres evangélicas no processo de empoderamento têm vivenciado grandes transformações:

[...] Como sujeitos sociais, elas também participam das transformações na sociedade. Também buscam qualificação a fim de garantir melhores condições financeiras à família; buscam independência econômica, querem competir em igualdade de condições com os homens e até mesmo se realizarem profissionalmente.³¹⁰

As mulheres pentecostais e os espaços de poder são um dos grandes desafios para a educação teológica pentecostal. São desafios para a construção de autonomia e igualdade das mulheres pentecostais na educação teológica como instrumento de intervenção na realidade, possibilitando às mulheres a participação e a inserção no espaço social.³¹¹

Bandini apresenta cinco componentes que envolvem o conceito de empoderamento³¹²:

1. Sentido de autoestima;
2. Direito de escolhas;
3. Direito de oportunidades (recursos simbólicos e materiais);
4. Direito de controlar o próprio destino;
5. Direito de desenvolver capacidades para influenciar na ordem social.

Ruth Doris Lemos apresentou tais práticas em sua teologia. Apesar de em alguns aspectos sua educação teológica apresentar-se como domesticadora, Ruth Doris Lemos garantia às mulheres pentecostais o direito de fala para serem ouvidas.

Ruth Doris Lemos era uma mulher engajada e interessada na liderança da Igreja. Ela se envolvia nas diferentes formas de liderança na Igreja. Era uma mulher construtora de sua própria história com capacidade e potencial de liderança. A atuação feminina na sociedade tem mudado ao longo do tempo, porém a divisão desigual com as responsabilidades domésticas e o cuidado com os filhos e filhas

³¹⁰ BANDINI, Claudirene. Mulheres Evangélicas no Processo de Empoderamento. In: VILHENA, Valéria Cristina (Org.). **Evangélicas por sua voz e participação**. São Paulo: Fonte, 2015. p. 100.

³¹¹ BANDINI, 2015, p. 112.

³¹² BANDINI, 2015, p. 113-114.

continua influenciando desfavoravelmente as mulheres na construção de uma carreira pastoral.³¹³

Ruth Doris Lemos acena, nos contornos de uma sociedade patriarcal, um horizonte para as mulheres no âmbito educacional pentecostal. “Contudo, o desenvolvimento de uma política de empoderamento depende de uma ação coletiva que, por sua vez, depende de parcerias e de recursos financeiros, materiais e simbólicos.”³¹⁴ É um longo processo que depende de inúmeros elementos em sua constituição e manutenção, já que a influência da política de gênero atingirá não somente a cultura interna da liderança masculina, mas todos os sujeitos que estão inseridos neste espaço social e religioso.

4.1.1 Mulheres pentecostais no processo de empoderamento

Esses sinais de libertação colocados por Ruth Doris Lemos, a partir da educação teológica pentecostal, se dão mediante a relação de gênero e de liberdade. A mulher pentecostal é vítima do sistema social, cuja servidão provocou rejeição e sofrimento. Tais sofrimentos geraram preconceitos, tornando-se fardos pesados impostos às mulheres. Somente a partir dessa abertura para o diálogo, mediante a educação, as mulheres pentecostais superaram essas fronteiras.³¹⁵

Ruth Doris Lemos, apesar de não vivenciar os resultados, os frutos de seu trabalho, do seu labor teológico, foi uma de muitas mulheres que deram início a essa caminhada. De certa forma, uma caminhada dura e longa neste processo de empoderamento. “O espaço é outro aspecto que liga as duas figuras: a sabedoria da mulher e a mulher da vida real, ao mesmo tempo em que relaciona símbolo e realidade”.³¹⁶

Lopes descreve exatamente a realidade das mulheres a partir de modelos bíblicos. O exemplo de Ruth Doris Lemos retrata exatamente este processo ao se colocar no espaço público. Ela ganhou a confiança, e mudou a realidade ocupando o

³¹³ BANDINI, 2015, p.122.

³¹⁴ BANDINI, 2015, p.125.

³¹⁵ ANJOS, Adeodata Maria dos; SANTOS, Francineth Pereira dos (Orgs.). **Em nome da Identidade:** uma leitura de Gênero, Ecumenismo e Negritude. Roteiros para Encontros Bíblicos. São Leopoldo: CEBI, 2006. p. 7-15.

³¹⁶ LOPES, Mercedes. **A mulher sábia e a sabedoria da mulher** – Símbolos de co-inspiração: um estudo sobre a mulher em textos de Provérbios. São Leopoldo: Oikos, 2007. p. 158.

espaço sagrado sempre dominado pelos homens. Suas práticas se impuseram apesar no lugar subordinado.

Depois de ocupar o espaço público, a sabedoria da mulher ocupa também o espaço cósmico, onde sua identidade divina fica ainda mais evidente (Pr 8,22-31). No poema de Pr 8, ela se auto-revela como preexistente a toda criação, quando exerce a função de artífice do universo ao lado de Javé (8,30-31). Ocupando o espaço cósmico, ela inspira alegria e confiança da criação e da dinâmica da história, das relações com a Divindade e da participação da mulher na vida do povo bíblico. Esta visão da autoestima de um povo dominado e empobrecido, gerando uma consciência nova e apontando uma saída no futuro, ainda que pequena e limitada no âmbito das relações.³¹⁷

Nos tempos modernos, as conquistas de poder da mulher na sociedade, na Igreja e em casa não indicam unicamente espaços geográficos, mas, acima de tudo, entidades de relações sociais, morais e religiosas. São esferas de ação social, domínios culturais institucionalizados e capazes de despertar uma atenção maior.³¹⁸

Assim como Lídia, de Atos dos Apóstolos, muitas mulheres ousaram desafiar as leis pré-estabelecidas pelas tradições históricas de poderio patriarcal. Muitas mulheres mudaram o rumo de suas vidas, reagiram à normalidade, sonharam juntas e conseguiram romper barreiras de preconceitos, discriminação, desrespeito e submissão. Mulheres que foram protagonistas nas lutas sociais, políticas e religiosas, mulheres que desconstruíram os textos de suas vidas e ousaram reconstruir para mudar a realidade.³¹⁹

Ruth Doris Lemos conseguiu romper barreiras de preconceitos, discriminação, desrespeito e submissão no âmbito pentecostal, tanto no campo educacional, quanto no campo religioso. Porém, apesar de proporcionar uma experiência de perspectiva libertadora para as mulheres através da educação teológica pentecostal, isso ainda não é suficiente para empoderar as mulheres dentro da Igreja, especificamente no âmbito pentecostal.

4.1.2 Mulheres fazem teologia: Mulheres que aprenderam e transformaram suas histórias

A narrativa de vida de Ruth Doris Lemos é a narrativa de uma história de uma mulher que transformou a teologia pentecostal assembleiana. A partir de um

³¹⁷ LOPES, 2007, p. 162.

³¹⁸ LEÃO, Dilma de Oliveira. **Casa, Poder e Gênero: o que um tem a ver com o outro?** São Leopoldo: CEBI, 2018. p. 10.

³¹⁹ LEÃO, 2018, p. 37.

processo de caminhar para si, conforme Paixão, a descrição de seu legado na educação teológica pentecostal é um exemplo de transformação na realidade da educação teológica com a inclusão das mulheres na teologia pentecostal assembleiana. “As histórias de vida, as subjetividades pessoais, as experiências, as falas, as escutas, as reflexões advindas desse processo fazem parte do caminhar para si”.³²⁰

É uma abordagem metodológica que, aplicada junto à realidade de mulheres pentecostais, segue na possibilidade de favorecer as experiências e vivências para que se tornem teologias concretas e reais a partir de suas realidades.

Márcia Paixão afirma que “essa modalidade pedagógica baseada na experiência e que se manifesta na narrativa das histórias de vida, uma autobiografia de si, contribui para que a pessoa ressignifique sua vida, suas escolhas e vislumbre outras possibilidades para sua própria vida”.³²¹

A história de Ruth Doris Lemos é uma narrativa que contribui para a ressignificação das mulheres pentecostais assembleianas, de suas escolhas e possibilidades de viverem suas vidas a partir de si mesmas. Avistamos, assim, uma história de ressignificação e redescobertas de si mesma, conforme propunha Sócrates, “conhece-te a ti mesmo”, uma “invenção de si no singular plural [...]”. Então, é uma teologia baseada na narrativa de vida, de uma práxis formadora e de uma hermenêutica criativa em direção à invenção de si”.³²²

Portanto, a história dessa mulher tem uma enorme contribuição para a educação teológica pentecostal mediante seu papel na emancipação da mulher por meio de uma “educação libertadora”, pois é bem visível nos relatos e entrevistas, tanto dos familiares quanto dos estudantes e das estudantes, sua subordinação à hegemonia masculina no âmbito educacional e eclesial, mas nele abrindo espaços a partir de uma experiência de fé pentecostal.

Conforme proposto pelo apóstolo Paulo em 2 Coríntios 4.8-10, percebemos uma dialética a partir de perspectivas humana e espiritual:

³²⁰ PAIXÃO, Márcia Eliane Leindecker da. Narrativas de vida: Mulheres que aprendem e transformam suas histórias. In: MUSSKOPF, André; BLASI, Marcia (Orgs.). **Ainda feminismo e gênero: histórias, gênero e sexualidade, sexismo, violência e políticas públicas, religião e teologia**. São Leopoldo: CEBI, 2014. p. 19.

³²¹ PAIXÃO, 2014, p. 31.

³²² PAIXÃO, 2014, p. 32.

8 Em tudo somos atribulados, porém não angustiados; perplexos, porém não desanimados; 9 perseguidos, porém não desamparados; abatidos, porém não destruídos; 10 levando sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo. (2 Co 4.8-10).

Ruth Doris Lemos, assim como o apóstolo Paulo, cumpriu seu ministério com fidelidade. Ambos viveram inúmeras dificuldades, porém, nunca deixaram de cumprir sua missão. Paulo expressa através de um jogo de palavras a dialética de uma perspectiva humana e de uma perspectiva espiritual. Da mesma forma, Ruth Doris Lemos demonstra através de sua teologia que aquilo que parecia perda das mulheres aos olhos humanos na verdade era um ganho, um ato de coragem estratégica, uma teologia sob uma outra ótica de uma educação teológica pela causa de Cristo.

4.1.3 Relatos de Estudantes³²³

Os relatos da **Irmã Nystrom**³²⁴ retratam que as mulheres pentecostais fazem teologia, fruto da teologia de Ruth Doris Lemos. A Irmã Nystrom estudou no IBAD nos anos de 1986, quando chegou em busca de uma bolsa de trabalho, pois não tinha condições financeiras para estudar teologia. Teve uma relação mais próxima com Ruth Doris Lemos, pois, além de estudante, foi convidada para trabalhar na “casa branca”, nome dado pelos estudantes à residência de Ruth Doris Lemos, para poder bancar seus estudos, prática bem evidenciada pelos estudantes de auxiliá-los no financiamento de seus estudos.³²⁵

A Irmã Nystrom evidencia uma prática comprometida de Ruth Doris Lemos com o que ensinava dentro e fora da sala de aula. Apesar de sua metodologia expositiva, bem evidenciada pelos estudantes, Ruth Doris Lemos quebrava alguns paradigmas no âmbito teológico pentecostal, pois pregava, coordenava apresentações missionárias, dirigia grupos musicais, cozinhava, pregava nas igrejas, participava de conferências e atuava como professora da Escola Bíblica Dominical.³²⁶

³²³ Nomes, datas e lugares, em alguns casos, foram alterados para impedir a identificação das estudantes e dos estudantes.

³²⁴ Homenagem a Lina Nystrom que assumiu a liderança da Igreja em Manaus, por quatro meses, na ausência de seu esposo, Samuel Nystrom.

³²⁵ Irmã Nystrom. Estudante de Ruth Doris Lemos.

³²⁶ Irmã Nystrom. Estudante de Ruth Doris Lemos.

Sua relação com os e as estudantes era quase maternal, afirma a Irmã Nystrom. Apesar de uma relação respeitosa, Ruth Doris Lemos percebia o limite de sua atuação dentro do seminário e da liderança de cada pastor. Apesar de origem americana, destaca Irmã Nystrom, a irmã Doris, como era costumeiramente chamada pelos estudantes, não permitia que esses costumes fossem desrespeitados no IBAD, se a referida igreja do estudante mantinha esses usos e costumes.³²⁷

Irmã Nystrom enfatiza que Ruth Doris Lemos tratava a questão da participação das mulheres na Igreja de forma natural: “poderiam pregar, ensinar e participar de qualquer atividade”. Irmã Nystrom afirma que Ruth Doris Lemos teve e tem uma importância na educação teológica apesar da oposição e do desconforto por parte da liderança da Igreja. Ruth Doris Lemos defendia a atuação das mulheres na Igreja, afirma Irmã Nystrom. Da mesma forma ela defendia a participação feminina, herança da irmã Doris. Um “exemplo de esposa amorosa e mãe e avó dedicada. Realmente, quando vim para o Seminário meu pensamento é que ministério e casamento para mulheres não podiam andar juntos. Deus me mostrou através dela o contrário!!!”³²⁸

4.2 Pentecostalismo feminino: uma missão de coragem estratégica

O sonho de mudar a teologia e de reconstruir uma Igreja plural no âmbito pentecostal, assim como no âmbito católico, parece um sinal de atrevimento, “mas é um ato político de vivência da justiça, fundamental no processo de instauração de relações humanas mais igualitárias”, afirma Gebara.³²⁹

A luta da Igreja contra as mulheres avançou, assegura Gebara, no âmbito pentecostal, porém, de forma restrita. O fazer teológico feminista pentecostal ainda é muito limitado, especialmente pela sacralização de relações assimétricas entre homens e mulheres, como um dado histórico não reconhecido enquanto tal. Eleger relações de dominação como eternas é idolatria.

A resistência cultural à mudança das coisas julgadas de “direito divino” é extremamente arraigada em nossa razão, nas nossas emoções, nos nossos

³²⁷ Irmã Nystrom. Estudante de Ruth Doris Lemos.

³²⁸ Irmã Nystrom. Estudante de Ruth Doris Lemos.

³²⁹ GEBARA, 2017b, p. 90.

hábitos e instituições. As autoridades das instituições religiosas tomam muitas vezes as propostas de mudança como ideologias que pleiteiam a destruição da ordem querida por Deus. Acreditam que sua “ordem”, a ordem que defendem e ensinam, é a única capaz de manter o mundo na linha do respeito à criação e em conformidade com as Escrituras Sagradas.³³⁰

O pentecostalismo feminino no Brasil tem sido uma busca de confirmações de velhas certezas adquiridas à base de incansáveis repetições, “ecos”. Enquanto as mulheres pentecostais não tomarem a palavra e realizarem uma educação teológica libertadora, elas terão suas histórias transformadas em estórias.

Portanto, o sinal do Reino de Deus é a superação dessas desigualdades e discriminações. Sinal que a cada dia tem se distanciando da humanidade, constituída de relações desiguais e discriminatórias, onde a mulher tem sido discriminada e marginalizada pelo simples fato de ser mulher.³³¹

Ruth Doris Lemos é um exemplo de superação dessas desigualdades e discriminações que as mulheres sofrem no âmbito pentecostal. A partir da educação teológica, essa mulher rompeu preconceitos e discriminações através de sua teologia, uma teologia prática a partir da experiência.

4.2.1 Retratos de Estudantes

Irmã Maria³³² foi uma das estudantes mais próximas de Ruth Doris Lemos. Foi secretária do Instituto Bíblico por alguns anos. Ela descreve a irmã Doris como exemplar, muito dedicada, que cativava a atenção dos estudantes. Foi considerada por ela como uma mulher bastante zelosa com a educação teológica que atuava como administradora da cozinha, secretária, aconselhamento e oração pelos estudantes, nas palavras da Irmã Maria.³³³

Suas aulas eram desafiadoras com uma ênfase especial em Missões, afirma a Irmã Maria. “A irmã Doris era bem acessível aos alunos, ouvindo, aconselhando e ensinando com o seu exemplo”. Tratava a questão da participação das mulheres na Igreja a partir de si mesma, como atuante no ministério, apesar de não ser chamada

³³⁰ GEBARA, 2017b, p. 116.

³³¹ PONTES, Miquéias Machado. O Sinal do reino de Deus. In: LIMA, Daniel Barros de; ALENCAR, Gedeon Freire de; CORREA, Marina Santos (Orgs.). **Reforma protestante e pentecostalismo: convergências e divergências**. Manaus: FBN; Vitória: Unida, 2017. p. 59.

³³² Homenagem às Irmãs Marias, nome popular no meio pentecostal brasileiro.

³³³ Irmã Maria. Estudante de Ruth Doris Lemos.

pelo título de pastora, “todos os alunos sabiam e a tinham como uma pastora”.³³⁴ De certa forma, na prática cotidiana há pequenas subversões da ordem. Não podendo ser pastora, Ruth Doris Lemos exerceu o pastorado na relação com os e as estudantes.

Desta forma, “nós, os alunos, víamos a irmã Doris sendo uma excelente **professora**, uma **esposa** zelosa e **mãe** amorosa. Ela é exemplo para o ministério, pela sua excelência. [...] É com gratidão e saudades que me refiro a Irmã Doris”.³³⁵

A mulher pentecostal assembleiana faz teologia. Ruth Doris Lemos estreitou a relação entre a mulher e a educação teológica, porém, com uma educação libertadora ou uma educação domesticadora?

Stein, ao comparar a educação libertadora com a educação domesticadora, faz a seguinte distinção:

Paulo Freire distingue muito bem entre a “educação domesticadora” – a qual “inicia” nas “regras” da comunidade, e ensina a obediência, sem problematizar as situações de opressão; que ensina o conformismo, a resignação, a submissão do educando, concebido como pólo passivo do processo educativo; a educação que procura impor modos de pensar e agir – e a “educação conscientizadora” (ou problematizadora), que tematiza a realidade onde o educando se insere, na qual educador-educando se confunde ao educando-educador, numa mesma busca de consciência e domínio sobre situações existenciais concretas, propondo-se questões a serem resolvidas no interesse da libertação do indivíduo e do grupo, pela superação de toda forma de dominação e opressão: uma educação “libertadora”, educação para a liberdade...³³⁶

Portanto, Ruth Doris Lemos proporcionou uma educação teológica domesticadora, que inicia nas regras da comunidade, ensinando a obediência, a submissão do educando e da educanda, porém, uma educação teológica que não se conformava com a situação e buscava transformar sua realidade. Na pedagogia de Ruth Doris Lemos, no entanto, vemos uma dialética entre domesticação e resistência a ela, nos limites do poder masculino. Domesticação e libertação não são processos estanques. Certamente Ruth Doris Lemos sabia viver nesta tensão. Afinal, quem sabe, através dos limites impostos ela melhor consegue superá-los junto com as demais pessoas, pois vivemos processos ambíguos.

³³⁴ Irmã Maria. Estudante de Ruth Doris Lemos.

³³⁵ Irmã Maria. Estudante de Ruth Doris Lemos. Grifo nosso.

³³⁶ STEIN, Susana Albornoz. **Por uma educação libertadora**. 8.ed. Petrópolis, Vozes: 1987. p. 90.

4.2.2 Uma educação a partir da experiência com o Espírito Santo

A educação teológica pentecostal tem uma ênfase no âmbito experimental, Gebara enfatiza que:

As emoções fazem a religião e a política. As emoções são armas poderosas, sobretudo quando se aliam aos poderes dos dominadores. Não admiti-las é uma forma de negar a condição humana, assim como limitá-las a uma visão idealizada e falsa do ser humano. Muitas vezes, os responsáveis pelas Igrejas creem que suas visões e decisões são desprovidas de emoção. Pretendem ser imparciais e julgar a partir dos princípios que segundo eles se situam acima da realidade histórica. Essa pretensão tem feito perder dia a dia sua persistência e sua credibilidade junto às pessoas que refletem mais criticamente sobre suas vidas e nosso mundo.³³⁷

Emoções fazem a religião, são armas poderosas. No âmbito pentecostal não é diferente. Emoções aliadas aos poderes dominantes podem ser perigosas, assim como a razão que facilmente se prostitui com o poder. Entretanto, não as admitir é uma forma perigosa de negar a condição humana.

Ruth Doris Lemos foi uma mulher que não deixou de ser mulher, apesar de suas limitações e restrições de participações em lugares e funções onde as mulheres não tinham espaços. Ela foi uma mulher que viveu avanços diante de recuos da história das mulheres nas Assembleias de Deus no Brasil.

4.2.3 As mulheres pentecostais tomam a palavra

Por conseguinte, as mulheres pentecostais descobrem-se capazes de pensar, sentir, refletir, questionar, falar e agir por conta própria. Porém, suas realidades e contextos são opressores.

Sabemos que “na vida de cada dia, as mulheres também ressentem o rigor da violência no maltrato familiar, laboral e eclesial, produzindo dor, angústia, solidão e indignação”.³³⁸

Torres afirma que algumas mulheres, diante de suas realidades, se convertem em voz de justiça, em fios de vida que articulam, em faíscas de luzes que

³³⁷ GEBARA, 2017b, p. 124.

³³⁸ TORRES, Maritze Trigos. O Espírito, rosto feminino de Deus, liberta-nos em plenitude de vida. In: OSDOL, Judith Van (Org.). **As mulheres e a graça**: Releituras bíblicas de mulheres latino-americanas. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2008. p. 10.

geram um pensamento e uma atitude de vida, ainda que, em algumas, tais atitudes se deem a partir do silêncio ativo; em outras, em protagonismos; e outras, na militância e ações pastorais em suas igrejas e comunidades.³³⁹

Ruth Doris Lemos era uma dessas mulheres, que atuava em diferentes lugares e situações, mas que diante de suas realidades converteu sua voz e sua ação em justiça, ainda que de uma forma silenciosa, porém, ativa, às vezes como protagonista, outras vezes como coadjuvante, mas sempre ativa e atuante na Igreja, na academia e também na comunidade.

A educação da mulher pentecostal é um dos caminhos para a liberdade. Ainda hoje as mulheres pentecostais condicionam-se a uma imposição de “cima para baixo”, sendo submetidas a uma servidão pelo simples fato de serem mulheres.

Por isto insistimos na busca de uma educação teológica que liberte as mulheres a serem mulheres por si mesmas, a partir de suas próprias vivências e experiências. Através de uma educação que desperte sua consciência, que lhes dê condições de fazer suas próprias escolhas e viver suas próprias opções e alternativas.

4.2.4 Da experiência pentecostal para a educação teológica ministerial

As experiências de mulheres pentecostais na educação teológica têm influenciado o âmbito ministerial. Através dessas mulheres, pobres e marginalizadas no âmbito pentecostal, chegam até nós vozes e testemunhos que nos falam de graça e esperança, que revelam a relevância de uma educação teológica libertadora.

Ruth Doris Lemos vivenciou tal teologia através de sua influência no âmbito teológico pentecostal. Violeta Rocha descreve o cotidiano da teologia da graça através das experiências de mulheres nos evangelhos e no cotidiano, mostrando que “às vezes, é difícil crer que a vida é uma graça de Deus, devido à qualidade de vida que nos é imposta viver”.³⁴⁰

³³⁹ TORRES, 2008, p. 10.

³⁴⁰ ROCHA, Violeta. Graça e esperança. Experiências de mulheres nos evangelhos e no cotidiano. In: BATISTA, Israel (Org.). **Graça, cruz e esperança na América Latina**. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2005. p. 36.

No âmbito ministerial pentecostal a educação teológica ainda é vista como “pecado”, desnecessária ou até mesmo vaidade para muitos. Ruth Doris Lemos rompe tais preconceitos mostrando que a educação teológica é um instrumento para o desenvolvimento e o serviço ministerial.

Rocha descreve que, desde os tempos bíblicos até os dias de hoje, as mulheres enfrentam resistência no âmbito ministerial. “[...] O seguimento de Jesus e a concretização da missão em meio ao sofrimento, às carências, às hostilidades e aos horizontes que parecem fechados é unicamente possível no cotidiano, por sua graça”.³⁴¹

Ruth Doris Lemos é uma mulher que parte dessa perspectiva, em proporcionar para todos e todas uma melhor qualidade de vida a partir do comprometimento com o Reino de Deus, a partir do serviço, com um desafio constante de comprometimento na luta diária, animados pela graça e pela solidariedade humana.

Ela esboçou uma teologia com caráter profético, de anúncio e denúncia, que “hoje, mais do que nunca, o imperativo do caráter profético da Igreja de Jesus Cristo se faz sentir. Esse profetismo está ligado a nosso passado como fermento para o futuro e também é uma antecipação escatológica do reino de Deus”,³⁴² para o presente.

Rocha faz um desafio para as mulheres nessa luta profética pela vida em abundância, a partir da conscientização, do despertar da consciência de que a fé das mulheres ajuda a manter firme e que a graça de Deus dá ânimo para continuar o caminho, um caminho difícil e espinhoso, mas possível.

A vida de Ruth Doris Lemos é uma demonstração de que a teologia da graça ajuda a manter o direito de que todos e todas tenham essa vida abundante. As mulheres pentecostais não podem ficar de fora desse ministério pelo simples fato de serem mulheres, mas através da educação, de uma educação teológica, elas, as mulheres, possam ser participantes desse labor teológico, tanto no âmbito educacional quanto no âmbito eclesiológico.

³⁴¹ ROCHA, 2005, p. 36.

³⁴² ROCHA, 2005, p. 36.

4.2.5 Mulheres educando mulheres a partir dos olhares, escutas e experiências

As mulheres pentecostais fazem teologia, sim! Nas relações de poder no âmbito pentecostal feminino percebe-se que indivíduos ou grupos sociais exercem poder sobre os demais. “[...] No entanto, como afirma Michel Foucault, o poder não é algo que pode ser dividido entre quem o possui ou o detêm exclusivamente e quem não o possui ou lhe é submetido. Antes, o poder deve ser analisado como algo que circula, que é exercido em rede, como algo que funciona em cadeia”.³⁴³

Por mais imperante que seja um poder dominador, sempre há brechas e resistências. Ruth Doris Lemos, por opção ou por necessidade, exercitou a sabedoria da negociação. Também não há libertação total enquanto vivermos aqui neste mundo.

Dentro da definição de poder que nós conhecemos, pode-se pensar o poder no sentido das influências que sofremos, afirma Deifelt. Ruth Doris Lemos era uma mulher influenciadora. Uma mulher que, a partir de seus olhares, escutas e experiências, influenciou seus estudantes. Ela levava muitas pessoas junto com seu exemplo e reflexões, ou melhor, suas reflexões não eram academicistas, mas marcadas pela experiência. Ela construiu uma pedagogia das resistências.

[...] pensamos em poder no sentido das influências que sofremos, no poder que um patrão tem sobre seus empregados, no poder que um pai tem sobre seus filhos, que um professor tem sobre seus alunos (a linguagem masculina foi intencionalmente usada, porque infere em uma noção patriarcal de poder). Trata-se do poder *sobre*, numa relação hierárquica. É o que acontece, por exemplo, quando uma cultura consegue estabelecer os padrões de comportamento estipulados para o homem e para a mulher usando o simbolismo religioso para justificar quais atitudes são esperadas de um e de outro.³⁴⁴

Ruth Doris Lemos, por meio de seu modo de fazer teologia, influenciou inúmeros e inúmeras estudantes. Sua relação hierárquica confrontava inúmeros estudantes que, ao chegarem no IBAD e se depararem com uma mulher ensinando teologia, ficavam indignados por uma mulher estar ocupando tal função. Através de uma cultura pentecostal patriarcal, os estudantes, não todos, tinham um comportamento estipulado que justificava tais atitudes em relação às mulheres.

³⁴³ DEIFELT, Wanda. Do paraíso ao inferno: gênero, simbolismo e poder. In: BLASI, Marcia [et al.]. **Mulheres fazem teologia: rede de mulheres e justiça de gênero da América Latina e Caribe – FLM.** Rio de Janeiro: Metanoia, 2018. p. 26.

³⁴⁴ DEIFELT, 2018, p. 27.

Apesar de Ruth Doris Lemos ser uma protagonista precursora da educação teológica pentecostal, sua educação abriu caminho para tantas outras mulheres, ainda que num papel subordinado, repito, mas possibilitando uma quebra de paradigmas onde as mulheres não tinham vez, nem voz.

Mulheres ainda hoje continuam invisibilizadas, assim como o foi Ruth Doris Lemos, apesar de seus trabalhos serem tão relevantes no campo da educação teológica pentecostal assembleiana. Mulheres sem nome, sem voz e sem histórias. Mulheres silenciadas, marginalizadas, excluídas pelo simples fato de serem mulheres. Mulheres vítimas de condicionamentos que as impossibilitam de escolher seus próprios caminhos.

Lembro-me de uma mesa redonda, no ano de 2017, em um evento teológico na Faculdade Boas Novas, que trazia como título: **Mulheres Pentecostais – O papel da mulher no Pentecostalismo: experiências e desafios**, moderado pela Professora Maria José da Costa Lima, Diretora da Faculdade Boas Novas – AM, com a participação da Pastora Ana Lúcia Câmara, esposa do Presidente Jonatas Câmara, Pastor Presidente das Assembleias de Deus no Amazonas – IEADAM, a Pastora Rebekah Câmara, esposa do Pastor Presidente da CADB³⁴⁵ e da Igreja Mãe em Belém do Pará, a Professora Andréa Nogueira e, a que mais me chamou atenção, a mulher mais simples e no estilo pentecostal que compunha a mesa, a Missionária Miriam Lins, mulher, “submissa”, pentecostal e assembleiana.

Essa mulher, em sua fala, despertou ainda mais o interesse para a pesquisa da participação das mulheres nas Assembleias de Deus. Seus relatos de **vivências** e **experiências** trouxeram a curiosidade e a dimensão da atual questão e relevância do tema para o âmbito pentecostal. Miriam Lins relatou a **discriminação**, a **negligência** e a **exclusão** que vivenciou nas Assembleias de Deus pelo simples fato de **ser mulher**. Mas nada disso a impediu de continuar sua Missão de pregar as Boas Novas do Evangelho. Foram relatos e depoimentos que trouxeram lágrimas aos ouvintes, demonstrando ainda mais a relevância da pesquisa sobre a participação das mulheres na educação teológica pentecostal, na pessoa de Ruth Doris Lemos, uma das percussoras e protagonistas da participação feminina na educação teológica pentecostal nas Assembleias de Deus, mulher, submissa e pentecostal, assembleiana.

³⁴⁵ CONVENÇÃO DA ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL.

No mesmo dia, 28 de setembro de 2017, apresentei um trabalho com o título: “**Uma teologia para chamar de delas**”, no simpósio temático: **Mulheres em Movimento – Pentecostalismo Feminino**, que integrou a programação do II Congresso Norte de Teologia junto com o 4º Encontro Nacional da Rede Latino-americana de estudos Pentecostais – RELEP.

Em tal texto escrevi sobre o não reconhecimento das mulheres no âmbito teológico pentecostal abordando questões tais como:

Onde estão as mulheres que atuaram no Movimento Pentecostal, discriminadas e marginalizadas pelo simples fato de serem mulheres? O que foi feito da memória delas e do trabalho que realizaram? Lamentavelmente, foram esquecidas. A Teologia Feminista é uma teologia da libertação das mulheres, elaborada e praticada por mulheres militantes no movimento da libertação das mulheres. Uma teologia feita por mulheres, feministas e cristãs ao mesmo tempo, protestantes e pentecostais que, a partir de sua fé, compartilham a consciência da dignidade e responsabilidade de ser mulher. Uma teologia que pretende dar-lhes voz e fazê-las visíveis, uma teologia delas.³⁴⁶

As mulheres pentecostais foram capazes de pensar e repensar a teologia a partir de suas próprias vidas. Essa teologia muitas vezes esteve ausente nas teologias masculinas. Conseguiram mudar a compreensão do mundo e das divisões de papéis pré-estabelecidos. Conseguiram ver Deus com seus próprios olhos, e não mais só de ouvir falar, como afirma Jó: “Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te veem”.³⁴⁷

O cristianismo não se constitui em exceção à cultura de dominação do feminino, apesar de alguns comportamentos louváveis que podemos até reconhecer. Entretanto, nas instituições religiosas as mulheres continuam impossibilitadas de exercer funções semelhantes às dos homens, por serem vítimas de uma “vontade divina” misógina que, ainda segundo muitos, entregara aos homens os papéis de autoridade e mando. Apesar disso, as mulheres continuam sendo as maiores colaboradoras para a manutenção das instituições de poder patriarcal, acreditando ser este o caminho que mais corresponde à vontade dos senhores representantes do Senhor Deus.

³⁴⁶ PONTES, Miquéias. **Uma teologia para chamar de delas**. Simpósio Temático ST1 – Mulheres em Movimento: Pentecostalismo Feminino. II CONGRESSO NORTE DE TEOLOGIA/4º, Encontro Nacional da Rede Latino-americana de Estudos Pentecostais sob o tema: Reforma Protestante e Pentecostalismo: convergências e divergências históricas. Faculdade Boas Novas, Manaus – Amazonas, 28 de setembro de 2017.

³⁴⁷ A BÍBLIA Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida, rev. e atual. com números de Strong. Sociedade Bíblica do Brasil, 2003; 2005.

Ou ainda, algumas acreditam que esta é a misteriosa ordem do mundo e há que segui-la.³⁴⁸

“É equivocado compreender a Teologia Feminista como reflexão dirigida somente às mulheres e que lhes assume o ponto de vista e as reivindicações. O discurso da Teologia Feminista dirige-se a todos, homens e mulheres”³⁴⁹. A Teologia Feminista autêntica tem em vista uma “teologia da integralidade”, uma teologia que se empenha na superação da “teologia incompleta”. Enfim, uma teologia com um perfume novo, como demonstra a atitude da mulher ao invadir a sala da refeição dentro das mais rígidas normas sociais e rituais judaicas, com sua presença e seu perfume.

Já no âmbito do pentecostalismo, segundo Gedeon Alencar:

*As Relações de Gênero são confusamente alteradas na contramão da emancipação feminina no país. Na época em que as mulheres não votam, nas ADs elas pregam, escrevem e dirigem igrejas. Quando elas se tornam presentes nos processos sociais, elas são marginalizadas nestas igrejas, conquanto, algumas ADs reconhecem seus ministérios*³⁵⁰.

Deste modo, apesar de uma intensa participação e colaboração das mulheres no âmbito pentecostal, as mulheres continuam discriminadas, marginalizadas e caladas. Até quando? Não sabemos. O que sabemos, é que elas precisam ter voz e vez para continuar fazendo o que têm feito ou continuarão fazendo mesmo sem serem vistas.

Portanto, a proposta da Teologia Feminista é fazer uma teologia elaborada e praticada por mulheres militantes no movimento da libertação das mulheres. É uma teologia feita por mulheres, feministas e cristãs ao mesmo tempo, protestantes, pentecostais e católicas, que a partir de sua fé, compartilham a consciência da dignidade e responsabilidade de serem mulheres. É uma teologia que pretende dar-lhes voz e fazê-las visíveis, uma teologia delas.

³⁴⁸ GEBARA, 2017b, p. 17.

³⁴⁹ LIBANIO; MURAD, 2014, p. 247.

³⁵⁰ ALENCAR, Gedeon. Freire de. **Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus 1911-2011**. Ed. Novos Diálogos, 2013. p. 331.

4.2.6 Relatos dos Familiares

4.2.6.1 Familiar 1

A **Familiar 1** inicia narrando sobre as dificuldades que Ruth Doris Lemos enfrentou numa época em que educação teológica nas Assembleias de Deus era algo “**proibido**”, pela falta de aceitação e preconceito à educação.

A Familiar 1 enfatiza que João Kolenda e Ruth Doris Lemos trabalharam muito, enfrentando inúmeras dificuldades, entre elas, a falta de material teológico em português. Quando o IBAD começou, biblioteca, livros de teologia eram algo muito difícil, afirma: “[...] Papai e mamãe trabalharam numa época na educação teológica em que havia muito, muito menos livros, principalmente em português o que é hoje uma grande profusão”.³⁵¹

Ruth Doris Lemos foi mulher que contribuiu de inúmeras formas para a educação teológica das Assembleias de Deus, com a manutenção através de subsídios e periódicos que a Missão Americana enviava e mantinha, afirma a Familiar 1.³⁵²

Ela era uma mulher que tinha uma produção teológica vertiginosa, descreve a Familiar 1, apesar de muitas de suas produções não serem publicadas. Atuava em inúmeros lugares e espaços, na academia e na Igreja, contribuindo com sua teologia.³⁵³

Ela dava aula na Escola Bíblica Dominical, pregava, fazia apresentação missionária com os estudantes. Apesar de sofrer restrições no Brasil, pelo simples fato de ser mulher, descreve a Familiar 1:

Quando ela chegou no Brasil houve um pouquinho de restrição pelo simples fato de ser mulher. Muita coisa foi feita por mulheres. Os pastores nem imaginavam. Por exemplo, qual foi uma das primeiras atribuições dos meus pais quando eles chegaram no Brasil? Ajudar o missionário Lawrence Olson no programa de rádio, A Voz da Assembleia de Deus.³⁵⁴

³⁵¹ Familiar 1, Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 03 de dezembro de 2019.

³⁵² Familiar 1, Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 03 de dezembro de 2019.

³⁵³ Familiar 1, Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 03 de dezembro de 2019.

³⁵⁴ Familiar 1, Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 03 de dezembro de 2019.

A atuação de Ruth Doris Lemos, como mulher, nas Assembleias de Deus no Brasil junto com Frida Vingren foram fundamentais para a quebra de paradigmas em relação à participação das mulheres na igreja, relata a Familiar 1.

Quando aconteceu a primeira convenção geral das Assembleias de Deus em 1932, Natal, Rio Grande do Norte, os missionários suecos foram colocados para fora. Muitas igrejas do Brasil não aderiram, mantiveram suecos na frente à Igreja. Ficou decidido que a liderança das igrejas passaria para os brasileiros. Belém não aderiu, Rio de Janeiro não aderiu, eu sei que Porto Alegre não aderiu, não tenho certeza sobre Recife; Recife tinha uma Igreja grande formada pelos suecos. Teria que fazer uma pesquisa. Mas por quê? Qual era um dos pontos de desconforto? Era a atuação da mulher. Por quê? Porque era uma atuação necessária. Não tinha quem fizesse. A Frida, como a minha mãe, as duas eram grandes escritoras, jornalistas, eram grandes musicistas, compositoras, tradutoras. Na época da minha mãe, ela não teve muita contribuição com a Harpa Cristã, mas todo o hinário mais informal, Feliciano Amaral, Oséias de Paula, os cantores daquela época gravavam hinos que a minha mãe traduzia, porque todo o repertório do IBAD minha mãe compunha. O IBAD tem um hino oficial que minha mãe compôs, no início do IBAD. (Familiar 1 canta parte do hino do IBAD). Essa música tem gravada em CD, eu faço chegar na tua mão. Eu tô fazendo um paralelo entre as duas que eu sei que você já escutou as duas. Então, assim, o que acontecia? Elas efetivamente tinham uma produção literária muito profícua. No caso da Frida, ela dava aula nas escolas bíblicas, mas a atuação dela era no jornal. Já a minha mãe, a demanda era mais o IBAD, que era uma demanda diária. De segunda a sexta tinha que ter aula. O que que acontecia? No caso deles, era uma escola formal, era internato desde o início. Um ou outro da cidade estudava, mas quem vinha pro IBAD morava na escola e tava lá pra estudar todo dia. Desde o início. Começou com oito (8) alunas. Só 8. Mas tinha que dar aula todo dia porque eles moravam na escola, eles só não vinham pra escola se tavam doente.³⁵⁵

Ruth Doris Lemos e Frida Vingren foram mulheres que estavam além do seu tempo. Eram mulheres atuantes e que lutaram para mudar suas realidades, apesar de suas histórias terem um “destino” distinto, ainda que de forma silenciosa, mas com uma prática eloquente. A educação teológica, no seu início, teve muita oposição no âmbito das Assembleias de Deus. A Familiar 1 enfatiza que no início do IBAD, poucos pastores presidentes de Convenções Estaduais apoiavam tal projeto. Ruth Doris Lemos junto com seu marido enfrentaram muita oposição em relação à educação teológica. Por isso, a atuação das mulheres como Ruth Doris Lemos foi fundamental.

O Josias, por exemplo, era um aluno muito novo, veio de Belém, do Pará. Como um aluno tão novo vem de tão longe pro IBAD? Simples, o pastor de Belém. Quem era o pastor de Belém nessa época? Em 61, 62, 63, 64? Alcebiades Pereira Vasconcelos. Era um apoiador da escola. Eu choro

³⁵⁵ Familiar 1, Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 03 de dezembro de 2019.

quando eu lembro. Meus pais tiveram enorme oposição. Não só por causa do ensino teológico. Como é que eles sobreviveram? Eles sobreviveram por causa dos pastores apoiadores da escola. Eles enviavam os alunos e sustentavam os alunos. Porque eles não tinham pais que pudessem sustentar eles na escola. Quem sustentava era a Igreja.³⁵⁶

Muitos estudantes que aceitavam Ruth Doris Lemos como professora não a aceitavam como pastora. Após saírem do IBAD, ao concluir o curso de teologia, faziam oposição nas convenções estaduais em relação à participação das mulheres nas igrejas. Mas suas teologias vinham “diretamente da pena da minha mãe”, afirma a Familiar 1.

Até 73, só havia pastores contra o IBAD. Essa que é a verdade. Não eram pessoas que eram a favor da educação teológica. Pelo contrário, eram extremamente contra. Alcebiades veio a ser pastor em Manaus em 73, em 74 já tinha um estudante no IBAD, Samuel Câmara. O pastor de Linhares, Espírito Santo, Josias, estudou de 62 a 63. Eu tenho contato de alunos bem lá de trás. O que fazia essas mulheres terem que atuar? A necessidade. Não é que elas quisessem, não! Ah, eu vou mostrar pra esses homens... Não. Eu acho que não havia esse tipo de atitude. Eu não lembro desse tipo de atitude na mamãe. Tanto é que muitas coisas que tinham sido feitas por ela, passavam como se tivessem sido feitas por papai. Então era publicado. Era publicado. Era trabalhado. Não me lembro de nenhum aluno dizer: vou embora porque a professora é uma mulher. Não! Eles chegavam lá, e, de repente, a professora era uma mulher. Era só a mamãe começar a dar aula com aquele sotaque dela, com aquela unção, as barreiras caíam. As barreiras caíam, porque, tipo assim, você tá com fome, e a mão que tá te dando o pão é de uma mulher, e você vai rejeitar o pão porque é de uma mulher?! Alguns desses alunos depois que saíam do IBAD se tornavam ferrenhos opositores do IBAD nas convenções da igreja. Eu não entendo. É como se cuspissem no prato que comeram. No entanto, a educação preparava o que eles ensinavam, o que eles escreviam, e tinham vindo diretamente da pena da minha mãe. Mas a mamãe dizia, isso vai mudar. Leva tempo. Eu via aqueles alunos que amavam minha mãe. Então, eu ficava perplexa. Cantavam com ela, e abraçavam e beijavam a minha mãe, e depois saíam de lá pra ser contra a mulher no ministério. Ah, por favor! Seja como for, já outros, não.

Mas não havia somente contradição de egressos, pois há exemplos de gente que levou para a sua prática pastoral o valor do ministério feminino, herança adquirida através de uma educação libertadora.

Como meu próprio esposo que, depois, Deus usou ele na Assembleia de Deus que finalmente reconheceu e abriu as portas para a ordenação feminina no Brasil. Então, eu sei que isso teve influência, certamente. Porque o meio dele não era propriamente aqui. E não só ele como tantos outros, como o Pastor Jonatas e centenas de outros no Brasil que abriram as portas para suas esposas. Eu me lembro, por exemplo, que quando a mamãe chegou no Brasil era pra cooperar com as vozes da Assembleia de Deus. E também em São Cristóvão ela era a maestrina do coro, junto com a

³⁵⁶ Familiar 1, Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 03 de dezembro de 2019.

Lídia Nelson. A mamãe cooperava com ela. Ela dava aula de escola dominical. Inclusive para jovens, para moças e rapazes. Era aceitado.³⁵⁷

Ruth Doris Lemos representa uma quebra de barreiras na história da Educação Teológica das Assembleias de Deus no Brasil, afirma a Familiar 1. Uma mulher além do seu tempo, apesar da proibição da atuação das mulheres na Igreja.

Ruth Doris Lemos podia pregar, mas não no púlpito, espaço restrito aos homens. Segundo a Familiar 1, “já era uma quebra de barreiras. Eu não sei dizer, quando a gente separou as fotos, a gente separou as fotos delas pregando em igreja. A maior parte das fotos, ela tá pregando numa mesinha em frente ao púlpito. Ela não tinha acesso ao púlpito”.³⁵⁸. O lugar da “mesinha” era uma concessão masculina para uma esposa de pastor reconhecido como Kolenda.

Ruth Doris Lemos foi uma mulher que quebrou paradigmas e preconceitos em relação à atuação das mulheres na Igreja e na academia. Ela não se intimidou ou recuou diante dessas barreiras. Pelo contrário, foi adiante superando todos os obstáculos.

Pensa só, em igrejas grandes como em Ipiranga, ela no púlpito de baixo, embaixo, na mesinha do púlpito. Mas aquela era a forma de dizer que ela podia. Ali ela ministrava. Dava aula de missões, pregava, enfim. Eu diria que nos anos 60, a igreja de Pinda, já de imediato, com o Pastor João de Oliveira, aceitou abrir a sua escola. Precisava ser uma cidade que fosse acessível pras diferentes regiões, que houvesse uma via grande de transporte que no caso daquela época já era a Via Dutra, mas que não fosse uma cidade grande, agitada, fosse uma cidade razoavelmente pacata. Uma cidade em que houvesse o mínimo de infraestrutura que eles conseguissem alimentação, pra tanta gente, uma cidade em que, sobretudo, o pastor os recebesse. Outras cidades que tinham os mesmos pré-requisitos foram contempladas, mas Pinda foi contemplada porque tinha o pastor que apoiava a escola. O pastor João Joaquim de Oliveira acolheu. E lá, de imediato, a mamãe pregava, o papai pregava, obviamente, era normal, mas uma mulher, não.³⁵⁹

A Familiar 1 afirma que a participação das mulheres nas igrejas e na educação teológica nasceram de uma necessidade. Ruth Doris Lemos contribuiu, e sua atuação é inegável. Sua atuação quebrou paradigmas em relação à participação da mulher na Igreja e na teologia pentecostal.

³⁵⁷ Familiar 1, Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 03 de dezembro de 2019.

³⁵⁸ Familiar 1, Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 03 de dezembro de 2019.

³⁵⁹ Familiar 1, Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 03 de dezembro de 2019.

Já tinha o coral do IBAD, o coral da Igreja. O coral feminino na igreja. A mamãe tinha dom pra toda sorte de tipo musical, coral, grupo misto, quarteto feminino, masculino, trio, trio feminino, masculino, dueto feminino, enfim. Ainda tocavam acordeão, órgão e piano. Como ela tinha muitos dons, as portas se abriam. Tocava muito. Na oitava conferência mundial pentecostal no Rio ela foi a organista oficial. Uma mulher. Porque era o que tinha. Muitas coisas nasceram da necessidade. Ela não mantinha o topete. Ela mantinha a classe. Não se empavonava quando davam a oportunidade. Ela ficava na dela. Tudo o que ela precisou fazer, todo o subsídio ela precisou traduzir, preparar. Então, eu fico pensando assim, quantos livros ela escreveu sem nunca terem sido publicados?³⁶⁰

Já frisamos a contribuição para a educação teológica pentecostal assembleiana muito significativa de Ruth Doris Lemos. Portanto, Ruth Doris Lemos teve uma enorme contribuição para a educação teológica, uma contribuição não só restrita ao âmbito acadêmico intelectual, mas uma educação para a vida.

É maravilhoso ver a contribuição dela para a educação teológica. Quando a gente pensa em educação, não é apenas levantar e dar uma aula, ela levantou para dar uma aula que não havia. Mal havia em inglês, muita coisa. Até havia, mas eles não tinham aqui. Eu me lembro que quando a gente voltava da América, metade da bagagem era de livros. As pessoas, as igrejas mandavam via correio. Demorava quatro (4) meses pra chegar, mas chegava. Livros, livros continuamente chegando. Muita coisa avançada. Os mais diferentes comentaristas bíblicos que havia na época. Aqueles livros todos existiam, então a nossa mesa... a nossa sala tinha duas mesas gigantes cobertas e empilhadas de livros.³⁶¹

Ruth Doris Lemos deixou pouco de suas produções publicadas. O que se tem faz parte de um curso básico de Teologia à distância do IBAD. Muitas dessas produções eram da área musical, herança que deixou um grande legado pelo Brasil afora. “Hoje existem muitos corais pelas igrejas do Brasil com o nome da minha mãe. A do Fonseca no Rio de Janeiro, do pastor Celso, é Banda Sinfônica Ruth Doris Lemos. devido a esse legado também musical que ela deixou”.³⁶²

Outras áreas de atuação de Ruth Doris Lemos são: pregação, regência, que são bastante enfatizados nas entrevistas dos estudantes, e a prática. Seu legado não é apenas de manuais, livros e publicações, mas de práticas e ações transformadoras.

³⁶⁰ Familiar 1, Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 03 de dezembro de 2019.

³⁶¹ Familiar 1, Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 03 de dezembro de 2019.

³⁶² Familiar 1, Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 03 de dezembro de 2019.

Nas “horas vagas”, Ruth Doris Lemos dava aulas de inglês para os ibadianos, sem deixar de lado sua maior ênfase, sua marca missionária. Não é à toa que era chamada de Missionária Doris, ou a Irmã Doris pelos estudantes.

Todo dia tinha um intervalo na última aula para a oração missionária. Na segunda-feira era, eu não sei dizer exatamente, era missões mundiais. Terça-feira era oração pelos indígenas. Quarta-feira era a Ásia e Europa. Quinta-feira eram países de fala portuguesa. Sexta-feira era África e América Latina.³⁶³

Segundo a Familiar 1, Ruth Doris Lemos deixou um legado não só para os de “fora”, do âmbito profissional, acadêmico, eclesiástico, mas um legado para os de “dentro”, para a família. “Uma cultura evidenciada em casa”, afirma a Familiar 1. Como a maioria das mulheres que superam o seu tempo, Ruth Doris Lemos tinha mais do que uma dupla jornada de trabalho, evidenciando, assim, a busca de superação da dominação masculina numa sociedade numa Igreja patriarcal.

Ruth Doris Lemos elegeu prioridades. A Familiar 1 afirma que, apesar de sua atividade intensa, Ruth Doris Lemos elegeu prioridades, a começar pela sua família, a Igreja e a academia.

Ruth Doris Lemos dava aulas extras de inglês na Faculdade de Taubaté, na Unifesp, para ajudar na questão financeira. “O único dia que minha mãe tinha livre era sábado. E dificilmente ela fazia alguma coisa sábado à noite. Ela ficava com a gente. Era descanso”.³⁶⁴

A Familiar 1 enfatiza que, além de educadores, João Kolenda e Ruth Doris Lemos eram como “pais” e “mães” para os estudantes ibadianos, sem deixar de congrega e cooperar na Igreja.

Então, papai construía, mamãe cuidava da comida e dos alunos. E papai cuidava da parte acadêmica dele, e mamãe cuidava da dela. Nesse ínterim, eles ouviam os alunos, aconselhavam, levava aluno pro médico. Se algum aluno ficava doente, era mamãe que tinha que colocar no carro e levar pro médico. Era *baby-sitter* mesmo. Nos anos 70, já não mais. Mas nos anos 60, quando a escola era pequena ainda, a mamãe também regia o coral da igreja de Pinda. Eles cooperavam nos cultos. Domingos à noite. Estavam sempre lá. E sempre domingo de manhã eles davam aula de escola dominical.³⁶⁵

³⁶³ Familiar 1, Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 03 de dezembro de 2019.

³⁶⁴ Familiar 1, Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 03 de dezembro de 2019.

³⁶⁵ Familiar 1, Família de Ruth Doris Lemos. Entrevista realizada em 03 de dezembro de 2019.

Ruth Doris Lemos era a administradora, e João Kolenda era a parte operacional, trabalhavam juntos, faziam tudo em parceria, afirma a Familiar 1. Uma mulher além de seu tempo. Que lutou e labutou pela participação feminina nas Assembleias de Deus e na Educação Teológica Pentecostal sem deixar de ser quem era, mulher, submissa, auxiliar, pentecostal e assembleiana.

4.2.7 Relatos dos Estudantes³⁶⁶

Irmão Alcebíades³⁶⁷ é Professor de Teologia. Estudou no IBAD entre 2002 a 2004. Teve contato com Ruth Doris Lemos no IBAD em diversos componentes curriculares, entre eles Hermenêutica e Teologia da Missão.

Irmão Alcebíades enfatiza que Ruth Doris Lemos como professora se preocupava com a **experiência** de cada estudante. A experiência é um dos principais elementos da Teologia Pentecostal. Irmão Alcebíades enfatiza que Ruth Doris Lemos atuava em diversas áreas do IBAD, como regente do coral, administradora, líder do culto de missões, tocava piano nas celebrações e **pastoreava as meninas**. É importante frisar que, no IBAD, havia separação no dormitório e na hospedagem entre homens e mulheres. Outra ênfase nas entrevistas dos estudantes é a habilidade culinária de Ruth Doris Lemos, habilidade que dava outro sabor ao fazer teológico pentecostal.

Dois elementos que são importantes frisar na fala do Irmão Alcebíades são: a **experiência dos estudantes** e o **pastorado feminino**, questões imprescindíveis na contribuição de Ruth Doris na educação teológica pentecostal.

Irmão Alcebíades descreve que Ruth Doris Lemos nunca incentivou a subversão ou qualquer ação pragmática das mulheres na Igreja. Mas sempre defendeu e investiu nas alunas do IBAD a fim de serem futuras ministras e missionárias.

Segundo Irmão Alcebíades, “como fundadora do primeiro instituto bíblico pentecostal, Doris foi fundamental para a educação teológica brasileira. Ela é

³⁶⁶ Nomes, datas e lugares, em alguns casos, foram alterados para impedir a identificação das estudantes e dos estudantes.

³⁶⁷ Homenagem ao Pastor fundador do Seminário Teológico das Assembleias de Deus no Amazonas (IBADAM), Alcebíades Pereira Vasconcelos.

símbolo da valorização da formação acadêmica e do lugar da mulher na produção teológica”.³⁶⁸

Valoração da formação teológica e o lugar da mulher na produção teológica foram contribuições importantes de Ruth Doris Lemos na educação teológica pentecostal. Irmão Alcebíades afirma que o fato de ter tido uma professora mulher teve um impacto na sua formação teológica e na sua atuação na Igreja, ajudando-o a perceber a fé de maneira menos patriarcal e observar o silenciamento das mulheres nas igrejas. Doris foi uma mulher humilde e piedosa, nas palavras do Irmão Alcebíades.

4.3 Religião, educação e poder

Qual o poder das mulheres no âmbito pentecostal? Será que as mulheres pentecostais têm consciência do poderio que possuem? Como a religião e o pentecostalismo lidam com essas questões? Qual a influência de Ruth Doris Lemos nessa discussão?

A relação de poder das mulheres no âmbito pentecostal ainda é algo complexo. Como na própria história do feminismo, em que as mulheres lutaram pelo reconhecimento de direitos e oportunidades, pela igualdade de todos os seres humanos, nas diversas relações sociais, o poder está relacionado ao âmbito político, nas dimensões da vida social.

Tal relação de poder se forma no momento em que alguém deseja algo que depende da vontade do outro, estabelecendo uma relação de dependência de indivíduos ou grupos em relação a outros.

[...] A mitologia e as religiões são bons exemplos. Na Grécia Clássica e na tradição judaico-cristã, Pandora e Eva respectivamente desempenham o mesmo papel: o de demonstrar que a curiosidade feminina é a causa das desgraças humanas e da expulsão dos homens do Paraíso.³⁶⁹

Da mesma forma, a ciência, a filosofia ocidental e a teologia legitimaram esse poder masculino da desigualdade e continuam cumprindo essa tarefa. Por esta razão, o feminismo, como um movimento social emancipatório, pode dar cumprimento a esta tarefa, libertadora e emancipatória, como propõe Garcia:

³⁶⁸ Irmão Alcebíades. Estudante de Ruth Doris Lemos.

³⁶⁹ GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2011. p. 12.

O termo feminismo foi primeiro empregado nos Estados Unidos por volta de 1911, quando escritores, homens e mulheres, começaram a usá-lo no lugar das expressões utilizadas no século XIX tais como movimento das mulheres e problemas das mulheres, para descrever um novo movimento na longa história das lutas pelos direitos e liberdades das mulheres. Esse novo feminismo visava ir além do sufrágio e de campanhas pela moral e pureza social buscando uma determinação intelectual, política e sexual. O objetivo das feministas americanas era um equilíbrio entre as necessidades de amor e realização, individual e política, o que parecia algo muito difícil de conseguir.³⁷⁰

A busca pela liberdade, de seu sexo e de todas as transformações da sociedade, que sejam necessárias para este fim, como filosofia política e como movimento social, se dá como uma tomada de consciência das mulheres do “ser mulher”, proporcionando-lhes uma ética e uma forma de ser e estar no mundo, a partir de uma conscientização feminina transformadora e emancipatória.³⁷¹ Uma das formas de haver o desvelamento do lugar das mulheres nas Assembleias de Deus se dá, portanto, através de uma educação libertadora.

Nisso consiste a capacidade emancipadora do feminismo. Ele é como um motor que vai transformando as relações entre homens e mulheres, e seu impacto é sentido em todas as áreas do conhecimento. O feminismo é uma consciência crítica que ressalta as tensões e contradições que encerram todos esses discursos que intencionalmente confundem o masculino como universal.³⁷²

O despertar desta consciência das mulheres no âmbito pentecostal se dá partindo de uma submissão forçada, por décadas da História, por mulheres, como Ruth Doris Lemos, que decidiram romper com esses grilhões ideológicos que atacavam, ridicularizavam e submetiam as mulheres a uma servidão ideológica pelo simples fato de “ser mulher”. Foram mulheres que souberam construir uma cultura, uma ética e uma ideologia nova e revolucionária capaz de transformar e democratizar o mundo, inclusive o pentecostal.

O feminismo evoluiu explorando a consciência do poderio feminino no âmbito político e social. Alguns temas principais, a partir da política do indivíduo, foram se desenvolvendo, tais como: *separação entre o público e o privado; patriarcado; sexo e gênero; igualdade e diferenças.*³⁷³

³⁷⁰ GARCIA, 2011, p. 12-13.

³⁷¹ GARCIA, 2011, p. 13.

³⁷² GARCIA, 2011, p. 14.

³⁷³ HEYWOOD, Andrew. **Ideologias políticas, [v.2]:** do feminismo ao multiculturalismo. São Paulo: Ática, 2010.

Explorar o poderio da consciência das mulheres pentecostais seria uma forma de desvelamento do lugar das mulheres nas Assembleias de Deus no Brasil. Para desvelar tal lugar é necessário um despertar da consciência das mulheres, que só é possível a partir da educação, pois o “conhecimento traz liberdade”.

4.3.1 Os direitos das mulheres na educação teológica pentecostal

Um dos principais objetivos do feminismo é a tentativa de fortalecer o papel social da mulher, desfazendo a desvantagem que as mulheres vivem pelo simples fato de serem mulheres, e essa desvantagem pode e deve ser abolida.³⁷⁴

No entanto, o feminismo também se caracteriza por uma diversidade de pontos de vista e posições políticas. O movimento das mulheres, por exemplo, lutou pela conquista do sufrágio (voto) feminino, pelo aumento do número de mulheres em posições de elite na vida pública, pela legalização do aborto e pelo fim da circuncisão feminina. Da mesma forma, as feministas adotaram estratégias políticas tanto revolucionárias quanto reformistas, e a teoria feminista se baseou nas tradições e nos valores políticos estabelecidos – em especial o liberalismo e o socialismo – e, sob a forma do feminismo radical, rejeitou ideias e conceitos políticos convencionais.³⁷⁵

Tal consciência desse poder é o que as mulheres pentecostais, em sua grande maioria, não têm ainda. Foi uma evolução que conseguiu diminuir o radicalismo, estabelecendo o gênero como distinção social e cultural entre homens e mulheres, mas que evoluiu “além do feminismo”, colocando-as como seres superiores, ao ponto de produzirem um feminismo radical “que defende que as divisões de gênero são a divisão social de maior importância política e acredita que as raízes dessa divisão estão na estrutura da vida doméstica”.³⁷⁶ Talvez essa seja a maior dificuldade de rejeição do movimento no âmbito pentecostal, da mudança de estrutura da vida doméstica para a vida pública da mulher.

A separação entre o público e o privado é um dos temas principais do feminismo. “As feministas procuram desafiar a separação entre ‘homem público’ e ‘mulher particular’”³⁷⁷. São questões bem evidentes no âmbito pentecostal, onde a **mulher** limita sua atuação ao **âmbito particular**: família, assistência, criação e

³⁷⁴ HEYWOOD, 2010, p. 21.

³⁷⁵ HEYWOOD, 2010, p. 21.

³⁷⁶ HEYWOOD, 2010, p. 23.

³⁷⁷ HEYWOOD, 2010, p. 25.

educação dos filhos e o trabalho doméstico, enquanto o **homem** o faz no **âmbito público**: política, educação, profissão, artes e literatura.

As feministas usam o conceito de “patriarcado” para descrever a relação de poder entre homens e mulheres. O termo literalmente significa “governo do pai” (pater é “pai”, em latim). Algumas feministas empregam “patriarcado” só nesse sentido específico e limitado, para descrever a estrutura familiar e a dominação do marido-pai dentro dela, preferindo usar termos mais abrangentes, como “supremacia masculina” ou “dominação masculina”, para descrever as relações de gênero na sociedade como um todo. Entretanto, as feministas acreditam que a dominação do pai na família simboliza a supremacia masculina em todas as demais instituições. Há quem argumente, ainda, que a família patriarcal está no âmago de um processo sistemático de domínio masculino, pois ele reproduz a dominação masculina em todas as esferas da vida: na educação, no trabalho e na política.³⁷⁸

A “supremacia masculina” ou “dominação masculina” é bem evidente no âmbito pentecostal. Na educação teológica não é diferente, pois as mulheres são inferiorizadas pelo simples fato de “ser mulher”. Ruth Doris Lemos, como uma protagonista precursora da educação teológica pentecostal, como tantas outras mulheres assembleianas, abriu caminho num papel subordinado, porém, relevante. “Embora o objetivo do feminismo seja a abolição do patriarcado e o fim da opressão machista, as feministas às vezes ficaram em dúvida a respeito do que isso significa na prática e como pode ser viabilizado”.³⁷⁹

Quais são os direitos que as mulheres pentecostais têm na educação teológica pentecostal? Igualdade legal, política e religiosa são direitos que as mulheres pentecostais buscam conquistar na Teologia Pentecostal. Ruth Doris Lemos foi uma mulher que ajudou a “derrubar muros” que separavam e negavam às mulheres pentecostais direitos de igualdade em meio a tantas diferenças.

Algumas tensões entre essas políticas igualitárias precisam ser articuladas para diminuir tais tensões. No âmbito pentecostal as diferenças de gênero são vistas sob uma ótica negativa. Ruth Doris Lemos, assim como tantas outras mulheres, fez um trabalho que, posteriormente, foi invisibilizado diante dessas tensões políticas e religiosas.

³⁷⁸ HEYWOOD, 2010, p. 26.

³⁷⁹ HEYWOOD, 2010, p. 30.

Muitas mulheres pentecostais não querem identificar-se com o masculino. A exigência da igualdade é de conceder às mulheres a realização como mulher, identificada como mulher, com os mesmos direitos e deveres.

O feminismo é uma ideologia abrangente. No âmbito religioso pentecostal é visto sempre como liberal e radical. Heywood afirma que tal movimento, o feminismo, evoluiu de um **movimento político** para uma **ideologia política**. **Enquanto movimento**, o feminismo é ação de um grupo de pessoas com o mesmo propósito, movimento contra o preconceito da participação das mulheres. **Enquanto ideologia**, propõe-se a uma reunião das certezas de um grupo e de suas percepções culturais, sociais, políticas e etc., com o objetivo de fazer bem ao próximo.³⁸⁰

O despertar da consciência das mulheres, também das mulheres pentecostais, “é uma estratégia para remodelar a identidade social e desafiar a inferioridade cultural por meio da ênfase ao amor-próprio, à autoestima e à autoafirmação”.³⁸¹

Tal direito proposto às mulheres pentecostais, através da educação teológica, se dá mediante uma separação entre o público e o privado, do ser mulher na esfera política, e não condicionada ao âmbito particular, da mulher limitada à família, à assistência, à criação e à educação dos filhos, ao trabalho doméstico. Enquanto que ao homem a noção tradicional do que é “político” coloca a política na arena da vida pública, o homem “público” no âmbito da política, da educação, da profissão, das artes, e da literatura.³⁸²

Como na sociedade em geral, as mulheres pentecostais estão condicionadas ao âmbito privado, impossibilitando-as de assumirem sua participação na esfera pública. Ruth Doris Lemos rompe com tais padrões “politicamente corretos” ao transitar entre o privado e público.

A criação de uma nova visão da posição desfavorável e inferior, com que as mulheres foram sempre condicionadas no âmbito cultural pentecostal, é uma

³⁸⁰ HEYWOOD, 2010, p. 40-41.

³⁸¹ HEYWOOD, 2010, p. 37.

³⁸² HEYWOOD, 2010, p. 25.

contribuição que Ruth Doris Lemos, através da educação teológica, proporcionou à educação teológica pentecostal.

Como afirma Garcia, “certamente, o processo de exclusão determinou não só a escassez de dados sobre as ideias e ações das mulheres em comparação com os homens, mas também e fundamentalmente sua falta de transmissão”.³⁸³

A exclusão das mulheres no âmbito da Teologia Pentecostal assembleiano determinou a escassez de dados, ideias e ações das mulheres em comparação com os homens. “Se tivéssemos podido escutar as mulheres, se pudéssemos escutá-las hoje, homens e mulheres seríamos mais sábios e suspeitaríamos ante os relatos nos quais nenhum destes nomes aparece”.³⁸⁴

As mulheres pentecostais assembleianas precisam ter voz e direitos iguais aos homens; espaços e direitos que foram negados a Ruth Doris Lemos no âmbito pentecostal assembleiano.

É certo que no âmbito das instituições eclesiais estas iniciativas nem sempre foram bem vistas. Elas questionavam modelos de organização eclesial e familiar. Foi necessário que as mulheres corresse às margens de suas denominações de origem para dar prosseguimento às suas pesquisas, questionamentos.³⁸⁵

Ruth Doris Lemos correu às margens de sua denominação pentecostal para dar prosseguimento ao seu projeto missionário teológico educacional. Foi preciso abrir mão de direitos para atuar, ainda que de forma silenciosa, em áreas impenetráveis no meio pentecostal assembleiano.

4.3.2 *A participação das mulheres na educação teológica pentecostal*

A participação das mulheres na educação teológica pentecostal é evidente. Porém, Ruth Doris Lemos não era uma teóloga feminista, de atuação e reivindicação em favor das mulheres. Apesar de atuar em sua comunidade, cidade e Igreja, Ruth Doris Lemos não era uma mulher protagonista na história da Assembleia de Deus. Era sempre vista como a esposa de João Kolenda, a irmã Doris, e não como teóloga

³⁸³ GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2011. p. 109.

³⁸⁴ GARCIA, 2011, p. 112.

³⁸⁵ BENCKE, Romi Márcia; MOTA, Sônia Gomes. **Ecumenismo e feminismo: parceiras da casa comum**. São Leopoldo: CEBI, 2012. p. 24.

ou pastora. Assim como o feminino foi tornado secundário em nossa experiência humana, as mulheres foram tornadas secundárias na teologia pentecostal.

A teologia feminista pode ser considerada um passo importante na direção de uma cultura inclusiva.³⁸⁶ Apesar da participação das mulheres ser evidente na prática teológica pentecostal, diferentemente no âmbito teórico, praticamente não se vê uma inclusão desta teologia no âmbito curricular. Poucas grades de cursos de Teologia no Brasil incluem a Teologia Feminista como um componente curricular.

Hoje, partindo de uma atitude de respeito à complexidade social e religiosa, podemos até conceder que em alguns comportamentos haja pequenas mudanças que incluam ou até priorizem em certos momentos o feminino, mas o fundo monoteísta masculino persiste e continua ainda fortemente presente nas culturas latino-americanas, entre outras.³⁸⁷

A insegurança do novo, partindo de uma análise antropológica das religiões, tem ameaçado a paz de algumas instituições tradicionais que não concordam com tais interpretações pós-modernas. O debate tem atenuado tal discussão, já que novas compreensões têm surgido com o progresso de tais ciências que partem de uma análise puramente científica e não só de uma confissão de fé institucionalizada. Porém, não se pode negar tais contribuições que as mulheres têm dado às Assembleias de Deus no Brasil no âmbito das relações de poder. Ruth Doris Lemos é um real retrato de tais condicionamentos que as mulheres sofrem pelo simples fato de serem mulheres.

A Teologia Feminista busca um reconhecimento dos serviços prestados às igrejas, a visibilidade das mulheres na Bíblia e na história religiosa lutando por seu atual lugar na Igreja na linha da igualdade de direitos entre mulheres e homens, afirma Gebara.³⁸⁸

É exatamente esse o papel que Ruth Doris Lemos tem prestado à educação teológica pentecostal. A busca pela visibilidade das mulheres e a ocupação de seu lugar na Igreja e na linha de igualdade de direitos.

O universalismo da verdade religiosa sempre foi imperialista, androcêntrico e etnocêntrico e correspondeu a interesses particulares afirmados como vontade de Deus. A universalidade dos que dominam se tornou uma

³⁸⁶ GEBARA, Ivone. **O que é teologia feminista**. São Paulo: Brasiliense, 2007. p. 18.

³⁸⁷ GEBARA, 2007, p. 25.

³⁸⁸ GEBARA, 2007, p. 42-43.

espécie de normatividade máxima, de forma que ela precisava não apenas ser difundida para crescer, mas protegida pelos exércitos e pelos sistemas inquisitoriais. A universalidade era sinônima de centralismo político e cultural, assim como legitimação para as diferentes formas de dominação.³⁸⁹

A educação teológica pentecostal sofreu essa imposição androcêntrica e etnocêntrica correspondente a interesses particulares pautados como a vontade de Deus. Essa universalidade dominante tornou-se normatividade máxima, que não precisava ser difundida para crescer, pois era protegida pelos sistemas inquisitórios, afirma Gebara, uma universalidade centrada no âmbito político, cultural e religioso como legitimação para as diferentes formas de dominação.

Ruth Doris Lemos sentiu essa imposição androcêntrica e etnocêntrica ao chegar no Brasil, por ser mulher, estrangeira e pentecostal. Gebara afirma que a Teologia Feminista:

[...] reconhece os limites de suas propostas de mudanças de conteúdo e não pretende impô-las como novas verdades. Entretanto, mesmo de sua perspectiva limitada, precisa continuar o trabalho de denúncia de formas explícitas de violência religiosa e de dominação das consciências.³⁹⁰

Foi exatamente o que Ruth Doris Lemos fez: reconheceu os limites de suas propostas de mudanças e não pretendeu impô-las como novas verdades, através de uma teologia simples, de sabedorias de vida e de experiências, uma Teologia Pentecostal.

A educação teológica de Ruth Doris Lemos não propunha uma dominação de consciência, mas uma teologia da ação, a partir de histórias e experiências, que tem um valor maior do que teorias que deixam de ser ecos. São estórias e histórias que parecem acolher a diversidade humana e situam crenças semelhantes e diferentes, valendo-se da complexidade da História e de estórias, afirma Gebara.³⁹¹

Gebara assegura que “a mudança de crenças religiosas tem a ver com as mudanças que operamos em nossas relações em sociedade, em política e na cultura”.³⁹²

Ruth Doris Lemos operou mudanças nas relações, na política e na cultura pentecostal através da educação teológica. Rompeu com paradigmas e tradições

³⁸⁹ GEBARA, 2007, p. 45.

³⁹⁰ GEBARA, 2007, p. 47.

³⁹¹ GEBARA, 2007, p. 49.

³⁹² GEBARA, 2007, p. 50.

pentecostais nas quais a mulher era anônima, excluída e marginalizada pelo simples fato de ser mulher. Ocupou lugares e espaços até então “proibidos” para as mulheres no âmbito pentecostal. Sua teologia era simples, uma teologia ou simplesmente sabedorias de vida.

Ruth Doris Lemos não queria dissolver a teologia tradicional, mas transformar e ajustar as formas de crenças àquilo que estava vivendo, como afirma Gebara: “creio que o caminho da teologia feminista não é o da dissolução da teologia tradicional, mas o da transformação e do ajustamento das formas de nossas crenças àquilo que estamos vivendo”.³⁹³

Era uma teologia em que a participação das mulheres fazia sentido, pois era uma teologia capaz de tocar o coração humano, capaz de ajudar a abraçar, a colher e enxugar as lágrimas, teologias concretas a partir de ações, teologias capazes de alimentar esperanças de inúmeros jovens pentecostais, homens e mulheres, com vontade de servir, mas que precisavam ser lapidados através da educação.

Acreditamos que sabedoria religiosa só tem sentido se for capaz de tocar o coração humano, se for capaz de ajudar a abraçar, a acolher, a enxugar lágrimas, a perdoar, a partilhar o pão, o vinho, as roupas, a terra, o conhecimento e a alimentar esperanças.³⁹⁴

A teologia de Ruth Doris Lemos alimentava a esperança desses jovens e dessas jovens pentecostais assembleianos. Era uma teologia da esperança de milhares de jovens em busca de qualificação para servir ao Reino de Deus em suas comunidades.

4.3.3 Outros Relatos dos Familiares

As revelações da Familiar 3 a partir de suas experiências e vivências com Ruth Doris Lemos são importantes, pois são relatos de um “olhar de fora” da família: “Ruth Doris Lemos do portão da escola pra dentro da escola era a professora, a diretora: Ruth Doris Lemos”, mas ao mesmo tempo descrevem sua percepção a

³⁹³ GEBARA, 2007, p. 58.

³⁹⁴ GEBARA, 2007, p. 59.

partir de um “olhar de dentro”, por reconhecer que “da porta da casa para dentro da casa era a sogra Ruth Doris Lemos. Que são duas personalidades bem distintas”.³⁹⁵

A Familiar 3 descreve Ruth Doris Lemos como:

[...] uma pessoa de personalidade muito dominadora, rígida, talvez pela criação dela, era uma pessoa muito rígida, detalhista e exigente, mas isso me deixou, como aluna, é... me deixou mais elástica, digamos assim, eu pude me *stretch*, mais! E, como nora, eu tive algumas dificuldades no princípio, sim, e depois a gente, aos poucos, nós fomos nos entendendo. É muito difícil para uma mulher americana ver o seu único filho se casar, então foi o momento, foi uma época um pouco conturbada, mas que depois nós conseguimos nos entender.³⁹⁶

A Familiar 3 relata que sua presença nos púlpitos do Brasil ajudou a **quebrar paradigmas antes intocáveis**. Ela dirigia um Instituto Bíblico Pentecostal, onde tinha tudo sob seu controle, “desde a cozinha até as compras, sala de aula, professores, alunos e supervisores, ela tinha o controle de toda a escola”.³⁹⁷

A Familiar 3 afirma que abrir o primeiro Instituto Bíblico das Assembleias de Deus no Brasil foi o maior objetivo de sua vida. Uma crítica que a Familiar 3 faz em seus relatos é que Ruth Doris Lemos colocou isso acima de tudo, “Na casa, o que eu via era 100%, ela se entregava ao ministério”.³⁹⁸

A Familiar 3 afirma que Ruth Doris Lemos foi uma mãezona para os estudantes, pois colocava o ministério em primeiro lugar. “O ministério vinha em primeiro lugar, o compromisso com as igrejas, as aulas, a vida estudantil em segundo lugar, e em terceiro vinha a família”.³⁹⁹

Seu papel foi primordial na fundação do IBAD, assegura a Familiar 3, “uma mulher que fazia tudo no IBAD, tudo tinha sua mão”. E também fora da Igreja, a Familiar 3 afirma que Ruth Doris Lemos **deu o pontapé inicial na participação das mulheres nas Assembleias de Deus no Brasil**. Mesmo tendo ciência da falta de espaço das mulheres, mesmo chocada, até indignada, como descreve a Familiar 3, por não ser recebida como pastora, Ruth Doris Lemos não desistiu. “[...] ela disse

³⁹⁵ Familiar 3, Família de Ruth Doris Lemos.

³⁹⁶ Familiar 3, Família de Ruth Doris Lemos.

³⁹⁷ Familiar 3, Família de Ruth Doris Lemos.

³⁹⁸ Familiar 3, Família de Ruth Doris Lemos.

³⁹⁹ Familiar 3, Família de Ruth Doris Lemos.

assim, bom, como eu não posso com meu nome, eu vou sem nome mesmo, e continuou trabalhando”.⁴⁰⁰

Ela deu o pontapé inicial. Foi ela que abriu o espaço para que a mulher brasileira tivesse espaço, tivesse voz, tivesse posição, hoje você vê muitas mulheres trabalhando na Assembleia de Deus, a convenção geral não aceita pastora, mas todas elas estão atuando nos púlpitos. Eu conheço várias que estão dando conferências e tudo, no Brasil e fora do Brasil, mas mesmo sem uma posição, sem o nome, elas estão aí e muito, e muito disso aí foi do ensino dela no seminário para as alunas, ela deu bastante força para que as mulheres lutassem pelos seus passos na Igreja Assembleia de Deus. Ela tinha ciência. Ela não foi muito bem recebida quando chegou porque naquele tempo as mulheres não tinham espaço algum e nos Estados Unidos as mulheres já tinham seu próprio espaço. Então ela se chocou bastante, ela ficou um pouco, eu diria até indignada por ela não ter sido recebida como pastora, mas justamente, ela disse assim, bom, como eu não posso com meu nome, eu vou sem nome mesmo, e continuou trabalhando. E o pastor Kolenda teve muita sabedoria trazendo ela para o púlpito, de primeiro no piano, tocando piano, para ele cantar alguma música na língua do surdo e mudo e depois como um testemunho. E aí ele foi introduzindo e, depois, eles viram que a seriedade dela no ministério era grande e eles começaram a aceitá-la.⁴⁰¹

Ruth Doris Lemos era uma mulher que dava uma enorme importância à formação teológica, como frisamos algumas vezes acima. Tal importância e relevância são bem evidenciadas nas falas da Familiar 3. “Na visão dela, todo jovem brasileiro deveria passar pelo seminário, deveria ter uma formação teológica, porque isso abriria espaço maior para a Assembleia de Deus crescer no Brasil”.⁴⁰²

Ruth Doris Lemos foi primordial, afirma a Familiar 3, para a educação teológica pentecostal por dar o primeiro passo, abrir portas, para que muitos pudessem passar depois. Seu depoimento confirma o que outras entrevistadas já disseram:

Olha, eu como aluna, o que eu escuto de todo ex-aluno é o seguinte: o seminário é um divisor de águas na vida de todo ex-aluno, a vida é uma coisa quando você vai pro seminário, quando você sai do seminário, a sua visão, a sua perspectiva de Igreja, de evangelho, de seminário, é outra totalmente diferente. Então todo ex-aluno que se encontra, a primeira coisa que eles falam, quando volta para o seminário, quando encontra um outro colega de seminário é: o IBAD foi um divisor de águas na minha vida. E eu diria a mesma coisa como aluna, mesmo casando com filho dela, mas foi um divisor de águas para minha vida espiritual, para minha vida de

⁴⁰⁰ Familiar 3, Família de Ruth Doris Lemos.

⁴⁰¹ Familiar 3, Família de Ruth Doris Lemos.

⁴⁰² Familiar 3, Família de Ruth Doris Lemos.

ministério, para minha chamada, com certeza, o IBAD foi a melhor coisa que poderia ter acontecido para o jovem brasileiro.⁴⁰³

Ruth Doris Lemos construiu pontes utilizando a educação como lugar de empoderamento, dando às mulheres pentecostais o direito e a possibilidade de atuarem no ministério e em lugares que até então eram restritos apenas aos homens. Repetimos estas afirmações pelo reiterado nas entrevistadas.

4.3.3.1 *Uma educação libertadora e não de “ecos”*

A Teologia Feminista propõe um novo olhar e uma nova forma de fazer teologia. É uma teologia feita por mulheres, redefinida de forma contínua na busca por afirmações de relações de justiça e equidade.

A teologia feminista cristã é feita por mulheres, feministas e cristãs ao mesmo tempo, que, a partir de sua fé, compartilham com outras irmãs e irmãos a consciência da dignidade e responsabilidade de ser mulher. Enfatizam a linguagem inclusiva, defendendo que se deve marcar na fala e na escrita que as mulheres não estão “escondidas” nos substantivos coletivos e gerais como “homens”, “todos”, “irmãos”. Trata-se, sim, de “homens e mulheres”, “todos e todas”, “irmãos e irmãs”⁴⁰⁴.

4.3.3.2 *Uma Teologia da Libertação das Mulheres Pentecostais*

Tal Teologia Feminista na América Latina ganha uma consistência a partir dessas novas impressões e percepções. Não é mais uma teologia feita a partir de “ecos”, repetições; trata-se de uma teologia delas, uma teologia própria das mulheres pentecostais:

- Integradora das diversas dimensões humanas: força e ternura, alegria e choro, intuição e razão;
- Predominantemente comunitária e relacional: recolhe grande número de experiências que exprimem algo vivido e sentido;
- Contextual e concreta: parte da realidade da América Latina e é marcada pelo cotidiano da vida como lugar da manifestação de Deus;
- Militante, no sentido de participar no conjunto das lutas de libertação de nossos povos em nível específico e global⁴⁰⁵.

⁴⁰³ Familiar 3, Família de Ruth Doris Lemos.

⁴⁰⁴ RIBEIRO, Súsie. Da casa à praça. In: MURAD, Afonso; GOMES, Paulo Roberto; RIBEIRO, Súsie. **A casa da teologia**: introdução ecumênica à ciência da fé. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 200.

⁴⁰⁵ FREITAS, Maria Carmelita de. Gênero/Teologia feminista: interpelações e perspectivas para a teologia – Relevância do tema. In: SOTER (Org.). **Gênero e Teologia**: interpelações e perspectivas. Loyola, São Paulo: 2003. p. 25.

É uma teologia feita por mulheres com palavras qualitativamente distintas trazendo em si uma marca própria que beneficia toda a teologia, afirma Freitas. “Não se faz como elaboração de experiências isoladas, mas como tradução de uma nova solidariedade.”⁴⁰⁶ Trata-se de uma nova forma de fazer teologia como porta-voz de suas irmãs dos meios populares, das comunidades eclesiais e no meio acadêmico, labutando, refletindo, organizando e comunicando a palavra assistemática, que sai em estado bruto dos lábios e das mãos das mulheres do povo, como uma nova maneira de produzir teologia, uma Teologia Feminista Pentecostal. Assim sendo, é uma teologia que não pode mais continuar sendo ignorada. Essa era a teologia de Ruth Doris Lemos, uma teologia do povo, uma teologia delas.

4.3.3.4 A consciência da dignidade e responsabilidade de ser mulher pentecostal

As mulheres pentecostais por muitos anos viveram condenadas à prisão dos costumes. E agora acordaram e começaram a contar suas próprias histórias, ou talvez estórias, ainda que temerosas pela tradição, pelos costumes, e pelo medo. As mulheres pentecostais descobriram que outras antes delas já haviam vivido algo parecido, mas temiam contar pelo medo ou pela punição. Como afirma Gebara:

Obediência e liberdade pareciam palavras opostas e até contraditórias, mas muitas vezes soavam como irmãs nascidas de um mesmo ventre. Obedecer era consentir, aquiescer, concordar. Era algo que brotava de dentro. Mas as imposições sociais e familiares feitas não partiam de “dentro”. Eram de fora, gritadas, declaradas, obrigadas, negociadas, impostas a ferro e fogo. As mulheres percebiam que aquilo não era obediência, era desobediência a elas mesmas, à sua voz interior, aos gemidos de seus corpos, às doçuras de seus sonhos. Estava na hora de obedecer! E estava na hora de desobedecer!⁴⁰⁷

Imposições sociais, familiares e religiosas silenciaram as mulheres pentecostais por muitos anos. Ruth Doris Lemos ainda de forma silenciosa contribuiu para o rompimento de tais imposições sobre as mulheres pentecostais dando a elas a oportunidade de serem mulheres a partir do despertar da consciência feminina, através da educação teológica.

⁴⁰⁶ FREITAS, 2003, p. 25.

⁴⁰⁷ GEBARA, Ivone. **Mulheres, religião e poder**: ensaios feministas. São Paulo: Terceira Via, 2017b, p. 16.

Essa tomada de consciência é que dá às mulheres pentecostais a possibilidade de mudar uma situação de sofrimento e opressão para uma nova jornada de vida, uma nova forma de ser mulher. “O despertar da consciência das mulheres corresponde a um passo qualitativo na história da humanidade”, afirma Gebara.⁴⁰⁸ Essa consciência gera transformações, visando uma sociedade mais igualitária, mais humana, mais consciente.

Trazer a temática de gênero como um campo da teologia feminista, no âmbito pentecostal, segundo a perspectiva das mulheres, é romper com as invisibilidades e com as “exclusões não confessadas”.⁴⁰⁹ É tomar consciência de si.

Qual a responsabilidade da Teologia Feminista Pentecostal? O conceito de gênero, para Gebara, não é só um instrumento de análise ou de tomada de consciência, mas também um “instrumento de autoconstrução feminina e de tentativa de construção de relações sociais mais fundadas na justiça e na igualdade, a partir do respeito à diferença”.⁴¹⁰ que visa responder aos sinais dos tempos, a partir de uma práxis transformadora das relações humanas na perspectiva da ótica do gênero. Essa teologia reflete sobre o lugar que a mulher vai assumindo na família e fora dela, mediante as novas realidades sociais, e sobre a importância delas como uma nova forma de fazer teologia a partir de suas experiências históricas de sofrimento.⁴¹¹

As mulheres estão diante de uma tarefa difícil em uma sociedade patriarcal, marcada pelos costumes e a mentalidade machista, em que as mulheres são marginalizadas pelo simples fato de serem mulheres. Busca-se uma teologia que se propõe a denunciar a dívida que a cristandade neste tocante contraiu perante o Evangelho e perante as mulheres, afirma Brakemeier.⁴¹²

A religião partindo do feminino é um convite de retorno à nossa humanidade esquecida, à gratuidade do inesperado, ao gesto que faz renascer a esperança, ao abraço aconchegante que devolve a confiança na vida, à beleza dos lírios do campo e do pôr-do-sol, à partilha do pão e da terra, à vibração do corpo ao contato com outros corpos. Estamos longe dos

⁴⁰⁸ GEBARA, 2017b, p. 16.

⁴⁰⁹ PAIXÃO, 2014, p. 23.

⁴¹⁰ GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio**: uma fenomenologia do mal. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 105.

⁴¹¹ LIBANIO, J. B.; MURAD, Afonso. **Introdução à teologia**: perfil, enfoques, tarefas. 9.ed. São Paulo: Loyola, 2014. p. 245.

⁴¹² BRAKEMEIER, Gottfried. **A autoridade da Bíblia**: controvérsias – significado – fundamento. 2.ed. São Leopoldo: Sinodal; Centro de Estudos Bíblicos, 2003. p. 62.

mandamentos da Lei de Deus e de sua solenidade sacerdotal, mas perto dos mandamentos exigidos pela convivência cotidiana de todos os seres do planeta. Estamos longe dos mandamentos das Igrejas com seus julgamentos e suas punições, mas perto de decisões pessoais, grupais ou coletivas para facilitar a vida das pessoas e ajudar-nos a carregar os fardos pesados da existência. Estamos longe dos cultos formais repetitivos e obrigatórios e perto da necessidade de construir pequenas comunidades de sentido onde a criatividade das pessoas acompanhe as alegrias e vicissitudes de suas histórias, onde a música e o canto nasçam de seu meio e de sua inspiração. É nessa linha que podemos dizer que as teologias feministas apontam para a possibilidade de viver em comunidades de tradição cristã sem hierarquias, comunidades contextuais, provisórias como tudo que é humano.⁴¹³

Assim, uma teologia feita por elas não deixa de ser pentecostal. Esse era o papel de Ruth Doris Lemos através de sua educação acadêmica, que fazia renascer a esperança e facilitava a vida das pessoas a carregar fardos pesados da existência. Era uma educação que percebia a necessidade de construir pequenas comunidades de sentido de suas histórias e que possibilitava a vida em comunidades sem hierarquias, como afirma Gebara: uma educação libertadora.

Os sinais e reflexos do trabalho de Ruth Doris Lemos já são perceptíveis no âmbito teológico pentecostal. Já temos mulheres dirigindo instituições teológicas pentecostais, igrejas e funções que antes eram apenas destinadas aos homens.

Em uma **Carta Proclamação** incluída nas publicações do II Congresso Norte de Teologia/4º Encontro Nacional da Rede Latino-americana de Estudos Pentecostais sob o tema: **Reforma Protestante e Pentecostalismo: convergências e divergências históricas**, na Faculdade Boas Novas, Manaus – Amazonas, em 28 de setembro de 2017, propunha-se um mapeamento do trabalho das mulheres que já atuam como dirigentes de congregação, como uma função pastoral exercida pelas mulheres na prática, mas não reconhecida institucionalmente.

O que vimos no encontro nacional, acima referido, já estava embrionariamente no discurso de Vingren, cuja esposa ousou superar a exclusão das mulheres nos primórdios da Assembleia de Deus. No jornal mensageiro da Paz no ano de 1930, Gunnar Vingren afirmou: “é necessário que demos liberdade ao

⁴¹³ GEBARA, 2007, p. 59-60.

Espírito Santo para que ele opere livremente, seja por homem ou por mulher, seja por dom ou ministério, para que a Igreja possa crescer na graça do Senhor”.⁴¹⁴

Uma Identidade para as Mulheres Pentecostais através da descoberta de si, de ser mulher, era a proposta da Carta Proclamação, uma legitimação das mulheres no âmbito pentecostal assembleiano. A mesma proposta feita em 1930 por Gunnar Vingren.

A carta proclamação foi endereçada aos pastores presidentes da Igreja Evangélica Assembleia de Deus dos Estados do Amazonas e do Pará, Jonatas Câmara e Samuel Câmara, denunciando o contexto histórico de opressão e inferioridade das mulheres nas Assembleias de Deus no Brasil.

As provocações teológicas do **papel** e da **prática** das mulheres assembleianas na Amazônia demonstravam a situação das mulheres no âmbito pentecostal, “mulheres sem rosto e sem nome que trabalharam e trabalham sem o reconhecimento devido pelos serviços prestados ao Reino de Deus”.⁴¹⁵

A Carta expõe o dilema das mulheres pentecostais: “portanto, é Deus quem concede o dom a homens e mulheres, e não há, bíblicamente falando, nenhum dom divino que seja exclusivo para homens ou mulheres, todos somos iguais, de igual forma capacitados por Deus”.⁴¹⁶

Homens e mulheres são iguais diante de Deus. “Deus dá igualmente seus dons para homens e mulheres”.⁴¹⁷ É a afirmação da carta publicada pelas mulheres pentecostais liderada por Maria José Costa Lima, diretora da Faculdade Boas Novas, juntamente com Eunice de Oliveira Rios; Andréa Nogueira Gomes dos Santos; Elaine Christine Santiago Vieira Guimarães; Raymunda Mota dos Santos; Gideane Moraes de Souza; Fátima Medianeira Flores de Vargas e Saara Vieira de Souza Bastos, Marina Aparecida Oliveira dos Santos Correa, pastoras e pesquisadoras da RELEP. Embora a carta tenha sido escrita pelas mulheres supracitadas, ela representa o desejo de inúmeras mulheres pentecostais em todo o Brasil, e os demais membros homens da RELEP a subscrevem. Na noite do dia 29/09/2017, último dia do evento, a carta foi lida publicamente como *Carta*

⁴¹⁴ VINGREN, Gunnar. **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, 01/12/1930, n. 1, p. 4.

⁴¹⁵ BARROS, Daniel; ALENCAR, Gedeon Freire; CORREA, Marina Santos; (Orgs.). **Carta Proclamação**. Manaus: FBN/Vitória: Unida, 2017. p. 227-228.

⁴¹⁶ BARROS; ALENCAR; CORREA; 2017, p. 228.

⁴¹⁷ BARROS; ALENCAR; CORREA; 2017, p. 228.

Proclamação (tendo transmissão ao vivo pela TV Boas Novas para todo o Brasil) e entregue em mãos aos pastores e presidentes da Igreja Evangélica Assembleia de Deus dos Estados do Amazonas e do Pará, pastores Jonatas Câmara e Samuel Câmara.⁴¹⁸

Assim, homens e mulheres, concordam que o dom do pastorado é evidente em muitas mulheres dentro da Igreja, a própria liderança admite e dá espaço para a atividade pastoral feminina. Elas ensinam, pregam, aconselham, visitam, cuidam, evangelizam, dirigem igrejas. No entanto, não participam das instâncias administrativas e decisórias em ambientes eclesiais e convencionais. A ordenação, em tese, seria o reconhecimento de um dom adquirido e já legitimado pela comunidade.⁴¹⁹

A contribuição das mulheres pentecostais para as Assembleias de Deus no Brasil é fundamental. Porém, as mulheres não têm, ou não tinham até então, a condição de legitimidade para tal atuação nas Assembleias de Deus no Brasil. Destacamos a seguir um aspecto que reforça a educação como empoderamento, para Frida Vingren e Ruth Dóris Lemos, se estivessem vivas, além dos relatos de pessoas que com elas conviveram:

Parágrafo único: Mapeamento do trabalho das mulheres que já atuam hoje como dirigentes de igrejas e promover uma consagração local das mesmas. A região Norte deve ser o exemplo para o Brasil no processo de oficialização do ministério feminino, como já foi no advento do nascimento das ADs.⁴²⁰

As mulheres pentecostais não querem simplesmente o título de pastora, mas, sobretudo, o resgate de suas dignidades, como elas próprias concluem na **Carta Proclamação**: “[...] não queremos simplesmente o título, mas, sobretudo, o resgate de nossa dignidade. Ora, se é Deus que dá o dom para ambos, porque o mesmo Deus negaria a prática ou o reconhecimento deste dom?”⁴²¹

Deste modo, o desafio de uma educação libertadora e não de ecos para as mulheres pentecostais é de:

[...] ousarmos viver e pensar de forma diferente o mundo no qual estamos. E essa ousadia vem sendo vivida nas últimas décadas por muitas pessoas que têm pouco a perder em relação a poderes e privilégios, mas muito a ganhar na sempre renovada conquista da liberdade. Os esforços de

⁴¹⁸ BARROS; ALENCAR; CORREA; 2017, p. 228.

⁴¹⁹ BARROS; ALENCAR; CORREA; 2017, p. 228.

⁴²⁰ BARROS; ALENCAR; CORREA; 2017, p. 229.

⁴²¹ BARROS; ALENCAR; CORREA; 2017, p. 229.

reflexão das teologias feministas não pretendem ser as novas verdades absolutas de nosso tempo. São apenas palavras contextuais, palavras situadas valendo-se de dores e clamores concretos com ensaios de repostas provisórias. E é essa situação frágil, vulnerável e mutante que lhes dá força e autoridade para seguir adiante em pleno século XXI.⁴²²

Portanto, é o desafio de uma educação que seja um lugar de empoderamento para as mulheres pentecostais, que exerçam funções e ministérios de igual forma que os homens. Mulheres que tomem a palavra e cumpram sua missão profética e não se calem pelo simples fato de serem mulheres, como temos a partir do exemplo de Ruth Doris Lemos, uma mulher que contribuiu através da educação teológica para o empoderamento das mulheres pentecostais com igualdade de gênero.

⁴²² GEBARA, 2007, p. 61.

5 EDUCAÇÃO TEOLÓGICA E IGUALDADE DE GÊNERO

Educação teológica para as mulheres pentecostais assembleianas é um desafio enorme diante da disparidade de gênero no âmbito pentecostal. A educação teológica tem um papel importante nesse desaprender para reaprender, bem como propunha Paulo Freire, um processo de desconstrução de “muros” para reconstruções de “pontes” que religuem os âmbitos eclesiológico, educacional e social.

Ruth Doris Lemos teve uma importante participação nesse processo libertador a partir da educação teológica. Falar de gênero no âmbito pentecostal é desafiador e doloroso, pelo preconceito e pela discriminação em relação ao tema e pelo desconhecimento de questão, tornando tal processo espinhoso e dolorido.

A tarefa da educação teológica pentecostal consiste em romper preconceitos e reelaborar políticas que possam diminuir ou eliminar tais disparidades entre mulheres e homens no âmbito educacional teológico. Para isso acontecer, é preciso uma constante mudança de opinião a partir de determinada conscientização. Esse é o papel e a tarefa da educação feminista para uma consciência crítica das mulheres pentecostais. Em outras palavras, uma consciência a partir de um olhar visionário a partir de si, que já defendemos nos capítulos anteriores.

Deste modo, a contribuição de Ruth Doris Lemos é fundamental neste processo de mudança e transformação iniciado e executado por esta mulher. Ruth Doris Lemos foi uma mulher além do seu tempo, uma mulher que questionou paradigmas e preconceitos no âmbito educacional teológico pentecostal assembleiano por meio da educação. Ela fez este processo buscando brechas num universo masculino e patriarcal. Suas estratégias podem inspirar um processo do feminino ao feminismo.

Portanto, a história e a contribuição de Ruth Doris Lemos vão além do que pode ser descrito e transcrito, mediante a grandeza de seus atos e ações que transformaram e revolucionaram a educação teológica pentecostal assembleiana de seu tempo, uma educação teológica libertadora a partir da igualdade de gênero, entre homens e mulheres, mesmo que muito embrionário.

Esta educação teológica não pode ficar presa e amarrada a uma perspectiva apenas dos homens, mas é uma educação muito mais calcada na ortopraxia do que na ortodoxia, com uma forte participação das mulheres.

5.1 Gênero e Educação Teológica, uma perspectiva para o futuro das igrejas pentecostais

A emancipação da mulher pentecostal faz parte dos direitos humanos, exigidos nos processos da modernidade como questão de justiça e equidade no âmbito educacional teológico. A Teologia Feminista, desde o início da década de 1960, influenciada pelo feminismo, buscou atenuar essa disparidade no âmbito educacional teológico entre as mulheres e os homens. É uma teologia em busca dos direitos humanos construída pelas mulheres em direitos iguais.⁴²³

Esse processo da modernidade trouxe uma ressocialização de uma cultura patriarcal do sagrado, que concedia aos homens uma hegemonia dos símbolos masculinos na teologia. A partir da suspeita das mulheres, a teologia feminista iniciou esforços críticos e novos elementos em vista de uma nova compreensão de Deus. Fez uma análise a partir de um olhar feminino.⁴²⁴

Foi uma educação teológica com uma perspectiva para o futuro da Igreja pentecostal. Logo, uma teologia em busca de justiça e equidade para as mulheres pentecostais foi uma das maiores heranças de Ruth Doris Lemos.

5.1.1 A emancipação da mulher pentecostal através da educação teológica

A emancipação da mulher pentecostal através da educação é um novo sinal dos tempos modernos. Da mesma forma que a emancipação da mulher é uma questão difícil para a Igreja Católica, para a Igreja Pentecostal não é diferente. O peso de antimodernidade, que se encastelara na fuga do mundo, como uma atitude

⁴²³ Para um aprofundamento do tema segue o artigo: ARAÚJO, Angela Maria Carneiro; FACCHINI, Regina. **Mulheres e Direitos Humanos no Brasil: avanços e desafios**. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/direitos-humanos/mulheres-e-direitos-humanos-no-brasil-avancos-e-desafios>>. Acesso: 24 fev. 2020.

⁴²⁴ GEBARA, 2007, p. 42.

antimoderna, antiprotestante e antifeminista são os mesmos obstáculos que a Igreja Pentecostal vem enfrentando nessa emancipação.⁴²⁵

Como a educação teológica pode transformar essa realidade a partir de um novo olhar da mulher pentecostal? Como atenuar essas disparidades antimodernas, antiprotestante e antifeminista no âmbito teológico pentecostal? É possível a emancipação da mulher pentecostal através da educação teológica?

Ruth Doris Lemos iniciou tal processo emancipatório ao iniciar o Instituto Bíblico das Assembleias de Deus, proporcionando uma formação teológica a um grupo marginalizado e excluído deste processo emancipatório, pois, para a cultura pentecostal estudar teologia era pecado, uma transgressão, algo ilegal, proibido, visto como um ato de rebeldia.

As mulheres foram conquistando diversos direitos civis que influenciaram a igreja a repensar a participação das mulheres na Igreja. Domezi descreve o caminho que as mulheres percorreram até alcançar tais direitos no âmbito religioso:

Aliás, na América Latina e noutras regiões do mundo submetidas ao imperialismo econômico, acentuaram-se mais as contradições geradas pelo capitalismo industrial, sobretudo após a tragédia de duas guerras mundiais. De modo geral, a mulher ingressou na vida pública sem autonomia como sujeito feminino. Ingressou num mercado de trabalho explorador, como colaboradora na renda familiar, sob o peso de uma sobrecarga de incumbências, com dupla jornada e responsabilidades desiguais em relação ao homem, angustiada por ter que deixar seus filhos desassistidos, vulneráveis a assédio e violência sexual.⁴²⁶

A discussão e a reivindicação dos direitos da mulher desembocaram e resultaram, em 1952, nos Direitos Políticos das Mulheres, concedendo às mulheres direitos e deveres restritos, até então, aos homens.⁴²⁷

A natureza de papéis e de identidade das mulheres nas igrejas foi determinada por uma construção social, cultural e educativa que limitava as mulheres a funções e papéis de inferioridade. Domezi afirma: “Com o ressurgimento do movimento feminista nos anos 1950, afirmou-se a reflexão teológica feminista e foi dado realce à questão da ordenação das mulheres”.⁴²⁸

⁴²⁵ DOMEZI, Maria Cecília. **Mulheres do concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2016. (Coleção Marco Conciliar). p. 23.

⁴²⁶ DOMEZI, 2016, p. 29.

⁴²⁷ DOMEZI, 2016, p. 30.

⁴²⁸ DOMEZI, 2016, p.30.

As teólogas acompanharam o movimento feminista “secular”, colocando a discussão sobre a participação das mulheres no âmbito teológico. Tais questões trouxeram novas discussões e debates sobre a participação feminina na teologia.

É digna de nota a ousadia de mulheres pioneiras em fazer valer a proposição dos modernos direitos humanos. Aquilo que havia atravessado tantos séculos e parecia imutável foi posto em questão: o princípio que hierarquiza os sexos, pondo em prejuízo a mulher; a separação do público e privado, com confinamento da mulher na esfera privada; a atribuição de papéis à mulher segundo mentalidades e regras sexistas, patriarcalistas e autoritárias.⁴²⁹

Essas questões trouxeram uma virada radical na autocompreensão da Igreja acerca da participação das mulheres. Porém, muito esforço ainda precisa ser feito na transição e na mudança, especificamente no âmbito pentecostal assembleiano, no qual as mulheres ainda estão subordinadas e silenciadas por uma tradição machista e autoritária, pois, “feministas são formadas, não nascem feministas”,⁴³⁰ afirma bell hooks⁴³¹:

Uma vez que nossa sociedade continua sendo primordialmente uma cultura “cristã”, multidões de pessoas continuam acreditando que Deus ordenou que mulheres fossem subordinadas aos homens no ambiente doméstico. Ainda que multidões de mulheres tenham entrado no mercado de trabalho, ainda que várias mulheres sejam chefes e arrimo de família, a noção de vida doméstica que ainda domina o imaginário da nação é a de que a lógica da dominação masculina está intacta, seja o homem presente em casa ou não. A equivocada noção de movimento feminista com anti-homem carregava o equivocado pressuposto de que todos os espaços femininos seriam necessariamente ambientes em que o patriarcado e o pensamento sexista estariam ausentes. Várias mulheres, inclusive aquelas envolvidas com políticas feministas, escolheram acreditar nisso também.⁴³²

Deste modo, é somente através da educação, de uma constante mudança de opinião e de postura, que se pode alcançar um processo de mudança. O despertar da consciência das mulheres pentecostais só será possível por meio da educação, e de uma educação teológica libertadora.

⁴²⁹ DOMEZI, 2016, p.32.

⁴³⁰ hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 4. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019. p. 25.

⁴³¹ Posição da autora: bell hooks é uma aclamada intelectual negra, teórica feminista, crítica cultural, artista e escritora. Foi registrada como Glória Jean Watkins. O pseudônimo, inspirado pela bisavó materna, Bell Blair Hooks, é uma homenagem ao legado das mulheres fortes. É grafado em letras minúsculas para deslocar o foco da figura autoral para suas ideias. Em seus trabalhos, trata de temas como gênero, raça, classe, espiritualidade e ensino. hooks, 2019, apresentação.

⁴³² hooks, 2019, p. 18.

A conscientização feminista revolucionária enfatizou a importância de aprender sobre o patriarcado como sistema de dominação, como ele se institucionalizou e como é disseminado e mantido. Compreender a maneira como a dominação masculina e o sexismo eram expressos no dia a dia conscientizou mulheres sobre como éramos vitimizadas, exploradas e, em piores cenários, oprimidas. [...] Através da conscientização, mulheres adquiriram força para desafiar o poder patriarcal no trabalho e em casa.⁴³³

E até mesmo, e por que não, na Igreja?

Uma educação para uma consciência crítica das mulheres pentecostais deve ser um projeto de quem aprendeu com as posturas de Ruth Doris Lemos. “O movimento feminista se fortaleceu quando encontrou o caminho da academia. Em salas de aula por toda a nação, mentes jovens eram capazes de aprender sobre pensamento feminista, ler a teoria e usá-la em pesquisas acadêmicas”.⁴³⁴

Somente através da educação é que o sonho de Ruth Doris Lemos será concretizado, de jovens pentecostais habilitados e capacitados, por meio do Espírito Santo e da educação para cumprir o chamado ministerial no âmbito pastoral. E foi isso que ela fez, iniciou um Instituto Bíblico Teológico Pentecostal Assembleiano que pudesse oferecer a esses jovens vocacionados uma formação teológica pastoral ministerial.

Sua participação, embora silenciosa e discreta, concernente à igualdade de gênero no âmbito pentecostal assembleiano, teve uma enorme relevância, rompendo preconceitos e construindo um futuro no qual as mulheres fossem ouvidas e incluídas em lugares e funções religiosas jamais aceitas e toleradas.

Através de sua espiritualidade, Ruth Doris Lemos rompeu grilhões que pareciam inquebráveis na educação teológica pentecostal, incluindo e legitimando academicamente as mulheres no âmbito pentecostal assembleiano, dando a elas voz e participação através da educação. Porém, fora do âmbito acadêmico, as mulheres não eram aceitas. Seu exemplo e sua atuação como professora, diretora e pastora ainda não era suficiente para romper preconceitos sobre a participação das mulheres na Igreja.

Se não for dada continuidade ao trabalho iniciado por Ruth Doris Lemos e tantas outras mulheres pentecostais, silenciadas por uma cultura machista e que não aceita a participação das mulheres na Igreja, todo o sacrifício e esforço dessas

⁴³³ hooks, 2019, p. 25-26.

⁴³⁴ hooks, 2019, p. 43.

mulheres que tiveram de suportar tais dominações e imposições irão enfraquecer e desaparecerão de suas lembranças antes mesmos de serem registradas e documentadas. Ou seja, legitimadas como histórias de mulheres que romperam o silêncio e estavam além do seu tempo.

Por isso, é tão importante falar sobre a história dessas mulheres que construíram e lutaram para ter seu lugar na Igreja, na teologia e na sociedade. Foram mulheres do qual o mundo não era digno, parafraseando o texto bíblico de Hebreus 11.38: “Elas, de quem o mundo não era digno”.

Essas histórias precisam ser contadas e registradas para que se possa aprender com os exemplos dessas testemunhas anônimas, apesar de que, como indica o registro bíblico, tais histórias não registram os exemplos das mulheres.

Uma leitura bíblica feminista libertadora que utiliza a categoria de gênero pergunta, necessariamente, pela construção das relações de poder. Isso implica também que estará analisando a realidade e os textos na inter-relação de gênero, classe, raça/etnia, observando inclusive as experiências e os conflitos entre as gerações. Perceber o rosto e a história de personagens e sujeitos históricos não é apenas um desafio, mas uma necessidade, porque lemos os textos bíblicos a partir da nossa vida, de nossos clamores e anseios por tempos de graça e paz mediante a justiça. E nisso notamos que os sujeitos históricos – mesmo quando negados ou invisibilizados pela história e pelas interpretações oficiais – são na maioria mulheres e crianças, tanto na luta cotidiana pela sobrevivência quanto na luta reivindicatória em movimentos sociais e eclesiais. São elas que vão desconstruindo e reconstruindo vida e texto. São tantos textos, tantas vidas, bíblias.⁴³⁵

A lista das testemunhas do povo de Deus no passado serve para encorajar os leitores e as leitoras a seguirem o exemplo dessas pessoas, que foram fiéis ao chamado de Deus. A lista apresentada no texto de Hebreus é, na maioria de exemplos, masculina e tem o mínimo de exemplos femininos, demonstrando a desvalorização e o preconceito em relação à figura da mulher no âmbito eclesial e ministerial. “Foi pela fé [...]” que esses exemplos mostraram de que perseverança e de que força ela é a fonte, como “[...] garantia dos bens que se esperam, a prova das realidades que não se veem. Foi ela que valeu aos antigos seu belo testemunho” (Hb 11.1-2). No texto de Hebreus aparecem mulheres. A genealogia de Jesus em Mateus cita mulheres suspeitas. Por que não as lembrar?

⁴³⁵ REIMER, Ivoni Richter. **Grava-me como selo sobre teu coração: teologia bíblica feminista**. São Paulo: Paulinas, 2005. (Coleção Bíblia em comunidade. Série teologias bíblicas; 8). p. 31-32.

O autor de Hebreus propõe um olhar sobre o passado de Israel, não para destacar guerras, conquistas ou triunfos de elites, mas para salientar as experiências de fé vividas pelo povo, com sua capacidade de resistir e perseverar, na certeza de que acomodação e conformismo não são caminhos. Em Hb 12.1-17, a atenção se volta para o momento presente da comunidade, que tem em Jesus a razão maior da fé. Trata-se de uma releitura da História: seus sujeitos tinham os olhos voltados para o futuro; fizeram de suas vidas uma aposta de que é possível outro mundo, onde se rejeitem as formas com que a sociedade organiza a convivência entre seus membros.

A presença e a participação das mulheres em processos de organização da vida socioeconômica e da resistência em face de mecanismos e sistemas de opressão foram silenciadas muitas vezes, inclusive no âmbito religioso, afirma Reimer.⁴³⁶ As histórias dos pais e das mães de Israel que ilustravam a luta pela libertação de seu povo precisam ser resgatas não como anexo teológico, mas como centralidade da fé no Deus que se encarnou, de uma vida na fé e na esperança de resistir ao sofrimento, alcançando a liberdade. Do mesmo modo é a história dessas mulheres, como Ruth Doris Lemos, que lutaram para não se repetirem novamente, com as estratégias das brechas no edifício patriarcal, ainda que de forma silenciosa, para que as mulheres pentecostais assembleianas alcançassem sua liberdade.

Ruth Doris Lemos era uma mulher visionária, pois imaginava uma realidade concreta em relação à questão das mulheres nas Assembleias de Deus. Era uma mulher que imaginava possibilidades além de sua realidade. Suas ações através da concretização de sua teologia são um exemplo. “Para sermos verdadeiramente visionários, devemos fundamentar nossa imaginação na realidade concreta, enquanto simultaneamente imaginarmos possibilidades além da realidade”.⁴³⁷

Repensar o sentido da existência humana é o que propõe Gebara, por meio de sua teologia.⁴³⁸ A teologia de Ruth Doris Lemos nos faz repensar o sentido da existência das mulheres nas Assembleias de Deus no Brasil. Através de sua educação teológica, ou de sua atuação, as mulheres puderam ver que era possível uma mulher estudar teologia e formar pastores, Rompendo preconceitos e

⁴³⁶ REIMER, 2005, p. 38.

⁴³⁷ hooks, 2019, p. 157.

⁴³⁸ GEBARA, Ivone. **O que é cristianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2008. (Coleção primeiros passos; 327). p. 81-83.

destruindo “muros” erguidos que impossibilitavam às mulheres ocupar espaços de decisão.

5.1.2 Mulheres leigas precursoras da Teologia Pentecostal

Outras igrejas e teologias têm iniciado uma mudança no que diz respeito à participação das mulheres na teologia, na Igreja e na sociedade. Essas mudanças são provindas de um longo trabalho desenvolvido por mulheres que foram atuantes, sujeitos ativos que marcaram suas histórias através de uma teologia prática, uma teologia da ação.

No âmbito pentecostal inúmeras mulheres têm feito um enorme trabalho, porém, de forma silenciosa. Foram e são mulheres que passaram a buscar um espaço ativo e efetivo na participação eclesiástica.

Busca-se, portanto, uma teologia inclusiva que valorize a práxis sociocultural da comunidade onde ela está inserida. Para os referenciais básicos de uma hermenêutica feminista, a teóloga e pastora Reimer destaca alguns elementos: *testemunhos de fé; experiências de vida; importância e vitalidade do cotidiano; e romper com o silêncio*, referenciais hermenêuticos que significam e implicam:

- *Visibilizar* as histórias e os corpos de mulheres e outras minorias qualitativas nas suas múltiplas relações;
- *Desmascarar* o silêncio e a ausência de mulheres e outras minorias qualitativas;
- *Questionar* as falas e normas androcêntrico-patriarcais sobre funções de mulheres e outras minorias qualitativas;
- *Analisar* as funções libertadoras ou opressoras presentes no texto;
- *Perguntar* pelos efeitos históricos do texto na construção das múltiplas relações;
- *Conhecer e (re)construir* outras imagens de Deus e maneiras de relacionar-se com Deus;
- *Elaborar* uma ética que afirma a vida como valor absoluto, buscando construir novas relações de gênero e afirmando a interdependência de todos os elementos da criação.⁴³⁹

A práxis sociocultural e política é um elemento consequente da comunidade que influencia o modo de pensar e agir da Teologia Pentecostal. O “Princípio da Pentecostalidade” de Bernardo Campos se nutre pelas realidades profundas que

⁴³⁹ REIMER, 2005, p. 34-35.

dão vida à espiritualidade e aos movimentos pentecostais modernos, mas também fundamentalmente enraizados na mensagem apostólica do Novo Testamento.

Bernardo Campos apresenta uma estrutura da Teologia Pentecostal em três momentos:⁴⁴⁰

1. O Acontecimento Cultural e Religioso de Pentecostes;
2. A interpretação teológica do evento teologal pelos apóstolos representados em Pedro;
3. A Práxis Sociocultural e política consequente da comunidade do Espírito.

É importante enfatizar o último elemento dessa estrutura, pois retrata a contribuição de Ruth Doris Lemos a partir de sua **práxis teológica**, sociocultural e política no âmbito pentecostal. Uma síntese dialética ou mediação prático-política em relação ao seu contexto social e contemporâneo estava em seu horizonte. Isto é, uma teologia em busca de “**sentido e significação** fundados **socialmente** pelos pentecostais como forma de expressar sua igualdade em relação oposta aos seus semelhantes, tendo como referência o projeto do Reino de Deus e de regresso ao Pai”.⁴⁴¹ Trata-se de uma teologia que analisa as comunidades pentecostais, “sendo parte do tecido social mais amplo, agregam um sentido novo a seu ‘ser-no-mundo’ e como, desde a religião, constroem um sentido novo de **cidadania** nesta terra, inspiradas na utopia de um celeste porvir”.⁴⁴²

A práxis teológica pentecostal de Ruth Doris Lemos se dá mediante sua ação humana em sua relação ético-política e de plena densidade histórica. Sua práxis se faz presente na história da educação teológica pentecostal, uma história concreta e transformadora.

A práxis pentecostal é a ação humana que faz presente na história concreta dos seres humanos a presença de Cristo ressuscitado, como salvação de todos e, como suscitador de sua libertação escatológica. É, por assim dizer, a historização da pentecostalidade, ao mesmo tempo que sua lógica (razão).

⁴⁴⁰ CAMPOS, Bernardo. **O princípio da pentecostalidade**: hermenêutica, história e teologia. São Paulo: Editora Recriar, 2018b. p. 94.

⁴⁴¹ CAMPOS, 2018b, p. 95.

⁴⁴² CAMPOS, 2018b, p. 95. Grifo meu.

A práxis pentecostal é, portanto, uma atividade social e religiosa, ativa e lógica que tem uma identidade ou um perfil completos e diversos em razão do que contextualiza em diferentes culturas. Sendo assim, supõe um *Pathos* e um *Ethos* pentecostais.⁴⁴³

Propomos um processo em busca de uma educação teológica forjadora de identidades, marcada por uma práxis teológica que se funda no ***Pathos Pentecostal***, a partir de um sofrimento por outros e também pela causa de outros. E ao mesmo tempo, uma práxis teológica, fundada no ***Ethos Pentecostal***, forjada num projeto de busca do bem comum, para um *ethos* de *cidadania*, não só espiritual, mas também social.⁴⁴⁴

Uma educação teológica pentecostal que produz um sujeito pentecostal, forjadora de identidades, como descreve Bernardo Campos, era a educação teológica de Ruth Doris Lemos:

A pentecostalidade é, pois, forjadora de identidades, ainda que talvez seja melhor considerar o inverso. Quem experimenta isso, que chamamos de *pentecostalidade*, constrói sua identidade pentecostal e se autoproduz como **sujeito pentecostal** a partir dessa experiência por um *processo de produção simbólica*, como veremos à continuação. Desta forma, não só se cria uma identidade, senão que se constrói um discurso pentecostal (uma teologia) que dá conta dessa experiência.⁴⁴⁵

Essa era a educação teológica de Ruth Doris Lemos, uma educação sensível às realidades e necessidades de sua Igreja, de sua cultura e da sociedade em que estava inserida.

5.1.3 Políticas educacionais teológicas

As políticas educacionais teológicas precisam ser repensadas a partir das histórias de vida das mulheres pentecostais. Políticas de mudanças que possam atender às reais necessidades e realidades de mulheres emudecidas e, muitas das vezes, “caladas” e silenciadas pelo simples fato de serem mulheres, tais políticas educacionais devem orientar os currículos das escolas de teologia pentecostal.

Tais políticas educacionais, no âmbito acadêmico teológico pentecostal, precisam ser repensadas. Devem ser políticas que favoreçam e incluam a todos e

⁴⁴³ CAMPOS, 2018b, p. 96. Grifo meu.

⁴⁴⁴ CAMPOS, 2018b, p. 97-99.

⁴⁴⁵ CAMPOS, 2018b, p. 103-104. Grifo meu.

todas, sem exceção ou muito menos discriminações, políticas igualitárias, humanistas e inclusivas, princípios políticos comuns que podem ser identificados, como:

- Separação entre o público e o privado;
- Patriarcado;
- Igualdade e diferença.⁴⁴⁶

O feminismo é um movimento para desconstruir tais políticas, como a exploração sexista e a opressão das mulheres, afirma hooks. Em sua obra “Teoria Feminista: da margem para o centro”, bell hooks propõe um feminismo que combate o sexismo institucionalizado e sistêmico. bell hooks afirma que muitas pessoas não compreendem o sexismo, pensam que ele não é um problema, tratando-o sempre como uma questão de mulheres em busca de serem iguais aos homens. Tais incompreensões sobre políticas feministas refletem a realidade do que a maioria das pessoas entende por feminismo.⁴⁴⁷

bell hooks apresenta políticas feministas que propõem uma ideia de igualdade que possibilita a criação de uma comunidade amorosa, no sentido prático, do bem viver, no qual todos e todas possam viver juntos e juntas, em uma relação de justiça igualitária, em que tenham os mesmos direitos e deveres, homem e mulher, “iguais na criação”.

A essência da política do movimento feminista não é ser anti-homem, ou a superioridade da mulher, elementos de um extremismo do movimento, afirma bell hooks, mas princípios éticos igualitários que condicionem ou libertem nossa moral, nossa prática do bem viver em sociedade.

Um resgate que coloca a mulher no pedestal, quase como uma heroína, não é exatamente um resgate e nem uma leitura de gênero. Uma leitura machista impetra heroísmo ou derrotismo, negando-lhe a humanidade. Da humanidade se esperam falhas, erros e acertos. É compreensível que a intencionalidade tenha sido boa, porém o resultado deste resgate se apresenta tão opressor quanto aquela ação do passado que a invisibilizou.⁴⁴⁸

⁴⁴⁶ HEYWOOD, Andrew. **Ideologias políticas, [v.2]:** do feminismo ao multiculturalismo. São Paulo: Ática, 2010. p. 24.

⁴⁴⁷ hooks, 2019, p. 17-18.

⁴⁴⁸ VILHENA, 2016, p. 51.

Assim como Valéria Vilhena reporta sobre a história de Frida Vingren, suas falhas, erros e acertos, da mesma forma não se pretende colocar Ruth Doris Lemos em um pedestal, quase que como uma heroína, mas como uma mulher que trouxe contribuições para mudanças de políticas opressoras para políticas libertadoras.

Ruth Doris Lemos foi uma mulher que tinha a práxis como critério de verdade. Sua educação se dava por meio da ação. Sua tomada de consciência a conduzia a se situar de modo crítico e consciente frente à sua própria atividade.⁴⁴⁹ Sua proposta teológica antecipou, de forma embrionária, o que mais tarde outros teólogos e teólogas, como Clodovis Boff e tantos outros e outras vivenciaram e teologizaram. A educação teológica pentecostal tem a práxis como um “critério de verdade”. É uma teologia que a partir de sua ortopraxia trouxe preocupação para uma ala conservadora pentecostal.

Toda teologia está socialmente situada. Clodovis Boff destaca “a importância da posição social justa do teólogo a fim de que esteja em condições de aprender corretamente os problemas reais que desafiam a consciência dos cristãos no meio dos quais vive e aos quais deve servir”.⁴⁵⁰

Por isso é importante salientar que sua participação na educação teológica pentecostal é concreta. Mesmo não sendo uma teóloga feminista, Ruth Doris Lemos atuou e reivindicou em favor das mulheres. Atuando em sua comunidade, na Igreja e na academia, ela própria se fez protagonista, para si mesma. Foi uma mulher, talvez isso a condicionou a não ser protagonista para os outros, que abriu mão de seu ministério para servir em sua comunidade. Teve um engajamento concreto ao se colocar ao lado dos grupos abandonados e oprimidos, neste caso, as mulheres pentecostais.

[...] A Práxis do teólogo é condição necessária, ainda que insuficiente, da credibilidade pública e da audiência eclesial de suas teses. *In concreto* julga-se também de uma teologia e de um teólogo por seus engajamentos, por suas causas e pelo que produzem em termos de ação histórica e política.⁴⁵¹

⁴⁴⁹ BOFF, Clodovis. **Teologia e prática**. Teologia do Político e suas mediações. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 335.

⁴⁵⁰ BOFF, 1993, p. 281.

⁴⁵¹ BOFF, 1993, p. 351.

Portanto, a práxis de Ruth Doris Lemos é condição necessária, ainda que insuficiente da credibilidade pública e da audiência eclesial de suas teses. Formulou uma teologia engajada por suas causas, com uma ênfase no campo missionário, que produziram ações históricas e políticas que transformaram sua realidade, seu meio e seu contexto.

São termos de engajamento de fé, de testemunho evangélico, de amor provado, que põem à prova “verdades teológicas”, ou seja, às suas próprias elaborações, por quanto científicas se pretendam ser, como afirma Boff.⁴⁵² São afirmações de verdades concretas, de vida, de teologias da práxis que muitas das vezes não estão catalogadas ou sistematizadas cientificamente desde que sejam visíveis e sensíveis à sua realidade.

Clodovis Boff afirma que uma Práxis só é creditada quando ela responde a critérios. “Não existe uma prática que possua uma autoevidência absoluta. Toda prática tem de ser apreciada, sendo que a eficácia não serve de critério pístico”,⁴⁵³ a critérios da fé.

A práxis de Ruth Doris Lemos teve como consequência a intervenção do pensar teológico na ação política da comunidade cristã, como já foi descrito nos capítulos anteriores.

Portanto, verdade pística (Práxis) e verdade teológica (Teoria) se reclamam uma à outra, interagindo uma sobre a outra. E isso se faz segundo um ritmo que não é puramente linear, mas que é medido finalmente pela escansão de base da realidade da Fé. Pois a balança dialética pende sempre para o lado da dimensão prática.⁴⁵⁴

É uma dialética inesgotável que ressurge na forma de Mistério, para repor em movimento tanto a teologia quanto a práxis de fé (Ágape), afirma Clodovis Boff.⁴⁵⁵ É uma teologia contemplativa, mas ao mesmo tempo pragmática, uma teologia da ação.

⁴⁵² BOFF, 1993, p. 351-352.

⁴⁵³ BOFF, 1993, p. 352.

⁴⁵⁴ BOFF, 1993, p. 353.

⁴⁵⁵ BOFF, 1993, p. 353.

5.2 Tarefas da Educação Teológica Libertadora

A tarefa da educação é libertar. A educação traz liberdade, afinal foi para a liberdade que Cristo nos libertou, conforme Gl 5.1: “Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes e não vos submetais, de novo, a jugo de escravidão”. O conhecimento traz liberdade. Ruth Doris Lemos, assim como tantas outras mulheres assembleianas, abriu caminho, ainda que num papel subordinado, mas relevante para a educação teológica. Foram desbravadoras de um início tão difícil.

Ruth Doris Lemos era uma mulher que cumpria seus deveres e o exercício de seus direitos. “Ser responsável no desenvolvimento de uma prática qualquer implica, de um lado, o cumprimento de deveres, de outro, o exercício de direitos”.⁴⁵⁶ Por isso, tem o direito de ser reconhecida e respeitada, tratada com dignidade pela educação teológica pentecostal.

O antagonismo não se dá entre a prática educativa para a libertação e a prática educativa para a responsabilidade. O antagonismo se verifica entre a prática educativa, libertadora, rigorosamente responsável e a autoritária, antidemocrática, domesticadora.⁴⁵⁷

Buscamos uma prática educativa libertadora em relação à natureza humana, fazendo e refazendo-se na História. Ruth Doris Lemos não estava a serviço dos interesses de quem domina. Mas, em nome de um sonho, de uma utopia, como descreve Paulo Freire, de **ser mais**, de mulheres e de homens, a serviço do Reino de Deus, esse era o seu propósito. “A educação para a libertação, responsável em face da radicalidade do ser humano, tem como imperativo ético a desocultação da verdade. Ético e político”.⁴⁵⁸

Educação e responsabilidade: duas palavras comuns na educação teológica de Ruth Doris Lemos. O despertar da consciência das mulheres pentecostais é uma das tarefas da educação teológica libertadora, uma educação responsável que

⁴⁵⁶ FREIRE, Paulo. **Política e educação**: ensaios. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 44.

⁴⁵⁷ FREIRE, 2001, p.44.

⁴⁵⁸ FREIRE, 2001, p.45.

produza transformações e não só teorias ou expectativas, mas uma educação que resulte em ações éticas transformadoras aqui no tempo presente.⁴⁵⁹

5.2.1 O ponto de partida existencial: a consciência da missão como um ato de coragem estratégica

A pastora Doris se contentou com a *missão*, sim. Porém, tal contentamento, talvez fosse necessário para romper paradigmas intocáveis ou impenetráveis no âmbito teológico pentecostal.

Esse contentamento com a missão reflete o machismo brasileiro, que põe a mulher em tal condição no âmbito teológico pentecostal, submissa e resignada, como descreve Alencar.⁴⁶⁰

Ruth Doris Lemos é vista como símbolo do que aconteceu, e ainda acontece, com milhares de mulheres assembleianas, de fato. Porém, depois de mais de doze anos após sua morte, sua vida, sua história, e sua teologia estão sendo resgatadas e recontadas, como na presente tese.

A justificativa de recontar essa história se dá mediante uma análise da necessidade de um registro que resgate a importância desta mulher para a educação teológica pentecostal.

A **institucionalização da fé cristã** foi a responsável pela transmissão da tradição cristã organizada a partir de certas estruturas mentais da época, afirma Gebara:

Nasceu, assim, uma religião de consistência ao mesmo tempo divina e humana, celeste e terrestre, do corpo e do espírito. [...] A partir desta construção teológica fina e suntuosa, desenvolveu-se uma lógica teológica em relação a Jesus, à missão da Igreja, à finalidade da vida humana e do mundo.⁴⁶¹

⁴⁵⁹ PONTES, Miquéias Machado. **O Despertar da Consciência das Mulheres Pentecostais**. In: LIMA, Adriano; COSTA, Moab; GANDRA, Valdinei (Orgs.). **O Espírito e as Igrejas**. São Paulo: Editora Recriar, 2018. p. 132.

⁴⁶⁰ ALENCAR, Gedeon. **Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus 1911-2011**. Rio de Janeiro: Novos Diálogos: 2013. p. 191.

⁴⁶¹ GEBARA, 2008, p. 20.

Tal institucionalização concedeu uma superioridade histórica tornando o cristianismo cúmplice dos poderes imperiais e veículo para a dominação política e religiosa de muitos povos.⁴⁶²

Esse cristianismo criado pelos próprios seguidores de Jesus de Nazaré, afirma Gebara, reinterpretou a vida de Jesus conforme os matizes de seu contexto próprio, significando uma ameaça para a unidade institucional. Então, para conservar sua hegemonia a Igreja afirmou que suas proclamações dogmáticas tinham a assistência do Espírito Santo, tornando-as inquestionáveis, inclusive a marginalização e inferioridade da mulher.⁴⁶³

A simplicidade de sua prática de cura de enfermos, de partilha do pão, de crítico da lei em detrimento da vida, de amigo das pessoas de má fama, foi sendo deixada quase em segundo plano. O que vai delineando pouco a pouco é uma personalidade poderosa, um ser de natureza divina, da mesma substância ou da mesma essência divina, um ser pré-existente que se assenta no trono celeste para julgar os vivos e os mortos. A influência da filosofia grega neste momento foi decisiva para o cristianismo. Ela lhe forneceu uma estrutura lógica a partir da qual era possível situar as realidades divinas num mundo à parte, o mundo das essências eternas em oposição ao mundo material precário e passageiro. Na realidade é esta segunda versão do cristianismo que se torna parte integrante da oficialidade da Igreja, muito embora, ao longo dos séculos, pessoas e movimentos tenham tentado voltar à simplicidade dos primeiros tempos da vida de Jesus de Nazaré e, a partir dele, criar vários movimentos em favor dos marginalizados.⁴⁶⁴

Portanto, em torno do nome de Jesus muitas cristologias e cristanismos se organizaram, tendo controle pelas hierarquias que foram criadas, condicionando as mulheres a seres inferiores.⁴⁶⁵

Gebara afirma que o **universalismo masculino**, criado pelo exclusivismo e a superioridade do cristianismo sobre as outras religiões, sofreu, do ponto de vista cultural, a influência do império greco-romano, uma vez que acreditava que as pessoas e os povos se tornavam humanos na medida em que aceitavam a cultura e a política do império.⁴⁶⁶

A partir do século IV, os cristãos, sobretudo as elites religiosas, passaram a ver no universalismo cristão uma característica da própria mensagem de Jesus. Acreditava-se que o universalismo fazia parte do messianismo

⁴⁶² GEBARA, 2008, p. 21.

⁴⁶³ GEBARA, 2008, p. 25.

⁴⁶⁴ GEBARA, 2008, p. 26-27.

⁴⁶⁵ GEBARA, 2008, p. 28.

⁴⁶⁶ GEBARA, 2008, p. 34.

cristão e por isso em Jesus Cristo todas as nações seriam reunidas e haveria então “*um só rebanho e um só pastor*”. Nesta pretensão universalista, é preciso lembrar igualmente que se tratava de um **universalismo masculino**, ou seja, um universalismo em que a expressão das experiências religiosas se fazia a partir de modelos masculinos do sagrado, centrados numa figura divina masculina. As mulheres eram apenas incluídas nesta dimensão universal como membros subalternos a serviço do corpo masculino.⁴⁶⁷

Portanto, era preciso uma **releitura ético-simbólica do cristianismo** para rever essas imposições propostas pelo universalismo masculino cristão. Gebara propõe tal procedimento a partir de uma tríplice finalidade, na qual inclui a contribuição do feminino e de outras correntes do pensamento contemporâneo nesta releitura:⁴⁶⁸

- 1) Resgatar os valores cristãos como expressões de uma afirmação positiva de nossa humanidade, inscrevendo alguns aspectos da experiência cristã como uma busca renovada de sentido para a vida, no interior mesmo das contradições que nos habitam;
- 2) Abrir a possibilidade de reler algumas afirmações dogmáticas cristãs que nasceram num contexto histórico preciso, à luz de uma antropologia simbólica inclusiva que nos permita ver algumas riquezas humanas resgatadas para os dias atuais;
- 3) Tornar presente a contribuição do feminino e de outras correntes do pensamento contemporâneo como aquisições que ajudam a interpretar e a entender de maneira nova a herança cristã, situando-a na linha de um humanismo inclusivo das diferenças e como uma arte de vida em vista da construção de relações mais justas.

Como vemos, a tarefa da educação teológica é reeducar, desaprender para reaprender. Trata-se de uma educação teológica libertadora, que resgate suas características fundamentais, desde suas origens, do sentimento religioso a uma ação solidária, libertadora e transformadora. Busca uma **nova compreensão do ser humano**:

O cristianismo, desde suas origens, introduziu a importância da ação, sobretudo da ação solidária tendo como horizonte de referência a vida dos marginalizados. É a partir deles, a partir dos que são injustiçados e dos que sofrem de inúmeros males, que se restaura a qualidade de vida e a qualidade de relações.⁴⁶⁹

⁴⁶⁷ GEBARA, 2008, p. 34. Grifo meu.

⁴⁶⁸ GEBARA, 2008, p. 37-38.

⁴⁶⁹ GEBARA, 2008, p.51.

5.2.2 Ruth Doris Lemos e uma Educação Teológica Prática: labor, trabalho e ação

A influência das mulheres no pentecostalismo pioneiro é evidente. É algo que está na raiz do cristianismo e se perpetua até o movimento pentecostal. A participação e a atuação das mulheres são inegáveis. As mulheres se destacaram por sua espiritualidade e sua atuação no âmbito pentecostal, numa relação dialética entre submissão e resistência.

Na educação teológica não é diferente. As mulheres são possantes e atuantes. Porém, a história pentecostal assembleiana foi sempre narrada a partir dos homens. Logo, uma história narrada à luz do patriarcado do pentecostalismo. Portanto, tal história precisa ser recontada a partir de um novo olhar, de uma nova perspectiva, de uma nova narrativa, a partir de uma espiritualidade libertadora conquistada pelas mulheres neste século.

Portanto, desde seu início, as mulheres fazem parte do movimento pentecostal. Elas precisam ser incluídas e lembradas, não apenas como auxiliares, mas como personagens de suas próprias histórias.⁴⁷⁰

Essas mulheres foram protagonistas nos serviços pastorais, em missões, produções teológicas, ensinamentos doutrinários, demonstrando que o ministério feminino no pentecostalismo brasileiro poderia ter sido um importante dado na história do protestantismo no Brasil.⁴⁷¹

Desde o seu início, o movimento pentecostal tem tido uma enorme contribuição das mulheres a partir de suas raízes até a modernidade, quando é bem evidente e notória a contribuição das mulheres na prática. Deste modo, são vidas dedicadas aos assuntos públicos e políticos do pentecostalismo assembleiano, vidas

⁴⁷⁰ Em uma Bíblia, edição comemorativa do Centenário da Assembleia de Deus, lançada em 2011, na festa do Centenário das ADs, consta a presença do registro e das fotos dos Missionários Fundadores: **Adolph Gunnar Vingren** e **Daniel Gustav Högberg**, assim como de **Agnes N. Ozman**, a primeira pessoa batizada com o Espírito Santo, uma mulher, na Bethel Bible School, EUA, como também o registro dos primeiros batizados com o Espírito Santo no Brasil, sendo eles, de novo, uma **mulher** a primeira pessoa batizada com o Espírito Santo no Brasil, a irmã **Celina Albuquerque** e a segunda pessoa batizada com o Espírito Santo, o irmão **Manoel Dubu**. RAIOL, Rui. **Diretor do Museu Histórico Nacional da Assembleia de Deus**. Museu Histórico Nacional da Assembleia de Deus. Disponível em: **A Bíblia do Centenário: Edição Comemorativa dos Cem Anos das Assembleias de Deus no Brasil**. 18 de junho de 2011, em Belém do Pará, a cidade do Centenário. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil, 2 ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. p. 10; 16; 26.

⁴⁷¹ VILHENA, 2016, p.59.

dedicadas ao bem comum. Foram mulheres que serviram à Igreja, à academia e à sociedade.

A **vita activa**⁴⁷² e a condição humana estão entrelaçadas. Assim propõe Hannah Arendt em três atividades humanas fundamentais: **labor, trabalho e ação**. Todos os aspectos da condição humana têm alguma relação com a vida política, com a vida pública.

Hannah Arendt descreve muito bem tal trilogia: labor, trabalho e ação, em **A Condição Humana**. Nesta obra, Arendt trabalha uma trilogia da ação: **A Condição humana; Sobre a Revolução; e Da violência**. Irei relacionar apenas a primeira parte da trilogia, da ação em relação à condição humana, com a contribuição de Ruth Doris Lemos na educação teológica pentecostal.

Arendt parte de uma crítica da tentativa de sistematizar a infinita pluralidade e diferenciação dos seres humanos. “Morta a individualidade, nada resta senão horríveis marionetes com rostos de homem, todas com o mesmo comportamento do cão de Pavlov, todas reagindo com perfeita previsibilidade mesmo quando marcham para a morte”.⁴⁷³

Nesta obra **A condição humana**, Arendt aborda a singularidade de cada ser humano e a liberdade que lhe é própria. Arendt parte da análise das três atividades humanas inerentes à **vita activa**: labor, trabalho e ação:

O **labor** é a atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano, cujos crescimento espontâneo, metabolismo e eventual declínio têm a ver com as necessidades vitais produzidas e introduzidas pelo labor no processo da vida. A condição humana do labor é a própria vida.

O **trabalho** é a atividade que corresponde ao artificialismo da existência humana [...]. O trabalho produz um mundo ‘artificial’ de coisas, nitidamente diferente de qualquer ambiente natural. [...] A condição humana do trabalho é a mundanidade.

⁴⁷² “A expressão **Vita Activa** é perpassada e sobrecarregada de tradição. É tão velha quanto a nossa tradição de pensamento político, mas não mais velha que ela. E essa tradição, longe de abranger e conceitualizar todas as experiências políticas da humanidade ocidental, é produto de uma constelação histórica específica: o julgamento de Sócrates e o conflito entre o filósofo e a *polis*. Depois de haver eliminado muitas das experiências de um passado anterior que eram irrelevantes para suas finalidades políticas, prosseguiu até o fim, na obra de Karl Marx, de modo altamente seletivo. A própria expressão que, na filosofia medieval, é a tradução consagrada do *bios politikos* de Aristóteles, já ocorre em Agostinho onde, como *vita negotiosa* ou *actuosa*, reflete ainda o seu significado original: uma vida dedicada aos assuntos públicos e políticos” (ARENDR, Hannah. **A condição humana**. Posfácio de Celso Lafer. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017. p. 20).

⁴⁷³ OLIVEIRA, Luciano. **10 lições sobre Hannah Arendt**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 56-57.

A **ação**, única atividade que se exerce diretamente entre homens sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade, ao fato de que homens, e não o Homem, vivem na Terra e habitam no mundo. Todos os aspectos da condição humana têm alguma relação com a política; mas esta pluralidade é especificamente a condição – não apenas a *conditio sine qua non*, mas a *conditio per quam* – de toda a vida política.⁴⁷⁴

A condição humana do labor é a própria vida; e a condição humana do trabalho é o que Arendt chama de ‘mundanidade’; e a ação corresponde à condição humana da pluralidade.

Mas como pensar a vida política no mundo moderno que exclui os que estão sujeitados pelas necessidades da vida? Ou seja, a imensa maioria da humanidade?

É aí que entra a relação da contribuição de Ruth Doris Lemos com sua educação teológica pentecostal: uma teologia da ação; uma teologia que inclui cada cidadão e cidadã na vida pública, na vida ativa, a partir do despertar da consciência.

A condição humana não é o mesmo que a natureza humana, e a soma total de atividades e capacidades humanas que correspondem à condição humana não constitui algo que se assemelhe à natureza humana. [...] constituem características essenciais da existência humana no sentido de que, sem elas, essa existência deixaria de ser humana.⁴⁷⁵

Penso, logo existo, numa perspectiva de Descartes. Ou existo, logo penso, na perspectiva de Sören Kierkegaard, a existência vem antes da essência? Dilemas existenciais que condicionam nosso modo de ser.

Ao invés da ação, a sociedade [moderna] espera de cada um dos seus membros um certo tipo de comportamento, impondo inúmeras e variadas regras, todas elas tendentes a ‘normalizar’ os seus membros, a fazê-los ‘comportarem-se’, a abolir a ação espontânea ou a reação inusitada.⁴⁷⁶

Através da educação, Ruth Doris Lemos contribuiu para o despertar da consciência de inúmeros estudantes pentecostais, despertando sua consciência para o agir político em suas próprias comunidades através do labor teológico, da ação em prol do outro, principalmente no aspecto teológico pastoral e missionário. Assim, uma educação teológica pautada no princípio ético cristão do bem viver: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante

⁴⁷⁴ ARENDT, 2017, p. 15.

⁴⁷⁵ ARENDT, 2017, p. 18.

⁴⁷⁶ ARENDT, 2017, p. 50.

a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo”.⁴⁷⁷ É uma vida comprometida com o Reino de Deus e sua ética, a ética do bem viver consigo próprio e com o outro.

O pensar, o conhecer a si mesmo, o estar consigo mesmo, dialogar, sendo um **exercício de “con-sciência”**. Conforme relata Platão: “é melhor estar em desacordo com o mundo inteiro do que, sendo um, estar em desacordo consigo mesmo”.⁴⁷⁸ Ruth Doris Lemos pode ter estado em “desacordo” com muitos que acreditavam que a educação teológica não era necessária para o âmbito pentecostal assembleiano, mas em acordo consigo mesmo, e por isso lutou desbravando caminhos para que hoje a educação teológica fizesse parte do contexto assembleiano.

Em um relato de uma estudante, ao ser entrevistada, ela descreve qual foi a contribuição de Ruth Doris Lemos para a educação teológica:

Imensurável. Tecnicamente, vanguarda. Construir uma escola de ensino teológico nos anos 50, com uma sociedade fechada e com muitos tabus não foi fácil. A história conta quais foram suas dificuldades.

A partir do IBAD saíram os maiores líderes de igrejas das Ad's do Brasil, muitos nomes conhecidos podem ser citados. Muitas missionárias, muitos professores, muitos cristãos. Já está escrito, o Instituto Bíblico das Assembleias de Deus foi o maior e mais relevante ambiente teológico do Brasil em todo o tempo de sua existência. Isto pode ser comprovado com a coleta de depoimentos que foram deixados em seu velório. Os outros vieram a partir dele.⁴⁷⁹

Portanto, do mesmo modo que Hannah Arendt propõe se ocupar dos assuntos da “vida do espírito”, já que deles dependem “os princípios pelos quais agimos e os critérios pelos quais julgamos e conduzimos nossas vidas”, do mesmo modo, Ruth Doris Lemos decidiu agir, proporcionando uma educação teológica para uma Igreja avessa à teologia acadêmica até então.

A esfera pública é um espaço de reconhecimento e de ação conjunta. Hannah Arendt traz inúmeras contribuições em relação a tal discussão. Ruth Doris Lemos trouxe algum reconhecimento da educação teológica pentecostal à esfera pública? Como a educação teológica pentecostal assembleiana era vista até então?

⁴⁷⁷ Mt 22.37-39.

⁴⁷⁸ OLIVEIRA, 2014, p. 126.

⁴⁷⁹ **Irmã Celina:** Homenagem à primeira mulher **batizada no Espírito Santo** na Assembleia de Deus em Belém (PA).

Quais os efeitos e rupturas que sua atuação, junto com o seu marido, teve na mudança de mentalidade pentecostal em relação à educação teológica?

Esfera pública é um espaço de interação política que proporciona à sociedade a discussão de problemas e temas de seu interesse. É nesse âmbito que entra a educação teológica como instrumento de conscientização política para solução de problemas comuns, neste caso a inclusão das mulheres na sociedade.

Tal função da esfera pública visa em consequência o **bem comum**. Como descreve Jacobsen:

Em termos gerais, a esfera pública tem sido descrita como um espaço de interação política: por meio desse espaço, a sociedade discute temas de seu interesse, rumo à solução de problemas comuns. [...] diz respeito às relações difusas que ocorrem em uma sociedade, concretizando e condensando intercâmbios comunicativos oriundos de diversos campos da vida social. [...] Esses intercâmbios comunicativos, ao resultarem em ideias comuns, permitem que se institua um regime democrático de governo, pois a democracia, enquanto forma consentida de dominação, pretende-se baseada na anuência da comunidade política. A função da esfera pública pode ser vista, em consequência, como central: “ela se torna a arena onde se dá tanto o amálgama da vontade coletiva quanto a justificação das decisões políticas previamente acertadas”.⁴⁸⁰

Ruth Doris Lemos não era uma mulher desinteressada pelos “negócios da vida pública”, numa perspectiva linguística de Hannah Arendt. Muito pelo contrário, era uma mulher que por meio da educação buscou contribuir para o bem comum de todos e todas, a partir de seu contexto e de sua realidade. Ela tinha consciência disso, apesar do fato de que sua forma de agir fosse silenciosa.

Ruth Doris Lemos torna o acesso à educação teológica “público”, acessível, permitido, não mais visto como pecado, como uma transgressão, para o meio pentecostal assembleiano, acesso antes negado e proibido, público como sinônimo de “divulgado” e “comum”, acessível, como propunha Hannah Arendt.

Arendt atribui ao termo “público” dois sentidos, o primeiro:

[...] como sinônimo de divulgado e como sinônimo de comum. Em primeiro lugar, ela afirma, “público” significa aquilo que pode ser visto e ouvido por todos. A importância desse fenômeno decorre do fato de, entre os seres humanos, apenas o que é, de alguma maneira, testemunhado constitui a realidade. Os sentimentos, os pensamentos e as percepções do sentido

⁴⁸⁰ JACOBSEN, Eneida. A esfera pública como espaço de reconhecimento e de ação conjunta. In: OLIVEIRA, Kathlen Luana de; SACHAPER, Valério Guilherme (Orgs.). **Hannah Arendt: uma amizade em comum**. São Leopoldo: Oikos/EST, 2011, p.158-159.

vivem uma espécie de “[...] existência incerta e obscura, a não ser que, e até que, sejam transformadas, desprivatizadas e desindividualizadas, por assim dizer, de modo a se tornarem adequadas à aparição pública” (ARENDDT, 2005, p.59-60). Portanto, através do ato de tornar público, de compartilhar e de vivenciar em conjunto, é garantida ao ser humano a realidade do mundo e de si mesmo. Apenas por meio da ação e do discurso testemunhados por outras pessoas, nossas percepções podem fugir de sua exigência sombria, alcançando a esfera pública.⁴⁸¹

O segundo sentido do termo “público”, para Hannah Arendt, significa o próprio mundo à medida que é comum às pessoas:

Arendt não se refere ao mundo como planeta ou natureza, mas enquanto espaço das relações humanas. Nesse sentido, o mundo é fruto de mãos humanas. Assim como uma mesa, ele se coloca entre aqueles que habitam em comum, estabelecendo relações. A esfera pública constitui um mundo comum, pois é capaz de reunir e de evitar a colisão. O mundo entre as sociedades de massas perdeu a capacidade de manter as pessoas juntas, relacionando-as e separando-as. É isso que, para Arendt, a torna tão insuportável. As sociedades de massa são inoperantes porque não são capazes de estabelecer ações conjuntas. O isolamento impede a possibilidade de um espaço compartilhado, pois, como escreve Arendt, “os homens isolados são impotentes por definição” (ARENDDT, 1989, p.526). A ação apenas é possível enquanto realização conjunta, pois quem inicia alguma coisa somente pode levá-la a cabo por meio da ajuda de outros. A história humana e a própria realidade são, conseqüentemente, resultados da relação estabelecida entre os seres humanos, pois não há história nem realidade sem ação. “[...] os processos históricos são criados e constantemente interrompidos pela iniciativa humana, pelo *initium* que é o homem enquanto ser que age” (ARENDDT, 2007, p.219). Todo novo início irrompe por meio da ação como uma “improbabilidade infinita”, sendo justamente essa improbabilidade que vai tecendo “[...] a verdadeira trama de tudo que denominamos de real” (ARENDDT, 2007, p.218).⁴⁸²

São espaços de relações humanas que proporcionaram mudanças de pensamento através de um despertar da consciência por meio da educação. A educação é uma das principais alternativas para a emancipação comum. Sua função libertadora se dá a partir de um despertar da consciência da própria ignorância, acesso muitas vezes negado, restrito e proibido até certo período da história pentecostal. A esfera pública constitui um mundo comum a todos e todas antes impossibilitados pela falta de acesso à educação.

Através de sua educação, foi possível realizar ações conjuntas para transformar acessos antes “negados” e “proibidos” aos jovens assembleianos, agora permitidos e incentivados, acessíveis e comuns às pessoas.

⁴⁸¹ JACOBSEN, 2011, p. 164.

⁴⁸² JACOBSEN, 2011, p. 165-166.

Ainda sem conhecer Hannah Arent, Ruth Doris Lemos trabalhou de forma embrionária os termos do labor, do trabalho e da ação, os quais são elementos fundamentais para uma práxis teológica libertadora. Esses três elementos propunham uma ação que resultava na liberdade e na participação dos estudantes e das estudantes, expressões fundamentais da liberdade política e ideológica, conforme propunha Hannah Arendt.

A implicação política da educação teológica de Ruth Doris Lemos no âmbito pentecostal teve como função: iluminar a conduta humana, permitindo a cada um dos estudantes e a cada uma das estudantes mostrarem o melhor e o pior, por meio de palavras e ações, quem são e do que são capazes. Uma teologia com ênfase na ação comum. Uma mulher que rompeu barreiras e abriu caminhos para o pensar teológico no meio pentecostal assembleiano.

5.2.3 Uma Educação Teológica Integradora

A educação de Ruth Doris Lemos era uma educação integradora. Conforme o depoimento dos estudantes, Ruth Doris Lemos tinha uma habilidade de acolher e integrar estudantes não somente no meio teológico-religioso, mas no âmbito político-social.

Sua educação era uma educação inclusiva, de homens e mulheres como iguais. Apesar de não ter seu ministério pastoral reconhecido no Brasil, Ruth Doris Lemos não deixou de praticar sua ação pastoral.

Foi uma pastora americana que virou auxiliar no Brasil, mas não deixou de praticar seu ministério pastoral, como afirma Gedeon Alencar:

Missionária americana, esposa de João Kolenda Lemos (1922-2012), pastor brasileiro de origem alemã, chegou ao Brasil em 1951. Doris (1925-2008) era jornalista profissional e pastora assembleiana nos Estados Unidos. Viveu cinco décadas no Brasil exercendo seu ministério pastoral, mas aqui lhe foi negado seu título de pastora. Uma vida de renúncia ao título, submetida a um modelo machista, exercendo sua missão, literalmente como uma “submissão”, apenas por ser mulher. A ela foi dada apenas a possibilidade de *ministério orgânico*, e jamais o *ministério estamental*.⁴⁸³

Apesar da educação teológica não fazer parte da tradição pentecostal assembleiana, da liderança da Igreja achar aconselhável permanecer nos moldes

⁴⁸³ ALENCAR, 2013, p. 188.

antigos, da resistência da liderança para não incorrer nos erros das igrejas denominacionais terminando em formalismo, da aversão à educação teológica, vista como fábrica de pastores de cabeças cheias e de coração vazio, a tradição assembleiana oscila entre a fidelidade ao modelo sueco e a adequação brasileira ao novo mundo pós-guerra, afirma Alencar.⁴⁸⁴

Não havia um consenso sobre o assunto, já que a maioria da liderança era contra a educação teológica. No entanto, poucos pastores eram a favor de uma formação teológica pentecostal assembleiana. Esta minoria apoiou Ruth Doris Lemos, o que testemunhou que mudanças nascem de minorias.

Alencar relata que havia uma luta de poder entre a tradição assembleiana carismática e a possibilidade de uma educação institucional. A proposta de uma educação teológica pentecostal assembleiana era o reconhecimento da tradição pentecostal.⁴⁸⁵

O IBAD surge, como descrito nos capítulos anteriores, como o pioneiro na educação teológica pentecostal assembleiana brasileira, mas de uma tradição americana, por isso no meio assembleiano encontrou muita resistência.

Kolenda e Doris não estão ligados a nenhum Ministério no Brasil. São missionários americanos, de onde vem seu sustento e onde são membros; portanto, no Brasil não podem ser “disciplinados” em nenhum Ministério. Mas, nos primeiros anos de existência do IBAD, alunos/as foram “disciplinados” nas suas igrejas de origem porque foram estudar teologia.⁴⁸⁶

A tradição pentecostal assembleiana foi muito resistente à educação teológica pentecostal. Sua tradição alegava que não necessitavam de teologia nenhuma, pois sua única dependência era a do Espírito Santo.

A Assembleia de Deus perderia sua identidade com a proliferação da educação teológica? Uma igreja em sua maioria de leigos e leigas conseguiria se adaptar a essa nova realidade?

Uma luta entre a geração mais idosa, tradicional, em oposição a uma geração mais nova que menosprezava o passado, dois extremos que precisavam de um equilíbrio.

⁴⁸⁴ ALENCAR, 2013, p. 185.

⁴⁸⁵ ALENCAR, 2013, p. 184.

⁴⁸⁶ ALENCAR, 2013, p. 186.

Ruth Doris Lemos e João Kolenda conseguem manter o IBAD, conciliando o equilíbrio entre a tradição e a inovação, apesar de só ser reconhecido em 1975, dezessete anos depois de sua fundação, um alto preço pago em busca de uma teologia integral.

5.3 Ruth Doris Lemos, a pastora americana que mudou a história da educação teológica pentecostal brasileira

Falar de igualdade de gênero no meio pentecostal ainda é muito difícil pelo preconceito e pela resistência em relação à inclusão e à participação das mulheres em ofícios vistos apenas como masculinos. “O gênero são as descrições sociais entre homens e mulheres, enquanto sexo diz respeito ao biológico”.⁴⁸⁷

As mulheres e o gênero no âmbito pentecostal ainda são muito discriminados, muitas das vezes pelo desconhecido, tradição perpetuada por aqueles que se perpetuam no poder.

Uma análise reflexiva de gênero leva ou deveria levar a uma *práxis* de vivência social mais relevante, pacífica e igualitária. Porquanto, encaminha ao reconhecimento da liberdade da sexualidade no que tange ao seu descobrimento. Porém, o reconhecimento não é dado, é construído individualmente. Não é fechado, é fluído e está sempre em movimento criativo como qualquer outro aspecto da vida social humana.⁴⁸⁸

A pastora a quem foi negado o pastorado buscou uma nova consciência para o encontro das diferenças. Ruth Doris Lemos apenas iniciou o processo desse longo caminho, de mudança de consciência. A Teologia Feminista aponta as incongruências nas práticas eclesiais, denunciando o papel legitimador das religiões na subserviência feminina e o potencial libertador que as religiões oferecem.

Falar de gênero e experiência religiosa das mulheres pentecostais é falar das narrativas de vida de mulheres que aprendem e transformam suas histórias. É falar de mulheres que buscam compartilhar e contribuir por meio de suas vivências e experiências, a partir de uma consciência digna e responsável.

Tais representações sociais, tidas como identidade de gênero, mas que na verdade são identidades construídas e expressas socialmente, são corpos políticos, marcados por relações de poder e disciplina dos corpos. A educação ou a religião poderia, a partir do gênero, desconfiar de alguns

⁴⁸⁷ VILHENA, 2016, p. 129.

⁴⁸⁸ VILHENA, 2016, p. 130.

critérios de conteúdos programáticos, por exemplo, de discursos proferidos que não encaminham para a alteridade nas construções relacionais.⁴⁸⁹

Deste modo, a teologia de Ruth Doris Lemos se expressa em práticas que produziram transformações. e não só em teorias que não produziram mudanças, ou em expectativas no além/escatológicas, no outro mundo, mas com ações éticas transformadoras de realidades aqui no presente.

Foi uma teologia mais conectada com o mundo real, uma teologia prática, uma teologia da ação, que visou o respeito, a convergência e o diálogo no campo teológico que trouxeram transformações no cotidiano de cada estudante do IBAD. Enfim, uma teologia que, conseqüentemente, explicitou e estreitou os laços entre a teologia e a ação pastoral, uma teologia de uma práxis transformadora não só da consciência, mas também da realidade.

O gênero é poder para além das constituições de homens e mulheres e tudo que os envolve. Logo, padrões de sexualidade feminina são produtos de poder dos homens para definir o que é necessário e desejável. Se o gênero está nas relações de poder perpassando por classes, raça, etnia, religião, etc., as diferenças que moldam a sexualidade humana constam desses interesses. Sexualidade e gênero são categorias separadas embora intimamente ligadas. Quando olhamos para a história de vida de mulheres tal fato deve ser levado em consideração [...].⁴⁹⁰

A partir da história dessa mulher e de sua educação que produziu transformações no meio em que estava, as mulheres pentecostais hoje têm voz e vez no meio assembleiano. A teologia muita das vezes não é apreciada nos lugares de poder político e religioso pentecostal, mais especificamente no que tange ao ministério pastoral feminino.

As teologias são múltiplas e variadas e surgem das necessidades dos diferentes contextos históricos. No âmbito pentecostal, uma teologia que surge de “cá” para “lá”, dos “pés no chão” para os “olhos nos céus”, fazendo um caminho inverso, de uma teologia da prática para uma teologia reflexiva, e não reflexiva para a prática. Essa é uma das contribuições de Ruth Doris Lemos para a educação teológica pentecostal nas Assembleias de Deus.

⁴⁸⁹ VILHENA, 2016, p. 131.

⁴⁹⁰ VILHENA, 2016, p. 132.

5.3.1 O despertar da consciência a partir da necessidade de uma missão

Tal despertar da consciência a partir da necessidade de uma missão é a proposta que Ruth Doris Lemos trazia através de sua educação, esse despertar da consciência para uma preparação ministerial com uma capacitação teológica.

Porém, esse despertar da consciência das mulheres pentecostais assembleianas iniciou-se algum tempo atrás, a partir de uma necessidade, quando Frida Vingren publica, no dia 15 de fevereiro de 1931, um artigo no *Mensageiro da Paz* sobre o ministério pastoral:

Muitos pensam que é a consagração que faz o pastor. É um erro – esta é, unicamente, uma confirmação da vocação de Deus, é um auxílio, para diante da lei social, poder exercitar as funções de um ministro evangélico. Nós somos muito aptos para olhar as coisas exteriores; Deus, porém, olha o interior. O que faz o pastor é, primeiramente, a vocação divina, e depois o “dom”. Não um dom natural, de palavra, mas um dom espiritual, dado pelo Espírito Santo.⁴⁹¹

Frida Vingren, Ruth Doris Lemos e Rebekah Câmara, três gerações de mulheres que viveram e vivem essa evolução no meio pentecostal acadêmico e eclesiológico. A história de Ruth Doris Lemos, como de tantas outras mulheres, demonstra a evolução de trajetórias de mulheres que resistiram e lutaram, ainda que silenciosamente, pelo lugar e a participação delas nas igrejas.

São trajetórias de mulheres que resistiram, silenciosamente, para que as mulheres tivessem direitos antes concedidos apenas aos homens, para poderem ter o direito de falar e ser ouvidas. “E para que serve o título sem possuir a realidade? É preferível, então, ter a realidade sem ter o título”.⁴⁹² Essa é a história de muitas mulheres pentecostais assembleianas, das quais uma delas é Frida Vingren e outra, Ruth Doris Lemos, mulheres que serviram à realidade e à necessidade, sem ter títulos ou mesmo abrindo mão deles.

5.3.2 A reinvenção da Igreja Pentecostal e o sacerdócio das mulheres

As igrejas pentecostais não constituem apenas o lugar privilegiado onde se ensaia a liberdade cristã dos leigos, ela propicia também a libertação da mulher. É

⁴⁹¹ VINGREN, Frida. **Mensageiro da Paz**, ano I, n.4, 1930, p.3.

⁴⁹² VINGREN, Frida. **Mensageiro da Paz**, ano I, n.4, 1930, p.3.

evidente e notória a participação das mulheres nas igrejas pentecostais. As mulheres estão assumindo funções de liderança.

Nesse mesmo contexto se destaca o problema do sacerdócio da mulher pentecostal. É possível o sacerdócio para as mulheres pentecostais? Como a igreja pentecostal lida com a participação das mulheres assumindo funções de liderança? Qual a contribuição de Ruth Doris Lemos nessa reinvenção da Igreja e do sacerdócio das mulheres pentecostais?

O tema – o sacerdócio da mulher – se inscreve na temática mais geral da libertação da mulher. O mundo de hoje, com mais ou menos intensidade, um pouco por todas as partes, se caracteriza pelo alargamento do campo das liberdades individuais com o perigo de uma ampliação simultânea das capacidades de estrangulamento desse mesmo âmbito de liberdade. Depois de milênios de primazia patriarcal verifica-se, em nossa época, sensível mutação de consciência quanto às relações entre o homem e a mulher e aos papéis que desempenham na sociedade humana.⁴⁹³

Liberdades individuais precisam ser respeitadas, apesar do perigo de uma ampliação simultânea dessas capacidades. Talvez esse seja o maior temor da Igreja Pentecostal no que se refere ao sacerdócio das mulheres. O papel da educação teológica pentecostal é promover o despertar da consciência das mulheres a partir de uma sensível mutação de consciência, parafraseando Boff e adaptando-o para o nosso contexto pentecostal. Isto se configurou na sensibilidade de Ruth Doris Lemos ao abrir mão do título de pastora, certamente contra a sua vontade.

As relações entre o homem e a mulher e os diferentes papéis que desempenham na sociedade humana e na Igreja precisam ser reconhecidas, sem privilegiar particularmente nenhum deles. Isso só será possível por meio de uma educação libertadora a partir da igualdade de gênero.

Nesse processo de libertação o cristianismo nascente desempenhou um fator decisivo, pois pregava que para Deus não há acepção de pessoas, e que, por isso, “não há mais homem nem mulher, porquanto somos todos em Cristo Jesus” (Gl 3,28). Jesus Cristo mesmo tomou a defesa da mulher contra as arbitrariedades da legislação judaica referente ao matrimônio. Vigora uma igualdade radical entre homem e mulher. juntos e não separadamente são imagem e semelhança de Deus (Gn 1,27).⁴⁹⁴

⁴⁹³ BOFF, Leonardo. **Eclesiogênese: a reinvenção da Igreja**. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 191-192.

⁴⁹⁴ BOFF, 2008, p. 193.

Logo, é um processo de libertação que requer tempo, trabalho e paciência. A partir dessa tendência, a mulher pentecostal está sendo cada vez mais libertada das injunções culturais herdadas do patriarcado, passando de uma função histórica a que foi confinada, da sexualização para a personalização.⁴⁹⁵

As mulheres pentecostais não eram compreendidas a partir de si mesmas, mas sempre a partir do outro, na figura masculina. Ruth Doris Lemos era sempre vista como a esposa de João Kolenda, a companheira, mas nunca a partir de si própria. Sua história estava sempre oculta na sombra de seu marido. Ruth Doris Lemos era sempre compreendida a partir do seu esposo e das expectativas sociais depositadas nela por ele. Socialmente, era identificada a partir de sua subordinação, pastora que virou auxiliar, submissa ao seu marido.

Sua história precisa ser reescrita a partir de suas próprias impressões e experiências, de seus próprios labores e angústias, de suas próprias dores e sofrimentos e de suas próprias vivências. “A mutação de consciência no relacionamento entre os sexos tende a deixar emergir a pessoa da mulher. É verdade que a sexualidade desempenha sua função. Mas não é exclusiva. Ela toma seu lugar dentro do horizonte mais vasto da personalização”.⁴⁹⁶

Portanto, somente a partir de uma **mutação de consciência das mulheres pentecostais** é que será possível essa reinvenção da Igreja e do sacerdócio das mulheres pentecostais. **Uma reinvenção da Igreja Pentecostal a partir de uma inclusão das mulheres no sacerdócio.**

Leonardo Boff propõe algumas perspectivas teológicas para um sacerdócio da mulher, que poderiam ser pensadas e repensadas pela teologia pentecostal para a inclusão das mulheres no sacerdócio feminino:

a) O sacerdócio universal das mulheres

Ruth Doris Lemos exerceu seu ministério universal. Cumpriu seu sacerdócio mesmo longe dos palanques e holofotes, através de sua teologia prática do serviço. “Existe uma teologia do sacerdócio que não está muito longe da ideologia: reflete

⁴⁹⁵ BOFF, 2008, p. 192.

⁴⁹⁶ BOFF, 2008, p. 192-193.

apenas a partir de um tipo de sacerdócio, como atualmente existe na Igreja, fazendo-o como o único possível".⁴⁹⁷

Sacerdócio não se executa apenas através do **ministério estamental**,⁴⁹⁸ mas também do **ministério orgânico**,⁴⁹⁹ executado na prática e no labor teológico. "Sacerdote é aquela pessoa que se propõe a ser mediador e reconciliador entre realidades diferentes".⁵⁰⁰

Ruth Doris Lemos exercia um sacerdócio que não estava articulado somente no nível cultural, teológico, mas no nível prático, da práxis.

Jesus Cristo, que era um leigo (conferir Hb 7,13-14), assumiu essa tarefa da reconciliação. Viveu uma existência de tal maneira profunda que reconciliou os homens com Deus. [...] Ele foi um ser-para-os-outros até o fim (Jo 13,1). A novidade de sua diaconia reconciliadora reside no fato de ela não ter operado unicamente no âmbito do culto, mas no âmbito global da vida: no convívio com as massas, na pregação, no encontro com as pessoas, na oração, na vida e na morte.⁵⁰¹

Essa era Ruth Doris Lemos, uma mulher que se submeteu à função de leiga para que sua existência fosse um ser para os outros. Ela contribuiu através de sua diaconia reconciliadora, não somente no âmbito interno da Igreja com a inclusão das mulheres em funções proibidas, mas também no âmbito global da vida, no convívio com as massas, na oração, e na sua vida de serviço. "Sacerdócio não é, pois, um estado, mas um modo de existir que reconcilia".⁵⁰²

b) O específico do sacerdócio ministerial não é poder consagrar, mas poder ser princípio de unidade na comunidade

Duas questões centrais são propostas como balizas da discussão: 1) qual a sua especificidade, que os distingue dos demais sacerdotes do Povo de Deus? 2) poderão as mulheres ter acesso a esse sacerdócio?

Como tais questões são vistas no âmbito teológico pentecostal? A especificidade do sacerdócio ministerial feminino e o acesso das mulheres a esse

⁴⁹⁷ BOFF, 2008, p. 216.

⁴⁹⁸ **Estamental**: relativo à estamento, ao grupo social caracterizado por possuir um modo de vida comum ou por desempenhar uma mesma função social: sociedade estamental composta por plebeus e aristocratas.

⁴⁹⁹ **Orgânico**: Desenvolvido por meios naturais.

⁵⁰⁰ BOFF, 2008, p. 217.

⁵⁰¹ BOFF, 2008, p. 217.

⁵⁰² BOFF, 2008, p. 218.

sacerdócio? “[...] Pela ordenação, o sacerdote é habilitado para ser o representante oficial de Cristo”.⁵⁰³ Porém, na prática tal habilitação ainda é restrita. Ruth Doris Lemos e tantas outras mulheres são exemplos de que o sacerdócio ministerial feminino não é poder restrito apenas no âmbito sacramental eclesiológico.

O horizonte em que é compreendido abrange as esferas cultural e sacramental. Ora, isso significa uma redução do significado rico que possuía o sacerdócio de Jesus Cristo, o qual não se restringe somente ao culto, mas deve ser vivido no contexto completo da vida.⁵⁰⁴

Ruth Doris Lemos, assim como outras mulheres pentecostais, serviu no contexto completo da vida. Não reduziram seus ministérios somente ao culto, mas foram além, abrangeram as esferas culturais e sociais.

Qual a relação do presbítero para com o povo de Deus? [...] Sua função não deve ser determinada a partir de seus poderes sacramentais, colocado diante do povo, privado desses poderes. O ponto de partida deve ser eclesiológico e comunitário. É como serviço à Igreja que existe o presbítero, não independente dela.⁵⁰⁵

O sacerdócio de Ruth Doris Lemos tinha um ponto de partida eclesiológico, mas não limitado a esse ambiente. Sua educação tinha um comprometimento maior, o âmbito missionário.

Todos os fiéis são co-responsáveis por essa missão, não apenas os ordenados. Nessa comunidade em Cristo as diferenças de nação, de inteligência e de sexo de nada valem (Gl 3,28). Todos são enviados indistintamente. Nisso vigoram uma igualdade e uma fraternidade fundamentais de todos em Cristo e por causa de Cristo.⁵⁰⁶

Ruth Doris Lemos tinha consciência de sua missão? Os relatos dos familiares e dos estudantes evidenciam que sim. E para cumpri-la, ela abriu mão de seu ministério. Essa é uma das contribuições de Ruth Doris Lemos para a educação teológica pentecostal. Corresponsável no cumprimento dessa missão.

Ora, essa função de unidade pode ser exercida exclusivamente pelo homem? A história moderna e a verdade dos fatos nos mostram que a mulher pode ter as mesmas capacidades que o homem, seja no governo civil, seja nas experiências já existentes na Igreja de religiosas-mulheres que assumiram a direção da Igreja local. A mulher desempenhará o papel

⁵⁰³ BOFF, 2008, p. 220.

⁵⁰⁴ BOFF, 2008, p. 220.

⁵⁰⁵ BOFF, 2008, p. 220.

⁵⁰⁶ BOFF, 2008, p. 221.

de unidade a seu modo feminino, diverso daquele do homem, mas logrando a mesma realidade de harmonia, bom funcionamento e unidade na comunidade fiel.⁵⁰⁷

Ruth Doris Lemos mostrou que a mulher tem a mesma capacidade que o homem, seja no governo civil, seja nas experiências já existentes na Igreja. Ela desempenhou um papel, a seu modo feminino de ser. “[...] Não é uma teoria apostólica que poderá dizê-lo, mas a experiência concreta e a vida em um determinado contexto”.⁵⁰⁸

5.3.3 Educação Teológica Pentecostal em busca da liberdade

Três fatores são primordiais na construção histórico-social do ser humano: a **racionalidade**, a **linguagem** e a **espiritualidade**. São fatores que dependem de uma educação para que se constituam.

É preciso aprender a ler o mundo para poder transformá-lo, como propunha Paulo Freire. Resumindo a ideia central de seu pensamento: uma concepção **autônoma** e **libertadora** de educação através do despertar da consciência dos estudantes e das estudantes. Pois aprender é um ato revolucionário, e por meio da educação o indivíduo deve tomar consciência de sua condição histórica, assumindo o controle de sua trajetória e conhecendo sua capacidade de transformar o mundo.

Através dessa construção histórico-social os estudantes alcançariam a **emancipação** e a **autonomia**, uma educação mediante suas **vivências** e **experiências**, de seus **problemas** e de questões do **cotidiano**.

O ser humano é um **ser histórico-social**, o que o torna social através da história de suas relações com o meio em que vive. Consequentemente, torna-se um ser no mundo.

Toda a educação é política, não existe neutralidade. A educação teológica pentecostal precisa estar aberta ao diálogo. Tal abertura lhe possibilitaria responder as realidades e necessidades, ao invés de simplesmente reagir, como propunha Rubem Alves, não feito a um eco.⁵⁰⁹

⁵⁰⁷ BOFF, 2008, p. 222.

⁵⁰⁸ BOFF, 2008, p. 223.

⁵⁰⁹ ALVES, Rubem. **Por uma Teologia da Libertação**. São Paulo: Fonte Editorial, 2012. p. 68.

Não mediante o processo de uma “**educação bancária**”, que elimina a capacidade crítica dos estudantes e das estudantes, acomodando-os à realidade, mas de uma “**educação problematizadora**”, que propõe o despertar da consciência dos oprimidos, inquietando-os e levando-os à ação, à libertação. Esse é o papel de uma educação teológica libertadora a partir da igualdade de gênero.

A educação teológica pentecostal precisa responder a esses problemas da igualdade de gênero, partindo de suas realidades e atendendo a essas necessidades que fazem parte do seu cotidiano. E não se omitir, silenciando-se diante de tais problemáticas.

Ao responder tais necessidades, gritantes no âmbito teológico pentecostal, especificamente em relação à problemática das mulheres, ela torna-se histórica, deixando de ser apenas contemplativa e tornando-se mais ativa. Pois ainda que não consiga responder a tais necessidades, apresentando soluções concretas, ela já se tornou concreta, cumprindo sua função no mundo presente.

Esse processo construtivo, de uma nova consciência para o encontro das diferenças, é emergente, que emerge, surgindo de dentro para fora, resultante de uma crise, do **desejo de saber**.

A construção dessa nova consciência pentecostal se dá a partir da emergência dessas novas estruturas humanas, já que o gênero masculino é predominante na cultura pentecostal. Como mudar essa realidade? Somente através de uma educação libertadora, ou uma reeducação, um desaprender para reaprender.

Porém, toda construção requer investimento e trabalho. É muito mais fácil construir um novo edifício do que refazer mudanças em um edifício antigo. É exatamente esse um dos obstáculos e desafios da educação teológica pentecostal. Refazer mudanças em um “edifício antigo”, ainda mais depois de cem anos, para ser mais exato, 108 anos até o presente momento, referindo-me ao contexto pentecostal assembleiano brasileiro.

A predominância do gênero masculino nas estruturas de poder de tais instituições religiosas é um sinal da urgência e necessidade de uma educação teológica libertadora a partir da igualdade de gênero. Esse é um dos principais papéis da educação teológica.

É preciso que surja uma nova consciência que coloque no centro de suas preocupações a vida, ou ainda estaremos falando a esse respeito nos próximos cem anos. Pois a Igreja precisa atender à realidade na qual ela está inserida no tempo presente, sem esquecer-se do seu passado, mas pensando no futuro.

É preciso um sujeito consciente e corresponsável com sua realidade, seus dilemas e suas necessidades. “Essa nova consciência precisa ter no seu âmago a noção de cuidado, de solidariedade, de compartilhamento de vida e dos bens da natureza, criando para isso novas estruturas socioeconômicas, políticas e espirituais”,⁵¹⁰ criando uma nova consciência para o encontro das diferenças.

No âmbito pentecostal assembleiano, o masculino é o gênero predominante, a quem é destinado o domínio público, enquanto que a mulher destina-se ao âmbito privado, muitas das vezes reduzida à sua função procriadora.

[...] Foi apenas o homem que se tornou competitivo, porque se destinou ao domínio público. A mulher no domínio privado conservou os valores de solidariedade e partilha. [...] Desta forma, a entrada da mulher no domínio público masculino é condição essencial para reverter o processo de destruição.⁵¹¹

Portanto, somente através da reeducação é que será possível tal transformação. Uma educação que produza liberdade, pois a educação traz liberdade. Uma educação que não se estabiliza, mas permanece em constante transformação, permanecendo inconclusa, modificando-se e adaptando-se a novas necessidades de sua realidade. Como propunha Rubem Alves, uma consciência em busca de liberdade, tornando-se sujeito político.⁵¹²

Uma educação em busca de liberdade. E não uma educação de ecos, oprimida devido à relação de dominação, tornando-a muda, sem uma autoconsciência histórica, reduzidas à a-historicidade.

Hoje, contudo, algo se modificou. O homem ainda oprimido começou a falar uma linguagem diferente. Uma linguagem própria, que indica ter ele emergido para a história. Ele agora percebe a situação de opressão que o domina, e a sua consciência não se acha mais domesticada.⁵¹³

⁵¹⁰ MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. **Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002. p. 12.

⁵¹¹ MURARO; BOFF; 2002, p. 14.

⁵¹² ALVES, 2012, p. 60.

⁵¹³ ALVES, 2012, p. 69.

Tal pesquisa é uma prova concreta dessa mudança. Ainda longe do que está proposto, mas sendo já um início que nos dá esperança. Um teólogo, homem, pentecostal, assembleiano, pastor, pesquisando sobre a contribuição de uma mulher através da educação teológica.

Ruth Doris Lemos lutou na perspectiva de liberdade subordinada e posta a serviço das condições concretas da vida humana no mundo. Esta consciência, assim, brota da História e para ela permanece voltada, descobrindo-se como um sujeito histórico.

A criação da história, contudo, só é possível por meio do poder. Somente através do exercício histórico do poder é possível negar-se o hoje inumano e abrir-se caminho rumo a um futuro mais humano. Porque o homem está presente em sua ação, o novo dia por ela criado pode ser mais amigável. O uso do poder, portanto, constitui a forma histórica assumida pela liberdade do ser humano, pela sua transcendência em relação aos fatos dados. Porém, o emprego do poder é um ato político. Por isso, a nova consciência acredita que um novo homem e um novo amanhã só serão criados por meio de uma atividade caracteristicamente política. A política seria, assim, a prática da liberdade, uma atividade do homem livre com o intuito de criar um novo amanhã. Neste contexto a política, com um jogo de poder das elites. Antes, ela consiste na vocação do ser humano, pois todos são chamados a participar, de uma forma ou de outra, na criação do futuro. A política torna-se, para esta consciência, o novo evangelho, a anunciação da boa nova: se o homem emergir da passividade e da vida reflexa, como sujeito na história, um novo futuro poderá ser criado. Ela desafia o homem: “buscai primeiramente o reino da política e de seu poder, e tudo isso será vossa”.⁵¹⁴

Portanto, Ruth Doris Lemos formulou uma educação teológica pentecostal em busca de liberdade, mas sem perder sua identidade. Pois, Ruth Doris Lemos não está à sombra de João Kolenda Lemos na história da educação teológica pentecostal, mas com ele nessa luta, mostrando sua contribuição à educação teológica pentecostal nas Assembleias de Deus no Brasil.

⁵¹⁴ ALVES, 2012, p. 78-79.

6 CONCLUSÃO

A contribuição de Ruth Doris Lemos para a educação teológica nas Assembleias de Deus no Brasil é fundamental, por ser uma mulher que deu visibilidade ao protagonismo das mulheres assembleianas. Além de ser pioneira na formação teológica pentecostal, era estrangeira e assembleiana. Portanto, sua atuação trouxe inúmeras contribuições para a formação teológica nas Assembleias de Deus no Brasil.

Sua atuação se dá como uma protagonista, precursora da educação teológica no meio pentecostal assembleiano, assim como tantas outras mulheres assembleianas que abriram caminho num papel subordinado, mas relevante. A atuação de Ruth Doris Lemos contribui para tirar da invisibilidade tantas outras mulheres assembleianas.

A utilização da teologia feminista para questionar o patriarcalismo do pentecostalismo e outras religiões não permite projetar estes conceitos a respeito do trabalho de Ruth Doris Lemos, já que ela não era uma teóloga feminista, mas uma mulher, estrangeira, pentecostal, pastora e assembleiana, seguindo do âmbito geral, como pessoa, para o âmbito particular, através de sua experiência religiosa. O fato de não a colocarmos como uma teóloga feminista não implica desconhecer o lugar de destaque do feminino num universo patriarcal. Realçamos, assim, o seu protagonismo por meio da formação teológica.

A contribuição de Ruth Doris Lemos para a educação teológica pentecostal nas Assembleias de Deus no Brasil se dá mediante a religiosidade experiencial junto com a sistematização do pensamento teológico. Tal desafio faz parte de uma pastoral exigente da modernidade, que conjuga a teologia comunitária e a acadêmica nas respostas pastorais sem negar o sentido experiencial da vivência da fé. Desta forma, ela elaborou uma teologia assembleiana no âmbito pastoral missionário. Poucas pessoas conseguiram ou conseguem conjugar várias dimensões na reflexão teológica como Ruth Doris Lemos.

Apesar de no meio pentecostal valorizar-se mais os saberes orais do que os saberes científicos, Ruth Doris Lemos contribuiu para romper barreiras e preconceitos em relação à educação teológica no meio pentecostal assembleiano.

Sua teologia trouxe sinais de esperança para o âmbito pentecostal assembleiano, tão fechado e resistente para tais mudanças. Elaborou uma teologia em favor dos oprimidos, mesmo em meio às objeções que o contexto pentecostal brasileiro tinha em relação à educação teológica. Superou objeções condicionadas pelo meio social, pelo meio político e, principalmente pelo meio econômico, em razão da precária realidade financeira da maioria dos adeptos do pentecostalismo assembleiano no Brasil.

Como vimos em nossa tese, Ruth Doris Lemos foi uma mulher esquecida na história da educação teológica das Assembleias de Deus no Brasil. A questão de gênero e ministérios nas Assembleias de Deus ainda é muito resistente. Tirá-la da invisibilidade, por meio da educação teológica para as mulheres, é um passo decisivo para uma educação teológica libertadora.

O papel de Ruth Doris Lemos na educação teológica pentecostal se dá pela fundação do IBAD, que foi um instituto bíblico pioneiro na educação teológica no meio pentecostal assembleiano. Enfrentando resistências e objeções que não intimidaram o casal, Ruth Doris Lemos e João Kolenda ousaram fazer da formação teológica um meio de inclusão das mulheres.

A história do IBAD demonstra as raízes e o zelo pela formação teológica pentecostal nas Assembleias de Deus. Tais raízes e identidades são evidenciados nos relatos das e dos estudantes entrevistados e entrevistadas.

O poder feminino no pentecostalismo e seu (não) exercício são demonstráveis pelo exemplo de histórias de mulheres silenciadas pelo simples fato de serem mulheres. Porém, as mulheres pentecostais também falam! Entretanto, são relatos que, na maioria das vezes, são contados a partir das impressões masculinas, de homens.

O legado de Ruth Doris Lemos para a educação teológica pentecostal é evidenciado nas décadas iniciais, principalmente as primeiras cinco décadas, quando paradigmas e preconceitos eram derrubados por meio do acesso à educação. Ruth Doris Lemos, apesar de sua contribuição, deixou poucas obras publicadas, que contabilizam três oficiais, incluídas no curso médio EAD do IBAD: *Hermenêutica*, *Evidência Cristã*, e *Missiologia*.

Demonstramos com nossa pesquisa que a educação é um lugar de empoderamento para as mulheres; mulheres que fazem teologia, que aprendem e transformam suas histórias por meio da educação, mesmo com todas as limitações patriarcais ainda reinantes nas igrejas, que são superadas a partir da experiência com o Espírito Santo que ignora barreiras, como lembra João 3.8: “O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito”. A imprevisibilidade do Espírito Santo gera a visibilidade das mulheres.

A participação das mulheres na elaboração teológica também deve ser vista no campo dos direitos humanos, porque desperta a consciência da dignidade de ser cidadã na sociedade e na Igreja. Fazer as mulheres saírem das sombras masculinas é uma tarefa importante da Teologia Feminista. É uma história, entre muitas outras, de mulheres em busca dos seus direitos, que só lhes são concedidos por meio do despertar da consciência, tarefa primordial da educação, uma educação libertadora, e não de ecos para as mulheres pentecostais.

Uma educação teológica a partir da igualdade de gênero: essa é uma das expectativas para o futuro das igrejas pentecostais no Brasil. A emancipação das mulheres através da educação.

Como fazer isso? Criando e possibilitando políticas educacionais de inclusão das mulheres pentecostais no meio acadêmico, dando a elas conscientização de sua missão não mais como submissão, mas como corresponsáveis desta tarefa. É isso que Ruth Doris Lemos fez como pastora americana que mudou a história da educação teológica pentecostal brasileira, ainda que tal despertar da consciência fosse realizado a partir da necessidade de uma missão evangelizadora. A reivindicação da Igreja Pentecostal Assembleiana brasileira foi iniciada através da criação de uma nova Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil, a CADB, ainda que depois de mais de cem anos, em Belém – PA, no dia 31 de outubro de 2017, pautada nos seguintes propósitos:

- **REVIVER:** Reviver e continuar a história da Assembleia de Deus, iniciada em Belém do Pará, tendo a Bíblia como regra de fé e prática e os princípios éticos, morais e espirituais do Evangelho Pentecostal;
- **EVANGELIZAR:** Ser um fórum fraterno e voluntário de reflexão, estratégias e cooperação, priorizando a evangelização e as missões no Brasil e até os confins da Terra, respeitando o papel e missão da Igreja;

- **CRESCIMENTO:** Registrar convenções estaduais e ministérios de igrejas Assembleia de Deus que solicitarem registro;
- **RESPONSABILIDADE SOCIAL:** Promover a responsabilidade social da Igreja, especialmente nas áreas de educação, cultura e comunicação;
- **RECONHECER E PROMOVER A CHAMADA:** Congregar, congregar e promover o ministério cristão de pastor(a), evangelista, missionário(a), sem distinção da vocação e chamada divina de homens e mulheres.⁵¹⁵

Portanto, é evidente e notória a contribuição de Ruth Doris Lemos nesse despertar da consciência da Igreja Pentecostal Assembleiana, principalmente no que se refere ao reconhecimento e à promoção da chamada ministerial das mulheres sem distinção, considerando um chamado divino. Enfim, uma educação teológica pentecostal em busca da liberdade, porque onde há o Espírito do Senhor, aí há liberdade: “Ora, o Senhor é o Espírito; e, onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade”.⁵¹⁶

⁵¹⁵ PROPÓSITOS DA CADB – Convenção da Assembleia de Deus no Brasil. Disponível em: <<http://portalcadb.com/cadb/>>. Acesso em: 25 fev. 2020.

⁵¹⁶ 2 Coríntios 3.17.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida, rev. e atual. com números de Strong. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2003; 2005.

A BÍBLIA do Centenário: Edição Comemorativa dos Cem Anos das Assembleias de Deus no Brasil. 18 de junho de 2011, em Belém do Pará, a cidade do Centenário. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil, 2 ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

A ORIGEM DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL. Disponível em: <<http://www.editoracpad.com.br/assembleia/historia.php?i=2>>. Acesso em: 08 ago. 2019.

ALENCAR, Gedeon Freire de. **Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus 1911-2011**. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2013.

ALENCAR, Gedeon Freire de. Nova Geração Pastoral Assembleiana: universitários, modernos e progressistas? In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). **Pentecostalismo em diálogo**. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

ALENCAR, Gedeon Freire de. **Assembleia de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)**. São Paulo: Arte Editorial, 2010.

ALVES, Rubem. **Por uma Teologia da Libertação**. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

ANJOS, Adeodata Maria dos; SANTOS, Francineth Pereira dos (Orgs.). **Em nome da Identidade: uma leitura de Gênero, Ecumenismo e Negritude**. Roteiros para Encontros Bíblicos. Série: A Palavra na Vida, n. 227. São Leopoldo: CEBI, 2006.

ARAÚJO GOMES, Antônio Maspoli de (Org.). **Teologia: ciência e profissão**. São Paulo: Fonte Editorial, 2007.

ARAÚJO, Angela Maria Carneiro; FACCHINI, Regina. **Mulheres e Direitos Humanos no Brasil: avanços e desafios**. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/direitos-humanos/mulheres-e-direitos-humanos-no-brasil-avancos-e-desafios>>. Acesso: 24 fev. 2020.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Posfácio de Celso Lafer. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

BACHARELADO EM TEOLOGIA. FACULDADE FABAD – PINDAMONHANGABA. Disponível em: <https://portal.fabad.edu.br/graduacao/bacharelado-em-teologia/>. Acesso em: 13 maio 2019.

BANDINI, Claudirene. Mulheres Evangélicas no Processo de Empoderamento. In: VILHENA, Valéria Cristina (Org.). **Evangélicas por sua voz e participação**. Fonte Editorial, São Paulo, 2015.

BARRAT, Thomas Ball, apud OLIVEIRA, José de. **Breve história do movimento pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

BARBOSA, Rafaela. **A industrialização da cultura religiosa**. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3440&secao=340>. Acesso em: 05 fev. 2020.

BARROS, Daniel; ALENCAR, Gedeon Freire; CORREA, Marina Santos; (Orgs.). **Carta Proclamação**. Manaus: FBN; Vitória: Editora Unida, 2017.

BENCKE, Romi Márcia; MOTA, Sônia Gomes. **Ecumenismo e feminismo: parceiras da casa comum**. Série: A Palavra na Vida, n. 298. São Leopoldo: CEBI, 2012.

BOFF, Clodovis. **Teologia e prática**. Teologia do Político e suas mediações. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

BOFF, Leonardo. **Eclesiogênese: a reinvenção da Igreja**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

BRAKEMEIER, Gottfried. **A autoridade da Bíblia: controvérsias – significado – fundamento**. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; Centro de Estudos Bíblicos, 2003.

BRITO, Ênio da Costa. **Tradições Religiosas entre oralidade e o conhecimento do letramento**. Compêndio de Ciência da Religião. São Paulo: Paulus; Paulinas, 2013.

CAMPOS, Bernardo. **O princípio da pentecostalidade: hermenêutica, história e teologia**. São Paulo: Editora Recriar, 2018.

CONDE, Emílio. **História das Assembleias de Deus no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

CONDE, Emílio. **História das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 1960.

DEIFELT, Wanda. Do paraíso ao inferno: gênero, simbolismo e poder. In: BLASI, Marcia [et al.]. **Mulheres fazem teologia: rede de mulheres e justiça de gênero da América Latina e Caribe – FLM**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2018.

DEIFELT, Wanda. Educação teológica para mulheres: um passo decisivo rumo à cidadania eclesial. In: SOTER (Org.) **Gênero e teologia: interpelações e perspectivas**. Questões de gênero 1. São Paulo: Paulinas; Ed. Loyola; SOTER, 2003.

DEIFELT, Wanda. Temas e metodologias da teologia feminista. In: SOTER (Org.) **Gênero e teologia: interpelações e perspectivas**. Questões de gênero 1. São Paulo: Paulinas; Loyola; SOTER, 2003.

DOMEZI, Maria Cecília. **Mulheres do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2016. (Coleção Marco Conciliar).

DOCTORADO INTERINSTITUCIONAL (DINTER) – Faculdades EST. Disponível em: <<http://www.est.edu.br/pos-graduacao/dinter/>>. Acesso em: 06 fev. 2020.

EGGERT, Edla. Qual a contribuição e os desafios da educação popular para a transformação social? In: TORRES, Fernando et al. **Teologia da Libertação e Educação Popular a caminho.** São Leopoldo: CEBI, [s.a].

FREIRE, Paulo. **Política e educação: ensaios.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREITAS, Maria Carmelita de. Gênero/Teologia feminista: interpelações e perspectivas para a teologia – Relevância do tema. In: SOTER (Org.). **Gênero e Teologia: interpelações e perspectivas.** Edições Loyola, São Paulo: 2003.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo.** São Paulo: Claridade, 2011.

GEBARA, Ivone. **Filosofia feminista: uma brevíssima introdução.** São Paulo: Edições Terceira Via, 2017a.

GEBARA, Ivone. **Mulheres, religião e poder: ensaios feministas.** São Paulo: Edições Terceira Via, 2017.

GEBARA, Ivone. **O que é cristianismo.** São Paulo: Brasiliense, 2008. (Coleção primeiros passos; 327).

GEBARA, Ivone. **O que é teologia feminista.** São Paulo: Brasiliense, 2007.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio.** Uma fenomenologia do mal. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

GEFFRÉ, C. **La teologia europea en el ocaso del eurocentrismo.** Selecciones de Teologia, Barcelona, v.32, n.128, oct.-dic., 1993, p.286-299.

GOMES, José Ozean. **Educação Teológica no Pentecostalismo Brasileiro: política eclesiástica da Assembleia de Deus brasileira com respeito à educação teológica formal (1943-1983).** São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

GOMES, Ozean; REIS, Roberto dos. **Pentecostalismo.** Pindamonhangaba: IBAD, 2014.

GRENZ, Stanley J.; GURETZKI, David; NORDLING, Cherith Fee. **Dicionário de Teologia.** Edição de bolso. São Paulo: Editora Vida, 2001.

HEYWOOD, Andrew. **Ideologias políticas, [v.2]: do feminismo ao multiculturalismo.** São Paulo: Ática, 2010.

HISTÓRICO – FACULDADE FABAD – PINDAMONHANGABA. Disponível em: <<https://portal.fabad.edu.br/historico/>>. Acesso 13 maio 2019.

HOLLENWEGER, Walter. **The Pentecostals.** Minneapolis, Minnesota: Augsburg Publishing House, 1972.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 4. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

IBADTV. (2008). **IBAD – Primeira Década**. Disponível em: IBADTV: <<https://www.youtube.com/watch?v=kOGz2BDGmlo>>. Acesso em: 26 dez. 2017.

IBADTV. (2013). **Biografia Pr. João Kolenda Lemos**. Disponível em: IBADTV: <https://www.youtube.com/watch?v=Ru5F-b7PxBQ&list=PLZwL7eqQYXBm8yPUjx0_FVr_wRRvSNpCN&index=3>. Acesso em: 26 dez. 2017.

IBADTV. (31 de Outubro de 2008). **IBAD – Teologia**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hUr55q3DBwg>>. Acesso em: 13 maio 2019. Grifo meu.

IBADTV. (6 de novembro de 2008). **IBAD – Segunda Década**. Disponível em: IBADTV: <https://www.youtube.com/watch?v=zYjkYk_FJr0>. Acesso em: 26 dez. 2017.

IBADTV. (14 de outubro de 2010). **IBAD – Quinta Década**. Disponível em: IBADTV: <<https://www.youtube.com/watch?v=9bpG7y5fMtQ&t=1s>>. Acesso em: 26 dez. 2017.

IBADTV. (7 de Agosto de 2013). **Campus do IBAD**: IBADTV: <<https://www.youtube.com/watch?v=WFwKmRj5wF8&t=2s>>. Acesso em: 19 maio 2019.

JACOBSEN, Eneida. A esfera pública como espaço de reconhecimento e de ação conjunta. In: OLIVEIRA, Kathlen Luana de; SACHAPER, Valério Guilherme (Orgs.). **Hannah Arendt: uma amizade em comum**. São Leopoldo: Oikos/EST, 2011.

LEÃO, Dilma de Oliveira. **Casa, Poder e Gênero: o que um tem a ver com o outro?** Série: A Palavra na Vida, n. 363. São Leopoldo: CEBI, 2018.

LEMOS, Ruth Doris. **Evidência Cristã: em defesa do Cristianismo**. Pindamonhangaba: IBAD, 2010a.

LEMOS, Ruth Doris. **Hermenêutica: interpretando as Escrituras Sagradas**. Pindamonhangaba: IBAD, 2010b.

LEMOS, Ruth Doris. **Missiologia: a missão da igreja em uma perspectiva cristã**. Pindamonhangaba: IBAD, 2009.

LIBANIO, J. B.; MURAD, Afonso. **Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas**. 9. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

LIBANIO, João Batista. **Teologia no Brasil: Reflexões crítico-metodológicas**. Perspectiva Teológica, São Leopoldo, v. 9, n.17, p.27-79, jan./jun., 1977.

LIBANIO, João. Batista.; MURAD, Afonso. **Introdução à Teologia: perfil, enfoques, tarefas**. 9. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

LOBOS, Daniel. Problemas y Desafios que Presenta el Educando Pentecostal al Plan de Estudios Teológicos de Nivel Universitario. In: CHIQUETE, Daniel; ORELLANA, Luis. **Voces del Pentecostalismo Latinoamericano**. ASETT - América Latina: Concepción/Chile, 2003.

LOPES, Mercedes. **A mulher sábia e a sabedoria da mulher** – Símbolos de co-inspiração: um estudo sobre a mulher em textos de Provérbios. São Leopoldo: Oikos, 2007.

LÓPEZ, Darío. **Pentecostalismo y transformación social**. Más allá de los estereotipos, las críticas se enfrentan con los hechos. Buenos Aires: Kairos ediciones, 2000.

MAJEWSKI, Rodrigo Gonçalves. Teologia pentecostal e espaço público. In: JACOBSEN, Eneida; SINNER, Rudolf von; ZWETSCH, Roberto (Orgs.). **Teologia pública: desafios éticos e teológicos**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 13. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 6. ed. 7. reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

MARITAIN, Jacques. **Elementos de Filosofia I: introdução geral à Filosofia**. 7. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1966.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de História Oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Definindo História Oral e Memória. **Cadernos Ceru. Série 2**, São Paulo, n. 5, p.52-60, 1994.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.

MELLO, Izabel Cristina Veiga. **Uma leitura de gênero a partir das relações de poder no pentecostalismo brasileiro**. São Leopoldo: Faculdades EST/Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, 2010.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **Protestantes, pentecostais e ecumênicos: o campo religioso e seus personagens**. 2. ed. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008.

MISSÃO, VISÃO E VALORES. FACULDADE FABAD – PINDAMONHANGABA. Disponível em: <<https://portal.fabad.edu.br/missao-visao-e-valores/#>>. Acesso em: 13 maio 2019.

MURAD, Afonso; GOMES, Paulo Roberto; RIBEIRO, Súsie. Na cozinha. In: MURAD, Afonso; GOMES, Paulo Roberto; RIBEIRO, Súsie. **A casa da teologia: introdução**

ecumênica à ciência da fé. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 2010. (Coleção percursos & moradas).

MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. **Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças.** Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

MUSSKOPF, André Sidnei. **Talar Rosa: Homossexuais e o Ministério na Igreja.** São Leopoldo: Oikos, 2005.

NASCIMENTO, Valmir. **O cristão e a universidade.** Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

OLIVEIRA, José de. **Breve história do movimento pentecostal.** Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

OLIVEIRA, Luciano. **10 lições sobre Hannah Arendt.** 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

PAIXÃO, Mácia Eliane Leindcker da. Narrativas de vida: Mulheres que aprendem e trans-formam suas histórias. In: MUSSKOPF, André; BLASI, Marcia (Orgs.). **Ainda feminismo e gênero: histórias, gênero e sexualidade, sexismo, violência e políticas públicas, religião e teologia.** São Leopoldo: CEBI, 2014.

PASSOS, João Décio. **Pentecostais: origens e começo.** São Paulo: Paulinas, 2005. (Coleção temas do ensino religioso).

POMMERENING, Claiton Ivan. Educação teológica pentecostal em diálogo. In: ZWETSCH, Roberto E. **Lutero e a teologia pentecostal.** São Leopoldo: Sinodal, 2017.

POMMERENING, Claiton Ivan. **Fábrica de pastores: interfaces e divergências entre educação teológica e fé cristã comunitária na teologia pentecostal.** Tese. 202 f. (Doutorado em Teologia) - Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo – RS, 2015.

PONTES, Miquéias Machado. **O Despertar da Consciência das Mulheres Pentecostais.** In: LIMA, Adriano; COSTA, Moab; GANDRA, Valdinei (Orgs.). **O Espírito e as Igrejas.** São Paulo: Editora Recriar, 2018.

PONTES, Miquéias Machado. **O Sinal do reino de Deus.** In: LIMA, Daniel Barros de; ALENCAR, Gedeon Freire de; CORREA, Marina Santos (Orgs.). **Reforma protestante e pentecostalismo: convergências e divergências.** Manaus: FBN/Vitória: Editora Unida, 2017.

PONTES, Miquéias. **Uma teologia para chamar de delas.** Simpósio Temático ST1 – Mulheres em Movimento: Pentecostalismo Feminino. II CONGRESSO NORTE DE TEOLOGIA/4º Encontro Nacional da Rede Latino-americana de Estudos Pentecostais sob o tema: Reforma Protestante e Pentecostalismo: convergências e divergências históricas. Faculdade Boas Novas, Manaus – Amazonas, 28 de setembro de 2017.

PROPÓSITOS DA CADB – Convenção da Assembleia de Deus no Brasil. Disponível em: <<http://portalcadb.com/cadb/>>. Acesso em: 25 fev. 2020.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

REBLIN, Iuri Andréas. **Outros cheiros, outros sabores...**: o pensamento teológico de Rubem Alves. São Leopoldo: Oikos, 2009.

REIMER, Ivoni Richter. **Grava-me como selo sobre teu coração**: teologia bíblica feminista. São Paulo: Paulinas, 2005. (Coleção Bíblia em comunidade. Série teologias bíblicas; 8).

RIBEIRO, Súsie. Da casa à praça. In: MURAD, Afonso; GOMES, Paulo Roberto; RIBEIRO, Súsie. **A casa da teologia**: introdução ecumênica à ciência da fé. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 2010. (Coleção percursos & moradas).

ROCHA, Violeta. Graça e esperança. Experiências de mulheres nos evangelhos e no cotidiano. In: BATISTA, Israel (Org.). **Graça, cruz e esperança na América Latina**. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2005.

RODRIGUES, Lucas de Oliveira. "O que é Modernidade?". **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/o-que-modernidade.htm>>. Acesso em: 21 set. 2019.

ROLIM, Francisco Cartaxo. **O que é pentecostalismo**. Tatuapé: Editora Brasiliense. Coleção Primeiros Passos: 188, 1987.

ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostalismo**: Brasil e América Latina. Petrópolis: Vozes, 1994.

SÁNCHEZ, Ana Ligia; PONCE, Osmundo. A Mulher na Igreja Pentecostal: uma abordagem inicial à prática religiosa. In: GUTIÉRREZ, Benjamim F.; CAMPOS, Leonildo Silveira (Orgs.). **Na força do espírito**: um desafio às igrejas históricas. São Paulo: Associação Evangélica Literária Pendão Real, São Bernardo do Campo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1996.

SANTANA, Mário Sérgio. **A Assembleia de Deus e a educação teológica**: uma difícil aceitação (2ª parte). Disponível em: <<https://mariosergiohistoria.blogspot.com/2009/11/assembleia-de-deus-e-educacao-teologica.html>>. Acesso em: 23 ago. 19.

SILVA, Altair Germano da. Os antecedentes históricos da educação teológica nas Assembleias de Deus no Brasil: de 1517 a 1979. **Vox Faitae**: Revista de Teologia da Faculdade FAIFA, Goiânia – Goiás, v. 5, n. 3, 2013.

SILVA, Esequias Soares da (Org.). **Declaração de Fé das Assembleias de Deus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

STEIN, Susana Albornoz. **Por uma educação libertadora**. 8. ed. Petrópolis, Vozes: 1987.

TORRES, Maritze Trigos. O Espírito, rosto feminino de Deus, liberta-nos em plenitude de vida. In: OSDOL, Judith Van (Org.). **As mulheres e a graça**: Releituras bíblicas de mulheres latino-americanas. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2008.

VILHENA, Valéria Cristina. **Um olhar de Gênero sobre a Trajetória de Vida de Frida Maria Strandberg (1891-1940)**. Tese (Doutorado em Educação, Artes e História Cultural) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.

VINGREN, Frida. **Messageiro da Paz**, Rop de Janeiro, ano I, n.4, 1930.

VINGREN, Gunnar. **Messageiro da Paz**, Rio de Janeiro, 01/12/1930, n. 1.

WESTHELLE, Vitor. **Através do tempo e do espaço: reflexões de uma teologia luterana de alma latino-americana**. São Leopoldo, Faculdades EST, 2018.

ANEXO 1: QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTAS COM OS ESTUDANTES E COM AS ESTUDANTES DE RUTH DORIS LEMOS⁵¹⁷

RELATOS DOS ESTUDANTES E DAS ESTUDANTES:⁵¹⁸ HISTÓRIAS DE VIDA⁵¹⁹

Dados da pessoa entrevistada

Nome: Irmã Celina⁵²⁰

Idade: 32

Profissão: Pesquisadora Bolsista CNPQ

Local de residência: Manaus/AM

Período em que estudou no IBAD: 2009-2011

Perguntas

1 Qual foi seu contato com Ruth Doris Lemos no IBAD? Você teve aula com ela? Quais matérias?

⁵¹⁷ Serão utilizados apenas os questionários dos estudantes e das estudantes em anexo para não expor os familiares e as familiares na publicação da pesquisa.

⁵¹⁸ As entrevistas que seguem foram elaboradas a partir de entrevistas concedidas pelos protagonistas destas histórias e registradas no Projeto de Pesquisa, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa das Faculdades EST (protocolo n. 11/2018) seguindo as normas da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa para pesquisas envolvendo seres humanos. A utilização das informações concedidas nas entrevistas foi autorizada através de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A construção de cada uma das narrativas que seguem foi realizada através do processo de duas frentes: pesquisa documental e entrevistas. Para a pesquisa documental foi feita uma busca nas instituições em que Ruth Doris Lemos atuou na tentativa de encontrar elementos biográficos e produções teóricas capazes de demonstrar mais amplamente sua contribuição à educação teológica na ADs: o IBAD. Para as entrevistas optou-se pela Metodologia de História Oral: As entrevistas serão feitas com dois grupos: a) familiares, composto pelas duas filhas e seus esposos e um filho e sua esposa; b) estudantes do IBAD que tiveram contato direto com Ruth, composto por um grupo de dez estudantes. As entrevistas com familiares procurarão captar certos acontecimentos fundamentais da vida de Ruth, dando liberdade total por parte do entrevistado ou da entrevistada, que poderá expressar suas opiniões e sentimentos, buscando-se, especificamente, informações que ajudem a reconstruir a trajetória de Ruth no campo da educação teológica, bem como perspectivas teóricas e práticas adotadas e desenvolvidas por ela. Para tanto, foi construído um roteiro básico que orientará a entrevista. Para o grupo de estudantes do IBAD a entrevista será padronizada e estruturada, com um roteiro previamente estabelecido “de acordo com um formulário elaborado. Nesse caso, o pesquisador não é livre para adaptar suas perguntas à determinada situação”. Sobre a metodologia veja: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Definindo História Oral e Memória. **Cadernos Ceru. Série 2**, São Paulo, n. 5, p.52-60, 1994; MEIHY, José Carlos Sebe B.; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de História Oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.

⁵¹⁹ Nomes, datas e lugares, em alguns casos, foram alterados para impedir a identificação das estudantes e dos estudantes.

⁵²⁰ Homenagem à primeira mulher batizada no Espírito Santo na Assembleia de Deus em Belém (PA).

Fui secretária de turma dela. Em toda turma que dava aulas, ela escolhia um rapaz e uma moça para auxiliarem nas atividades em sala de aula. Lembro de estar na frente da Casa Branca (carinhosamente chamada pelos alunos, a casa deles ficava dentro do ambiente da escola) nos dias de aula, 10 minutos antes da aula. Ela abria a porta toda pronta com bombons para a gente, nos dava Bom Dia, entregava a mim os materiais para aula e apoiava no braço do Felipe (secretário comigo). Caminhávamos até a sala de aula. Sempre no caminho ela falava sobre sua noite, nesta época Pr Kolenda não estava bem, ela sempre nos contava sobre como ele havia dormido.

Após o final das aulas, fazíamos o trajeto de volta e a levávamos à Casa Branca. Ela era extremamente gentil. Doce em todo o tempo. Ela agradecia.

Muito raramente, se precisava de alguma ajuda, ela me mandou chamar nos alojamentos para ajudá-la. Um dia lembro de ir até a Casa Branca, entrar, sentar no sofá e auxiliá-la com as burocracias de chamada, nomes de alunos e papéis de nossa turma.

2 Como ela era como professora? Que tipo de materiais e atividades ela utilizava?

Na sala de aula, eu fazia a chamada. Pedíamos silêncio, organizávamos a turma, providenciávamos água e utensílios para a lousa, entre outras coisas. Estávamos no primeiro ano, 2009, fomos a última turma a qual ela deu aulas, fizemos Hermenêutica. As aulas eram sublimes. A frase que todos os ibadianos lembram ouvir de sua boca em todas as aulas de Hermenêutica: “A Bíblia interpreta a própria Bíblia”. Tudo estava na cabeça dela.

As regras de Hermenêutica foram fixadas em nossa cabeça rapidamente. Como materiais pedagógicos, ela utilizou pouca coisa em nossa turma, apenas o livro Hermenêutica de E. Lund P.C Nelson.

3 Que outras atividades ela desenvolvia no IBAD e na Igreja?

Missionária Ruth Doris Lemos era genial: Professora, fundadora do Instituto, Pastora com credencial americana, Missionária, Oradora, contudo para mim, sua habilidade musical era um fenômeno. Ninguém tocava um piano como ela. Os hinos da Harpa Cristã dos devocionais da Capela tocados por ela, com certeza ecoam na memória de todos os ibadianos que a ouviram.

Tive o prazer de reger na Capela sob sua direção. Sempre queria ensaiar uma noite antes na Capela com o aluno que regeria no dia seguinte, primorosa.

Seu xodó era o CORAL DO IBAD. Sinto que no coral, ela se sentia plena. Tinha prazer em ensaiar, dividir vozes, organizar. Muitas vezes o Coral era convidado para cantar em igrejas no Vale do Paraíba, ela amava isso.

4 Você lembra de algum momento específico de suas aulas ou da convivência com ela no IBAD?

Três são especiais para mim:

a) No dia em que fiz o teste para cantar no coral. Eu tinha chegado ao Instituto haviam poucos dias. Lembro de ficar tão nervosa e tremer muito durante o teste. Cantei o hino 400 da Harpa Cristã. Ela gostou, parou, me olhou e aprovou. Contralto. Felicidade maior não existia. Cantei no Coral até sua partida.

b) O dia em que ensaiamos em sua sala. Pastor Kolenda estava um pouco debilitado e estávamos todos na capela para ensaiar o CORAL. Ela se atrasou, coisa que nunca acontecia, pediu desculpas e perguntou se nos incomodaríamos de irmos ensaiar em sua residência, pois não queria deixá-lo apenas com a enfermeira. Era encantador o cuidado de um para com o outro. Fomos todos para a Casa Branca. De repente a cena era esta: Coral abrindo vozes, lembro que ensaiávamos "Oh Não Temas!", a lareira acesa pois estava muito frio, Irmã Doris tocando ao piano e Pastor Kolenda em sua poltrona sentado e sorrindo. Esta é minha maior e mais preciosa recordação deste casal. Cheguei a filmar, entretanto, este vídeo se perdeu, meu desconsolo!

5 Como era a relação dela com estudantes? Como você caracterizaria essa relação?

Sempre muito acolhedora, chamava por nomes. Quando se esquecia de um ou outro, pedia desculpas, sempre. Tenho muito nítido seu olhar observador em dias de devocionais na Capela.

Em seus sermões na Capela sempre procurava encorajar os alunos ao que concernia Missiologia, era seu xodó também.

Era uma relação maternal mesmo.

6 Como era a relação dela com outras lideranças do IBAD e da Igreja Assembleia de Deus? Como você caracterizaria essa relação?

Para ser sincera, não observei muito sua relação com as Assembleias de Deus, mas no geral era boa. Os ibadianos iam aos domingos à Escola Bíblica Dominical no templo sede das Assembleias de Deus em Pindamonhangaba. Fazíamos os cultos de formatura lá também. O casal Kolenda era muito respeitado por lá.

Sua relação com as lideranças do IBAD era muito boa. Pastor Mark sempre estava na Casa Branca aos finais de semana com a Irmã Helba. Muito respeito e admiração de todos para com eles.

7 Como ela tratava a questão da participação das mulheres na Igreja?

Não tivemos muito tempo para outros temas além das aulas. Contudo, em seus movimentos e escolhas, sempre vimos as mulheres na frente. Ela não hesitava em olhar para as mulheres, em seu coral, elas estavam na frente.

Vale lembrar que seu título americano era de pastora, quando chegou ao Brasil é que foi reconhecida como missionária. Questões complexas a debater.

8 Qual é, na sua opinião, a contribuição de Ruth Doris Lemos no âmbito da educação teológica?

Imensurável. Tecnicamente, vanguarda. Construir uma escola de ensino teológico nos anos 50, com uma sociedade fechada e com muitos tabus não foi fácil. A história conta quais foram suas dificuldades.

A partir do IBAD saíram os maiores líderes de igrejas das Assembleias de Deus do Brasil, muitos nomes conhecidos podem ser citados. Muitas missionárias, muitos professores, muitos cristãos. Já está escrito, o Instituto Bíblico das Assembleias de Deus foi o maior e mais relevante ambiente teológico do Brasil em todo o tempo de sua existência. Isto pode ser comprovado com a coleta de depoimentos que foram deixados em seu velório. Os outros vieram a partir dele.

9 Você acha que o fato de ter tido uma professora mulher teve algum impacto na sua formação e na sua atuação na Igreja? Qual?

Sim. Ela era modelo mimético para mim. Ela era força, movimento, doçura, respeito e amor. Ela era conhecimento, coragem e entrega. Ela decidiu transformar o mundo através da Educação. Era quase poético vê-la tocar, dar aulas, reger o coral.

Ela nos incentivava a continuar estudando. Após sua partida, escrevi um texto (posso deixar em anexo), no qual expressei meus sentimentos oculares à sua ida.

10 Alguma outra questão que você gostaria de mencionar sobre Ruth Doris Lemos

Vários outros. Mas posso contar algumas singelas curiosidades:

a) Como o estilo do IBAD era americano, comemorávamos as datas com afinco. A Páscoa era famosa por lá. Nesta época, a irmã Dóris convidava algumas alunas para pintarem os ovos com ela. Ficavam coloridos e enfeitavam as mesas na Páscoa.

b) Ao lado de sua casa havia um pé de amora. Ela fazia bolos aos alunos em datas especiais, lembro de comer um bolo com calda quentinha de amora de seu pé. Nada mais especial!

c) Tenho o “Confissões” de Santo Agostinho que era dela. Não lembro se ganhei dela ou comprei em um dos bazares que fizemos por lá.

d) Lembro nitidamente dos seus broches maravilhosos. Comprei alguns dela no Bazar. Tenho guardado até hoje.

e) Por fim, ao final do ano na festa de gala na formatura dos terceiranistas havia o hábito de troca de bilhetinhos. Ela mandava para muitas pessoas. Pastor Kolenda também. Ela enviou um a mim. Guardo com Carinho sua letra, suas palavras. No entanto, mais que isso, guardo e aprecio sua vida e legado! Prazer inestimável ter convivido com esta mulher!

ANEXO 2: QUESTIONÁRIO PARA ESTUDANTES DE RUTH DORIS LEMOS

Nome: Irmão Dubu⁵²¹

Idade: 28

Profissão: Professor e obreiro

Local de residência: Belém/PA

Período em que estudou no IBAD: 2008-2010

Perguntas

1 Qual foi seu contato com Ruth Doris Lemos no IBAD? Você teve aula com ela? Quais matérias?

Tive o prazer de desfrutar de um contato relativamente próximo com a Miss. Dóris por ter feito parte da última formação do Coral do IBAD antes do seu falecimento. Tínhamos ensaios todas as quintas a noite e nos apresentávamos no culto da sexta à noite na Capela do seminário. Ela sempre atenciosa com cada um dos coralistas, sendo paciente na orientação e correção das vozes para um louvor impecável. Ela em seu piano, bastava olhar com a testa franzida e os olhos mais cerrados para saber que a voz não estava muito bem (risos).

Sim, tive aulas de Hermenêutica e Apologética Cristã com a Miss. Dóris. Minha turma foi uma das última que teve aulas com elas e acredito que essas foram uma das últimas disciplinas que ela ministrou no seminário.

2 Como ela era como professora? Que tipo de materiais e atividades ela utilizava?

Ela era uma professora bem ao estilo tradicional. Suas aulas compunham-se em grande medida de exposições em forma de monólogo, utilizando-se de muitas anotações antigas pessoais e xerox igualmente velhas nas quais se encontravam seus manuscritos de aulas sobre o conteúdo. Ao entrar em sala de aula, todos os alunos ficavam de pé para recebê-la e só sentávamos quando ela, com as mãos, dava sinal para que o fizéssemos. Devido a sua idade avançada, ela ministrava as aulas toda parte do tempo sentada. Como sua voz já estava um pouco fraca, ela

⁵²¹ Homenagem ao primeiro homem batizado no Espírito Santo na Assembleia de Deus em Belém (PA), o Evangelista Manoel Francisco Dubu, carinhosamente chamado de "Irmão Dubu".

falava relativamente baixo e nós alunos precisávamos fazer um silêncio adicional para poder ouvi-la. Ela sempre era muito solícita em responder as dúvidas e questões dos alunos em sala de aula.

3 Que outras atividades ela desenvolvia no IBAD e na Igreja?

Além de professora, ela conduzia o Coral do IBAD, além de fazer em datas comemorativas seus maravilhosos quitutes para alegrar os alunos que ficavam nos feriados dentro do seminário. Sua presença era sempre um motivo de nos inspirar e ficarmos felizes com o testemunho vivível da ação de Deus através da vida dela.

4 Você lembra de algum momento específico de suas aulas ou da convivência com ela no IBAD?

Me lembro de várias. Mas me deterei em uma delas. Logo quando cheguei ao IBAD, recebi a notícia que meu irmão mais novo, com apenas 7 anos na época, estava com câncer (Leucemia). Fiquei extremamente abatido e pensei em voltar para casa, abandonar o seminário e ir ajudar nos cuidados dele na minha terra natal. Foi que, ao conversar e contar a Miss. Dóris sobre a situação, ela me disse: “Não se preocupe, meu filho, descanse seu coração. Deus está no controle. Não vá embora, continue aqui. Antes que você conclua seu curso, seu irmão estará curado”. Ouvi aquelas palavras um pouco atônito e interpretei-as no primeiro momento mais como uma palavra de afago momentâneo. Acabei ficando no IBAD e meu irmão esteve se tratando por 3 anos (o mesmo tempo de duração do meu curso teológico no seminário) na quimioterapia, muitas vezes com baixas que quase o faziam perder a vida. Aproximadamente 3 anos depois dessa palavra da Miss. Dóris, duas semanas antes da minha formatura em 2010, meu irmão foi declarado curado pelo médico oncologista que o acompanhava. Tive a oportunidade de contar esse testemunho na capela do seminário, o que trouxe grande comoção a todos. A Miss. Dóris já não estava mais conosco, mas certamente esse episódio me fez compreender ainda mais como ela era uma mulher de Deus.

5 Como era a relação dela com estudantes? Como você caracterizaria essa relação?

Na medida do possível, ela era bem próxima e solícita com todos. Devido a sua avançada idade nos últimos dias de vida, isso a impossibilitava de estar mais presente entre os alunos no dia-a-dia no campus do seminário. Ela acabava tendo

mais relações próximas com os membros do coral e àqueles que auxiliavam com os materiais de sala de aula. Ela era sempre doce e serena com todos, transmitindo um ambiente agradável a todos que estavam próximos dela.

6 Como era a relação dela com outras lideranças do IBAD e da Igreja Assembleia de Deus? Como você caracterizaria essa relação?

Ela sempre teve um respeito muito grande para com as outras autoridades do seminário e da Igreja. Nunca expôs publicamente nenhum tipo de insatisfação ou crítica com relação a nenhum desses dois. Acredito que ela certamente tinha suas diferenças, mas me parece que escolheu suprimi-las para viver pacificamente seu chamado aqui no Brasil.

7 Como ela tratava a questão da participação das mulheres na Igreja?

A Miss. Dóris foi uma das principais estimuladoras do ministério feminino que conheci. Não apenas por aquilo que ela dizia, mas também, principalmente, por aqui que era e representava a todas as estudantes femininas do seminário. Sua trajetória inspirava a nós homens o reconhecimento da importância e singularidade do ministério feminino na Igreja e acredito que para as mulheres apontava um modelo que elas mesmas poderiam seguir e encontrar exemplo. Muito embora não me lembre de ouvir defesas específicas dela sobre o ministério feminino, recordo, sim, dela estimulando as jovens estudantes a buscarem conhecimento, a serem pregadoras, a ocuparem postos de liderança e a se disponibilizarem radicalmente ao serviço no Reino de Deus. Percebia-se que ela acreditava no ministério feminino, mas que, por causa da realidade brasileira, ela preferiu de alguma forma retrair-se para não criar “escândalos” nem provocar “discussões” a esse respeito, podendo desempenhar nas margens sua vocação e seu chamado de treinamento de obreiros e obreiras para a obra do Senhor no Brasil.

8 Qual é, na sua opinião, a contribuição de Ruth Doris Lemos no âmbito da educação teológica?

a. Sua trajetória ministerial e docente certamente foi uma inspiração para todos sobre a importância e o lugar da mulher na educação teológica dos obreiros. Sua sensibilidade pessoal, associada a sua qualificação acadêmica e piedade espiritual, fazia com que ela integrasse na sua atividade como professora alguns dos

requisitos fundamentais, penso eu, para uma formação teológica piedosa no contexto pentecostal.

b. Por outro lado, entretanto, sentíamos que faltava um maior diálogo das bibliografias, autores e conceitos latino-americanos e mesmo brasileiros, uma vez que ela utilizava quase que exclusivamente referências norte-americanas de um certo caráter fundamentalistas em suas aulas e ensinamentos.

c. Como uma mestre feminina pioneira em nossa denominação, ela certamente foi responsável de formar um grande número de lideranças cristãs, nas mais diversas áreas, para as mais diversas igrejas e denominações por todo o país, de modo que acredito não ser capaz de pensarmos toda uma geração de nossa Igreja sem consideramos os frutos legados pela Miss. Dóris àqueles que direta ou indiretamente foram influenciados por ela.

9 Você acha que o fato de ter tido uma professora mulher teve algum impacto na sua formação e na sua atuação na Igreja? Qual?

Sim, sua trajetória pessoal me fez reconsiderar o modo como pensava o ministério feminino de modo a hoje considerá-lo não apenas como bíblico, mas principalmente necessário para nossa Igreja na atualidade. Além disso, sua vida me inspirou em minha própria caminhada pessoal a estimular outras mulheres a buscarem desenvolver seus ministérios e lideranças femininas dentro das suas respectivas igrejas locais e além.

10 Alguma outra questão que você gostaria de mencionar sobre Ruth Doris Lemos?

Ela era uma mulher de Deus. Como qualquer outra pessoa, com limitações e falhas. Mas certamente, alguém que exerceu um impacto singular e transformador na minha vida. Sinto-me privilegiado da parte de Deus por tê-la conhecido e convivido com ela em seus últimos dias de vida. Sua biografia fala hoje tão forte quanto no passado, e acredito que as futuras gerações precisam conhecer o legado que essa pastora, ensinadora, mãe e mulher de Deus têm para transmitir.

ANEXO 3: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE BASEADO NAS DIRETRIZES CONTIDAS NA RESOLUÇÃO CNS Nº466/2012, MS

Prezado (a) Senhor (a) Esta pesquisa é sobre *A contribuição de Ruth Doris Lemos para a Educação Teológica nas Assembleias de Deus no Brasil* e está sendo desenvolvida por Miquéias Machado Pontes, do Curso de Doutorado Interinstitucional (DINTER) da Faculdades EST (Escola Superior de Teologia) – São Leopoldo –RS, sob a orientação do Prof. André Sidnei Musskopf. Os objetivos do estudo são: pesquisar a trajetória de Ruth Doris Lemos, buscando perceber como se deu a sua participação na história da educação teológica das Assembleias de Deus (ADs) no Brasil, tendo como pano de fundo a discussão sobre educação teológica na América Latina. Busca-se reconstruir os alicerces de percepção acerca da sua relevância no processo educativo e no impacto relativo à sua atuação no seio do pentecostalismo brasileiro, especificamente no âmbito das ADs. A finalidade deste trabalho é contribuir para o reconhecimento e maior participação efetiva das mulheres nas ADs por meio da educação teológica. Ao participar desta pesquisa você não tem nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre a história de Ruth Doris Lemos e sobre a educação teológica nas ADs, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa ajudar na valorização e reconhecimento do trabalho das mulheres no âmbito da educação teológica pentecostal. O pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos. Solicitamos a sua colaboração para as entrevistas que serão efetivadas de forma presenciais e por correio eletrônico. Ao participar deste estudo você permitirá que o pesquisador utilize as informações fornecidas através de gravação ou texto escrito na elaboração de um panorama sobre a atuação de Ruth Doris Lemos na educação teológica das ADs no Brasil que integrará o projeto de tese de doutorado na Faculdades EST. A sua identificação poderá constar na redação da tese. Você tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo comunicando-se por escrito com o pesquisador através do e-mail miqueiaspontes@gmail.com. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do pesquisador do projeto e, se necessário, através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa (XX) XXXXXXXXXX. As entrevistas realizadas através de gravação em gravador de voz serão

posteriormente transcritas. As entrevistas por correio eletrônico serão realizadas através de um contato inicial ao qual seguirá o envio de perguntas. As entrevistas seguirão um roteiro pré-determinado em projeto, podendo ser acrescentadas ou subtraídas perguntas de acordo com necessidade de esclarecimento específicos com relação às informações dadas, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Informamos que essa pesquisa não traz complicações legais. Por envolver elementos da biografia pessoal de Ruth Doris Lemos, é possível que traga à memória situações de lembranças desconfortáveis ou penosas, situações em que será respeitado o tempo e a necessidade de cada pessoa. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466/2012 – item IV do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade. Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição (se for o caso). Você não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como não receberá nenhuma remuneração por sua participação. Está garantida a sua confidencialidade e o anonimato dos documentos.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto, preencha, por favor, os itens que se seguem:

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa e assino este em duas vias de igual teor, permanecendo uma via comigo e outra com o/a pesquisador/a.

Nome do Participante da Pesquisa

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador

Local e data

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Miquéias Machado Pontes

Assinatura do pesquisador responsável

Considerando que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

São Leopoldo, ____ de _____ de _____

Assinatura do participante ou responsável legal

Contato com o Pesquisador (a) Responsável: Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para pesquisador Miquéias Machado Pontes - telefone: (XX) XXXXXXXX -, para o orientador André Sidnei Musskopf - telefone: (XX) XX XXXXXXXX – ou para o membro da Coordenação do Comitê de Ética em Pesquisa: Walmor Ari Kanitz – telefone (XX) XXXXXXXX.